REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

4.º TRIMESTRE DE 1872

APONTAMENTOS HISTORICOS

SOBRE

A ORDEM BENEDICTINA EM GERAL

E EM PARTICULAR

SOBRE

O MOSTEIRO DE N. S. DO MONSERRATE

da Ordem do Patriarcha S. Bento, d'esta cidade do Rio de Janeiro,

COORDENADOS PELO

DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO

1869

« Hoc facit, ut longos durent bene gosta per annos
Et possint serâ posteritate frui.»

(Rev. Trim. do I. H. G. e E. do B.)

Nasceu o monachismo quando, perseguida pelos Cesares a religião de Christo, buscaram seus adeptos asylo e refugio nas ermas solidões da Nitria e da Thebaida. Ahi, fugindo ás torturas, aos cavalletes e ás feras, que com santo heroismo arrostavam os Justinos e Pancracios nos amphi-

theatros de Roma pagã, ahi se reuniram os christãos para entoar os louvores da verdadeira divindade e celebrar os sacrosantos mysterios da religião do Crucificado ; ahi, á sombra das palmeiras do deserto, nas grutas que cavára a mão da natureza em duros rochedos, ou no meio das magestosas e solitarias ruinas de Thebas e de Memphis, ahi se congregaram os fieis dispersos, dando começo ás instituições de vida cenobitica.

Verdade é, que não foram consecutivos os editos de perseguição ao christianismo, porque imperadores houve mais humanos e pacificos ; mas o sangue dos martyres correu sempre e sem interrupção desde os primeiros dias da igreja até o reinado d'esse magnanimo Constantino, a quem estava reservada a gloria de plantar a religião de Christo no throno dos Neros e Diocleciano s: declinava por vezes o furor dos pagãos na capital do imperio, e o christianismo parecia entrar em uma de suas phases de repouso e tranquilidade ; mas lá na extrema dos dominios imperiaes continuava a rugir a tormenta, porque o cégo fanatismo de barbaros proconsules negava tréguas aos filhos da nova lei. Eis o motivo porque tambem não cessou de affluir para as solidões a torrente dos foragidos anachoretas ; eis porque em pouco se povoaram esses ermos, trazendo como consequencia necessaria a formação de communidades religiosas, a principio independentes e dispersas, porém mais tarde ligadas por um mesmo espirito e por uma lei commum, quando foi regularizado por S. Basilio o monachato do Oriente.

N'essas escholas de perfeição christã onde, longe de todos os ruidos do mundo temporal, se cumpriam á risca e se tomavam por leis positivas os conselhos evangelicos ; n'esses retiros sagrados onde o grito das paixões morria suffocado pela penitencia e pelos sacrificios, formaram-se

os primeiros luzeiros da igreja, tão venerandos por suas virtudes como por seu saber. Santo Antão e S. Pacomio, o grande Basilio, Santo Athanasio — essa eloquencia ardente e impetuosa —, como se exprime alguem, S. João Chrysostomo — o rei da palavra sagrada —, S. Gregorio Nazianzeno — o orador philosopho —, todos, todos elles levantaram o edificio de sua santidade sobre os fundamentos da vida monastica, de sorte que bem se póde affirmar que a historia dos primeiros seculos da igreja é uma verdadeira apologia do monachismo.

Não podendo deixar de divulgar-se a fama de tão grandes prodigios, breve se conheceu em Roma a historia d'esses cenobitas. Correram homens e mulheres a admirar com seus proprios olhos o pasmoso quadro de perfeição evangelica que só o christianismo pudéra inspirar, e, com o desejo de os seguir, que em pouco se accendeu n'alma dos fieis, as instituições de vida monastica começaram a apparecer no occidente. Santo Athanasio em Italia, S. Martinho na Gallia e S. Patricio em Irlanda foram na Europa occidental os propagadores d'este novo genero de vida, que ultrapassou todos os limites da imaginação pagã, realizando em ordem religiosa o que debalde Pithagoras e Platão haviam sonhado nos arroubos de sua philosophia; mas não só careciam de lei commum essas corporações dispersas, como necessitavam de reformação os já numerosos estabelecimentos monasticos de Gallia e Germania. Assim como no oriente fôra preciso que S. Basilio instituisse uma *regra*, por onde se guiassem os discipulos de Macario, Pacomio e Hilarião, assim no occidente cumpria que se reunissem em redor d'um centro commum as forças disseminadas de tantos soldados da fé e da santificação, que aqui e alli seguiam *regras* especiaes e quiçá menos perfeitas: demais, parece que o turbilhão revôlto de pai-

xões e desgraças, que agitava a Europa, pedia a fundação de um grande remanso de paz e de confôrto, onde achassem abrigo a miseria, as victimas da barbaria, os reis atirados de seus thronos, e os proprios verdugos a quem a voz do arrependimento cedo ou tarde acordava do somno da culpa. A sociedade antiga acabava de desmoronar-se ás mãos d'essas raças, que desciam do norte, dir-se-hia, impellidas pela mão de Deus em busca de civilisação e de luz: a sociedade barbara se assentava com todos seus horrores nos dominios do outr'ora invicto imperio dos Augustos; era necessario um braço poderoso que a detivesse em seu caminho de exterminio e de mortes. Como os barbaros haviam conquistado o imperio romano, deviam ser por sua vez conquistados; este pedido da humanidade satisfal-o um homem, e elle se chama S. Bento.

Póde-se com effeito assegurar que em 529, quando este famoso patriarcha publicou sua santa regra, e começou a edificação d'esse grande monumento, que a historia conhece pelo nome de *Monte-Cassino*, decidiu-se a salvação da sociedade européa e o christianismo lançou no occidente sua mais poderosa raiz depois da invencivel cadeira de S. Pedro.

Não ha exaggeração n'este dizer, bem que á primeira vista possa figurar-se mais proprio de apologia do que de historia. Quem conhecer a cadêa gloriosa de factos, que se prende á fundação e progresso d'este mosteiro benedictino, onde fulgiram á porfia a santidade, as sciencias, as letras e as artes; quem attender ao numero e brilho dos luminares da igreja, que appareceram n'essa communidade religiosa — aqui pontifices, como Victor III, que sustentaram dignamente as chaves de Pedro, — alli pastores que doutrinaram os povos guiando-os ao caminho da salvação, —acolá doutores que illustraram os annaes da sciencia ec-

clesiastica ; quem attender á innumera quantidade de gloriosos ramos, que para todos os lados deu o tronco de Monte-Cassino, — aqui a congregação de Santo Amaro (St. Maur), cujos serviços em relação ás lettras a historia de França registra, — alli a communidade de Cluniaco, que brilhou por seu saber até o infausto momento de sua morte, — acolá a congregação de Cister, que deixou em toda a Europa e nos dominios da propria Lysia tão grandes e luminosos traços de sua passagem ; quem considerar que n'esses monumentos, como em arcas santas, se guardaram todos os thesouros da litteratura antiga, que o diluvio barbaro certamente anniquilára em sua torrente impetuosa de destruição; quem emfim, depois de admirar por uma de suas faces as grandezas d'esta ordem, contemplar a perfeição de seu *Codigo*, que recebeu de concilios e Pontifices os mais notaveis elogios, que era para Carlos Magno um plano de perfeito governo, e offerecia a Cosme de Medicis as melhores licções para a administração de seus Estados ; quem estudar essa *regra benedictina*, que attingiu seu desiderandum mais perfeitamente do que todos os codigos humanos conhecidos, porque á luz de seus preceitos se formaram mais santos do que sob outra qualquer legislação ; quem considerar tudo isto acabará por concluir que na verdade o christianismo achou na instituição de S. Bento um de seus mais poderosos esteios.

Por seu lado a sociedade européa deve-lhe a evangelização dos barbaros, a cultura das terras, a instrucção da mocidade e os innumeros refugios, que a mão desinteressada dos religiosos por toda a parte levantou para a pobreza e para a miseria. Ora, ¿ é crivel que sem taes recursos se erguesse essa sociedade, onde o direito, a innocencia, a propriedade e a honra corriam espavoridas sem guarida e sem auxilio, sociedade revolta onde os thronos salpicados de san-

gue vacillavam a cada hora ameaçando ruina? Não, de certo. Eis porque se póde assegurar, que a um aceno da Providencia surgiu a familia de S. Bento para plantar a ordem e as sementes da fé n'esse terreno inculto e bravio; em outras palavras — surgiu a ordem do patriárcha S. Bento para salvar a sociedade européa!

Faz objecto do presente trabalho a historia d'um mosteiro pertencente a esta grande ordem religiosa: não entraremos comtudo no assumpto principal, sinão depois de haver lançado um rapido volver d'olhos sobre a vida de algumas corporações regulares (a começar pela de Monte-Cassino), que tiveram por lei a sublime regra de S. Bento.

Esta narração, summária e breve como deve ser, destinada a mostrar o desenvolvimento progressivo da instituição do grande patriarcha até passar para o Brasil em 1581, constituirá a primeira parte.

A segunda tratará exclusivamente do mosteiro de N. S. de Monserrate do Rio de Janeiro desde a épocha de sua fundação até o anno em que escrevemos estas linhas.

Possa o desenvolvimento do assumpto corresponder á sublimidade da materia!

PARTE PRIMEIRA

I.

Tendo deixado o retiro de Subiaco com os fieis discipulos, que sua já conhecida santidade attrahira, refere a tradição que parou S. Bento em 528 no lugar onde o tronco principal do Apennino se volve, e prolonga um ramo pela vasta planicie da Campania (1); ahi, no mais ameno e pittoresco sitio que imaginar-se pode, dominando um horizonte vasto que chega até ás aguas do Mediterraneo, ahi lançou os fundamentos do primeiro mosteiro de sua ordem, o célebre mosteiro de *Monte-Cassino* (2). Parece que o decidiram a escolher este lugar, não as recordações profanas d'essa parte da Italia, em que pullulavam reliquias da antiguidade, mas outros motivos mais santos e mais pios: « um trecho, diz Dantier (3), da bulla do Papa Zacharias, « que em 748 concedeu numerosos privilegios aos religio- « sos de Monte-Cassino, basta para exclarecer esta ques- « tão. Diz-nos elle que a Abbadia havia sido construida « sobre um territorio pertencente a Tertullo, pae do jovem « Placido, territorio ultimamente doado a S. Bento por « este rico patricio de Roma. A este motivo de ordem prá-

(1) E' a planicie cortada pelo Garigliano, que vai desembocar no golfo de Gaeta; este rio foi celebrado nos versos de Marcial com o nome de Liris.

(2) Este nome, tirado da montanha em que se fundou o mosteiro, tira sua origem da pequena cidade de S. Germano — out'rora conhecida nos tempos do imperio romano pelo nome de *Cassinum*; restam d'esta cidade antiga as ruinas de um theatro e as de um grande circo tambem chamado Colyseu.

(3) *Les Monastéres bénédictins d'Italie* — par Alphonse Dantier — 1866.

« tica, que permittia á nova colonia fixar sua morada em
« um pedaço de terra que lhe pertencia como a dono,
« cumpre juntar-se o ardente desejo que devêra ter o pio
« reformador dos monges occidentaes de extinguir um
« dos ultimos fócos do paganismo em Italia. Assim, depois
« de evangelizar os rusticos habitantes de arredor, foi seu
« primeiro cuidado destruir com o auxilio d'elles o bosque
« consagrado a Venus e o templo edificado em honra de
« Apollo. Para purificar este lugar, que S. Bento conside-
« rava manchado pela idolatria, o que primeiro fez foi le-
« vantar dois oratorios sob a invocação de S. João Baptista
« e de S. Martinho de Tours: honrava assim com um
« mesmo culto o precursor do Messias, cujo retiro para o
« deserto fêl-o passar pelo primeiro dos anachoretas, e
« esse santo patrono da Gallia que já havia levado além
« dos Alpes as práticas e as virtudes do monachismo
« oriental. »

Dando principio á evangelização dos povos vizinhos e curando igualmente do amanho das terras, procuraram os companheiros de S. Bento levantar um edificio onde se lhes offerecesse abrigo e lugar para a perfeita observancia de sua *regra*, e o que mais é, para os exercicios de hospitalidade a que se destinavam: essa construção se fez por suas proprias mãos e, bem que distincta por sua simplicidade como nos refere o erudito e sabio Mabillon (4), ella offerecia todas as disposições interiores convenientes.

Regularizou-se então a vida d'esses monges, distribuida entre os labores da vida activa, as horas de estudo, a oração e a penitencia; Monte-Cassino começou a crescer e a prosperar.

(4) *Annales Ordinis S. Benedicti* 1703—39, 6 vol. in-fol.

Em vão se concertaram para o abater os rigores do tempo, que tudo alúe, e a cubiça de hostes semi-barbaras, que mais de uma vez puzeram mão sacrilega sobre a obra do santo patriarcha do occidente; em vão — porque, si em 589 Zoto, o primeiro duque dos lombardos beneventinos, assaltou e saqueou o proprio mosteiro de Monte-Cassino, obrigando seus virtuosos monges a se refugiarem em Roma (5), ahi veio em 744 Petronio, inflammado de santo zelo, reedificar a casa derrubada, emquanto a mão benevola de Gisulfo — duque de Benevente — restituia aos pios foragidos os thesouros, que seu antecessor injusta e sacrilegamente usurpára: em vão — porque si, depois de haver florescido sob a direcção dos abbades Apollinario, Bassaco e S. Berthario (6), veio ainda em 844 a cemitarra

(5) Aqui lhes deu o Papa Pelagio uma habitação junto da Basilica de S. João de Latrão.

(6) Cumpre aqui advertir-se que é completamente falsa a interpretação generica do Dr Balthasar da S. Lisboa quando em seus *Annaes da Provincia do Rio de Janeiro* (Tom. VI, pag. 266), historiando succintamente o desenvolvimento da ordem benedictina, affirma que 300 annos depois de sua fundação já não guardavam os monges sua santa regra. Em absoluto é pouco verdadeira esta proposição, porque no principio do seculo 9.° Monte-Cassino — o primeiro mosteiro da ordem — offerecia ainda um exemplo vivo e perfeito da instituição de S. Bento: Carlos Magno visitou-o por esse tempo quando voltava de uma expedição á Italia meridional e sabido é o que ácerca do florescimento da Abbadia escreveu elle em uma de suas epistolas ao monge Theodomiro (Vide — Dantier — *Les Mon. bened. d'It.*)

Poder-se-ha isso dizer, mas só a respeito de alguns conventos afastados do centro da instituição, e talvez victimas da desordem por motivos alheios á vontade de seus monges. A reformação de S. Bento de Aniane, approvada em 817 pelo concilio de Aquisgran, com que

dos sarracenos perturbar a paz d'estes santos lugares e salpicar de sangue os claustros d'esta illustre Abbadia; si para cumulo de arduas provanças quiz ainda o incendio destruir a habitação de Teano, onde se haviam agora refugiado os filhos de S. Bento, não tardou muito que, a instancias do Papa Agapito, Aligernio eleito abbade em 949 reconduzisse seus irmãos ás solidões de Monte-Cassino, reconstruisse esses claustros onde corrêra o sangue de victimas innocentes, e fizesse reviver a observancia da *regra*, « dando a seus religiosos, como se exprime alguem, esse sôpro de vida moral que anima e sustenta todos os estabelecimentos monasticos »; em vão, cumpre emfim dizer-se, porque si por um momento perigou sob a direcção de Mansonio a estabilidade e a vida da veneravel Abbadia, foi essa uma nuvem negra que a Providencia permittiu escurecesse o quadro, que d'ahi a pouco tinha de ser illuminado pelos luzeiros, que os annaes benedictinos conhecem com os nomes de Theodebaldo (7), Frederico de Lorena

argumenta o illustrado autor dos *Annaes*, não se fez si não para os mosteiros da Gallia meridional, bem que mais tarde se applicasse seu programma a todas as casas de Italia e Allemanha, que acaso d'elle precisaram.

(7) A eleição d'este religioso, « notavel pela pureza de seus costumes e firmeza de seu caracter », foi confirmada pessoalmente por Benedicto VIII acompanhado do imperador Henrique II. Já antes d'elle, sob a administração de Atenolfo e João II seus antecessores, a regularidade de *Monte-Cassino* era tal, que os monges de Farfa e religiosos benedictinos da Germania mandaram estudar seus costumes e consultal-o sobre pontos de disciplina monastica. Estes factos, que se deram por meados do seculo X, demonstram ainda a pouca veracidade da absoluta proposição do Dr. B. S. Lisboa.

— mais tarde Estevão IX. (8), e Desiderio (9) — mais tarde Victor III.

Não ha mister trazer para aqui a narração miuda de factos, que a voz da historia já commemóra e pennas habeis com proficiencia desenvolveram ; baste-nos dizer que ao calor d'esses focos de virtudes ganhou prodigiosas raizes a instituição monastica do occidente, e na solidez d'essas soberbas columnas se apoiou o edificio da Igreja, então muita vez abalado por convulsões assustadoras.

E' verdade que depois de haver chegado a esta altura, como sóe acontecer a todas as cousas humanas, o mosteiro de Monte-Cassino, passando á direcção de abbades em sua maior parte politicos e guerreiros, que não tinham força para resistir ao espirito e ás influencias da epocha, desceu caminho da decadencia e se apartou da estrada, que o

(8) Um mez depois da eleição d'este monge para abbade de Monte-Cassino, diz a historia que, por morte do Papa Victor II, veio uma deputação romana consultal-o sobre a escolha do novo Pontifice ; mas não aceitando os nomes, que lhes indicára o prudente e virtuoso Frederico de Lorena, arrancaram-no a elle proprio do silencio do claustro, e na igreja de S. Pedro o proclamaram Pontifice sob o titulo de Estevão IX.

(9) A administração d'este abbade, eleito em 1058, a quem Dantier dedica um extenso capitulo de sua obra, foi uma pagina de luz e de gloria nos annaes de Monte-Cassino. Seu caracter prudente e pacifico, graças ao qual dirigiu a communidade cassinense com segurança no meio das celebres lutas do sacerdocio e do imperio, que tanto perturbaram esse canto de Europa; seu acrysolado zelo pelo augmento e prosperidade da familia de S. Bento ; a pasmosa constancia, com que levou por diante a reedificação da Abbadia sob novo plano e em mais vastas proporções ; sua luminosa intelligencia, que o fazia conselheiro dos Pontifices nos dias de tribulação da Igreja, collocaram o nome de Desiderio, elevado mais tarde á cadeira de S. Pedro entre os filhos preclarissimos da regra benedictina.

santo patriarcha com tão grande prudencia traçára para seus filhos. Viam-se estes prelados entre o partido pontifical, ao qual deviam ligar-se por interesses religiosos, por dever e por justiça, e o partido dos imperadores a quem eram obrigados por gratidão, porque haviam sido eleitos sob sua influencia e talvez impostos á communidade pela força de suas armas; em taes circumstancias a linha de recto proceder era realmente difficil, e os sucessores de Desiderio nem sempre tiveram coragem para a seguir: resultou d'aqui que a luta do archimosteiro com os poderosos seculares trouxe a devastação de seus extensos dominios, e a atmosphera d'aquelles claustros, envenenada pelo sopro do seculo, sa tornou impura e incapaz de alimentar os bons filhos de S. Bento.

E' verdade que tudo isto succedeu. Mais tarde a administração dos bispos-abbades, iniciada em 1326 por ordem do Papa João XXII, veio comprometter ainda mais a regularidade d'esta casa, já perturbada por tantas e tão poderosas causas de agitação; depois as luctas sempre vivas dos principes de Anjú e Aragão promoveram ainda a invasão dos territorios da abbadia; mais tarde — o governo dos *abbades por commenda*, inaugurado em 1454, passando de precaução salutar e de medida temporaria a titulo perpétuo e abusivo acabou de lançar a desordem n'esse patrimonio tão dilacerado por avidos senhores feudaes, e o que mais é, completou o dominio das paixões do seculo nesse retiro da pobreza, da obediencia e da castidade, que por tantos annos arrostára os furores da barbaria e as causas de decadencia inherentes a toda a instituição humana.

Tudo isto é certo, e a palavra sincera do historiador o não póde negar; mas o que tambem a verdade da historia sancciona é que, no meio de todas essas luctas e agitações

alheias ao espirito da instituição, o pontificado achava na ordem de S. Bento homens para occupar dignamente os lugares mais arriscados da Igreja, e esta encontrava uma serie quasi successiva de doutos e virtuosos chefes, que souberam dirigir a barca de Pedro com prudencia e raro tino, formados no retiro do claustro pelas prescripções da sábia *regra* do patriarcha. O que tambem é certo é que, não obstante essas agitações, ainda eram taes os estudos theologicos em Monte Cassino, que ahi foi buscar Frederico II os mais sabios professores de sua universidade de Napoles fundada em 1224; ahi havia escholas e mestres capazes de formar um Santo Thomaz d'Aquino (10); ahi appareciam ainda religiosos como o abbade Bernardo, que restituiu a casa de S. Bento ao antigo esplendor dos tempos de Desiderio; ahi continuou sempre esse amor aos estudos, que tão célebre tornou nos annaes da Igreja e da sciencia a congregação dos monges benedictinos, e particularmente a sagrada communidade d'este mosteiro, onde floresceram poetas (11), artistas (12), sabios theologos (13) e profundos investigadores da antiguidade (14).

(10) Este grande luzeiro da idade média, sobrinho de Landulpho - abbade de Monte-Cassino —, ahi fez seus primeiros estudos: mais tarde em Napoles, no convento de S. Severino, e sob a direcção de Erasmo — sábio religioso cassinense — approfundou as sciencias theologicas.

(11) Demonstram-no cabalmente as *Virgens piedosas* de Bento dell' Uva, as *poesias* do abbade Faggi e as composições de Bento degli Oddi.

(12) Bento de Matera, Sandalio, e sobre todos o inexcedivel Julio Clovio — pintores miniaturistas.

(13) Gregorio de Viterbo e Bento Canofilo foram notabilissimos cultores do direito canonico e de outras sciencias ecclesiasticas.

(14) Cita-se entre outros o insigne Erasmo Gattola, archivista do

Ao expirar do seculo passado, foi Monte-Cassino mais uma vez victima da prepotencia e da força, obrigando-se seu mingoado thesouro a contribuir com 100.000 ducados para a subsistencia das tropas da republica franceza : não satisfeitos de tão descummunal extorsão, estes dignos imitadores dos lombardos e sarracenos, depois de invadirem S. Germano, lançaram mão barbaramente sacrilega sobre a casa do patriarcha do occidente, não poupando nem o heroismo d'esse admiravel mancebo que, com os braços abertos diante da porta do archivo, cahiu sob os golpes iniquos do vandalismo antes de franquear o santuario da sciencia, que fazia a justa gloria de S. Bento e o justo orgulho de seus irmãos.

Emfim, depois do decreto de 1806 que supprimiu no reino de Napoles todas as casas d'esta ordem ; depois da revolução de 1820, que entregou mais uma vez este pacifico retiro ao desenfreamento de guarnições militares; depois dos acontecimentos de 1840, que trouxeram ainda perturbação ao viver tranquillo d'esta communidade ; depois de tantos trabalhos e amargores, após tantas e tão extraordinarias convulsões, em 1866 (15) — ainda Monte-Cassino

mosteiro de Monte-Cassino, cuja prodigiosa variedade de conhecimentos fez a admiração de seus coevos; citam-se D. Placido e D. João Baptista Federici de Genova, o grande latinista José Macarty, e D. Correale de Sorrento, autor do famoso — *Lexicon hebrœo — chaldœo — biblicum* — em 99 volumes, manuscripto que ficou sepultado na poeira das bibliothecas.

(15) Em 1861,propondo-se a extincção das communidades religiosas em Italia, D. Luigi Tosti, monge de Monte-Cassino, dirigiu uma representação esplendida ao parlamento italiano, pedindo-lhe que ao menos se poupasse este veneravel retiro, velho companheiro e educador da Italia !

com pequenos redditos e com seus raros religiosos observava a *regra* do santo fundador, sustentava o seminario diocesano que se achava estabelecido em um de seus edificios, e dirigia uma imprensa onde, ao passo que se formavam habeis typographos, sahiam a lume grandes obras de theologia e historia! Facto é este bem admiravel e digno de nota; prova indubitavel de que um sopro divino anima e restaura essa instituição; signal bem claro de que a Providencia não permitte a destruição completa da obra de S. Bento, destinada ainda a prestar serviços ao throno e ao altar, ao Estado e á Igreja, á causa do rei e á do pontificado!

II

A Providencia não concentra em um ponto da terra as provas de sua liberalidade; ao contrario, como a luz que tende a espargir sem limite seus raios, as instituições bafejadas pelo espirito do Senhor tendem e tenderam sempre a ir longe de seu berço derramar os beneficios de sua *regra* debaixo d'estes ou d'aquelles ceus, sob os mais rudes climas e vencendo os mais prodigiosos obstaculos de toda a ordem.

As leis sábias, que o santo patriarcha da familia benedictina compuzéra para seus filhos, deviam pois deixar o retiro de Monte-Cassino, e ir além dos Alpes (16) e do

(16) A'quem dos Alpes e na propria Italia muitas abbadias célebres houve, filhas do archicenobio de Monte-Cassino. Citam-se entre outras:

1.ª A de Bobbio, fundada por S. Columbano, e mais tarde sob a lei benedictina « um dos centros intellectuaes mais activos da peninsula ». Aqui floresceram Wala e o doutissimo Gerberto. Sua grande bibliotheca, dispersa com o tempo, veio a enriquecer as bibliothecas

Oceano produzir fructos de benção, porque ellas estavam entre essas obras humanas, que o espirito do Senhor illumináro : a consequencia d'essa necessidade foi, — aqui a missão de Placido, o protomartyr benedictino, enviado pelo proprio mestre á Sicilia em 534, alli a de Santo Amaro que em 543, a pedido instante do bispo de Mans, deixou seu mosteiro na companhia de Simplicio, Constantiniano, Antonio e Fausto para fundarem no Maine uma casa religiosa adstricta á *regra* de sua ordem.

Santo Amaro não chegou, é verdade, ao lugar que previamente escolhêra ; mas em Anjú fundou o celebre mosteiro de Glanifolio, que deu origem a muitas outras casas benedictinas de França.

Mais tarde, annos depois da morte de S. Bento, quando, banidos de M. Cassino pela espada iniqua dos lombardos beneventinos, se refugiaram os piedosos monges em Roma; então, pelo anno de 596, foi escolhido pelo Papa Gregorio o Magno, para evangelizar a Gran-Bretanha o venerando

de Milão e Turim, e a do proprio Pontifice ; todavia, visitando-a no seculo 17°, o sabio Mabillon ainda achou o manuscripto que mais tarde publicou sob o titulo de — *Sacramentarium Gallicanum*.

2.ª A abbadia de Santo Apollinario.

3.ª A de Santo Ambrosio de Milão.

4.ª A de S. Silvestre de Nonantula, célebre por sua sábia eschola.

5.ª A de Vivaria, notavel pela organização de seus estudos, por sua academia litteraria, e pela grande bibliotheca com que a dotou Cassiodoro, seu fundador.

Todas estas casas benedictinas foram anniquiladas pelo braço exterminador da revolução, quando em 1861 escreveu em sua bandeira, como artigo de programma, a extincção das ordens monasticas na Umbria e nas Marchas ; mais tarde este programma ainda se dilatou, quando disse : extincção completa de todas as corporações monasticas no reino de Italia.

prior do mosteiro de Santo André de Roma, esse famoso Santo Agostinho,—assaz conhecido na historia por *Apostolo da Inglaterra* : para ahi com as azas da dedicação e da caridade correu sem demora o discipulo de Amaro, e todos sabem que em pouco a religião de Christo lançou profundas e solidas raizes no seio d'aquelles povos, onde em tempo dos bretões já luzira o christianismo, mas por último entregues á idolatria sob o dominio dos anglos e saxonios. Santo Agostinho fundou em Inglaterra o primeiro mosteiro benedictino, foi o primeiro arcebispo de Cantuaria, e por assim dizer o primeiro élo d'essa feliz cadeia, que deu á Gran-Bretanha o nome de *Ilha dos Santos*, cadeia tão atrozmente dilacerada dez seculos mais tarde pelo escandaloso schisma de Henrique VIII.

Em 690 chegou á Frisia S. Wilbrod, fundador dos mosteiros de Eternac, de Sturem e de Treveris, e em 750 á Allemanha S. Bonifacio — arcebispo de Moguncia, fundador das casas de Omenburgo, de Ordof e do célebre mosteiro de Fulda.

Nas Hespanhas veremos adiante com mais pormenor que no decurso do 6º seculo entrou a veneravel instituição de S. Bento, e o mesmo foi entrar que prender ao sólo profundas raizes.

Conseguintemente em todos os paizes de Europa, embora em uns mais tarde que em outros,a familia de Monte-Cassino appareceu, se ramificou e subdividiu fundando innumeros conventos, que deviam—uns constituir-se em novos centros de autoridade e de luz, quasi tão célebres como o archimosteiro italiano, — outros subsistir como ultimos ramos da grande arvore religiosa do occidente...

Assim espalhada a instituição, foram pasmosos seu desenvolvimento e progresso. Ou fosse em virtude dos constantes elogios, que á sua *regra* fizeram os concilios e

pontifices; ou fosse pela propria excellencia d'este codigo, que á grande perfeição moral unia um notavel caracteristico pratico, que em outras legislações se não achava; o que é certo é que a ordem benedictina assumiu preponderancia sobre todas as outras corporações regulares, fazendo até esquecer ou, melhor, absorvendo os proprios filhos do instituto de S. Columbano, como essas grandes arterias fluviaes, que em sua magestosa carreira absorvem e apropriam as limpidas aguas de rios tributarios. O que é certo é que, não obstante as grandes devastações e as incessantes lutas que houveram suas casas de supportar em todos esses paizes, chegou a tal ponto o incremento da familia benedictina que em 1336, quando Bento XII pretendeu reformar e organizar as corporações regulares, expedindo para esse fim as respectivas bullas, dividiu a sagrada religião de S. Bento em 37 provincias, e como taes considerava reinos inteiros, para exemplos: Escossia, Dinamarca, Suecia e Bohemia. Basta isto em relação ao seu desenvolvimento em geral.

Agora, não podendo nós entrar no estudo por menor de todas as abbadias vivificadas por esta *regra* salutar, porque mal coubéra isso em mãos de um homem, e accresce que não intentamos acompanhar a vida da instituição benedictina sinão dentro dos limites de nossa patria, devemos comtudo, para complemento d'esta vaga noticia que ora damos como primeira parte, lembrar o estabelecimento e os serviços das mais notaveis congregações que, filhas da lei de S. Bento, acharam n'ella o principio de seu vigor e a firme columna de sua subsistencia. Entre perto de 70 congregações(17) mencionadas por frei Leão de S. Thomaz

(17) D'entre estas numerosas filhas da *regra* de S. Bento, umas conservaram o habito negro, outras adoptaram habito de côr diversa.

Das primeiras citam-se com mais especialidade as congregações:

em sua *Benedictina Lusitana*, não trataremos sinão das congregações de Cluniaco, Santo Amaro e Cister.

A épocha de entrada dos monges benedictinos em Hespanha e Portugal, será o objecto da breve discussão, com que finalizaremos esta primeira parte.

III

Quando, passada a reforma que S. Bento de Aniane fizéra para os conventos benedictinos da Gallia, vieram de novo as lutas interminaveis e renhidas dos filhos de Luiz o Bonachão, e as desastrosas incursões dos normandos, que avidos de saque devastaram Inglaterra, França e Hespanha durante quasi todo o seculo IX, viu-se que os mosteiros, outra vez profanados e entregues ás violencias da cubiça secular, perderam os fructos beneficos que a santidade de seu ultimo reformador lhes offerecêra. Então convinha surgissem novos restauradores do grande edificio monastico do occidente, e elles, a um accento da Providencia, appareceram nas pessoas do bemaventurado Berno e do virtuoso e sabio Santo Odo.

Specuense, comprehendendo os 12 mosteiros de Subiaco (520)
Siciliana, começada por S. Placido em Messina (536).
De Castella e Portugal, que teve começo em 537 segundo bôas autoridades, e que em 1566 se dividiu em dois ramos.
Gallicana, começada por Santo Amaro em Glanifolio (543).
Cantuariense, iniciada por Santo Agostinho em Inglaterra (597).
Fuldense, em Allemanha (750).
Cluniacense, começada no mosteiro de Cluniaco (910), etc..

Das segundas citam-se as congregações:
De Monte Corylo ou *Fonte de Avellana* (1008).
Camaldulense — (1012).
De *Valle Umbroso*, fundada em Italia no seculo 11º.
Cisterciense (1098).
Dos Celestinos (1274).
Dos Olivetanos (1320) etc.

Dirigia o mosteiro de Gigni, fundado na ultima ametade do seculo IX, o bemaventurado Berno, quando em 910 Guilherme o Pio—duque de Aquitania—resolveu deixar o mundo e buscar os caminhos do Senhor; trocando a cota de malhas de nobre guerreiro pelo grosso burel de monge negro, lançou os fundamentos de um novo mosteiro em Cluniaco na Borgonha, dotou-o (18) com grande extensão de seus dominios, e chamou para primeiro abbade esse Berno de já conhecida sabedoria, a quem o padre Mabillon com razão considera iniciador da grande congregação cluniacense.

Succedeu-lhe no governo do mosteiro S. Odo, que evidentemente aperfeiçoou e deu ultima lima á obra felizmente esboçada por seu antecessor; depois de erguer o edificio material do convento applicou seus esforços ao

(18) A acta d'essa doação de Guilherme dá-nos hoje a conhecer por um lado o espirito de piedade que então reinava em todas as classes sociaes, por outro a legitimidade do direito, que assistiu sempre á posse dos bens religiosos. « Querendo, diz Guilherme o Pio, empre-« gar utilmente por minha alma os bens que Deus me deu, julguei « que não podia fazer cousa melhor que procurar attrahir a amizade « de seus pobres, e, para que esta obra seja perpetua, sustentar á « minha custa uma communidade de monges. Dou pois de minhas « proprias fazendas a terra de Cluniaco, com clausula de que ahi se-« edifique um mosteiro em honra de S. Pedro e S. Paulo, para n'elle « ajuntar monges que vivam segundo a *regra* de S. Bento, e que « esta seja para sempre um refugio de todos os que, saindo pobres « do seculo, não trouxerem comsigo mais do que a bôa vontade. « Todos os dias executarão as obras de misericordia, segundo suas « posses, com os estrangeiros. Nenhum principe secular, nem algum « bispo, nem o proprio Papa, eu os conjuro em nome de Deus e de « seus Santos, se apossará dos bens d'estes servos de Deus, nem os-« venderá, trocará, diminuirá, nem alugará a pessoa alguma.» (Assignado pelo duque, por sua mulher, por alguns bispos e por muitos grandes.).

melhoramento da disciplina e da vida regular, sem o que não passariam de paredes mortas essas massas de granito ajustadas pelo artificio humano. Foi completa a victoria alcançada por Santo Odo, demonstrando-se então bem claramente esta eloquente proposição de Dantier: «é pri-
« vilegio da Igreja e das grandes instituições que se pren-
« dem a ella possuir em si o poder creador que funda,
« a força virtual que conserva e, nos momentos do perigo,
« o remedio heroico que salva e vivifica. »

Sob a sábia administração d'este luzeiro da ordem de S. Bento a nova congregação se constituiu e fortaleceu, attrahindo por tal sorte a piedade dos fieis e dando exemplos taes de regularidade, que innumeras casas de Allemanha, França, Inglaterra, Italia (19) e Hespanha quizeram sem demora ter d'estes religiosos tão dignos de geral veneração, tão cheios do espirito do Senhor, tão eruditos e ao mesmo tempo tão santos.

S. Mayeul, eleito abbade de Cluniaco depois de Santo

(19) Só nesta parte de Europa submetteram-se á reforma cluniacense, entre outras, as abbadias *de S. Paulo extra muros* em Roma e a *de S. Agostinho de Pavia*; mais tarde vieram incorporar-se a estas: a abbadia *de S. João Evangelista* em Parma, a *de S. Salvador* em Pavia, a *de Tarfa* na diocese de Sabina, e algum tempo depois a abbadia *da Trindade* de Cava, situada no reino de Napoles, tão célebre pela riqueza de seus archivos, nunca offendidos. « N'estes archi-
« vos, diz Dantier, podem contar-se cêrca de 60.000 contractos ou
« doações, 40.000 actas diversas, escriptas em pergaminho, e 1.600
« bullas ou diplomas. » Entre os manuscriptos existiam ahi: o livro das *Etymologias* de Isidoro de Sevilha, o *De Temporibus* de Beda, as interessantes *Taboas pascaes*, mas sobre todos o *Codex legum longobardorum* — e a veneravel *Biblia* do seculo VIII; o *Codex* é um manuscripto de que só ha 3 exemplares, e o de Cava conta mais de 800 annos; a *Biblia* é de inapreciavel valor, porque sobre ella tem passado a poeira de 11 seculos sem prejudicar-lhe a belleza nem a perfeição calligraphica.

Odo, continuou a idade d'ouro da nova congregação benedictina; reformou ainda grande numero de mosteiros, — uns a pedido de seus proprios monges, porque a natureza humana, bem qne fraca e subjugada ao peso das paixões, nas horas da calma e do retiro aspira e se esforça por ser melhor, — outros a instancia dos principes e imperadores, — outros emfim a pedido dos bispos, que bem conhecem a utilidade d'estas casas regulares, quando a disciplina brilha n'ellas com todo o esplendor de sua austeridade; são typos de perfeição realizados, que a imaginação dos povos admira; são espelhos do Evangelho, que efficazmente reflectem sobre a humanidade a luz da religião e da virtude.

Morto este em 974, subiu á dignidade de abbade Santo Odilo, que com seu successor — S. Hugo — elevaram a distincta religião cluniacense ao apogêo de glorias, que é natural esperar-se da administração de santos; durante o tempo d'este governo foram confirmados por um concilio e pelo pontifice Alexandre II todos os privilegios da congregação.

Sob a administração de Poncio, que se lhes seguiu, pareceria que a estrella de Cluniaco principiava a empallidecer, taes foram os desmandos d'esse filho do bemaventurado Berno, que não quiz tomar por typos os santos abbades que o precederam; mas a vitalidade da nova congregação era grande, e como esses organismos que reagem violentos contra o principio toxico que os saltêa, a piedosa famimilia de S. Bento, cheia de indignação, protestou contra os actos de seu chefe e elegeu para novo abbade o célebre Pedro Mauricio, mais conhecido por Pedro *o veneravel.*

Foi a reacção positivamente salutar: embalde procurou Poncio aluir o edificio moral de Cluniaco, promovendo uma invasão semi-barbara em seus dominios: foi ephe-

mera a victoria do mal, porque Pedro *o veneravel* soube em pouco plantar a união nos espiritos divididos, restaurou a parte devastada do mosteiro, e, o que é mais, restituiu a disciplina a seu pé de aurea regularidade. Foi elle quem fez para esta congregação uns estatutos célebres por sua sabedoria; levou a *regra* de Cluniaco até ao oriente, fundando casas de sua ordem na Palestina, depois de haver estabelecido um mosteiro nos proprios arrabaldes de Constantinopla; assistiu ao concilio de Pisa, combateu energicamente os erros de Pedro de Bruys, chefe dos petrobrusios; profligou igualmente os erros dos mahometanos e judeus em escriptos cheios de sabedoria, e depois de uma vida illustre para seu nome, além de gloriosa para sua congregação, findou seus dias no anno de 1156, pouco depois de haverem desapparecido da terra S. Bernardo — o famoso abbade de Claraval —, e Sugerio — o grande ministro de Luiz 7.º—, abbade do mosteiro de S. Dionysio.

Ao expirar Pedro *o veneravel*, a magnifica obra de Guilherme o Pio sentiu de certo algum grande abalo, prenúncio da decadencia que estava imminente. Com effeito a congregação, que em menos de 3 seculos havia plantado em toda a Europa, para não dizer em todo o universo, padrões immorredouros de sua gloria; que durante mais de 200 annos havia sido dirigida, se póde dizer, por santos e nos caminhos da santidade, agora chegada ao seu zenith começa a procurar o occaso. Morto Pedro Mauricio, já não ha esse fogo de austera observancia que alimenta as instituições regulares; luzem seus raios, é verdade, mas luzem com o brilho frouxo das alampadas em que ha falta de oleo sagrado; luzem as grandezas materiaes de seus magestosos edificios, brilham as riquezas de suas bibliothecas, mas tudo isto já treme ante a violencia do braço secular, que aponta ao longe no horizonte como nuvem negra que ap-

parece aos olhos do timoneiro. Ahi vem já o dominio da commenda, iniciado por João de Lorena — eleito do rei Francisco 1.º—, com todas as calamidades da influencia profana n'esses retiros sagrados, com todas as violações da disciplina, com todos os perigos da usurpação.

Verdade é que em 1612, sendo eleito abbade o cardeal de Guisa, incumbiu-se o prior de Cluniaco, D. Jacques d'Arbouze, de trabalhar na restauração da ordem decahida, e para isto o zeloso filho de Santo Odo compôz um regulamento que foi approvado em 1623; mas foi tudo ephemero por que as cousas voltaram a seu antigo estado.

O cardeal Richelieu, que pouco depois assumiu a direcção da ordem, parece que levado por algumas das nobres qualidades de seu caracter,—aliás cheio de graves defeitos,—pretendeu restituir á congregação cluniacense o vigor de sua primitiva disciplina, e para isso mandou vir de S. Vannes 12 religiosos observadores da *regra*; mais tarde acreditando que da união das duas familias de Santo Amaro e Cluniaco em um só corpo resultariam beneficios á instituição, intentou, e, com a firmeza de animo que a historia lhe reconhece, levou á pratica seu plano. Esta união de duas ordens, que haviam sido sempre distinctas, bem que ramos do mesmo tronco benedictino, de duas familias que, não obstante sua estirpe commum, haviam ganho com o tempo habitos especiaes, glorias proprias e particular modo de viver; esta união foi de certo concepção nascida no espirito do cardeal-ministro com o fim de levantar a causa de S. Bento, que elle julgava decahida, mas concepção infelizmente pouco conforme ás disposições da natureza humana, e pouco convinhavel a associações de homens, ainda religiosos, onde ha sempre preconceitos e desconfianças a vencer, mau grado todos os typos de perfeição que uma sábia *regra* é capaz de formar nos

retiros da vida cenobitica. Eis porque o plano de Richelieu, mal realizado no corpo a que pela concordata de 1636 se deu o nome de — *Congregação de S. Bento* —, viu-se em breve desfeito e anniquillado, assim que lhe faltou a influencia de seu iniciador. Em 1644, morto o abbade commendatario de Cluniaco e demonstrada a inefficacia de sua reforma, voltaram as duas congregações ao seu viver distincto d'out'rora.

Depois do principe de Conti, que lhe succedeu, subiu á dignidade de abbade o célebre Mazarini; este, com a jurisdicção tyrannica que pretendeu assumir, com a resistencia que levantou diante de seus projectos despoticos, comprometteu por um pouco a estabilidade de que ainda gozava a congregação cluniacense, não obstante as perniciosas influencias da commenda; felizmente bradou-lhe em tempo a consciencia, e o ministro, que se havia mostrado disposto a cassar os estatutos da reforma de Arbouze, deu de mão a seus projectos irreflectidos, sinão apaixonados, quando reconheceu que ella não encontrava a primitiva *regra* de S. Bento. Mais tarde em 1659, não podemos assegurar com que intenções, mas talvez movido por bons desejos, pretendeu, á semelhança de Richelieu, unir as casas de S. Vannes e Cluniaco em uma só congregação.

O astuto e habil ministro de Luiz XIV devêra ter aprendido na lição prática de 1644 que essas uniões não promettiam bom resultado nem o prometteram nunca, porque não se baseam no conhecimento profundo da natureza humana; mas não querendo aceital-a, a consequencia foi ter de passar pela decepção amarga de desfazer por suas proprias mãos o laço que pretendêra atar.

Depois d'estes acontecimentos os monges, embora mais ou menos sujeitos á regularidade, viram sempre pallida a estrella de sua ordem, porque corriam os annos e com

elles não cessava de intervir na administração suprema da familia de S. Bento o braço funesto do poder temporal. Queriam os reis ter a abbadia d'uma casa do Senhor como premio e beneficio, que pudessem offerecer aos nobres, em paga de serviços alheios á religião e ao altar; a consequencia necessaria d'isto era o desmantelamento de toda a ordem, o esbanjamento dos bens religiosos e a morte gradual da instituição monastica. Tudo isto succedeu á infeliz congregação de Cluniaco, até que, chegado o turbilhão de 1789, diante da machadinha iconoclasta dos revolucionarios adoradores da deusa—Razão—, a ultima pedra do veneravel edificio se aluiu; diante d'essas massas infrenes, que levaram de envolta as instituições civis e as reliquias do santuario, não houve sinão curvar a fronte submissa e deixar que se cumprisse o decreto da Providencia; — a congregação cluniacense desappareceu para sempre.

Ella que havia dado á Igreja pontifices como Gregorio VII, e contado em seu seio numero pasmoso de cardeaes, bispos e sabios; ella que á sombra de seus tectos augustos havia offerecido refugio a vigarios de Christo nos dias de tribulação da Igreja; ella que no recinto de suas bibliothecas conservára para mais de 1800 manuscriptos até o dia em que o furor dos calvinistas reduziu a cinzas metade de suas riquezas; ella, que promovêra a civilização da França e povoára seus desertos, ella — a religião de Cluniaco — viu chegar a hora de sua condemnação e o instante de sua morte, sem ouvir sequer um só lamento da sociedade que beneficiára nos aureos dias de sua grandeza. Sempre a mesma ingratidão dos povos, sempre a mesma indifferença pelo destino das instituições que lhes deveram ser mais caras!

IV

Ninguem ha no mundo litterario que não tenha noticia dos monges benedictinos de Santo Amaro Qual foi este novo ramo da grande árvore do occidente, que parece ter a virtude de multiplicar-se e subdividir-se sem perder o vigor do tronco primitivo? Qual foi sua origem, e quaes os serviços que prestou á causa da Igreja e do Estado?

Em principios do seculo 17.°, pretendendo-se introduzir ordem e disciplina em algumas pequenas abbadias de França, que, dispersas e sem laços estreitos que as sujeitassem a mosteiro—chefe, viviam quasi independentes, succedeu que houve obices á projectada reformação por se não amoldarem todas as casas religiosas á autoridade da congregação de S. Vannes; então, porque em todo o caso se devia modificar o que estava, resolveu-se e foi approvado em capitulo geral (1618) o estabelecimento d'uma nova ordem que abrangesse as pequenas abbadias dispersas, ficando a de S. Vannès com os dominios que desde muito lhe eram proprios.

A confirmação d'este novo corpo religioso, que apparecia cheio de vida e de esperanças, foi dada por bulla do Papa Gregorio XV, e sob recommendação do proprio rei Luiz XIII, que então começava a entrar na direcção dos negocios, depois de uma prolongada meninice; o nome d'essa nova familia, filiada á *regra* de S. Bento, foi o de — *congregação de Santo Amaro* — em honra do primeiro discipulo do patriarcha, que transpuzéra os Alpes para plantar na Gallia sua veneravel instituição; e os privilegios, as graças, que ao summo pontifice approuve conceder-lhe, foram os mesmos do mosteiro de Monte Cassino e iguaes aos que Clemente VIII concedêra á congregação e S. Vannes.

Com principios tão auspiciosos, e no meio do desánimo que então lavrava pelas casas de Cluniaco, a recente corporação tomou incremento tal que alguns annos mais tarde, quando em 1633 entrou a célebre abbadia de S. Dionysio nos dominios de sua jurisdicção, já 40 mosteiros haviam recebido a reforma. Foi seu 1.° geral o padre Dom J. Gregorio Tarisse, que eleito em 1630 findou seus dias em 1648: teve este religioso de supportar no decurso de seu govêrno a tentativa de união, que o cardeal Richelieu pretendeu realizar entre sua ordem e a de Cluniaco, projecto de que ha pouco demos noticia; felizmente ainda em tempo de sua administração a concordata se rompeu, e a joven, mas vigorosa congregação de Santo Amaro pôde seguir sem obstaculos o caminho glorioso que lhe estava reservado.

Parece que nenhuma casa, regida pela sábia lei benedictina, produziu em tão pouco tempo mais estupendo congresso de sabios, afervorados no amôr ao trabalho e ao estudo: este facto obriga-nos a concluir sem hesitação, que tambem n'esses retiros houve a mais admiravel regularidade de disciplina, porque esta é a fonte d'onde dimanam para as corporações religiosas todos os mais beneficios. Ahi se reuniram as obras e se prepararam novas e magnificas edições de Santo Ireneu, de Santo Athanasio, de Eusebio de Cesaréa, de Santo Agostinho, de Santo Ambrosio, de S. Jeronymo, de Santo Hilario, de S. Gregorio o magno, de S. Bernardo, de Gregorio de Tours, de Hildeberto e emfim de quasi tudo quanto as letras ecclesiasticas têm de mais esplendido e profundo.

Ahi viveu Bernardo de Montfaucon, esse sabio e eruditissimo benedictino que, depois de haver trabalhado nas edições de Santo Athanasio, de Origenes e S. João Chrysostomo, publicou quasi que sem repouso: o *Diarium*

Italicum, a *Collectio nova patrum græcorum*, a *Palæographia græca*, a *Antiguidade explicada e representada em figuras*, os *Monumentos da monarchia franceza*, e emfim a *Bibliotheca manuscriptorum nova*. Ahi formou-se o não menos famoso Mabillon, membro honorario da Academia real das inscripções e medalhas, autor de mais de 30 preciosos volumes, entre os quaes se acham os grandes Annaes benedictinos — *Annales Ordinis S. Benedicti.* —, os seis livros estimados *De re diplomatica*, o escripto *De liturgia gallicana*—, o *Musæum italicum* e tantos outros que longo fôra enumerar.

Morto o sabio Mabillon, pensar-se-ia que as obras monumentaes de Santo Amaro estavam acabadas, e sem penna que as continuasse dignamente; mas engano. Ahi estava ainda seu companheiro de estudo e de trabalhos, D. Thierry Ruinart, que já o mundo litterario conhecia por sua edição de Gregorio de Tours, por sua *Historia persecutionis vandalicæ.* Ahi floresciam Dom Renato Massuet e Dom Teissier aptos para a continuação dos Annaes benedictinos; ahi estava o erudito Dom Agostinho Calmet, autor dos Commentarios e do *Diccionario historico e critico da Biblia* além de muitos outros trabalhos de menos folego, com que honrou sua congregação e o nome de S. Bento.

Ora esta succinta exposição, que ainda não é sinão o pallido reflexo das grandezas de Santo Amaro, acaso não obriga a veneração e a estima? Não pasma a intelligencia humana diante de tão prodigiosa actividade, quando se reconhece que nenhum interesse mundano podia animar esses incansaveis trabalhadores—benemeritos da sociedade e da Igreja? Pasma, sim, e cheios de jubilo e admiração não vemos palavra que exprima condignamente este sentir.

Entretanto, quem tal o pudéra prever! Nossa confusão se augmenta, quando, depois de passeiar os olhos sobre estes magnificos quadros de edificação, os volvemos para a scena que se vai abrir.

No meio de tantas glorias litterarias, a congregação de Santo Amaro estava ás bordas d'um abysmo e ia n'elle precipitar-se; a causa d'este successo foi sem dúvida o philosophismo do 18.° seculo que, animando a revolta dos jansenistas, envenenou profundamente o espirito religioso de toda a sociedade, e de envolta com ella o espirito religioso d'esta reformação, que tanto illustrára os Annaes benedictinos. Por occasião das lutas suscitadas entre os partidarios de Quesnel e os defensores da bulla *Unigenitus*, com que o pontifice Clemente XI fulminou a heresia jansenista, entenderam os irmãos de Mabillon e Calmet que deviam apparecer em campo, mas ah!, em vez de enristar lanças pela causa justa da Igreja, oppuzeram-se a ella e promoveram scenas de escandalo que trouxeram sua ruina e perdição. No meio da multidão arrastada pela onda impetuosa do seculo havia, é verdade, um Theodebaldo e um Laprade, um Conrado e um La Taste que se contavam como honrosas excepções em favor do pontifice e do direito; mas não passavam de raras excepções, e por consequencia houveram de ser envolvidos na condemnação que anniquilou a familia religiosa de Santo Amaro. A invasão do jansenismo lavrou em seu seio como o fogo que se atêa nas sarças crestadas pelo sol; d'ahi as representações e scenas escandalosas de rebeldia á voz autorizada do pontificado, com que os novos filhos de S. Bento fecharam a triste página d'esse mesmo livro da vida, que haviam iniciado sob os mais brilhantes auspicios.

V

No anno de 1098, segundo affirmam accordes Fr. Bernardo de Brito em sua *Chronica*, Cantu em sua *Hist. Universal* e Hélyot em sua *Hist. des ordres monastiques, religieuses et militaires*, deixou S. Roberto o convento de Molismo, cujo abbade era desde 1075. A impossibilidade de dirigir seus religiosos pelos rectos caminhos da virtude e da disciplina obrigou-o a fugir com 21 companheiros em busca de um retiro, onde pudessem cumprir os preceitos da santa *regra* de S. Bento, que haviam de coração abraçado; esse retiro acharam-no a 5 leguas de Dijon, em um sitio que a historia conhece pelo nome de *Cister*. Tendo aqui começado os piedosos filhos do patriarcha a edificar um tosco mosteiro, renovou-se n'elle todo o rigor da lei primitiva, e até o trabalho manual foi prescripto como nos primeiros dias da instituição. Cousa era de ver-se então essa pequena phalange de heróes christãos a rivalizar em rigidez de costumes, sob a piedosa direcção do ex-abbade de Molismo; podia dizer-se sem exageração que o retiro de Cassino se repetia com toda a santidade de seus primeiros habitadores.

Um anno depois d'estes acontecimentos, a pedido dos proprios monges molismenses e por ordem do pontifice, teve Roberto de desamparar seu caro e saudoso *Cister* para restabelecer a ordem e a disciplina no seio d'aquella familia religiosa: de um lado a obediencia ao chefe da igreja, de outro a caridosa esperança de cooperar para a salvação de seus irmãos transviados, foram de certo lenitivos que adoçaram a magoa d'essa partida. Nove annos permaneceu S. Roberto em Molismo até que a morte o veiu roubar para uma luminosa eternidade.

Logo após a partida de seu fundador foi eleito em abbade

de Cister o monge Alberico, typo de santidade que a Igreja mais tarde canonizou; este sem demora enviou a ter com o pontifice Pascal II dois religiosos, que d'elle obtivessem tomar sob sua protecção o novo mosteiro, o que conseguiram por bulla de 1100. Governou Santo Alberico a nascente abbadia por espaço de 9 annos, e durante elles compôz com seus monges os estatutos de Cister ou o regulamento particular d'este mosteiro, conhecidos com o nome de— *Instituta monachorum cistertientium de Molismo venientium* —, em que se estabelecia como fundamento de toda a disciplina a observancia da lei de S. Bento.

Foi 3.º abbade Santo Estevão, e então começaram a surgir os primeiros fructos d'aquella semente que em estação propicia S. Roberto confiára á terra. Até aqui fôra resumido o numero de adeptos á austeridade de Cister, ou que o proprio rigor da disciplina afugentasse os timidos, ou que se puzessem embaraços á entrada de novos monges, ou emfim que se não houvessem ainda divulgado as virtudes d'esses admiraveis cenobitas, encerrados entre asperos montes e invias serranias. Mas tudo agora muda de face. Em 1113 vem S. Bernardo com 30 companheiros pedir ao abbade de Cister o habito benedictino, dir-se-iam trazidos pela mão da sábia Providencia: ei-los que já povoam os claustros e que, attrahindo com o cheiro de sua santidade a innumeros fieis, obrigam Santo Estevão a fundar novos mosteiros; um d'elles é Claraval, e seu 1.º abbade é o mesmo S. Bernardo, que já deixa perceber o brilho de seu genio no escuro arrebol dos 25 annos.

Conhecem todos a grandeza d'esse talento, que devassou as sciencias ecclesiasticas e esmagou as mais valentes heresias de seu seculo; conhecem todos essa santidade, que o fez venerado das nações, e o constituiu arbitro dos pon-

retiros da vida cenobitica. Eis porque o plano de Richelieu, mal realizado no corpo a que pela concordata de 1636 se deu o nome de — *Congregação de S. Bento* —, viu-se em breve desfeito e anniquillado, assim que lhe faltou a influencia de seu iniciador. Em 1644, morto o abbade commendatario de Cluniaco e demonstrada a inefficacia de sua reforma, voltaram as duas congregações ao seu viver distincto d'out'rora.

Depois do principe de Conti, que lhe succedeu, subiu á dignidade de abbade o célebre Mazarini ; este, com a jurisdicção tyrannica que pretendeu assumir, com a resistencia que levantou diante de seus projectos despoticos, compromelteu por um pouco a estabilidade de que ainda gozava a congregação cluniacense, não obstante as perniciosas influencias da commenda ; felizmente bradou-lhe em tempo a consciencia, e o ministro, que se havia mostrado disposto a cassar os estatutos da reforma de Arbouze, deu de mão a seus projectos irreflectidos, sinão apaixonados, quando reconheceu que ella não encontrava a primitiva *regra* de S. Bento. Mais tarde em 1659, não podemos assegurar com que intenções, mas talvez movido por bons desejos, pretendeu, á semelhança de Richelieu, unir as casas de S. Vannes e Cluniaco em uma só congregação.

O astuto e habil ministro de Luiz XIV devêra ter aprendido na lição prática de 1644 que essas uniões não promettiam bom resultado nem o prometteram nunca, porque não se baseam no conhecimento profundo da natureza humana ; mas não querendo aceital-a, a consequencia foi ter de passar pela decepção amarga de desfazer por suas proprias mãos o laço que pretendêra atar.

Depois d'estes acontecimentos os monges, embora mais ou menos sujeitos á regularidade, viram sempre pallida a estrella de sua ordem, porque corriam os annos e com

elles não cessava de intervir na administração suprema da familia de S. Bento o braço funesto do poder temporal. Queriam os reis ter a abbadia d'uma casa do Senhor como premio e beneficio, que pudessem offerecer aos nobres, em paga de serviços alheios á religião e ao altar; a consequencia necessaria d'isto era o desmantelamento de toda a ordem, o esbanjamento dos bens religiosos e a morte gradual da instituição monastica. Tudo isto succedeu á infeliz congregação de Cluniaco, até que, chegado o turbilhão de 1789, diante da machadinha iconoclasta dos revolucionarios adoradores da deusa—Razão—, a ultima pedra do veneravel edificio se aluiu; diante d'essas massas infrenes, que levaram de envolta as instituições civis e as reliquias do santuario, não houve sinão curvar a fronte submissa e deixar que se cumprisse o decreto da Providencia; — a congregação cluniacense desappareceu para sempre.

Ella que havia dado á Igreja pontifices como Gregorio VII, e contado em seu seio numero pasmoso de cardeaes, bispos e sabios; ella que á sombra de seus tectos augustos havia offerecido refugio a vigarios de Christo nos dias de tribulação da Igreja; ella que no recinto de suas bibliothecas conservára para mais de 1800 manuscriptos até o dia em que o furor dos calvinistas reduziu a cinzas metade de suas riquezas; ella, que promovêra a civilização da França e povoára seus desertos, ella — a religião de Cluniaco — viu chegar a hora de sua condemnação e o instante de sua morte, sem ouvir sequer um só lamento da sociedade que beneficiára nos aureos dias de sua grandeza. Sempre a mesma ingratidão dos povos, sempre a mesma indifferença pelo destino das instituições que lhes deveram ser mais caras!

IV

Ninguem ha no mundo litterario que não tenha noticia dos monges benedictinos de Santo Amaro Qual foi este novo ramo da grande árvore do occidente, que parece ter a virtude de multiplicar-se e subdividir-se sem perder o vigor do tronco primitivo? Qual foi sua origem, e quaes os serviços que prestou á causa da Igreja e do Estado?

Em principios do seculo 17.°, pretendendo-se introduzir ordem e disciplina em algumas pequenas abbadias de França, que, dispersas e sem laços estreitos que as sujeitassem a mosteiro—chefe, viviam quasi independentes, succedeu que houve obices á projectada reformação por se não amoldarem todas as casas religiosas á autoridade da congregação de S. Vannes; então, porque em todo o caso se devia modificar o que estava, resolveu-se e foi approvado em capitulo geral (1618) o estabelecimento d'uma nova ordem que abrangesse as pequenas abbadias dispersas, ficando a de S. Vannes com os dominios que desde muito lhe eram proprios.

A confirmação d'este novo corpo religioso, que apparecia cheio de vida e de esperanças, foi dada por bulla do Papa Gregorio XV, e sob recommendação do proprio rei Luiz XIII, que então começava a entrar na direcção dos negocios, depois de uma prolongada meninice; o nome d'essa nova familia, filiada á *regra* de S. Bento, foi o de — *congregação de Santo Amaro* — em honra do primeiro discipulo do patriarcha, que transpuzéra os Alpes para plantar na Gallia sua veneravel instituição; e os privilegios, as graças, que ao summo pontifice approuve conceder-lhe, foram os mesmos do mosteiro de Monte Cassino e iguaes aos que Clemente VIII concedêra á congregação e S. Vannes.

Com principios tão auspiciosos, e no meio do desánimo que então lavrava pelas casas de Cluniaco, a recente corporação tomou incremento tal que alguns annos mais tarde, quando em 1633 entrou a célebre abbadia de S. Dionysio nos dominios de sua jurisdicção, já 40 mosteiros haviam recebido a reforma. Foi seu 1.º geral o padre Dom J. Gregorio Tarisse, que eleito em 1630 findou seus dias em 1648: teve este religioso de supportar no decurso de seu govêrno a tentativa de união, que o cardeal Richelieu pretendeu realizar entre sua ordem e a de Cluniaco, projecto de que ha pouco demos noticia; felizmente ainda em tempo de sua administração a concordata se rompeu, e a joven, mas vigorosa congregação de Santo Amaro pôde seguir sem obstaculos o caminho glorioso que lhe estava reservado.

Parece que nenhuma casa, regida pela sábia lei benedictina, produziu em tão pouco tempo mais estupendo congresso de sabios, afervorados no amôr ao trabalho e ao estudo: este facto obriga-nos a concluir sem hesitação, que tambem n'esses retiros houve a mais admiravel regularidade de disciplina, porque esta é a fonte d'onde dimanam para as corporações religiosas todos os mais beneficios. Ahi se reuniram as obras e se prepararam novas e magnificas edições de Santo Ireneu, de Santo Athanasio, de Eusebio de Cesaréa, de Santo Agostinho, de Santo Ambrosio, de S. Jeronymo, de Santo Hilario, de S. Gregorio o magno, de S. Bernardo, de Gregorio de Tours, de Hildeberto e emfim de quasi tudo quanto as letras ecclesiasticas têm de mais esplendido e profundo.

Ahi viveu Bernardo de Montfaucon, esse sabio e eruditissimo benedictino que, depois de haver trabalhado nas edições de Santo Athanasio, de Origenes e S. João Chrysostomo, publicou quasi que sem repouso: o *Diarium*

Italicum, a *Collectio nova patrum græcorum*, a *Palæographia græca*, a *Antiguidade explicada e representada em figuras*, os *Monumentos da monarchia franceza*, e emfim a *Bibliotheca manuscriptorum nova*. Ahi formou-se o não menos famoso Mabillon, membro honorario da Academia real das inscripções e medalhas, autor de mais de 30 preciosos volumes, entre os quaes se acham os grandes Annaes benedictinos — *Annales Ordinis S. Benedicti.* —, os seis livros estimados *De re diplomatica*, o escripto *De liturgia gallicana*—, o *Musæum italicum* e tantos outros que longo fôra enumerar.

Morto o sabio Mabillon, pensar-se-ia que as obras monumentaes de Santo Amaro estavam acabadas, e sem penna que as continuasse dignamente; mas engano. Ahi estava ainda seu companheiro de estudo e de trabalhos, D. Thierry Ruinart, que já o mundo litterario conhecia por sua edição de Gregorio de Tours, por sua *Historia persecutionis vandalicæ*. Ahi floresciam Dom Renato Massuet e Dom Teissier aptos para a continuação dos Annaes benedictinos; ahi estava o erudito Dom Agostinho Calmet, autor dos Commentarios e do *Diccionario historico e critico da Biblia* além de muitos outros trabalhos de menos folego, com que honrou sua congregação e o nome de S. Bento.

Ora esta succinta exposição, que ainda não é sinão o pallido reflexo das grandezas de Santo Amaro, acaso não obriga a veneração e a estima? Não pasma a intelligencia humana diante de tão prodigiosa actividade, quando se reconhece que nenhum interesse mundano podia animar esses incansaveis trabalhadores—benemeritos da sociedade e da Igreja? Pasma, sim, e cheios de jubilo e admiração não vemos palavra que exprima condignamente este sentir.

Entretanto, quem tal o pudéra prever! Nossa confusão se augmenta, quando, depois de passeiar os olhos sobre estes magnificos quadros de edificação, os volvemos para a scena que se vai abrir.

No meio de tantas glorias litterarias, a congregação de Santo Amaro estava ás bordas d'um abysmo e ia n'elle precipitar-se; a causa d'este successo foi sem dúvida o philosophismo do 18.° seculo que, animando a revolta dos jansenistas, envenenou profundamente o espirito religioso de toda a sociedade, e de envolta com ella o espirito religioso d'esta reformação, que tanto illustrára os Annaes benedictinos. Por occasião das lutas suscitadas entre os partidarios de Quesnel e os defensores da bulla *Unigenitus*, com que o pontifice Clemente XI fulminou a heresia jansenista, entenderam os irmãos de Mabillon e Calmet que deviam apparecer em campo, mas ah!, em vez de enristar lanças pela causa justa da Igreja, oppuzeram-se a ella e promoveram scenas de escandalo que trouxeram sua ruina e perdição. No meio da multidão arrastada pela onda impetuosa do seculo havia, é verdade, um Theodebaldo e um Laprade, um Conrado e um La Taste que se contavam como honrosas excepções em favor do pontifice e do direito; mas não passavam de raras excepções, e por consequencia houveram de sér envolvidos na condemnação que anniquilou a familia religiosa de Santo Amaro. A invasão do jansenismo lavrou em seu seio como o fogo que se atêa nas sarças crestadas pelo sol; d'ahi as representações e scenas escandalosas de rebeldia á voz autorizada do pontificado, com que os novos filhos de S. Bento fecharam a triste página d'esse mesmo livro da vida, que haviam iniciado sob os mais brilhantes auspicios.

V

No anno de 1098, segundo affirmam accordes Fr. Bernardo de Brito em sua *Chronica*, Cantu em sua *Hist. Universal* e Hélyot em sua *Hist. des ordres monastiques, religieuses et militaires*, deixou S. Roberto o convento de Molismo, cujo abbade era desde 1075. A impossibilidade de dirigir seus religiosos pelos rectos caminhos da virtude e da disciplina obrigou-o a fugir com 21 companheiros em busca de um retiro, onde pudessem cumprir os preceitos da santa *regra* de S. Bento, que haviam de coração abraçado; esse retiro acharam-no a 5 leguas de Dijon, em um sitio que a historia conhece pelo nome de *Cister*. Tendo aqui começado os piedosos filhos do patriarcha a edificar um tosco mosteiro, renovou-se n'elle todo o rigor da lei primitiva, e até o trabalho manual foi prescripto como nos primeiros dias da instituição. Cousa era de ver-se então essa pequena phalange de heróes christãos a rivalizar em rigidez de costumes, sob a piedosa direcção do ex-abbade de Molismo; podia dizer-se sem exageração que o retiro de Cassino se repetia com toda a santidade de seus primeiros habitadores.

Um anno depois d'estes acontecimentos, a pedido dos proprios monges molismenses e por ordem do pontifice, teve Roberto de desamparar seu caro e saudoso *Cister* para restabelecer a ordem e a disciplina no seio d'aquella familia religiosa: de um lado a obediencia ao chefe da igreja, de outro a caridosa esperança de cooperar para a salvação de seus irmãos transviados, foram de certo lenitivos que adoçaram a magoa d'essa partida. Nove annos permaneceu S. Roberto em Molismo até que a morte o veiu roubar para uma luminosa eternidade.

Logo após a partida de seu fundador foi eleito em abbade

de Cister o monge Alberico, typo de santidade que a Igreja mais tarde canonizou; este sem demora enviou a ter com o pontifice Pascal II dois religiosos, que d'elle obtivessem tomar sob sua protecção o novo mosteiro, o que conseguiram por bulla de 1100. Governou Santo Alberico a nascente abbadia por espaço de 9 annos, e durante elles compôz com seus monges os estatutos de Cister ou o regulamento particular d'este mosteiro, conhecidos com o nome de— *Instituta monachorum cistertientium de Molismo venientium* —, em que se estabelecia como fundamento de toda a disciplina a observancia da lei de S. Bento.

Foi 3.º abbade Santo Estevão, e então começaram a surgir os primeiros fructos d'aquella semente que em estação propicia S. Roberto confiára á terra. Até aqui fôra resumido o numero de adeptos á austeridade de Cister, ou que o proprio rigor da disciplina afugentasse os timidos, ou que se puzessem embaraços á entrada de novos monges, ou emfim que se não houvessem ainda divulgado as virtudes d'esses admiraveis cenobitas, encerrados entre asperos montes e invias serranias. Mas tudo agora muda de face. Em 1113 vem S. Bernardo com 30 companheiros pedir ao abbade de Cister o habito benedictino, dir-se-iam trazidos pela mão da sábia Providencia: ei-los que já povoam os claustros e que, attrahindo com o cheiro de sua santidade a innumeros fieis, obrigam Santo Estevão a fundar novos mosteiros; um d'elles é Claraval, e seu 1.º abbade é o mesmo S. Bernardo, que já deixa perceber o brilho de seu genio no escuro arrebol dos 25 annos.

Conhecem todos a grandeza d'esse talento, que devassou as sciencias ecclesiasticas e esmagou as mais valentes heresias de seu seculo; conhecem todos essa santidade, que o fez venerado das nações, e o constituiu arbitro dos pon-

retiros da vida cenobitica. Eis porque o plano de Richelieu, mal realizado no corpo a que pela concordata de 1636 se deu o nome de — *Congregação de S. Bento* —, viu-se em breve desfeito e anniquillado, assim que lhe faltou a influencia de seu iniciador. Em 1644, morto o abbade commendatario de Cluniaco e demonstrada a inefficacia de sua reforma, voltaram as duas congregações ao seu viver distincto d'out'rora.

Depois do principe de Conti, que lhe succedeu, subiu á dignidade de abbade o célebre Mazarini; este, com a jurisdicção tyrannica que pretendeu assumir, com a resistencia que levantou diante de seus projectos despoticos, comprometteu por um pouco a estabilidade de que ainda gozava a congregação cluniacense, não obstante as perniciosas influencias da commenda; felizmente bradou-lhe em tempo a consciencia, e o ministro, que se havia mostrado disposto a cassar os estatutos da reforma de Arbouze, deu de mão a seus projectos irreflectidos, sinão apaixonados, quando reconheceu que ella não encontrava a primitiva *regra* de S. Bento. Mais tarde em 1659, não podemos assegurar com que intenções, mas talvez movido por bons desejos, pretendeu, á semelhança de Richelieu, unir as casas de S. Vannes e Cluniaco em uma só congregação.

O astuto e habil ministro de Luiz XIV devêra ter aprendido na lição prática de 1644 que essas uniões não promettiam bom resultado nem o prometteram nunca, porque não se baseam no conhecimento profundo da natureza humana; mas não querendo aceital-a, a consequencia foi ter de passar pela decepção amarga de desfazer por suas proprias mãos o laço que pretendêra atar.

Depois d'estes acontecimentos os monges, embora mais ou menos sujeitos á regularidade, viram sempre pallida a estrella de sua ordem, porque corriam os annos e com

elles não cessava de intervir na administração suprema da familia de S. Bento o braço funesto do poder temporal. Queriam os reis ter a abbadia d'uma casa do Senhor como premio e beneficio, que pudessem offerecer aos nobres, em paga de serviços alheios á religião e ao altar; a consequencia necessaria d'isto era o desmantelamento de toda a ordem, o esbanjamento dos bens religiosos e a morte gradual da instituição monastica. Tudo isto succedeu á infeliz congregação de Cluniaco, até que, chegado o turbilhão de 1789, diante da machadinha iconoclasta dos revolucionarios adoradores da deusa—Razão—, a ultima pedra do veneravel edificio se aluiu; diante d'essas massas infrenes, que levaram de envolta as instituições civis e as reliquias do santuario, não houve sinão curvar a fronte submissa e deixar que se cumprisse o decreto da Providencia; — a congregação cluniacense desappareceu para sempre.

Ella que havia dado á Igreja pontifices como Gregorio VII, e contado em seu seio numero pasmoso de cardeaes, bispos e sabios; ella que á sombra de seus tectos augustos havia offerecido refugio a vigarios de Christo nos dias de tribulação da Igreja; ella que no recinto de suas bibliothecas conservára para mais de 1800 manuscriptos até o dia em que o furor dos calvinistas reduziu a cinzas metade de suas riquezas; ella, que promovêra a civilização da França e povoára seus desertos, ella — a religião de Cluniaco — viu chegar a hora de sua condemnação e o instante de sua morte, sem ouvir sequer um só lamento da sociedade que beneficiára nos aureos dias de sua grandeza. Sempre a mesma ingratidão dos povos, sempre a mesma indifferença pelo destino das instituições que lhes deveram ser mais caras!

IV

Ninguem ha no mundo litterario que não tenha noticia dos monges benedictinos de Santo Amaro Qual foi este novo ramo da grande árvore do occidente, que parece ter a virtude de multiplicar-se e subdividir-se sem perder o vigor do tronco primitivo? Qual foi sua origem, e quaes os serviços que prestou á causa da Igreja e do Estado?

Em principios do seculo 17.°, pretendendo-se introduzir ordem e disciplina em algumas pequenas abbadias de França, que, dispersas e sem laços estreitos que as sujeitassem a mosteiro—chefe, viviam quasi independentes, succedeu que houve obices á projectada reformação por se não amoldarem todas as casas religiosas á autoridade da congregação de S. Vannes; então, porque em todo o caso se devia modificar o que estava, resolveu-se e foi approvado em capitulo geral (1618) o estabelecimento d'uma nova ordem que abrangesse as pequenas abbadias dispersas, ficando a de S. Vannes com os dominios que desde muito lhe eram proprios.

A confirmação d'este nóvo corpo religioso, que apparecia cheio de vida e de esperanças, foi dada por bulla do Papa Gregorio XV, e sob recommendação do proprio rei Luiz XIII, que então começava a entrar na direcção dos negocios, depois de uma prolongada meninice; o nome d'essa nova familia, filiada á *regra* de S. Bento, foi o de — *congregação de Santo Amaro* — em honra do primeiro discipulo do patriarcha, que transpuzéra os Alpes para plantar na Gallia sua veneravel instituição; e os privilegios, as graças, que ao summo pontifice approuve conceder-lhe, foram os mesmos do mosteiro de Monte Cassino e iguaes aos que Clemente VIII concedêra á congregação e S. Vannes.

Com principios tão auspiciosos, e no meio do desânimo que então lavrava pelas casas de Cluniaco, a recente corporação tomou incremento tal que alguns annos mais tarde, quando em 1633 entrou a célebre abbadia de S. Dionysio nos dominios de sua jurisdicção, já 40 mosteiros haviam recebido a reforma. Foi seu 1.º geral o padre Dom J. Gregorio Tarisse, que eleito em 1630 findou seus dias em 1648: teve este religioso de supportar no decurso de seu govêrno a tentativa de união, que o cardeal Richelieu pretendeu realizar entre sua ordem e a de Cluniaco, projecto de que ha pouco demos noticia; felizmente ainda em tempo de sua administração a concordata se rompeu, e a joven, mas vigorosa congregação de Santo Amaro pôde seguir sem obstaculos o caminho glorioso que lhe estava reservado.

Parece que nenhuma casa, regida pela sábia lei benedictina, produziu em tão pouco tempo mais estupendo congresso de sabios, afervorados no amôr ao trabalho e ao estudo: este facto obriga-nos a concluir sem hesitação, que tambem n'esses retiros houve a mais admiravel regularidade de disciplina, porque esta é a fonte d'onde dimanam para as corporações religiosas todos os mais beneficios. Ahi se reuniram as obras e se prepararam novas e magnificas edições de Santo Ireneu, de Santo Athanasio, de Eusebio de Cesaréa, de Santo Agostinho, de Santo Ambrosio, de S. Jeronymo, de Santo Hilario, de S. Gregorio o magno, de S. Bernardo, de Gregorio de Tours, de Hildeberto e emfim de quasi tudo quanto as letras ecclesiasticas têm de mais esplendido e profundo.

Ahi viveu Bernardo de Montfaucon, esse sabio e eruditissimo benedictino que, depois de haver trabalhado nas edições de Santo Athanasio, de Origenes e S. João Chrysostomo, publicou quasi que sem repouso: o *Diarium*

Italicum, a *Collectio nova patrum græcorum*, a *Palæographia græca*, a *Antiguidade explicada e representada em figuras*, os *Monumentos da monarchia franceza*, e emfim a *Bibliotheca manuscriptorum nova*. Ahi formou-se o não menos famoso Mabillon, membro honorario da Academia real das inscripções e medalhas, autor de mais de 30 preciosos volumes, entre os quaes se acham os grandes Annaes benedictinos — *Annales Ordinis S. Benedicti.* —, os seis livros estimados *De re diplomatica*, o escripto *De liturgia gallicana*—, o *Musæum italicum* e tantos outros que longo fôra enumerar.

Morto o sabio Mabillon, pensar-se-ia que as obras monumentaes de Santo Amaro estavam acabadas, e sem penna que as continuasse dignamente; mas engano. Ahi estava ainda seu companheiro de estudo e de trabalhos, D. Thierry Ruinart, que já o mundo litterario conhecia por sua edição de Gregorio de Tours, por sua *Historia persecutionis vandalicæ*. Ahi floresciam Dom Renato Massuet e Dom Teissier aptos para a continuação dos Annaes benedictinos; ahi estava o erudito Dom Agostinho Calmet, autor dos Commentarios e do *Diccionario historico e critico da Biblia* além de muitos outros trabalhos de menos folego, com que honrou sua congregação e o nome de S. Bento.

Ora esta succinta exposição, que ainda não é sinão o pallido reflexo das grandezas de Santo Amaro, acaso não obriga a veneração e a estima? Não pasma a intelligencia humana diante de tão prodigiosa actividade, quando se reconhece que nenhum interesse mundano podia animar esses incansaveis trabalhadores—benemeritos da sociedade e da Igreja? Pasma, sim, e cheios de jubilo e admiração não vemos palavra que exprima condignamente este sentir.

Entretanto, quem tal o pudéra prever ! Nossa confusão se augmenta, quando, depois de passeiar os olhos sobre estes magnificos quadros de edificação, os volvemos para a scena que se vai abrir.

No meio de tantas glorias litterarias, a congregação de Santo Amaro estava ás bordas d'um abysmo e ia n'elle precipitar-se ; a causa d'este successo foi sem dúvida o philosophismo do 18.° seculo que, animando a revolta dos jansenistas, envenenou profundamente o espirito religioso de toda a sociedade, e de envolta com ella o espirito religioso d'esta reformação, que tanto illustrára os Annaes benedictinos. Por occasião das lutas suscitadas entre os partidarios de Quesnel e os defensores da bulla *Unigenitus*, com que o pontifice Clemente XI fulminou a heresia jansenista, entenderam os irmãos de Mabillon e Calmet que deviam apparecer em campo, mas ah !, em vez de enristar lanças pela causa justa da Igreja, oppuzeram-se a ella e promoveram scenas de escandalo que trouxeram sua ruina e perdição. No meio da multidão arrastada pela onda impetuosa do seculo havia, é verdade, um Theodebaldo e um Laprade, um Conrado e um La Taste que se contavam como honrosas excepções em favor do pontifice e do direito ; mas não passavam de raras excepções, e por consequencia houveram de ser envolvidos na condemnação que anniquilou a familia religiosa de Santo Amaro. A invasão do jansenismo lavrou em seu seio como o fogo que se atêa nas sarças crestadas pelo sol ; d'ahi as representações e scenas escandalosas de rebeldia á voz autorizada do pontificado, com que os novos filhos de S. Bento fecharam a triste página d'esse mesmo livro da vida, que haviam iniciado sob os mais brilhantes auspicios.

V

No anno de 1098, segundo affirmam accordes Fr. Bernardo de Brito em sua *Chronica*, Cantu em sua *Hist. Universal* e Hélyot em sua *Hist. des ordres monastiques, religieuses et militaires*, deixou S. Roberto o convento de Molismo, cujo abbade era desde 1075. A impossibilidade de dirigir seus religiosos pelos rectos caminhos da virtude e da disciplina obrigou-o a fugir com 21 companheiros em busca de um retiro, onde pudessem cumprir os preceitos da santa *regra* de S. Bento, que haviam de coração abraçado; esse retiro acharam-no a 5 leguas de Dijon, em um sitio que a historia conhece pelo nome de *Cister*. Tendo aqui começado os piedosos filhos do patriarcha a edificar um tosco mosteiro, renovou-se n'elle todo o rigor da lei primitiva, e até o trabalho manual foi prescripto como nos primeiros dias da instituição. Cousa era de ver-se então essa pequena phalange de heróes christãos a rivalizar em rigidez de costumes, sob a piedosa direcção do ex-abbade de Molismo; podia dizer-se sem exageração que o retiro de Cassino se repetia com toda a santidade de seus primeiros habitadores.

Um anno depois d'estes acontecimentos, a pedido dos proprios monges molismenses e por ordem do pontifice, teve Roberto de desamparar seu caro e saudoso *Cister* para restabelecer a ordem e a disciplina no seio d'aquella familia religiosa: de um lado a obediencia ao chefe da igreja, de outro a caridosa esperança de cooperar para a salvação de seus irmãos transviados, foram de certo lenitivos que adoçaram a magoa d'essa partida. Nove annos permaneceu S. Roberto em Molismo até que a morte o veiu roubar para uma luminosa eternidade.

Logo após a partida de seu fundador foi eleito em abbade

de Cister o monge Alberico, typo de santidade que a Igreja mais tarde canonizou; este sem demora enviou a ter com o pontifice Pascal II dois religiosos, que d'elle obtivessem tomar sob sua protecção o novo mosteiro, o que conseguiram por bulla de 1100. Governou Santo Alberico a nascente abbadia por espaço de 9 annos, e durante elles compôz com seus monges os estatutos de Cister ou o regulamento particular d'este mosteiro, conhecidos com o nome de— *Instituta monachorum cistertientium de Molismo venientium* —, em que se estabelecia como fundamento de toda a disciplina a observancia da lei de S. Bento.

Foi 3.º abbade Santo Estevão, e então começaram a surgir os primeiros fructos d'aquella semente que em estação propicia S. Roberto confiára á terra. Até aqui fôra resumido o numero de adeptos á austeridade de Cister, ou que o proprio rigor da disciplina afugentasse os timidos, ou que se puzessem embaraços á entrada de novos monges, ou emfim que se não houvessem ainda divulgado as virtudes d'esses admiraveis cenobitas, encerrados entre asperos montes e invias serranias. Mas tudo agora muda de face. Em 1113 vem S. Bernardo com 30 companheiros pedir ao abbade de Cister o habito benedictino, dir-se-iam trazidos pela mão da sábia Providencia: ei-los que já povoam os claustros e que, attrahindo com o cheiro de sua santidade a innumeros fieis, obrigam Santo Estevão a fundar novos mosteiros; um d'elles é Claraval, e seu 1.º abbade é o mesmo S. Bernardo, que já deixa perceber o brilho de seu genio no escuro arrebol dos 25 annos.

Conhecem todos a grandeza d'esse talento, que devassou as sciencias ecclesiasticas e esmagou as mais valentes heresias de seu seculo; conhecem todos essa santidade, que o fez venerado das nações, e o constituiu arbitro dos pon-

estabeleceu. Passaram-se então os lurbanenses para o mosteiro de Pedrozo, e algum d'elles foi buscar em Monte-Cassino o retiro de que em sua patria o privaram. Que a violencia de D. Sancho, e não o relaxamento da disciplina monastica no convento de Lorvão, foi causa de sahirem d'elle seus religiosos, isto prova concludentemente Fr. Leão de S. Thomaz assim na *Bened. lusit.* como nos prolegomenos das novas constituições; quando outros testetemunhos não houvesse em favor d'este asserto, bastára considerar-se que alguns annos antes d'este acontecimento, edificando-se o mosteiro de Ceiça, vieram povoal-o monges de Lorvão como religiosos exemplares de vida e observancia que eram: ora, na épocha em que Portugal já possuia monges de Cister mui reformados, certo que se não recorrêra aos lurbanenses si se não vissem n'elles bons filhos de S. Bento. Foi pois com violencia e grave lesão de direitos que, deixando estes seu antiquissimo e historico retiro, vieram monges da ordem cisterciense occupal-o: de então por diante pertenceu sempre á congregação de S. Bernardo.

O segundo mosteiro de religiosos benedictinos, que se fundou em Portugal, parece haver sido o mosteiro *Bubulense* ou de Vacariça, 3 leguas apartado de Coimbra, ao pé da célebre e afamada *serra do Buçaco*; foram talvez monges de Lorvão que, não cabendo mais no primeiro convento, ahi o edificaram junto ao rio Mondego em 541.

O terceiro foi o de *Dume*, fundado perto dos antigos muros de Braga por Theodomiro, rei dos suevos, a quem S. Martinho — monge bento vindo de França — fez de barbaro — christão; n'este mosteiro se recolheu o santo prégoeiro da *regra* benedictina com seus monges, e ahi na fiel observancia da lei perseverou até ser chamado para a sé archiepiscopal bracharense.

O quarto, situado a uma legua da cidade de Braga perto dos paços do rei Theodomiro, foi o mosteiro de S. Martinho de Thibães, edificado por aquelle principe a rôgo de S. Martinho Dumiense antes do anno 570 (41). D'esta casa sahiram varios arcebispos de Braga, santos e até martyres da fé; foi sempre notavel por sua regularidade, e deixaria com isto um nome famoso na historia da religião benedictina ainda quando não houvesse de se tornar ao diante illustre cabeça da congregação de Portugal pela reformação de 1566.

Assim se foi dilatando por toda a provincia lusitana a santa *regra* do patriarcha do occidente, não havendo seculo que não visse rebentarem novas vergonteas do poderoso tronco de S. Bento. Quando no seculo X se fez a reformação de Cluniaco em França, adoptaram-na tambem muitos mosteiros de Hespanha, em que se havia afrouxado a disciplina regular pelo continuo tumulto das guerras, que assolaram esse canto de Europa. Mais tarde appareceu tambem a reforma cisterciense com a restauração da primitiva observancia de S. Bento, e querendo logo têl-a em seus dominios os principes portuguezes, promoveram ora a entrada d'essa reforma em alguns mosteiros que já existiam como os de *Ceiça*, *Bouro*, *Fiaens*, *S. Pedro das Aguias*, *Arouca* etc., ora a fundação de novas casas como as de *S. João de Tarouca* (1158) —, de *S. Christovão de Lafões* (1161), e sobre todas o mui célebre e *real mosteiro de Santa Maria de Alcobaça*, fundado em 1147 por D. Affonso, victorioso dos mouros em Santarem.

Por este modo dividida em 3 ramos a familia de S.

(41) Provam-no: a carta de Fr. Drumario, datada de 571, onde vem já mencionado este mosteiro de Thibaens, e a data 562 que se achou em uma parede do claustro da igreja velha.

Bento, cresceu em dominios e riquezas temporaes de maneira a parecer por fim bem differente d'aquelles humildes principios de Lorvão; por muito tempo perseverou tambem na observancia de sua *regra*, beneficiando os povos com o pão que sustenta o corpo, e com a luz do Evangelho que esclarece e fortifica o espirito.

Sabe-se que a fertilissima provincia do *Minho*, hoje povoada de innumeras herdades e de uma basta e laboriosa população, aos monges benedictinos deve seu estado prospero. « Aqui no Minho, dizia com seu valente estylo o padre J. Agostinho de Macedo em uma memoria(42) que compôz, aqui no Minho no tempo dos reis suevos e depois dos reis suevos, no tempo dos ricos homens de caldeira e pendão, não andavam por aqui sinão caçadores do monte matando ursos e javalis, ou senhores infanções atormentando com os direitos feudaes — pobres, despidos e miseraveis vassallos; todas estas aranhas venenosas fugiram ao nome de S. Bento. »

Na provincia de *Estremadura*, pergunta aos inimigos do monachismo o mesmo escriptor : « Que era isto que estão vendo? Mattos cerrados como os da Lithuania ou da Livonia, e por cima d'esses oiteiros as crastas ou atalaias dos arabes e sarracenos. Vêm vossas mercês na crista d'aquella serra o padrão das doações? Aquillo é o decreto d'um rei, que manda aos frades de Cister que convertam com suas bentas mãos mais de 40 leguas quadradas de brenhas incultas em productivas fazendas, de que parece que os frades são apenas economos e feitores; para si o sustento, o vestido, o costeamento do culto; para o rei os direitos que são communs a todos e os extraordinarios

(42) *Os frades* ou— *Reflexões philosophicas sôbre as corporações regulares* — (Lisboa, 1830).

em que não são excedidos pelos outros collectados em duas cousas, no pêso e na pontualidade; no pêso, porque nenhuns maiores; na pontualidade, porque nenhuns mais promptos. Para os povos asylo, para os operarios emprêgo, para os pobres caridade, para os viandantes estáos, para os soldados quarteis e rancho; .... para as mesmas artes que se chamam liberaes morada, para a architectura nos edificios, para a pintura nos adornos, para os homens limpos e honrados, para os segundos de grandes casas officio e mais remedio. »

Na historia da religião benedictina em Portugal este é o primeiro periodo. Foi de glorias, se póde dizer, porque apezar das vicissitudes que houveram de soffrer muitos dos conventos na invasão de Hespanha, apezar da destruição de alguns que se não puderam reerguer das ruinas, a observancia e a regularidade persistiu na familia de S. Bento, e sobretudo em alguns de seus mosteiros.

Em 1230 porém se deve collocar o marco extremo d'este periodo, porque d'ahi em diante a estrella dos monges negros começa a empallidecer. Os protectores (*patroni*) dos conventos usurparam quasi por toda a parte a direcção de seus bens, e a necessaria consequencia foi a depredação d'elles: mais tarde a obrigação de fornecer pensões aos mesmos protectores e a todos seus parentes tanto de um como de outro sexo; emfim a propriedade individual invadindo a pobre e humilde cella do religioso — foram as fontes da decadencia, que evidentemente se manifestou na ordem do seculo 13.° em deante.

Em 1400 pára esta idade de ferro, e começa um periodo ainda mais triste para a religião benedictina; si no anterior afrouxára a disciplina das casas regulares, e o patrimonio dos mosteiros padecêra usurpações, agora toda a ruina augmenta e a desolação é completa nos santuarios.

Sob pretexto das guerras de Africa entenderam os reis portuguezes que deviam ter o padroado dos mosteiros, e por morte dos respectivos prelados começaram a encommendar as abbadias a sujeitos nobres de nenhuma religião e de pouquissima virtude. Estabeleceu-se o dominio fatalissimo dos abbades commendatarios, que na congregação de Portugal, como em todas as outras, foram a principal causa de sua destruição. Felizmente elle foi curto, e ainda houve meio de amparar-se o corpo que mãos iniquas precipitavam no abysmo: subindo ao throno de Portugal D. João III nomeou em abbade commendatario de S. Martinho de Thibaens a fr. Antonio de Sá, natural de Mogadouro, benedictino professo no celebre mosteiro de Monserrate. Era intenção do rei fazer a reformação de todos os conventos benedictinos em Portugal, e na nomeação de fr. Antonio de Sá não influira outro movel sinão este; entretanto, por causa da opposição, que se moveu a tão louvavel desejo, ficou adiada a reforma para dias mais felizes, mal tendo podido o novo abbade realizar em Thibaens os designios que formára: restaurou uma parte do edificio, chamou noviços, e dando-lhes por mestre ao excellente religioso fr. João Chanones (ou Clanones) pôz a primeira pedra do edificio da reformação.

Pelo mesmo tempo foi nomeado por abbade commendatario de *Santo Thyrso de Riba d'Ave* D. Antonio da Silva, fidalgo de grande zêlo e de virtudes raras; esta honrosa excepção dos prelados por commenda, reservára-a a Providencia para instrumento de seus grandes fins. Com effeito, tendo sido passada a bulla de sua confirmação com clausula de reformar o mosteiro, pôz D. Antonio da Silva hombros á empreza, e, auxiliado pela rainha D. Catharina, alcançou da princeza D. Joanna, que então regía os reinos de Castella, lhe viessem de Hespanha monges que em

Santo Thyrso fizessem reviver a antiga e aurea observancia da *santa regra.* Quiz a Providencia que Portugal recebesse do archicenobio italiano o espirito de reforma, assim como no seculo 6.° recebêra d'elle o espirito da primitiva regularidade; succedeu assim, porque foram enviados de Hespanha dois monges do mosteiro de Monserrate, que havia pouco fôra reformado por benedictinos cassinenses.

Chegados os Rev.^mos fr. Pedro Chaves e fr. Placido de Villa-Lobos em fins do anno 1558, foi eleito o 1.° em prior, e o segundo em sub-prior do convento. Parece que estes homens traziam o espirito do Senhor, porque foi extraordinario o resultado de sua missão: realizou-se mais uma vez aquelle profundo pensamento de Dantier, que não cessaremos de repetir: « E' privilegio da Igreja e das grandes instituições que se prendem a ella possuir em si o poder creador que funda, a fôrça virtual que conserva e, nos momentos do perigo, o remedio heroico que salva e vivifica. »

No fim de 4 annos estava estabelecida a reforma, e assim o foram os monges representar á rainha D. Catharina e ao cardeal D. Henrique, propondo-lhes que abandonasse a corôa o padroado dos mosteiros, e deixasse livre a eleição dos abbades, ficando todos unidos em congregação sob a obediencia d'um geral. Bem que conviessem n'estas propostas, não só as mais sensatas que dado era fazer, como as unicas capazes de salvar a instituição, não decidiram os regentes o negocio, porque de permeio se intrometteram ambições frustradas e interesses offendidos.

Então cansado de esperar e julgando perdido todo o esfôrço, recolheu-se fr. Pedro Chaves a Castella, ficando fr. Placido em S. Thyrso: mas em pouco determinou-se o cardeal D. Henrique a expôr a questão ao pontifice Pio V, e obteve bulla no anno de 1566, para que se unissem em

congregação distincta sob a obediencia d'um geral todos os mosteiros reformados da religião de S. Bento em Portugal.

Com a publicação da bulla voltou de Castella fr. Pedro Chaves, e em attenção a seus grandes merecimentos, conforme ao poder que lhe concedêra o pontifice, nomeou-o o cardeal D. Henrique em D. abbade de S. Martinho de Thibaens, reformador e geral da ordem por espaço de dez annos,—sendo escolhido o mosteiro thibianense para cabeça da congregação, já pela sua reconhecida e illustre antiguidade em relação aos mais mosteiros de Portugal, já pelo salutar exemplo que déra no governo de fr. Antonio de Sá.

Estava coroada a obra tão piedosamente concebida por D. João III, bem que só realizada em tempos de seu infeliz neto. Entrava a familia de S. Bento em novo periodo de vida renascente, esplendida e animada das mais lisongeiras esperanças; fervia novo sangue em suas palpitantes arterias, e ao inspirado sôpro da Providencia se remodelava o benedictino pelos typos do seculo 6° e 7°. Ia levantar-se o novo Lazaro, e a historia sabe que se levantou com distincção e brilho.

Foi n'este momento feliz de seu renascimento sob os bons auspicios de uma reformação, quando a seiva de piedade ascendia com impeto e alimentava os ultimos ramos da arvore benedictina em Portugal; foi n'este momento feliz, que surgiu como nova vergontea o ramo brasiliense, destinado a dar fructos de benção e a plantar no solo natal as proprias raizes com que hoje independente e livre se fundamenta.

De 1566 em diante a sagrada religião de S. Bento re-

petiu os aureos dias de sua regularidade; teve sabios (43) para professar nas universidades, apostolos para evangilizar os povos, bons oradores para honrar o pulpito portuguez, e virtuosos monges(44) para exemplo de piedade e

(43) Entre muitos outros, cuja vida vem esboçada na *Bibliotheca lusitana* do abbade Diogo Barbosa Machado, basta-nos citar: Fr. Antão de Faria, doutor pela universidade de Coimbra, provisor do bispado do Porto e proposto para bispo do Rio de Janeiro.

Fr. Antonio de S. Bento, doutor theologo, mestre prégador e poeta.

Fr. Antonio da Luz, doutor da universidade, lente de prima, e nomeado bispo de Angola. D'este grande theologo disse fr. Raphael de Jesus: « *luz* sem sombras da familia benedictina, como tambem assombro das escholas de sua idade. »

(44) Por occasião do terremoto de 1.º de Novembro de 1755 o procedimento dos monges benedictinos foi tal, que mereceu da parte do soberano o seguinte testemunho:

« Sendo presente a S. Magestade o zêlo do serviço de Deus e do mesmo senhor, com que os religiosos da obediencia de V. P.e R.ma tem edificado a cidade de Lisboa nas obras de Misericordia, exercitadas na publica e indispensavel necessidade, em que nos achamos, de dar sepultura aos cadaveres humanos e aos corpos de irracionaes, que se acham entre as lastimosas ruinas da mesma cidade, antes que a corrupção d'elles, inficionando o ar, diffunda por elle um contagio, que constitua outra maior consternação: E sabendo o mesmo senhor, que com estes santos fins se têm visto os religiosos os mais autorisados com enxadas ás costas e nas mãos, trabalhando com devotissimo fervor: me manda S. Magestade louvar e agradecer a V. P.e Rev.ma o muito, que estas religiosas e utilissimas diligencias têm edificado os seus vassallos dos outros estados, encarregados pelo mesmo senhor de se applicarem á imitação precisa de tão religiosos exemplos: esperando das virtudes e observancia da communidade a que V. P.e Rev.ma preside, que não só não afrouxarão no fervor de que S. Magestade foi informado; mas que este crescerá mais e mais, até que de todo cessem as duas urgentes calamidades, da falta de sepultura dos mortos, e progressos que ainda estão fazendo os incendios: dirigindo-se a mesma communidade, dentro dos limites da parochia, em que é situada, a soccorrer as necessidades que requerem mais prompto remedio: e cooperando para isso de accordo com os ministros

retiro. Assim foi até o fim do seculo 18°, em que as doutrinas de licença e o philosophismo dos encyclopedistas, depois de haverem causado a ruina de um throno, chegaram ás plagas portuguezas; então a guerra(45) ás corporações regulares começou a fazer-se, e assim como armando o braço d'um ministro barbaro alcançára o jansenismo suffocar a heroica e sempre gloriosa companhia de Jesus, assim pretenderam os modernos iconoclastas demolir os corpos monasticos, perpetuo baluarte da fé e do catholicismo. Começada a guerra, e empregados todos os meios para alcançar-se uma ignominiosa victoria, não houve meio de resistir-se á onda, e a obra de S. Bento viu chegada sua ultima hora de vida. Foi em 1834 que de envolta com todas

e officiaes de guerra, e fidalgos, que em causa commum se exercitam louvavelmente nos mesmos religiosos exercicios.

« Deus guarde a V. P. Rev.ma.—Paço de Belém, em 5 de Novembro de 1755.—*Sebastião José de Carvalho e Mello.*—Sr. D. Abbade Geral da Congregação de S. Bento. »

Vide :—*Os frades julgados no tribunal da razão.*—(Lisbôa, 1814).

(45) Em 1762 expediu o marquez de Pombal, célebre ministro de D. José I, o primeiro aviso, prohibindo a entrada de noviços ás corporações religiosas de Portugal.

Em 1769 sahiu da mesma fonte nova prohibição.

Depois de 1777 respiraram um pouco as instituições monasticas, porque com a morte de el-rei apeou-se do governo o famoso ministro. Mas em 1789, por decreto de 21 de Novembro, creou-se uma —*Juncta de exame do estado actual, e melhoramento temporal das ordens regulares*—, encarregada de consultar sôbre todos os negocios d'esta especialidade. A *Junta* compunha-se a principio do Rev. bispo do Algarve (presidente), de Luiz Manoel de Menezes Mascarenhas, F. X. de Cunha Torel, dr. fr. J. da Rocha, mestre J. de Foyos, Dr. J. P. R. de Azeredo Coitinho, e do dr. T. J. Ferreira da Veiga. Por aviso de 2 de Janeiro de 1791 foi o bispo do Algarve dispensado da presidencia da *junta*, e nomeado para substituil-o o Rev.mo principal Mascarenhas. A 13 de Julho do mesmo anno reassumiu aquelle a dita presidencia.

as ordens religiosas, viu-se a religião benedictina supprimida em Portugal, adjudicados(46) á nação seus bens, desamparados á acção do tempo os magestosos edificios que a piedade levantára, suas vastas e preciosas bibliothecas— victimas da devastação e da rapina, seus santuarios profanados, seus filhos expulsos do sagrado lar e entregues aos horrores da miseria(47) e da fome.

(46) Por occasião d'este acto do governo portuguez, proferiu S. Santidade o Papa Gregorio XVI em consistorio secreto uma notavel allocução a 1.° de Agosto de 1834. Depois de chorar a perda das cousas sagradas da Igreja lusitana, a adjudicação dos bens monasticos ao erario ou sua venda publicamente, lamentou tambem a invasão do poder civil nos direitos proprios do poder ecclesiastico, « de que é preva, disse elle, entre muitas outras — a lei com que indistinctamente se supprimem todos os mosteiros, collegios e hospicios de regulares, e são entregues á nação seus bens ; a qual é na verdade mais iniqua e digna de mais forte reprehensão por ser embrulhada no fallacissimo pretexto de causas fingidas para illudir os incautos. Fallamos, irmãos veneraveis, do relatorio previo da mesma lei, o qual tem cousas tão falsas e tão criminosamente ditas, que não parece pudesse o homem o peior animado contra a religião e os sagrados institutos proferil-as mais injuriosas ás religiosas familias, mais erroneas e mais contrárias aos nada duvidosos monumentos da historia ecclesiastica. » Mais adiante disse : « Levantamos nossa voz pastoral segunda vez, e procuramos fazer o que é de nossa parte com liberdade apostolica. Emfim não sómente reprovamos, condemnamos, declaramos de todo irritos e nullos pela segunda vez, todos os decretos proferidos pelo mencionado governo (de Portugal) em prejuizo dos direitos e autoridade da religião, da Igreja e da sé apostolica ; mas tambem gravissimamente admoestamos a todos aquelles em cujo nome, e por cuja cooperação ou mando, foram publicados, que olhem bem as penas e censuras fulminadas nas constituições apostolicas e nos canones dos sagrados concilios, e principalmente no de Trento (Sess. 22.ª cap. 11) contra os que roubam e profanam as cousas sagradas, contra os que usurpam direitos da Igreja e da santa sé. »

(47) Foi o proprio ministro dos negocios ecclesiasticos e da justiça quem, escrevendo em 1841 ao arcebispo eleito de Braga, disse :

Esse estado persiste até hoje, e infelizmente não dá mostras da breve alteração. Portugal aprendeu de certo pela experiencia ganha no decorrer dos annos, que a extincção das corporações regulares nenhum bem de ordem temporal lhe trouxe; apezar da absorpção dos ricos patrimonios o estado de suas finanças é misero e tristissimo, porque ahi como em toda a parte esta medida expoliadôra não serviu sinão para enriquecer a particulares especuladores. Entretanto não dá signaes de convencido; embalde têm sido as ordens religiosas defendidas por autoridades insuspeitas, como a do visconde d'Almeida Garrett, e a do proprio sr. Alexandre Herculano; embalde,—a lugubre victoria do anjo máu entenebrece os fastos da Igreja lusitana, e o sol da verdadeira liberdade não raiará sinão quando houver passado a nuvem dos philosophos e dos livres pensadores!

« O governo julgou de seu dever cuidar por si d'este negocio, e não sujeitar de modo algum os egressos, a que impetrem separadamente sua respectiva habilitação, porque em *verdade elles podem considerar-se hoje no número de pessoas miseraveis*, ás quaes o governo deve muito particular protecção e auxilio.»

SEGUNDA PARTE

Secção primeira

O MOSTEIRO DE N. S. DO MONSERRATE DESDE SUA FUNDAÇÃO ATÉ O ANNO DE 1808.

I.

Vinda dos monges benedictinos para a cidade de S. Salvador da Bahia. Seu estabelecimento n'essa cidade. Os habitantes da cidade do Rio de Janeiro solicitam a vinda de religiosos. Os padres fr. Pedro Ferraz e fr. João Porcalho chegam ao Rio, e hospedam-se na ermida de N. S. do O. Transferencia de sua morada para o outeiro de Manoel de Brito. Administração dos presidentes.

Foi certamente em 1581 que, ao celebrar-se o 3° capitulo geral da congregação benedictina lusitana, decidiu-se a vinda de religiosos d'esta ordem para o Brasil; são accordes em o affirmar o autor da *Benedictina lusitana* (Tom. II. pag. 442). o dr. B. da Silva Lisboa em seus *Annaes* (Tom VI, pag. 275), Sebastião da R. Pitta na *Historia da America Portugueza*, R. Southey em sua *Historia do Brasil* (Tom. I cap. X) e o *Dietario do mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro da ordem de P. S. Bento*, precioso manuscripto que temos entre mãos.

Succedeu que, estando os monges benedictinos reunidos em Thibaens para capitulo, chegou-lhes uma representação dos moradores da Bahia de todos os Santos, então séde do governo e principal cidade da colonia portugueza em America; pedindo aos padres capitulares houvessem de mandar-lhes religiosos de sua nova reformação, promettiam os piedosos colonos « o fornecimento de todo o

necessario par mantença d'estes religiosos, pois lhes não faltariam a elles com suas esmolas, dadivas e offertas assim como não faltavam aos padres da companhia, que já em grande numero e desde 1549 se achavam estabelecidos na cidade com collegio. »

Era então geral novamente eleito o padre Fr. Placido de Villalobos, esse illustre benedictino que em companhia de Fr. Pedro Chaves promovêra e realizára a reformação da ordem. Zeloso e amante de sua veneravel instituição, não hesitou de certo em consentir que se dilatasse a santa regra de S. Bento pelo novo mundo, e resolveu mandar á Bahia religiosos reformados, que satisfizessem aos pios desejos dos povos americanos.

Veio o padre fr. Antonio Ventura com alguns monges, e sob a protecção do bispo e moradores da terra, que os receberam com alegria e gasalhado, começaram a fazer seu mosteiro na ermida da igreja de S. Sebastião que lhes foi doada, sendo governador do Estado Diogo Lourenço da Veiga.

Em 1581 florescia evidentemente a cidade de S. Salvador, ou do Salvador como a chamam os documentos antigos; numerosa população, desenvolvimento da agricultura, progresso litterario (—graças á educação dirigida pelos jesuitas —), tudo n'ella se podia ver, e tudo augurava-lhe um futuro prospero. Pelo lado ecclesiastico — uma cathedral com cabido numeroso, ainda que pobre, 62 igrejas, e um collegio da companhia eis o que veio encontrar a ordem benedictina na cidade e reconcavo da Bahia : ora, bem que ao primeiro olhar pareça isto demazia de estabelecimentos religiosos, bem que assim o julgou R. Southey quando em sua *Historia*, descrevendo o estado da capitania em 1581, termina com esta malevola sentença « Que mundo ecclesiastico para tal população! »

é todavia certo que, ajuizadas as cousas com sensatez e não sob o dominio de crenças heterodoxas, a proporção não era exorbitante, antes havia razões para a julgar pequena. Uma população, que segundo o accorde parecer de quasi todos os historiadores, era composta em sua maior parte dos criminosos e malfeitores que a justiça de Portugal mandava para o Brasil como para o mais penoso degredo; um araça de colonos ambiciosos e ousados, que não pudéra sujeitar-se ao jugo da lei e aos dictames da bôa razão e da justiça sinão refreada pelos laços da moral, e transformada pelo influxo benefico da religião ; emfim um mundo novo que cumpria salvar do abysmo da gentilidade e passar das garras da barbaria para o seio da civilização christã —, tudo isto pedia uma abundante disseminação de principios catholicos, uma igreja bem constituida, e portanto grande cópia de cultores da vinha do Senhor. E' este o unico meio de dar base segura aos edificios sociaes, em que a probidade, o honesto, o respeito á lei e ás autoridades que a personificam são as primeiras condições de vida e progresso: não correm bem as cousas do mundo, nem se incrementam e desenvolvem instituições salutares, quando são movel dos actos humanos as paixões desenfreadas [1]

Accresce que então, como confessa o proprio Southey, eram tão poucos os sacerdotes presbyteros, que muito precisava o bispo de gastar de suas rendas para obter o serviço regular da igreja ; é claro pois que, além dos padres da companhia em sua maior parte entregues á catechese do gentio, pediam ainda maior numero de ecclesiasticos as necessidades da occasião e do lugar.

Chegados á Bahia os religiosos benedictinos, e começada a fabrica de seu mosteiro de *S. Sebastião*, viu-se em breve que não fôra vã a esperança dos que os haviam chamado de Portugal ; « achando ainda o terreno com alguns abro-

« lhos de gentilidade, escreve R. Pitta, pela sua cultura se
« transformaram em espigas das searas evangelicas, como
« já ao seu santo patriarcha se converteram em rosas os
« espinhos ; dilataram a sua doutrina por muitas partes do
« Brasil florescendo em virtude e letras, com grande
« aproveitamento das almas, e no exemplo dos povos ! »

Esta noticia da observancia, com que começaram a viver os monges de S. Bento em sua primeira casa do Brasil, voando da capitania de Todos os Santos ás mais capitanias chegou á do Rio de Janeiro ; quiz pois a nobre cidade, recentemente fundada por Salvador Corrêa de Sá, participar dos frutos que a religião benedictina regularmente constituida offerecêra aos habitadores da Bahia, e com este intento solicitou do já então abbade eleito Fr. Antonio Ventura lhe enviasse alguns religiosos para fundarem aqui novo mosteiro da ordem do glorioso patriarcha S. Bento. Sendo a todas as luzes evidente a utilidade da fundação, sem que se fizesse necessario segundo pedido, vieram para esta cidade em 1589 (48) os padres fr. Pedro Ferraz e fr. João Porcalho, religiosos que haviam sido da congregação lusitana, e que acompanharam ao Brasil o fundador e 1.° abbade do mosteiro de S. Sebastião da Bahia.

Era então governador do Rio de Janeiro Salvador Cor-

(48) Assignando a data de 1589 seguimos ao *Dietario manuscripto*, d'onde parece que tirou suas noticias o autor dos *Annaes*. Uma memoria, que existia no archivo do mosteiro do Rio de Janeiro, dava a vinda de seus primeiros fundadores no anno 1580 ; no *Dietario* do mosteiro de S. Sebastião da Bahia se diz que d'ahi sahiram em 1591. Nem uma nem outra d'estas versões é admissivel ; a primeira, porque é certo que só em 1581 chegaram de Portugal fr. Antonio Ventura e seus monges ; a segunda, porque antes de 1591 já se haviam celebrado escripturas no mosteiro do Rio de Janeiro, como prova a de Diogo de Brito de Lacerda passada aos 25 de Março de 1590.

rêa de Sá (chamado — *o velho* —), varão já illustre por suas acções guerreiras, e que ainda mais illustre se fez pelas qualidades raras de administrador exhibidas no tempo de seu feliz governo. Recebeu aos monges benedictinos com a maior honra e deu-lhes para domicilio uma ermida ou capella de N. S. do O, situada então no lugar onde mais tarde fundaram os religiosos do Carmo seu convento, hoje transformado e appenso ao edificio do paço imperial desde o anno da chegada do Sr. D. João VI ao Rio de Janeiro ; porém a morada no sitio onde se achava esta ermida, isto é, no centro da cidade e no meio do tumulto do mundo, não podia convir ao recolhimento usual dos filhos de S. Bento, que em toda a parte procuravam os ermos e a solidão para exercitar a santa *regra* do patriarcha. Lançaram pois suas vistas sobre o monte, em que hoje se acha edificado o mosteiro, então propriedade de *Manuel de Brito* e de seu filho Diogo de Brito de Lacerda por sesmaria pedida aos 14 de Setembro de 1573, comprehendia esta propriedade não só o proprio outeiro, onde havia uma ermida dedicada a N. S. da Conceição edificada por Aleixo Manuel *o velho*, mas toda a terra que o cercava até o morro da Conceição.

Obtiveram-n'o os monges benedictinos por doação em 1590, e para ahi cuidaram de transportar-se sem demora a fim de edificar mosteiro, em que pudessem guardar o retiro e a observancia da lei.

Feliz tempo em que, não obstante a pobreza dos lugares, se abriam mãos largas e caridosas aos ministros da religião e aos filhos de S. Bento ; hoje a malignidade da epocha não só recusa sustental-os, sinão que intenta os meios de subtrahir-lhes o que legitimamente possuem ! Então vinham os povos trazer com justo orgulho sua pedra para construir os alicerces do santuario ; hoje, ingra-

tos ao beneficio, quereriam pela maior parte desmoronar as abobadas d'esse mesmo santuario e atirar aos quatro ventos as venerandas cinzas que n'elle se conservam !

« Não ficou lembrança, diz o chronista do *Dietario ma-« nuscripto*, do dia e anno em que se mudaram os nossos « monges fundadores para sua nova habitação ; porém sa-« bemos que se detiveram pouco na ermida de N. S. do O', « e contam que, quando se mudaram para este monte, « houve uma copiosa chuva na fôrça d'uma sêcca rigorosa, « principiando a chover logo que o padre fr. João Por-« calho entoou o cantico do *Benedictus* para a procissão.

« Passados alguns annos, no de 1602, sendo abbade (e « o primeiro abbade) o padre fr. Ruperto de Jesus, mu-« daram os religiosos o titulo da Conceição de sua padro-« eira pelo de *Monserrate*, não só politicos mas tambem « agradecidos ás instancias do governador D. Francisco « de Sousa, que depois foi marquez das Minas(49), o qual, « além de sua grande devoção á dita Senhora, era muito « amante de nossa religião, e especialmente dos nossos « monges. »

Sob o governo do primeiro presidente—o padre fr. Pedro Ferraz—, começou-se a construcção do mosteiro(50) á custa das esmolas que a nascente povoação podia fazer ; eram estas mui escassas, porque havia grande pobreza na terra.

(49) E' verdade que este governador-geral do Brasil nos 11 annos de sua administração (1591—1602) emprehendeu grandes trabalhos para descobrir as *minas* de prata, cuja existencia Roberio Dias denunciára a Philippe II : mas a mercê de *Marquez das Minas* só se verificou em seu neto. Vide : D. Antonio Caetano de Sousa nas *Memorias dos grandes de Portugal*.

(50) Diz o dr. B. da S. Lisboa em seus *Annaes*, que esta edificação teve principio a 13 de Maio de 1589. Ha n'isto grande equivocação, porque só em Outubro d'esse mesmo anno chegaram ao Rio de Ja-

O segundo presidente, que parece haver assumido a direcção da casa no anno de 1592, continuou a mostrar o desvellado interesse que já durante a administração precedente manifestára como procurador do mosteiro; trabalhou pelo augmento do patrimonio, e zeloso filho de S. Bento contribuiu de modo efficaz para a regular observancia da disciplina monastica.

Seguiu-se-lhe como terceiro presidente nomeado *ad nutum* o illustre fr. Clemente das Chagas(51), em cujo tempo se confirmou a doação da ermida e de outros bens, que ao mosteiro fizéra Aleixo Manoel e sua mulher D. Francisca da Costa.

Emfim governou como quarto presidente o padre fr. Manoel de Moura, de cuja administração não restam outras noticias mais do que umas escripturas celebradas em 1598, e uma sesmaria de terras na Ilha Grande concedida por Jorge Corrêa aos 26 de Junho do mesmo anno.

neiro os padres fundadores, e estes ainda se demoraram por algum tempo, bem que pouco, na capella de N. S. do O'. Demais a doação do monte, em que se construiu o convento, só se fez em 1590 (aos 25 de Março), como reza o *Dietario manuscripto*; logo a construcção não podia começar sinão na ultima ametade d'este anno ou em 1591. O que se fez a 13 de Maio, não de 1589 mas de 1596, sob a presidencia de fr. Clemente das Chagas, foi a confirmação por escriptura publica da doação da ermida de N. S. da Conceição, feita por Aleixo Manoel e sua mulher perante o tabellião Antonio de Andrade.

(51) Este religioso foi eleito provincial na junta de 1596; tornou depois para a congregação, e lá foi 14° abbade do mosteiro de S. Romão, 17° abbade do mosteiro de S. Bento de Lisboa, e ultimamente 14° abbade de S^{to}. Thyrso onde falleceu, tendo sido antes procurador-geral da ordem na curia de Roma (*Dietar. manuscr.*).

II

Elevação da casa regular a abbadia, sendo seu primeiro prelado fr. Ruperto de Jesus. Construcção do templo começada em 1633, e do edificio do mosteiro em 1652. Incendio de uma parte d'este edificio em 1732. Sua reconstrucção.

No intervallo que decorre de 1589 a 1600, isto é, de seu estabelecimento no Rio de Janeiro ao termo da 4.ª presidencia, procederam os monges benedictinos com tal zêlo e actividade no adiantamento de seu patrimonio, com tal observancia e exemplar solicitude no desempenho das funcções espirituaes e na pratica de sua santa *regra*, que poude o novo mosteiro subir á categoria de casa regular com abbades, e merecer que lhe viesse por primeiro prelado o reverendissimo padre ex-provincial fr. Ruperto de Jesus, varão de grandes virtudes e prudencia, mais tarde elevado pelos votos da congregação a abbade do mosteiro de S. Salvador de Ganfei, abbade do de Rendufe, e ultimamente prelado do mosteiro de Salvador do Paço de Sousa (52).

Sob o governo d'este notabilissimo religioso tiveram grande augmento o espiritual e temporal do recente cenobio de N. S. do Monserrate ; já com a penosa demarcação de terras a que se não poupou, já com a acquisição de novas sesmarias, que vieram enriquecer o patrimonio da

(52) Tratando d'este convento no 2º tomo de sua *Benedictina lusitana*, diz o padre-mestre fr. Leão de S. Thomaz : « Em 1628 foi « eleito abbade fr. Ruperto de Jesus, religioso que passou ao Brasil « e lá foi prelado algumas vezes e provincial, governando sempre com « grande exemplo de vida e com grande proveito das casas, e fazendo « muito fruto com seus sermões, que prégava com muito espirito: » Seu retrato se conserva ainda hoje no mosteiro d'esta côrte.

casa; fazendo provimento de alfaias para a igreja velha de que ainda se serviam, mantendo a observancia da lei, que fez florescer em todo o decurso de sua abbadia—tornou-se este virtuoso filho de S. Bento digno da mais particular menção na historia de sua ordem, e especialmente nos fastos do mosteiro do Rio de Janeiro, que o teve por primeiro prelado. Valeram-lhe taes merecimentos segunda eleição em 1608 para terceiro D. abbade, de modo que por espaço de mais cinco annos teve esta casa a fortuna de crescer á sombra de suas virtudes.

Foi pois fr. Ruperto de Jesus o primeiro élo da cadeia de prelados do mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro, cadeia que sem interrupção chegou ao anno de 1869 em que escrevemos. Durante o largo tempo de governo de tantos e tão diversos administradores (53) não

(53) Os administradores que dirigiram este mosteiro até o anno de 1808 foram:

Presidentes ad nutum:

1.° Fr. Pedro Ferraz....................	1589
2.° Fr. João Porcalho..................	
3.° Fr. Clemente das Chagas...........	1596
4.° Manoel de Moura..................	1598

D. Abbades:

1.° Fr. Ruperto de Jesus................	1600
2.° Fr. Jorge da Fonseca...............	1604
3.° Fr. Ruperto de Jesus (2ª vez)........	1608
4.° Fr. Bernardino d'Oliveira............	1613
5.° Fr. Placido das Chagas..............	1617
6.° Fr. Diogo da Silva..................	1620
7.° Fr. Antonio dos Anjos...............	1625
5.° Presidente—fr. Bernardo d'Azevedo...	1627
8.° Abbade fr. Maximo Pereira..........	1629
9.° Fr. Calixto de Faria....	1629
10.° Fr. Miguel do Deserto..............	1633
6.° Presidente—fr. Pedro dos Santos.....	1634

foram poucos, nem despidos de interesse, os acontecimentos que tiveram por theatro esta casa religiosa; mas a

7.º Presidente—fr. Romano dos Santos...	1635
11.º D. Abbade fr. Romano dos Santos...	1636
12.º Fr. Mauro Corte Real..............	1639
8.º Presidente—fr. João da Resurreição...	
9.º Presidente—fr. Bento da Esperança..	1640
13.º Abbade fr. Diogo da Franca.........	1642
10.º Presidente—fr. José Carneiro... ...	
11.º Presidente—fr. Calixto de Faria.....	1644
14.º Abbade fr. Mauro das Chagas.......	1645
15.º Fr. Bento da Cruz.................	1648
16.º Fr. Francisco da Magdalena.........	1652
17.º Fr. Ignacio de S. Bento............	1657
18.º Fr. Manoel do Rosario.............	1660
19.º Fr. Leão de S. Bento...............	1663
20.º Fr. Antonio da Trindade............	1666
21.º Fr. Bento da Cruz.................	1669
22.º Fr. Antonio da Natividade..........	1673
23.º Fr. Francisco do Rosario...........	1677
12.º Presidente—fr. Estevão dos Martyres..	
24.º Abbade fr. Francisco Baptista.......	1680
13.º Presidente—fr. Christovão de Christo.	1681
25.º Abbade fr. Bento da Victoria.......	1682
26.º Fr. Christovão de Christo...........	1685
27.º Fr. Thomaz d'Assumpção............	1688
28.º Fr. Christovão da Luz...............	1691
29.º Fr. João Monteiro..................	1694
14.º Presidente—fr. André da Cruz......	
15.º Presidente—fr. Fernando da Trindade	
30.º Abbade fr. José da Trindade........	
16.º Presidente—fr. Mathias d'Assumpção.	1697
31.º Abbade fr. Gabriel do Desterro......	1698
32.º Fr. Mathias d'Assumpção............	1700
33.º Fr. Fernando da Trindade...........	1703
17.º Presidente—fr. Christovão de Christo.	1705
34.º Fr. José de Santa Catharina.........	1708
35.º Fr. José de Jesus..................	1711

estreiteza dos limites do presente trabalho obriga-nos a compendial-os em uma exposição resumida.

36.º	Fr. Antonio da Trindade	1714
37.º	Fr. Placido Baptista	1717
38.º	Fr. Bernardo de S. Bento	1720
39.º	Fr. André da Cruz	1723
18.º	Presidente—fr. Paschoal de S. Estevão	1725
40.º	Abbade fr. M. da Encarnação Pinna	1726
41.º	Fr. Manoel do Espirito-Santo	1729
42.º	Fr. Angelo da Conceição	1731
43.º	Fr. Manoel da Cruz e Conceição	1733
19.º	Presidente—fr. Sebastião da Encarnação	1736
44.º	Abbade fr. Manoel de S. José	1737
45.º	Fr. Matheus da Encarnação Pinna	1739
46.º	Fr. Manoel da Gloria	1742
47.º	Fr. Francisco de S. José	1743
48.º	Fr. Antonio da Madre de Deus	1747
20.º	Presidente—fr. Francisco de S. José	1747
49.º	Abbade fr. Manoel do Desterro	1748
50.º	Fr. Antonio de S. Bernardo	1750
51.º	Fr. João da Conceição	1752
52.º	Fr. Manoel do Espirito-Santo	1754
53.º	Fr. Francisco de S. José	1757
54.º	Fr. Miguel da Conceição	1760
55.º	Fr. Antonio de S. Bernardo	1762
56.º	Fr. Gaspar da Madre de Deus	1763
57.º	Fr. Francisco de S. José	1766
58.º	Fr. Miguel da Conceição	1768
59.º	Fr. Manoel do Nascimento Pinhão	1770
60.º	Fr. Francisco de S. José	1771
61.º	Fr. Vicente José de Santa Catharina	1772
62.º	Fr. Lourenço da Expectação Valladares	1777
63.º	Fr. Manoel de S. Paio	1781
64.º	Fr. Lourenço da Expectação Valladares	1783
65.º	Fr. José de Jesus Maria Campos	1787
66.º	Fr. Antonio do Desterro Gouvêa	1789
67.º	Fr. Lourenço da Expectação Valladares	1792

A igreja velha, que servíra no tempo dos primeiros administradores do convento, por ser mui pequena e acanhada não podia prestar-se ás necessidades e ao brilho do culto ; foi pois substituida em 1641 pelo novo templo de dimensões mais vastas que hoje vêmos. Durou a construcção d'este magnifico edificio cêrca de oito ou nove annos, porque, segundo reza a chronica manuscripta, começou-se em 1633 sob o governo do 10.º d. abbade o padre pr. fr. Miguel do Desterro, e se deu por finda em 1641 ou 1642 sob a administração interina do 9.º presidente o padre fr. Bento da Esperança, a tempo de solemnizar-se n'elle o transito do santo patriarcha, trasladando as imagens da igreja velha em procissão solemne, com sermão na vespera e no dia, a que assistiram as familias religiosas e a nobreza da cidade.

Verdade é que no decurso de quasi todas as abbadias que se seguiram houve trabalho n'esta mesma igreja, mas foi trabalho de aperfeiçoamento, porque o maior da fabrica se completára em 1642 ou 1641 ; o resto foi obra de entalhamento, pintura e disposição de ornatos que a pouco e pouco se foi executando como o permittiam as posses do mosteiro e os muitos objectos a que tinha de prestar simultanea attenção.

O edificio do convento, que hoje se vê, notavel monumento d'esses seculos de crença e de fé que já vão longe, tambem teve principio alguns annos depois de estabelecidos os monges no outeiro. Foi em 1652, sob o governo do 16.º abbade — o padre mestre fr. Francisco da Magdalena, quando já estava de pé o templo do Senhor, e já se achavam abrigados em digno santuario as sagradas imagens do patriarcha ; foi então que os piedosos monges se lembraram de augmentar o apertado tugurio, a que se haviam recolhido em 1590, começando a construir o dormitorio que

corre da igreja para o mar e que faz vista para a cidade sobre a ladeira. Com o tempo, e sob a direcção dos prelados que se succederam a fr. Francisco da Magdalena, esta obra continuou até o ponto em que hoje a podemos ver, bem que incompleta em relação ao plano primitivo de construcção.

Imprevistos successos por mais de uma vez sustaram a mão dos religiosos, e por duas occasiões quiz a providencia que se anniquilasse grande parte da piedosa obra do mosteiro: foi a primeira pelo tempo da invasão franceza de que fallaremos um pouco adiante, e a segunda pelo grande incendio que na madrugada do dia de 23 de Março de 1732 reduziu a cinzas grande parte do convento, então governado pelo padre mestre dr. jubil fr. Angelo da Conceição — 42.° d. abbade —. Ateado durante a noite o incendio, embalde acudiram promptos os religiosos de S. Francisco, muita gente do povo e o proprio governador do Rio de Janeiro, que então era Luiz Vahia Monteiro, antecessor do célebre conde de Bobadella; embalde, por que o fogo devorou com pasmosa rapidez todo o dormitorio da ladeira (de S.) e grande porção do que olha para a ilha das Cobras (do lado de L.), consumindo a cella dos prelados e não pequena parte do precioso archivo do mosteiro: o que se poude foi salvar a igreja e o lance da casa, que olha para o interior da bahia, com a bibliotheca que nenhum damno soffreu.

Este fatal acontecimento trouxe atrazo e graves complicações ao progresso da edificação; mas os abbades, que depois d'elle dirigiram o convento, com admiravel firmeza e não desmentida pertinacia levaram por diante a empreza de seus antecessores, reconstruindo o que as chammas haviam devorado, e augmentando-o com edificações novas.

III.

As sciencias, as letras e as artes no mosteiro de N. S. do Monserrate.

N'este primeiro periodo da vida monastica do convento de S. Bento do Rio de Janeiro nada lhe faltou para occupar um lugar distincto entre as familias religiosas do Brasil. Em sua chronica acha o historiador nomes dignos do estudo o mais attento, e datas que se ligam a acontecimentos nacionaes do maior vulto.

Teve este mosteiro administradores zelozos e que, cheios de amor e de solicitude pelo progresso de sua instituição, fizeram honra á piedosa stirpe de S. Bento; uns —assiduos promotores do engrandecimento do patrimonio religioso, outros — vigilantes guardas da observancia da santa *regra*, estes — arrojados no emprehender edificações uteis que beneficiavam o mosteiro e ao mesmo tempo a nação, aquell'outros mais particularmente dedicados ao brilhantismo do culto, com o que não prestavam de certo menor serviço á sua patria; taes foram os sempre lembrados fr. Ruperto de Jesus (54), fr. Bernardo d'Oliveira

(54) Nasceu em Sande, entre Braga e Guimarães. Foi eleito em 1600 para 1.º D. abbade d'este mosteiro do Rio, e reeleito em 1608 para seu 3.º D. abbade. Voltando para a congregação foi 15.º abbade do mosteiro de S. Salvador de Ganfei; 19. do mosteiro de Rendufe e finalmente 21.º prelado do paço de Sousa, onde finalizou gloriosamente seus dias, como já ficou dicto.

Houve mais tarde outro fr. Ruperto de Jesus, natural de Igarassú, villa de Pernambuco, nascido a 9 de Agosto de 1644. Professou n'este mosteiro e aqui ensinou com grande mestría as sciencias ecclesiasticas. Foi provincial e visitador de sua religião; prégou com applauso, e falleceu na Bahia aos 9 de Agosto de 1708.

fr. Bernardo de Azevedo, fr. Bento da Esperança, fr. Bento da Cruz (55), fr. Christovão de Christo, fr. Thomaz da Assumpção, fr. Christovão da Luz, fr. José de Jesus, fr. Matheus da Encarnação Pinna (56), fr. Bernardo de S. Bento, fr. Francisco de S. José, fr. Antonio de S. Bernardo, fr. Miguel da Conceição, fr. Gaspar da Ma-

(55) — Natural de Villa do Conde, e filho professo na casa de Thibaens: ensinou no mosteiro com geral agrado e notavel proveito de seus discipulos a philosophia e a theologia.

Foi aqui prelado de 1669 a 1673, e certamente um dos melhores prelados que administraram esta casa durante a primeira phase que estudamos.

(56) Natural do Rio de Janeiro, e não de Mogi das Cruzes na provincia de S. Paulo como em algum tempo se acreditou, nasceu este religioso a 23 de agosto de 1687: foram seus pais Domingos Alvares Pinna e Maria de Vasconcellos; baptizou-se na freguezia da Candelaria. Recebeu o habito de S. Bento a 3 de Março de 1703; foi eleito em 1726 quadragesimo prelado d'este mosteiro, e em 1739 reeleito em quadragesimo quinto D. abbade.

D'elle diz Barboza Machado: «pela viveza do engenho e perspicacia « do juizo ensinou com applauso as sciencias ecclesiasticas aos seus « domesticos.......... De seu veneravel instituto é exactissimo cul- « tor, descobrindo-se em suas palavras e acções a modestia e gravi- « dade monastica. Seu talento é venerado no pulpito e na cadeira, « podendo controverter-se para gloria de sua pessoa, si é maior ora- « dor evangelico do que theologo escholastico. »

Publicou este religioso varios sermões panegyricos, orações funebres e algumas obras avulsas, como: *Defensio purissimæ et integerrimæ doctrinæ Sanctæ Matris Ecclesiæ per SS. Dominum nostrum Clementem, Deo providente, Papam XI divinitus inspiratæ in Constitutione Unigenitus adversus errores Paschasii Quesnel ab eodem Sanctissimo Domino damnatos etc.* — 1729.

Viridario Evangelico, Partes 1. 2. 3.

Segundo a *Bibliotheca Lusitana* deixou tambem um extenso manuscripto em 6 tomos, intitulado—*Theologia dogmatica e escholastica*— que não podémos saber onde pára.

dre de Deus, fr. Lourenço Valladares, fr. Manoel de S. Paio e fr. José da Natividade (57).

Teve varões illustres por suas grandes virtudes, como o mesmo fr. Ruperto de Jesus, fr. Francisco da Magdalena, fr. Diogo da Paixão, fr. Christovão de Christo, o venerando Encarnação Pinna, fr. Manoel de S. José, fr. Antonio de S. Bernardo, o irmão fr. Antonio de S. Damaso e varios outros.

Teve religiosos notaveis por sua illustração variada e profunda, verdadeiros luzeiros da sciencia como fr. Manuel do Rosario, fr. Francisco Baptista, fr. Mathias da Assumpção, fr. Manoel de S. José, o douto e benemerito

(57) Nasceu este religioso a 19 de Março de 1649 na cidade do Rio de Janeiro, e aqui recebeu o sagrado habito de S. Bento n'este mosteiro de N. S. do Monserrate. « Admiraveis progressos, diz em sua obra B. Machado, fez sua applicação nos estudos escholasticos, sahindo tão insigne nas especulações da philosophia e theologia, que não sómente adquiriu a antonomasia de subtil,ou fosse dictando nas cadeiras ou argumentando nas aulas, mas mereceu receber a borla doutoral em a universidade de Coimbra. Sendo consultado em materias pertencentes ao fôro interno sempre fundou seu voto sobre as sólidas bases das opiniões mais provaveis. » Foi D. abbade do mosteiro de S. Sebastião da Bahia, presidente da provincia, e ultimamente provincial eleito, cujo lugar não permittiu a morte que o exercitasse. Morreu a 9 de Abril de 1714. Seus monges fizeram exequias solemnes á sua memoria, recitando o elogio funebre o padre mestre Encarnação Pinna. Dos muitos sermões que prégou com applauso, viram a luz da imprensa : os panegyricos de Santo Agostinho, de S. Francisco, e a oração funebre que recitou na trasladação dos ossos de D. J. de Barros Alarcão, 1.º bispo do Rio de Janeiro, na igreja de S. Bento em 1702. (Sobre o merecimento de seus sermões, veja-se o que escrevemos no trabalho — *O pulpito no Brasil* — pag. 86 a 90, inserto no vol. I da *Bibliotheca do Instituto dos bachareis em lettras* (1867)

fr. G. Madre de Deus (58). fr. Manoel de S. Paio e fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes.

Teve este mosteiro finalmente, para que em tudo se assemelhasse ao veneravel archicenobio de Monte-Cassino, teve até esmerados cultores da pintura e da esculptura, que si não deixaram obras perfeitas e immorredouros trabalhos artisticos, devem-n'o ao circulo de ferro que reprimia os vôos da intelligencia no tempo colonial, e á falta de eschola e de mestres sob cuja direcção desenvolvessem a aptidão natural que possuiam; digam-n'o os quadros do irmão donato fr. Ricardo do Pilar(59), e a talha do fron-

(58) Nasceu em 1714 na villa de Santos, sendo seus pais o coronel Domingos Teixeira de Azevedo e D. Anna de Siqueira e Mendonça. Tomou habito de S. Bento a 14 de Agosto de 1731 no mosteiro da Bahia. Estudou no mosteiro do Rio de Janeiro com fr. Antonio de S. Bernardo; foi nomeado lente de theologia em 1743, e graduado em dr. em 1749. Elegeram-no abbade de S. Paulo em 1752, prelado d'este mosteiro do Rio em 1763, provincial em 1765, e abbade da Bahia em 1768. Falleceu em 1800 na villa de Santos. Foi um grande vulto em sua ordem.

Além de outros trabalhos de menor folego, deixou uma — *Memoria para a Historia da capitania de S. Vicente* —, que, no dizer de monsenhor Pizarro, faz honra á sua religião.

(59) Era este religioso natural de Colonia. Sua vida no mosteiro foi notavel não só pelo facto de ser insigne pintor, e de consagrar á religião todos os primores de sua palheta, mas ainda pelos exercicios de penitencia e pelas virtuosas praticas, com que encheu os 30 annos de sua clausura. Conta-se que nunca vestiu camisa; seu sustento nunca passava nos ultimos annos de uns mal guisados legumes, porque sua ração distribuia-a aos presos da cadeia com licença dos prelados: tinha muita docilidade de animo, clareza de entendimento, e possuia a lingua latina: professou a 24 de Maio de 1695, sendo dom abbade o padre-mestre dr. fr. João de Sant'Anna Monteiro; falleceu a 12 de Fevereiro de 1700, sendo d. abbade do mosteiro o padre-mestre dr. fr. Gabriel do Desterro. (*Dict. manuscr. 2.ª Parte. Das vidas e mortes dos monges*).

tespicio da capella-mór assim como as imagens e o retabulo da mesma capella, que ainda hoje se vêm no magnifico templo do mosteiro, obra do irmão fr. Domingos da Conceição ou da Silva (60).

Tudo, tudo n'esta casa appareceu como para mostrar bem claro que á placida sombra do santuario e no retiro do claustro, longe de abrigar-se a ociosidade, como apre-

A' cerca de seu merecimento artistico diz uma autoridade assaz competente :

« O pintor historico mais antigo, que conhecemos até hoje, é fr. « Ricardo do Pilar ; este celebre artista produziu muitos paineis, que « se acham espalhados por alguns templos d'esta cidade ; elle é o « autor dos quadros do tecto e paredes lateraes da igreja dos bene- « dictinos, a unica igreja em regra do Rio de Janeiro ; mas aquelle « que funda sua gloria é o painel que representa a imagem do Salva- « dor, collocado no altar da bella sacristia do convento.

« Muito além de Giolto e Cimabue, aquella imagem produz em « noss'alma a mais elevada inspiração religiosa ; ha n'ella uma magia « incomprehensivel de expressão e harmonia ; a sublimidade da poe- « sia mystica, a crença só podem produzir semelhantes maravilhas, « e sem estes sentimentos angelicos a terra não possuiria o retrato do « *Salvador* por André del Sarto, o *Ecce homo* de Cigoli, e o *Nasci-* « *mento de Jesus Christo* de Siqueira.

(*Memoria sobre a antiga eschola de pintura fluminense*, pelo sr. M. de Araujo Porto-Alegre, lida em sessão magna do Instituto Historico e Geographico Brasileiro a 30 de Novembro de 1841).

(60) Devem-se tambem ao escôpro d'este habil religioso a imagem de Christo que está no côro, a de Santo Amaro que se acha em uma das capellas lateraes da igreja, duas imagens do Senhor Crucificado que foram para o convento de Pernambuco, e uma planta do mosteiro do Rio, que por occasião da invasão franceza infelizmente desappareceu.

Professou fr. Domingos em 9 de Abril de 1690, sendo d. abbade o dr. fr. Thomaz da Assumpção ; foi typo de grandes virtudes, e sem as desmentir acabou aqui seus dias aos 30 de Janeiro de 1718, tendo de idade 75 annos e de habito 28, sendo d. abbade o padre procurador fr. Placido Baptista.

goam os adversarios do monachismo, ao revez se dá lugar ao exercicio de todos os talentos e se animam todos os tentames da actividade humana.

IV

Serviços prestados ao Estado pela familia religiosa de S. Bento do Rio de Janeiro.

Esta casa, que teve a fortuna de manter disciplina e regularidade por espaço de mais de dois seculos; ella que sempre foi tida pela mais observante e exemplar de todas as abbadias da provincia do Brasil, teve tambem a fortuna de prestar ao Estado e ao povo fluminense grande copia de serviços, que ennobrecem a historia de sua vida, e que a deveram fazer veneravel aos olhos do seculo e dos contemporaneos, quando não bastasse para gloria de um mosteiro a perfeita observancia de sua *regra*.

Não nos alongaremos sobre o grande serviço, que ao Estado fizeram muitos monges d'esta communidade de S. Bento como capellães da armada, embora désse elle lugar a uma honrosa attestação do governador e capitão-mór d'esta capitania Affonso d'Albuquerque, passada aos 29 de Maio de 1614, assignada pelo mesmo governador e sellada com suas armas.

Não precisamos encarecer o auxilio prestado por fr. Maximo Pereira(61), monge benedictino, quando em 1629 o elegeu em administrador d'esta diocese do Rio de Ja-

(61) Fr. Leão de S. Thomaz em sua *Benedictina lusitana* chama-o de fr. Maximo de S. João; mas no *Dietario* da ordem e no livro III dos assentamentos da fazenda real, fl. 35 e seguintes, vem nomeado por fr. Maximo Pereira. Foi mais tarde abbade de Santo Thyrso e do mosteiro de S. Bento de Lisboa.

neiro o sr. D. Miguel Pereira, então bispo do Brasil, embora fossem taes seus merecimentos e tão edificante o seu proceder no desempenho do encargo com que o honraram, que o reverendo conego magistral da cathedral do Rio de Janeiro, o dr. José Joaquim Pinheiro, no *catalogo* que deixou escripto dos bispos d'esta diocese, pondo-o no 4º lugar dos prelados d'ella terminou sua memoria com o seguinte distico assaz significativo:

Prœsulis officium exacteque quod Maximus egit
Mensuram implevit, nominis ille sui.

Grandes foram os auxilios com que concorreu o mosteiro em 1648 (62) para a expedição da armada, que foi restaurar Angola;—em 1668 para a fortificação (63) da cidade ameaçada pelos hollandezes;—em 1670 para o estabelecimento de um arsenal (64) na Ilha Grande, onde se construissem as fragatas necessarias ao serviço da corôa e da companhia geral da junta do commercio;—em 1696 com a doação dos terrenos (65) que ficam no principio da ladeira para o mar, anteriormente aforados á mesma junta

(62) Tudo consta de uma certidão do general Salvador Corrêa de Sá e Benevides, passada aos 18 de Junho de 1652.

(63) A pedido do governador D. Pedro Mascarenhas, o padre fr. Antonio da Trindade—então abbade do convento—forneceu para essas fortificações: 400 bois, quantidade de cavallos e muitos escravos para o serviço d'ellas. D'este auxilio passou o mesmo governador um attestado muito honroso aos 15 de Fevereiro de 1668.

(64) A rogo de Sebastião Lamberto, superintendente das fragatas e gaieões, concederam os monges do Rio as terras que possuiam n'aquelle districto da Ilha Grande; mas Lamberto não se aproveitou sómente das terras, tirou tambem toda a madeira que foi necessaria para a construcção da fragata *Madre de Deus*, primeira obra do novo arsenal. Ha d'este facto uma certidão passada pelo mesmo superintendente aos 18 de Abril de 1670.

(65) São os em que está hoje situado o arsenal de marinha da côrte.

do commercio ;—em 1767 com o fornecimento das madeiras para a construcção da celebre náo *S. Sebastião*, fabricada por ordem de Sua Magestade, sob a zelosa inspecção do conde da Cunha, vice-rei do Estado ;—em 1771 fazendo despezas e fornecendo material para construir-se a ponte de Sarapuy ;—emfim auxiliando e promovendo o aldêamento de indios, em que trabalharam alguns religiosos—haja exemplo o padre fr. Fernando nos Campos dos Goytacazes em meados do seculo 17°, segundo consta de uma carta(66) escripta por elle ao padre fr. Bento da Cruz em 10 de Dezembro de 1656.

Não menor serviço prestaram ao Estado os monges benedictinos do Rio de Janeiro por occasião dos calamitosos successos que sorprehenderam esta cidade em 1711.

Mais induzido por cobiça de lucros do que por louvaveis desejos de vingar a morte de Duclerc e de seus companheiros, veiu Renato Duguay-Trouin á frente d'uma esquadra atacar a cidade do Rio de Janeiro em Setembro de 1711. Sabe-se que a favor de uma cerração espessa logrou o destemido almirante francez passar sem grandes perdas as fortalezas, que guarneciam a entrada da barra, e vir postar-se com todos seus navios diante da Armação em distancia de um tiro de canhão da cidade.

Começou então essa luta em que, por inepcia e rematada covardia do governador Francisco de Castro Moraes, tão pouco recurso se tirou da natural valentia de nossos compatriotas, que no fim de alguns poucos dias, quasi que sem perdas sensiveis, ficaram os francezes senhores

(66) N'esta carta dá fr. Fernando « noticia de uma aldêa que fundava da outra parte do rio Parahyba para recolher os indios chamados *Sabugos*, que desceram do sertão para se baptizarem. » (*Dict. manuscr.*).

d'esta rica praça com todos os despojos que n'ella havia. Aproveitando o abandono, em que mandou o governador se deixasse a fortaleza da ilha das Cobras—esquecido de que era ella padrasto da cidade e ponto estrategico para sua defensão—, vieram os invasores occupal-a e, assestando alguns morteiros além de 32 peças de artilharia, começaram a bater fortemente a cidade, especialmente a fortaleza de S. Sebastião e mais que todos o mosteiro de S. Bento, onde se organizára por iniciativa dos religiosos um fortim para inutilizar-lhes a vantajosa posição. Aqui, em virtude das acertadas medidas do prior do mosteiro, o padre mestre fr. Pedro de S. Thomaz, fizeram-se tres reductos por baixo do dormitorio da parte da Ilha das Cobras, onde se assentaram 12 canhões, e outros dois no alto do monte em que se collocaram mais sete bôcas de fogo: foi d'elles certamente que maior damno soffreram os inimigos, como o reconheceu o proprio senado na *conta* que deu a el-rei em data de 28 de Novembro do mesmo anno de 1711, e que vem a pag. 75 e seguintes do 1.º vol. das *Memor. historicas* de mons.or Pizarro. Tres companhias da armada da junta e varios paisanos, que correram animados de santo patriotismo em defeza da cidade, mantiveram estes reductos de S. Bento e n'elles hostilizaram vivamente o inimigo invasor: foi ainda o mosteiro quem os proveu durante esses dias de todo o mantimento necessario, sustentando-lhes a coragem e promovendo a resistencia, que um capitão-general rodeado de 8,000 homens não ousava antepôr á audacia estrangeira.

Grande numero de escravos do convento veiu sem demora de todas as fazendas, e concorreram para os trabalhos de fortificação; carros do mesmo convento levaram agua aqui e alli por espaço de oito dias aos presidios da cidade; bois foram mandados ao governador para seu sustento e o

de sua comitiva, quando se recolheu cauteloso ao engenho dos jesuitas.

Emfim quando, baldados todos os esforços individuaes de chefes valentes como Domingos Henrique e o famoso Bento de Amaral Coutinho; quando, privados de unidade de acção, e sem cabeça que soubesse dirigir os movimentos da tropa, se viram os habitantes obrigados, por obediencia á voz do capitão-general, a desamparar aos furores do saque e do roubo a rica cidade de S. Sebastião; quando, conhecido o abandono da praça, entraram n'ella os invasores naturalmente sorprendidos de tanta covardia, e se negociou seu resgate para evitar o incendio com que já ousados ameaçavam os soldados de Duguay-Trouin, no meio das grandes contribuições, que se fizeram appareceu ainda o prior de S. Bento com a quantia de 1:575$680. Ora, se é verdade que na preparação dos reductos e em sua defeza já o mosteiro de N. Senhora do Monserrate se havia mostrado grato ao povo fluminense e dedicado á causa nacional; se é verdade que foi elle talvez o edificio mais damnificado pelas balas inimigas em toda a cidade, e com isto provou seu maior esforço na luta, claro é tambem que, ajuntando a já tantos sacrificios o de uma onerosa contribuição pecuniaria, subiu a familia religiosa de S. Bento do Rio de Janeiro á primeira linha dos benemeritos da patria.

Os grandes estragos produzidos pela artilharia franceza, avaliados n'esse tempo em 18:790$000 por mestres intelligentes, reparou-os como foi possivel o abbade fr. José de Jesus, quando voltou da fazenda dos Campos, para onde fôra em visita logo no começo de seu governo. Mas o que de certo não poude facilmente reparar foram os damnos causados no interior do edificio pelos chefes da esquadra, que n'elle se aquartelaram depois de rendida a

cidade; como taes se devem contar a destruição do cartorio, a perda do 1.º Livro do Tombo e o roubo da livraria, além de outros attentados menores que não cabem nesta relação.

D'entre os serviços prestados á causa do Estado e bem estar do povo fluminense não fique tambem esquecido o que fizeram estes religiosos de abrir a chamada *rua nova de S. Bento*, apezar das grandes difficuldades que encontrou esta resolução. Dizem os documentos do mosteiro que por carta de 14 de Setembro de 1743 mandára o o senado da Camara rogar ao abbade houvesse de abrir pela cêrca e horta do convento, desde os quarteis até a Prainha, uma rua que facilitasse o transito do povo e o commodo de toda a cidade. O distincto padre pr. fr. Francisco de S. José, prelado que então era d'este mosteiro de N. Senhora do Monserrate, solicito por concorrer com quanto em si coubesse para tão notavel melhoramento da cidade, em dias do mesmo mez de Setembro propôz o objecto ao conselho de sua communidade e n'elle advogou com grande alento de convicções a causa do senado. Bem verdade é que então as circumstancias do patrimonio monastico não aconselhavam emprêza de tão grande vulto, para a qual cumpria ter a casa desempenhada e capitaes disponiveis; mas o zeloso prelado, que havia sido procurador do mosteiro por espaço de 11 annos, olhou mais para a necessidade publica do que para as difficuldades de renda, pôz hombros corajosos á obra e, tomando a juros todo o dinheiro necessario, não só abriu a rua que ainda hoje tem o nome de—nova de S. Bento— (67), mas n'ella

(67) Esta rua tem 33 palmos de largo, e occupava no seu comprimento 29 moradas da casa, quando se escreveu o novo Dietario do mosteiro em 1773: hoje não tem um palmo de terra que não esteja occupado por edificios, e faz-se nella um activo commercio.

foi ao mesmo tempo construindo alguns edificios. Eis a familia religiosa de S. Bento sacrificando uma vez mais seus interesses no altar da patria !

Sob o governo d'este mesmo abbade, o padre fr. Francisco de S. José, em Novembro de 1745, o mosteiro benedictino ainda completou com grande utilidade do povo a travessa que vai da Prainha á rua dos Pescadores, hoje — Travessa de Santa Rita.

Em 1771, sob a administração do padre pr. fr. Manoel do Nascimento Pinhão, 59.° d. abbade do mosteiro, houve éste de fazer grandes despezas com a hospedagem e custoso gasalhado que fizeram aos 2 generaes de Goyaz e Matto-Grosso— José de Almeida Vasconcellos e Luiz d'Albuquerque que, chegando de Lisbôa no 1.º de Dezembro d'esse anno, aqui se detiveram até 17 de Maio de 1772.

Varios regimentos, assim da praça do Rio de Janeiro como da provincia de Minas, estiveram por muito tempo aquartelados nos predios que o convento possuia na rua nova de S. Bento, causando-lhes indizivel prejuizo e estragos de toda a ordem.

Emfim em 1804, além de 70.000 crusados que offereceu o mosteiro á fazenda real, contribuiu com mais 100,000 crusados em moeda, para evitar a venda de seu patrimonio urbano.

Ajunte-se agora a isto o grande numero de predios edificados á custa do convento em varios pontos da cidade ; considerem-se os grandes melhoramentos porque passou o patrimonio rural da casa com a cultura de terras e aber-

Durante muito tempo houve no meio da rua nova de S. Bento um arco ou passadiço que communicava o mosteiro com a outra parte da horta e cêrca; porém mais tarde, sendo estes chãos totalmente aforados para se abrirem as ruas chamadas — Municipal, e dos Benedictinos—, tornou-se inutil o arco e o mosteiro mandou tiral-o.

tura de estradas (factos que não mencionamos por miudo com receio de que se ultrapassem os limites d'este trabalho), e teremos bem fundamentada a proposição generica, de que, empregada por esta forma, a riqueza de nossos monges benedictinos foi altamente util ao Estado e aos povos, como já fôra util a riqueza dos monges cassinenses em Italia, a dos cluniacenses em França, a dos cistercienses em Hespanha e Portugal.

V

Scenas de piedade e ceremonias religiosas no mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate.

Durante a primeira phase de sua historia, que rudemente esboçamos n'este escripto, a piedosa familia de S. Bento do Rio de Janeiro teve dias de verdadeiro jubilo, horas de legitimo e santo orgulho, que não devem escapar á nossa attenção.

Mais de uma vez, attrahidos pelo nome e pela justa reputação d'esta casa religiosa, vieram procurar a placida sombra de seus claustros os principes da igreja, e ahi, no meio dos monges, animando-os com o calor de sua autoridade, ajudaram-n'os a entoar em communidade os sagrados hymnos.

Em 1722, sob o governo do padre-mestre dr. fr. Bernardo de S. Bento, 38° D. abbade, hospedou este mosteiro ao bispo de Macáo; em 1739, sob a prelazia do padre-mestre doutor jubilado fr. M. da Encarnação Pinna, hospedou o bispo de Malaca, que passava para as Indias; em 1740 ao bispo D. fr. Antonio do Desterro, que vinha de Lisboa para o seu bispado de Angola, e em 1745 o bispo de Areopoli D. João de Seixas da Fonseca Borges, que,

tendo vindo para o Rio, preferiu passar n'esta casa o resto de seus dias religiosos no silencio da clausura e na observancia da disciplina monastica. Finalmente, para que nenhuma honra lhe faltasse, aprouve á Providencia dar em D. fr. Antonio do Desterro o successor de D. fr. João da Cruz, bispo da diocese do Rio do Janeiro. Como ficasse a sé vaga pela partida d'este prelado para Miranda em 1745, veiu para ella o já eximio bispo de Angola, que por aqui passára em 1740, e que por espaço de cinco annos governára com edificação e geral applauso aquella parcella do rebanho de Jesus-Christo. O mosteiro de S. Bento foi por assim dizer seu palacio, e os vinte e seis annos de sua fecunda administração—um continuado gozo da familia religiosa de Nossa Senhora do Monserrate.

Monge benedictino, e contente de mostrar que o era, preferia o virtuoso prelado a tudo o mais a companhia de seus irmãos, a quem deu contínuas e significativas provas de amor durante esse largo tempo de governo. Por seu lado os filhos do glorioso patriarcha, animados de santo fervor, e procurando corresponder a tão grande honra, se esforçavam por cumprir a *regra* de seu pai e adiantavam grande caminho na estrada da perfeição.

« Estes excellentes monges, escreve um autor insuspeito(68), tinham a mais inexplicavel consolação que se não póde exprimir, quando nas sextas-feiras maiores d'esse triennio(69) se viam presididos por dois bispos: o diocesano fr. Antonio do Desterro e o de Areopoli D João de Seixas, officiando com a communidade e commungando

(68) Dr. Balthazar da Silva Lisboa, *Annaes do Rio de Janeiro*, tomo VI, pag. 338.

(69) O autor se refere ao tempo de administração do veneravel padre-mestre doutor jubilado Fr. Antonio de S. Bernardo (1750—1754).

juntamente com ella : a inexprimivel impressão e toque interior, que esses actos de piedade produziam no povo, não só para as reformas dos costumes e vida, como para augmento da fé e religião, quem cabalmente o póde referir? Jámais gozou esta cidade de um espectaculo tão terno e devoto. »

E' indubitavel que essa assistencia de tão altas dignidades ecclesiasticas no seio da familia benedictina lhe offerecia motivos de dupla alegria, porque não só no espelho vivo de suas virtudes ella fortalecia os principios de austeridade e abnegação que devem presidir á vida do religioso, senão tambem na honrosa assistencia d'elles, via a communidade uma demonstração publica de apreço e particular estimação, que a todos, e ainda aos mais humildes é grato receber. Sobretudo a assistencia do proprio diocesano no meio de suas mortificações era certamente para ella uma tão grande prova de amor, que bastára para perpetuar a lembrança de seu nome nas paginas da chronica monastica de S. Bento, quando porventura outros monumentos o não attestassem ; mas D. fr. Antonio do Desterro quiz deixar no interior do proprio mosteiro um testemunho mais perenne de sua dedicação a esta casa. Mandou edificar junto ao salão das *conclusões*, do lado do dormitorio, que olha para o interior da bahia, uma capella, a que presentemente chamam *capella do santuario ;* doou-lhe seu precioso oratorio de prata com uma formosa imagem da Conceição, de jaspe, com corôa de ouro, e tantas inestimaveis reliquias de santos, quantas ainda hoje se veneram em 140 nichos collocados por todo o espaço da talha ; emfim, deu-lhe um pequeno patrimonio, com a simples obrigação de um legado no dia 4 de Fevereiro, dia do *Desterro* de Nossa Senhora. Esta capella é até agora um

padrão da memoria do virtuoso bispo(70), obra piedosa, que não cessa de proclamar as grandezas de seu fundador, apezar de volvido quasi um seculo sôbre o anno de sua morte !

(70) Na vida administrativa d'este prelado da igreja fluminense ha um unico facto capaz de marear o brilho de seu governo : foi o modo violento com que procedeu a respeito dos jesuitas no momento de realizar-se aqui o decreto de extincção da companhia em 1759. Bem diverso foi do modo humano e verdadeiramente apostolico por que procederam em suas dioceses os bispos de Olinda e S. Paulo, e o arcebispo primaz D. José Botelho de Mattos em sua diocese da Bahia.

No mais foi D. fr. Antonio do Desterro um typo de prelado. Desterrando abusos, ritos gentilicos e supersticiosos ; zelando o culto divino de um modo singular ; concorrendo com avultadas esmolas para as igrejas pobres da cidade ; soccorrendo com liberalidade a numerosas casas de familias ; finalizando a obra do convento de Nossa Senhora da Conceição da Ajuda ; multiplicando recolhimentos e capellas ; doando, emfim, á sua cathedral grandes sommas até que por sua morte a instituiu universal herdeira de seus bens, fez-se este digno religioso um exemplar dos bispos.

Falleceu a 5 de Dezembro de 1773, e seu corpo foi sepultado no claustro do mosteiro benedictino do Rio de Janeiro. Lê-se sôbre sua lousa a seguinte inscripção :

Hic. jacet.
Vir. Clar. memoriæ.
D. Antonius. do Desterro
Ord. S. B. decus immortale.
Qui bon. sortitus animam.
Virtut. Impense coluit. Litteras non despexit.
Ad Pastorale Diœc. Angol. et Flum. Jan. Munus
Evectus
Sibi et universo Gregi adprime adtendit :
Docendo pariter et faciendo.
In omnibus se ipsum præbuit exemplum :
Multus erga pauperes.
Sibi parcissimus.
Omnib. benignus, officiosus, carus.
Obiit Non. Dec. An. MDCCLXXIII. AEtatis LXXX.

A gratidão foi sempre uma das qualidades mais notaveis do religioso filho de S. Bento.

Nos dias de regosijo da patria, n'esses dias de festa nacional em que o povo rendia graças ao Supremo Dominador da terra pelos presentes que a Providencia liberalizára á mãi commum, o retirado monge benedictino tambem sentia sob o negro escapulario bater-lhe um coração generoso, e unia sua voz ao cantico ruidoso dos homens do seculo. Foi por isto que mais de uma vez por aquellas abobadas reboaram jubilosas acções de graças em honra, já ao nascimento, já ao feliz desposorio de principes portuguezes, como succedeu em 1712 quando o bispo D. Francisco de S. Jeronymo celebrou de pontifical n'esta igreja de S. Bento em acção de graças pelo nascimento da princeza D. Maria Barbara; em 1713, quando o mesmo prelado solemnizou o nascimento do principe D. Pedro, que pouco depois falleceu; em 1762(71), anno em que

(71) Constou a festa de um triduo solemne, a respeito do qual diz o *Dietario* á pag. 110: « No primeiro dia, que foi aos 7 de Maio de 1762, celebrou a missa de pontifical o padre D. abbade, com a assistencia do Exm. prelado diocesano, conde de Bobadella, senado da camara e mais nobreza. Na tarde fez a oração panegyrica o nosso padre-mestre fr. Gaspar da Madre de Deus, o qual tinha já prégado na sé outro sermão nas festas do casamento da Sra. princeza. No segundo dia cantou a missa da mesma sorte o padre D. abbade eboracense fr. Antonio de Santa Catharina Costa, occupando-se á tarde com um solemne *Te-Deum*. No dia terceiro celebrou a missa o Sr. bispo, concluindo-se esta grande solemnidade com uma procissão a mais apparatosa que se tem feito n'esta cidade. A nossa communidade tambem acompanhou com um andor de nosso santo patriarcha, vestido de pontifical, cobrindo este corpo os dois padres D. abbades, que tinham officiado nos primeiros dias, vestidos tambem das mesmas insignias pontificaes, levando nos baculos uma fita, como ordena o nosso ceremonial e determinou o mesmo diocesano. »

nasceu o infante D. José, principe da Beira; em 1767, quando chegou ao Rio a fausta noticia do nascimento do infante D. João(72), e em 1786 por occasião dos desposorios d'este principe com a infanta de Hespanha a Serenissima Sra. D. Carlota.

Nem foi só nos momentos de regosijo que se associou o mosteiro de N. S. do Monserrate aos sentimentos do povo fluminense; como amigo verdadeiro e leal foi tambem seu companheiro nos dias de luto e de tribulação, chorou com elle sobre a campa dos cidadãos benemeritos, e uniu sua voz aos threnos dolorosos d'esse povo, quando a providencia o provou com a morte de seu monarcha.

Por morte do illustre e sempre lembrado governador d'esta capitania, o general Gomes Freire de Andrade — conde de Bobadella —, que durante 29 annos de administração a regêra com admiravel talento e inequivocas virtudes, é sabido que se cobriu de crepe a cidade de S. Sebastião, e que os habitantes d'ella choraram seu passamento como se houveram perdido um pai extremoso e dedicado; pois bem, — os monges benedictinos, movidos de igual sentimento e gratos á memoria do general, foram em communidade cantar um responso na sala do palacio, onde se achava ainda depositado o seu cadaver, e poucos dias depois celebraram solemnes exequias por sua alma no Templo do mosteiro, pontificando o padre D. abbade fr. Antonio do Santa Catharina Costa, e prégando a oração funebre o sábio fr. Gaspar da Madre de Deus (73).

Em 1777, tambem reconhecidos á memoria de D. José

(72) Mais tarde o Sr. D. João VI, pai do augusto fundador d'este imperio brasileiro.

(73) Este illustre benedictino prégára já outra oração funebre no dia 2 de Janeiro por occasião de sepultar-se no convento do Desterro o corpo do mesmo governador.

1.°, rei de Portugal, que acabava de expirar em Lisboa, reconhecidos á solicitude com que subscrevêra esse monarcha os uteis projectos de seu 1.° ministro em relação ao Brasil, resolveram os filhos de S. Bento celebrar exequias com grande pompa e magnificencia em honra do finado rei. Esta diliberação tomada pela congregação benedictina, apezar do justo resentimento que devia ter contra o principe que em 1763 mandára cerrar as portas de seu claustro e impedir a entrada de noviços, foi certamente uma prova bem significativa de que acima de seus interesses a piedosa familia de N. S. de Monserrate collocava o sentimento de amor e veneração, que os subditos devem á autoridade constituida; mas esta deliberação generosa e espontanea, além de homenagem publica, foi ainda uma lição de moral para os povos, ensinando-os a retribuir com caridade e grandeza d'alma a offensa e a ingratidão dos homens. D. José 1.°, cedendo ás tendencias hereticas do marquez de Pombal, esquecêra os bons serviços prestados a causa da religião e do throno pelos monges benedictinos, e com um rasgo de penna decretára a morte lenta de seu instituto (74); estes ao contrario, esquecidos da injustiça e do aggravo, levantaram ao céo os braços supplicantes, e oraram pela felicidade eterna do principe que os condemnára, vendo n'elle o rei e não o algoz, olhando para a cabeça que governa e não para o braço que castiga.

Já em 1758 igual homenagem havia prestado o mosteiro do Rio de Janeiro á memoria do virtuoso bispo de Areo-

(74) O mesmo instituto em que, havia 8 annos, se achavam *virtudes, observancia e grande merecimento* ! (Vide a pag. 304) — a attestação do marquez de Pombal ao abbade geral de S. Bento por occasião do terremoto de Lisboa em 1755.

poli que por espaço de 13 annos honrára esta communidade com sua assistencia. Fallecendo D. João de Seixas aos 5 de Março d'esse anno, determinou o prelado da casa, então o illustre padre prior fr. Francisco de S. José, que se celebrassem exequias com a maior pompa, quasi como se o finado fôra um bispo diocesano. Houve *vesperas* e *laudes* solemnes, missa, e oração funebre do padre mestre ex-provincial fr. Gaspar da Madre de Deus, assistindo a tudo a principal nobreza da terra, e á frente d'ella o benemerito conde de Bobadella.

Estas demonstrações publicas de reconhecimento, este tributo pago ao zelo e ás virtudes de reis e cidadãos constituem um poderoso argumento em favor dos monges benidictinos, e a nosso vêr offerecem uma das mais bellas paginas de sua historia.

VI

Ainda pequenas provas do merecimento d'estes religiosos.—Primeiro signal de animosidade contra as ordens regulares em Portugal.—Aviso de D. José I em 1762, *prohibindo a entrada de noviços; o secretario Xavier de Mendonça communica-o ao provincial benedictino. Resposta d'este,*

D. Maria I revoga os avisos de seu pai; entram noviços.—Em 1789 *organiza-se a junta de melhoramento das ordens, e restabelece-se a prohibição. Desfeita a junta, tambem a prohibição cessa. Em* 1808 *chega ao Brasil a familia real portugueza.*

Na succinta narração dos factos, que mais apparecem na primeira phase da vida d'estes religiosos, ainda se puderam apontar—as preces publicas, que em 1756 sahiram os monges a fazer processionalmente por motivo do fatalissimo terremoto de Lisboa; poderiam citar-se as amigaveis

relações que entreteve o padre mestre dr. jubilado fr, Antonio de S. Bernardo com o governador Gomes Freire(75) e a especial veneração que soube merecer o padre mestre dr. jubilado fr. Gaspar da Madre de Deus ao conde da Cunha(76), vice-rei do Estado, desde o tempo de sua posse em 1763 até 1767, em que tomou as redeas do governo d. Antonio Rolim de Moura, depois conde de Azambuja. São pequenas provas do muito que mereceram os benedictinos por sua reconhecida observancia de disciplina, e grande dedicação ao Estado. Como esta haverá ainda outras e talvez de maior vulto, porém as chronicas são resumidas, e faltam documentos que esclareçam perfeitamente o quadro d'essas épochas remotas.

Em 1762 appareceu o primeiro signal de animosidade contra as ordens regulares de Portugal, e por consequencia contra as casas religiosas do Brasil, que lhes eram filiadas. O ministro de D. José I, depois de haver fulminado a glo-

(75) Entre outras provas d'este asserto occorre o seguinte: em 1753 levantando-se o patibulo na praça de S. Bento por ordem da relação do Rio de Janeiro, pretendeu o abbade remover de sua visinhança tão horroroso espectaculo; mas, apezar de todas as diligencias, a nada cedeu o chanceller João Pereira Pacheco. Resolveu-se a escrever ao general G. Freire, que se achava então nas Missões; teve prompta resposta cheia de respeitos e amizade, e por ella alcançou se tirasse da vista dos religiosos o infeliz espectaculo da execução dos penitentes.

(76) Por meio d'estas relações obteve o mosteiro não ser privado em 1754 do terreno de sua ladeira, alcançou não ser molestado por Pantaleão de Sousa Telles, que era credor do mosteiro na quantia de 40.000 cruzados, além de outros lances que se não fazem patentes. Costumava o conde da Cunha fazer os maiores elogios dos monges benedictinos do Rio de Janeiro, dizendo *que lhe não davam cuidado no seu governo*; estes, em reconhecimento, por occasião da morte da condessa de Val dos Reis, mãi da condessa da Cunha, celebraram em seu templo solemnes exequias com missa de pontifical, e assistencia do mesmo vice-rei.

riosa companhia com os raios de sua injusta e deshumana arbitrariedade, entendeu que tambem entravam os institutos monasticos no rol dos obstaculos, que se oppunham á grandeza e prosperidade de sua patria; jurado inimigo do catholicismo, como o demonstraram os factos de sua celebre administração, e habituado a executar qualquer projecto que por ventura houvesse formado, sem curar muito na justiça dos meios e na dignidade das armas, julgou Pombal que convinha descarregar os golpes de seu poder despotico sobre a religião benedictina, e expediu ordem para que n'ella se não aceitassem noviços sem nova autorização do poder civil.

Publicada que foi em Portugal a prohibição, expediram-se cartas para a colonia americana, e em cumprimento do que n'ellas se ordenava avisou o secretario Francisco Xavier de Mendonça em 30 de Janeiro de 1764 ao rev.^mo fr. Francisco de S. José, provincial que então era da congregação, e aos seus successores em nome do soberano, que se não aceitassem noviços sem nova ordem, e que mandasse uma relação de todos os mosteiros, casas e residencias com o numero de sacerdotes, coristas e donatos e as suas respectivas rendas. E' evidente; o audaz ministro queria conhecer todas as forças de sua victima e calcular a extensão do golpe, que conviria descarregar-lhe.

O zeloso provincial, cujo nome tem sido já citado mais de uma vez n'este escripto, obedecendo ás ordens do soberano, pediu de todos os prelados locaes as relações exigidas, e as enviou ao mesmo secretario de Estado com carta de 12 de Maio de 1765: a do mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro foi dada em 15 de Outubro de 1764 pelo seu abbade, que então era fr. Gaspar da Madre de Deus. E' de conjecturar-se a profunda magoa com que este sabio religioso, varão de tão grandes letras

como de preclaras virtudes, recebeu a noticia da suspensão dos noviços, e compôz a relação que o governo da metropole exigira : com o olhar agudo de monge intelligente elle devia ter reconhecido um prenuncio de tormenta assustadora n'essa nuvem pequena, que apparecia nos horizontes da historia monastica !

Felizmente a tormenta se adiou, porque a Sr.ª D. Maria I,—piedosa rainha de sempre grata memoria, quando subiu ao throno de Portugal em 1777, afastando de si o perigoso ministro que lavára em sangue a infeliz terra lusitana, condemnou muitas das tyrannicas disposições do reinado anterior.

A admissão de noviços foi de novo permittida ás corporações religiosas de Portugal e do Brasil. Comtudo esta faculdade não persistiu senão até 1789, data em que se organizou a *Junta do exame do estado actual e melhoramento temporal das ordens regulares* (77).

Posteriormente cessando de existir esta *junta*, tambem se revogou o aviso prohibitivo; porém o que sobretudo influiu no espirito do governo para tão louvavel procedimento não foi a mera extincção da junta, mas a consideração dos serviços, que acabavam de prestar as ordens regulares durante a invasão franceza de 1807 a 1810.

Fr. Lourenço da Expectação Valladares, por varias vezes abbade d'este mosteiro do Rio de Janeiro, e então eleito provincial d'esta provincia na junta de 1780, foi o primeiro que teve a satisfação de usar das faculdades que o aviso de D. Maria I. concedêra ; em seu provincialato (1780—1783), e portanto sendo prelado d'esta casa de N. S. de Monserrate o padre mestre ex-provincial fr. Manoel de S. Paio, entraram para a congregação os primeiros

(77) Vide : a nota á pg. 305.

noviços, depois d'um intervallo de 16 annos. Como não exultára de prazer o sabio e virtuoso fr. Gaspar da Madre de Deus, si lhe houvesse permittido a providencia assistir á reintegração dos direitos da familia benedictina ! Infelizmente o sabio monge morreu com o lugubre pensamento da destruição lenta de sua ordem, e quando este pensamento se pudéra desvanecer, já fr. Gaspar era um nome da historia e da posteridade.

Restabelecidos a seu antigo viver, sempre observantes da disciplina e da regularidade, continuaram os monges benedictinos do Rio de Janeiro a trilhar a estrada de seus maiores, com grande gloria de seu patriarcha e aproveimento assim material como espiritual dos povos.

Começára o seculo 19° sob estes auspicios favoraveis ; a colonia americana seguia tranquillamente o curso de sua administração, e mal se puderam antever graves perturbações d'este estado de cousas. Preparava-se entretanto uma revolução nos destinos do Brasil, sem que elle o percebesse : essa revolução fal-a-iam em pouco o o Sr. D. João VI e a familia real, transferindo para o continente americano a séde da monarchia portugueza por motivos que a historia conhece.

Surgiu com effeito o anno de 1808, e aos 7 do mez de Março, sabem todos, aportou ao Rio de Janeiro a frota que conduzia o principe regente e a real familia seguida de sua numerosa comitiva. Mal se póde descrever o contentamento, que electrizava o povo fluminense, absorto e pasmo ante o presente que a mão de Deus lhe enviava.

A historia sabe como foi util para os brasileiros este inesperado successo, que trouxe apoz si, como necessaria consequencia, a emancipação politica de nosso paiz e a fundação do magnifico imperio de Santa Cruz : não nos

deteremos portanto sôbre esta materia, assás conhecida e alheia aos fins d'este trabalho.

Aqui pára a primeira parte da narração, que nos propozemos fazer. Cumpre passar agora aos successos occorridos depois do anno de 1808, que parecia trazer para todos, e em particular para a religião, um feliz annuncio de prosperidade e fulgôr, attentas as disposições benevolas naturaes do coração piedoso do principe regente o Snr. D. João VI.

Veremos como essa esperança frustrou-se em relação ao mosteiro de N. S. de Monserrate, o mais robusto galho da arvore benedictina brasileira.

Secção segunda

O MOSTEIRO DE N. S. DO MONSERRATE DE 1808 A 1869.

I.°

Administração de fr. Manoel de Loreto Bastos (1807 *a* 1811)*; como recebeu no mosteiro a todos os hospedes da comitiva real. Chegada do monsenhor Lourenço Caleppi, nuncio apostolico.—Abbadia de fr. Emygdio do Rosario* (1811—1813)*, de quem restam poucas noticias.— Abbadia de fr. João da Madre de Deus França* (1813—1819)*; como hospedou no palacio da ilha do Governador a S. A. o principe regente. Solemne acção de graças pela reentrada do SS. Papa Pio VII na cidade de Roma em* 1814. *Exequias solemnes da Sr. D. Maria* 1.ª *em* 1816. *Surgem os primeiros signaes de irregularidade no mosteiro de N. S. do Monserrate:—Abbadia de fr. Francisco de Santa Thereza Machado* (1819—1825) *; como administrou e melhorou o patrimonio da casa. Em* 1824 *aquartelam-se tropas no interior d'este convento ; consequencias inevitaveis d'este facto.*

Havia tomado posse aos 21 de Dezembro de 1807, como abbade d'este mosteiro de N. S. do Monserrate, fr. Manoel de Loreto Bastos irmão do então bispo de Pernambuco, D.

fr. Antonio de S. José Bastos (78) ex-prelado d'esta casa: foi pois durante sua administração que se deu a vinda da familia real portugueza ao Rio de Janeiro.

Desembarcadas que foram tão augustas e serenissimas personagens, teve logo o D. abbade de S. Bento occasião de manifestar bem positivamente ao principe regente a dedicação d'estes monges á causa de seu rei e de seu paiz, já offerecendo o serviço gratuito dos escravos do mosteiro para preparar-se decentemente o paço da cidade, já dando gasalhado a muitos hospedes que lhe foram mandados pelo proprio principe.

Não era de certo conveniente á regularidade d'uma casa religiosa a entrada e convivencia de tão grande numero de seculares em seu seio: mas, si a comitiva da familià real era extraordinaria e não podia acommodar-se nos aposentos do paço, si era o proprio principe quem reccorria á hospitalidade (79) dos filhos de S. Bento, o que lhes cumpria fazer? Mais tarde ainda subiram de ponto estes inconvenientes, porque aos numerosos hospedes pertencen-

(78) Está sepultado no claustro d'este mosteiro, e lê-se sobre sua lousa o seguinte epitaphio:

Lugeat caritas!
Lugeat sapientia!
Hic jacet
Fr. Antonius à S. Josepho Bastos.
Episcopus Olindensis
In Theologia Doctor.
Monachus Benedictinus.
Qui obiit
Die XVIII Quinctilis
Anno MDCCCXVIII.
Ætatis LII.

(79) Já não sendo sufficientes os commodos do mosteiro, alugaram-se casas para os hospedes á custa dos religiosos.

tes á comitiva real se reuniram os muitos individuos, que vinham das provincias para tratar de pretensões que tinham junto do governo, ou de negocios quasi sempre demorados e excessivamente longos.

Foi por esta occasião que esteve hospedado no mosteiro o nuncio monsenhor Lourenço Callepi, arcebispo de Nizibi, varão bem conhecido por sua vida diplomatica em Europa nos annos calamitosos do fim do seculo passado e principio d'este: mas Caleppi era um hospede que honrava a casa de S. Bento em vez de perturbar-lhe a regularidade e a disciplina.

Fr. Manoel de Loreto Bastos foi succedido por fr. Emygydio do Rosario em 18 de Agosto de 1811. D'este prelado não resta outra memoria, sinão que governou por pouco tempo o mosteiro do Rio, visto ser substituido em 1813 por fr. João da Madre de Deus França, que tomou posse a 22 de Outubro d'esse mesmo anno.

Dois triennios consecutivos esteve fr. João da Madre de Deus á frente da religiosa familia benedictina de N. S. do Monserrate, porque em 1816 o reconduziu no lugar o nuncio Caleppi, a rôgo e instancias do proprió principe.

N'esse tempo de administração fez o prelado grandes obsequios á pessoa de S. Alteza o Snr. D. João, captando-lhe sympathias e notavel reconhecimento. Foi então que se edificou e preparou convenientemente (80) na ilha do Governador, em terras e dominios do mosteiro, um palacete (81) de recreio onde achasse o principe lugar de remanso e paz depois de suas agitações politicas: para

(80) Esta obra, que andou em mais de 100:000 cruzados, deixou o convento muito empenhado de dividas.

(81) Ainda alli se acham muitos dos objectos e moveis que serviram ao referido snr. D. João VI.

ahi foi elle muitas vezes com toda a real familia, achando grande prazer no retiro e no pittoresco do sitio.

Por esse tempo, chegando ao Rio de Janeiro a noticia de haver reentrado em Roma o santissimo papa Pio VII a 27 de Maio de 1814, deliberou o nuncio apostolico monsenhor Caleppi, celebrar uma grande festa em signal do prazer que a todos os catholicos dava esse acontecimento: escolheu para isso o magnifico templo dos monges benedictinos, e ahi com effeito a 29 de Outubro se fez a missa solemne em acção de graças, pontificando o D. abbade fr. João da Madre de Deus e prégando o mui illustre benedictino padre mestre fr. José Polycarpo. A' esta grande festa não duvidou concorrer Sua Altesa Real, dirigindo-se em companhia de seus filhos ao mosteiro, e assistindo com a côrte e o corpo diplomatico a toda a ceremonia sagrada.

Foi tambem em tempo da administração d'este prelado que, fallecendo a rainha D. Maria I aos 16 de Março de 1816 com 81 annos de idade, celebraram-lhe os religiosos de N. S. do Monserrate exequias solemnes como derradeira homenagem de gratidão a uma soberana, que nos primeiros annos de sua vida fôra o typo da piedade, da prudencia e do amôr de seus subditos.

Entretanto, no meio d'estes factos de grande vulto, que faziam apparecer o mosteiro de S. Bento aos olhos da população fluminense com o mesmo esplendor de antigas eras, parece que começavam a surgir signaes de irregularidade e falta de disciplina. Não conhecemos os factos de modo bem positivo e bem claro, porque não ha d'elles noticia escripta; mas uma simples phrase, que se acha nos *Annaes do Rio de Janeiro* do dr. B. da S. Lisbôa, autoriza o pensamento que acima enunciamos. Tratando da administração do padre fr. João da Madre de Deus

França, diz este escriptor que « *elle conciliára e pacificára os monges* »: ora não se concilía nem pacifica senão o que de alguma fórma está em dissenção e desordem (82).

Em 1819, terminando o segundo triennio do padre fr. João da Madre de Deus, foi eleito para succeder-lhe na abbadia fr. Francisco de Santa Thereza Machado, tambem natural d'esta cidade. O que mais caracterizou e distinguiu a administração d'este religioso foi seu grande empenho e zêlo na sustentação e no melhoramento do patrimonio monastico, que havia decahido nos triennios transactos: tal é a asserção do auctor dos *Annaes do Rio de Janeiro*, confirmada pela tradição que d'esse prelado ainda hoje se guarda no mosteiro.

Não era homem de grandes letras nem de talento brilhante; mas religioso exemplar na observancia da lei, coração animado de zelo pelo progresso de sua ordem,e bom senso capaz de dirigir qualquer empreza que confiassem a sua vigilancia, foi fr. Francisco de S[ta]. Thereza Machado um administrador que prestou reaes serviços ao mosteiro de N. S. do Monserrate. Estes serviços foram reconhecidos pela junta geral, que o—reelegeu em 1822 para o mesmo cargo.

Em seu segundo triennio de prelazia teve Machado de lutar com grandes contrariedades e dissabôres: d'estes não foi de certo pequeno o que lhe causou o facto de ficar o mosteiro occupado em 1824 por tropas, que n'elle se vieram aquartelar. Estiveram ahi a principio dois batalhões de estrangeiros, que mais tarde foram substituidos por dois batalhões nacionaes. A todos os olhos era claro que,

(82) Não duvidamos abraçar esta asserção de Lisbôa, porque ella tem grandes visos de verdade. A consequencia legitima da prohibição de noviços, e da entrada de tão grande numero de seculares nos retiros do claustro era a quebra da disciplina regular.

si a presença demorada de quaesquer outros seculares no interior da casa religiosa de S. Bento trazia inconvenientes reaes á sua disciplina, com muito mais forte razão isto se houvera de dar com a presença d'uma soldadesca, em geral prenhe de vicios e amante de disturbios. O prejuizo era pois manifesto; porém o que fazer ante as ordens terminantes da autoridade civil, que não achava outro lugar azado para aquartelamento de tropas sinão o pacifico retiro dos monges? Protestar, mas receber —era o que a prudencia e a boa razão aconselhavam; eis o que se fez.

Entretanto não foi este o unico procedimento nobre dos religiosos benedictinos n'esta épocha de transes para a terra de Santa Cruz. Quando em 1822 se declarára a faustosa independencia do Imperio, o mosteiro de N. S. do Monserrate libertára a 12 de seus melhores escravos para assentarem praça na fileira dos defensores da nação, e concorrêra para todas as contribuições pecuniarias, dando 400$000 rs. para a construcção da fragata *Nictheroy*, subscrevendo para as 20 acções mensaes da marinha nacional, e preparando commodos para os estrangeiros que vieram a serviço do Imperio.

II

Administração de fr. Antonio do Carmo (1825—1829). *Suas representações ao governo imperial pedindo a separação da ordem benedictina do Brasil da congregação lusitana. Expede-se a bulla—* Inter gravissimas curas—*em* 1827, *que decreta a separação. Fr. Antonio do Carmo, nomeado pelo pontifice—D. abbade geral interino da congregação brasiliense, communica aos abbades a expedição da bulla e manda convocar uma commissão de tres religiosos para organizarem o regulamento capitular. Esta commissão dá conta de sua tarefa.*

Em 1825, aos 31 dias do mez de Julho, tomou posse como presidente d'este mosteiro o padre mestre jubilado

e ex-geral fr. Antonio do Carmo, por fallecimento do D. abbade padre prégador geral fr. Francisco de S[ta]. Thereza Machado.

Durou esta presidencia pouco mais de quatro annos sem grandes acontecimentos internos que chamem particularmente a attenção do historiador. Conservou-se o patrimonio em bom estado, reparando-se o que a occasião mostrava ser mais urgente e necessario, e satisfazendo do modo possivel os legados, ainda que perseverassem as tropas aquarteladas no convento.

O mesmo porém se não póde dizer d'um grande acontecimento que se deu n'esta presidencia ; queremos fallar da organização da ordem benedictina no Brasil, separada dos laços da congregação de Portugal. Havia já quatro annos que o Imperio brasiliense se constituira nação livre e independente ; todas as nossas instituições haviam quebrado os ferros que as manietavam ao carro do governo portuguez ; restavam só as corporações religiosas ligadas ao centro da antiga metropole com suas eleições dependentes. Ora, convinha cortar esta ligação, porque já no capitulo geral de 1825 celebrado em Thibaens haviam sido omittidas as eleições dos prelados brasileiros, em virtude da emancipação politica do Imperio effectuada em 1822 : estavam pois todos os cargos providos interinamente, o que não era regular nem conveniente á administração dos conventos.

Já o fallecido D. abbade fr. Francisco de S[ta]. Thereza Machado, comprehendendo estas razões, representára ao governo de S. M. o Sr. D. Pedro I expondo-lhe as difficuldades que estavam para sobrevir, e pedindo ao mesmo governo o necessario remedio. Mas esta representação não produziu mais do que uma promessa de pedir-se a Roma a bulla de separação.

Fr. Antonio do Carmo, ao tomar conta da administração do mosteiro do Rio em 1825, reiterou a representação dirigindo-se ao Imperador n'estes termos :

« Senhor. A V. M. Imperial recorre com o mais pro-
« fundo respeito fr. Antonio do Carmo, provincial da
« ordem de S. Bento, n'este Imperio do Brasil, e põe ante
« a augusta presença esta representação em nome da
« mesma ordem. Esta corporação religiosa existe ha quasi
« tres seculos no continente do Brasil ; possue no mesmo
« onze mosteiros, entre os quaes se contam sete abbadias
« a saber : a de S. Sebastião da cidade da Bahia, cabeça
« da provincia, a de S. Bento de Olinda em Pernambuco,
« a de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro, a da mes-
« ma invocação na provincia da Parahyba do Norte, a de
« N. S. da Assumpção na cidade de S. Paulo, a de N. S.
« da Graça no suburbio da cidade da Bahia, a de N. S.
« das Brotas no termo da villa de S. Francisco ; e quatro
« presidencias, sendo a primeira na villa de Santos, a se-
« gunda em Sorocaba, a terceira em Parnahyba, e a quarta
« em Jundiahy na provincia de S. Paulo.

« Todos estes mosteiros, legalmente instituidos em bens
« de raiz, adquiridos não só por doações onerosas como
« por outros titulos legitimos, têm aberto terrenos incultos
« com seus predios rusticos, diversas fabricas de assucar, e
« conservam productivas plantações, das quaes têm resultado
« grandes vantagens ao Estado, pelos dizimos e outras con-
« tribuições que satisfazem; suas rendas têm sido applica-
« das não sómente em conservação e reparo dos templos,
« culto divino, em alimentar os membros d'esta sociedade
« regular, mas tambem em favor de pessoas pobres e mise-
« raveis, que diariamente soccorrem, e ainda em diversas
« datas tem contribuido com sommas quantiosas em be-
« neficio da nação.

« Bem constantes e notorios são, Augusto Senhor, os
« importantes e multiplicados serviços que desde o seu
« estabelecimento tem prestado á causa publica em as mais
« perigosas crises : os monumentos da historia brasileira
« attestam o patriotismo e a liberalidade,com que os mon-
« ges benedictinos têm concorrido não só para as des-
« pezas da guerra e resgate da cidade do Rio de Janeiro,
« na invasão dos francezes em 1711, como tambem em os
« combates contra os hollandezes em Pernambuco e na
« Bahia.

« Em 1804 os mosteiros d'esta capital e da Bahia offe-
« receram o donativo de 100,000 cruzados em subsidio
« de Portugal contra a França, e ultimamente são bem re-
« centes as memorias de seus esforços e sacrificios na
« luta da independencia d'este Imperio. Por este e mui-
« tos outros actos de fidelidade se fizeram dignos da con-
« sideração e agrado dos augustos predecessores de V. M.
« Imperial, e bem assim do Sr. D. João VI de saudosa
« memoria.

« Mas esta instituição religiosa tão util á nação brasi-
« leira não só pela applicação de seus capitaes, adquiridos
« por sua industria e economia, como tambem pelo ensi-
« no da philosophia racional e theologia, e outros minis-
« terios espirituaes, a bem dos habitantes das cidades,
« villas e lugares em que têm seus mosteiros e granjas,
« se considera em circumstancias de supplicar a V. M.
« Imperial, aquella alta protecção e paternal beneficencia,
« que têm alcançado os subditos do Imperio e especial-
« mente os estabelecimentos religiosos, tão interessantes á
« humanidade, os quaes reconhecem na augusta pessoa
« de V. M. Imperial, um poderoso e pio protector.

« Debaixo de tão efficazes auspicios, intentando o sup-
« plicante preencher aquelles fins louvaveis de seu santo

« instituto, sempre protegido pelos imperantes, considera
« necessario organizar o governo claustral no Brasil, de um
« modo analogo ás actuaes circumstancias da independencia
« d'este Imperio, e desmembrando da congregação de
« Portugal a que era sujeita.

« As eleições dos D. abbades d'estes mosteiros princi-
« paes, bem como as dos presidentes das quatro mencio-
« nadas casas presidenciaes, e mais autoridades regulares,
« eram feitas em junta geral triennalmente celebrada no
« mosteiro de S. Martinho de Thibaens, cabeça de toda a
« congregação no reino de Portugal, em conformidade da
« bulla pontificia, que começa — *Causas inter dilectas* —
« expedida pelo S. Padre Clemente X em 7 de Setembro
« de 1675, que regulava a eleição dos prelados benedicti-
« nos do Brasil.

« Por causa da independencia politica d'este imperio,
« não foram eleitos no capitulo celebrado n'aquelle reino
« em o anno passado, em conformidade dos estatutos da
« ordem e bulla pontificia acima citada. Por cujo motivo,
« sendo completo o praso triennal de seus prelados desde
« o anno preterito de 1825, o actual regimen monastico é
« interino com gravissimo detrimento da disciplina regu-
« lar e administração dos mosteiros.

« O fallecido D. abbade do Rio de Janeiro, fr. Francisco
« de Santa Thereza Machado já tinha representado sobre
« este objecto, e, sendo attendida sua representação, foi-
« lhe communicado pelo ministro dos negocios estrangei-
« ros, hoje finado (83), que não convinha á dignidade do
« Imperio, nem era conforme aos sãos principios do di-

(83) Luiz J. de Carvalho e Mello, depois visconde da Cachoeira, fallecido a 6 de Junho de 1826.

« reito publico, que os mosteiros benedictinos, protegidos
« por S. M. Imperial, recebessem prelados nomeados por
« um capitulo celebrado em reino estrangeiro, e que por
« isso pelo agente brasileiro em Roma seria requerida ao
« S. Padre a bulla da separação, sendo essa impetrada e
« por intermedio do ministro brasileiro em Roma.

« Mas como o chefe supremo da igreja catholica tenha
« já concedido várias graças ao Imperio do Brasil, e seja
« de necessidade providenciar-se a organização do go-
« verno monastico da ordem benedictina, ora embaraçado
« por falta de prelados triennaes, na forma do direito ca-
« nonico adoptado em toda a igreja, e como cumpre á
« regularidade da sobredita ordem, por isso recorre e
« pede a V. M. Imperial que attendendo aos justos moti-
« vos acima expendidos, e vantagens que resultam ao
« Estado de taes asylos, abertos á innocencia, á virtude e
« á piedade, se digne de interpôr sua protecção perante o
« o santo padre, para que seja concedida a bulla de sepa-
« ração pelas mesmas causas acima ditas, e manifestas ao
« defunto D. abbade pelo visconde da Cachoeira, sendo
« permittido por S. Santidade em a referida bulla cele-
« brar-se triennalmente o capitulo no mosteiro de S. Se-
« bastião na cidade da Bahia, como cabeça da nova con-
« gregação, ou em outro qualquer onde melhor convier,
« segundo o parecer do mesmo capitulo, sendo eleitos os
« DD. abbades e mais prelados, na forma das leis monas-
« ticas, e sendo communicados á nova congregação do
« Brasil todos os privilegios, exempções e mais favores
« pela sé apostolica concedidos aos monges benedictinos
« em Portugal, e sendo o prelado geral da congregação
« brasileira tambem abbade de casa capitular, bem como
« é n'aquelle reino.— E. R. M.— *Fr. Antonio do Carmo*
« provincial »

Foi entregue este requerimento ao governo em 21 de Setembro de 1826; mas como o ministro de estrangeiros fosse substituido pelo marquez de Queluz, que não estava ao facto do assumpto, dirigiu-lhe o provincial fr. Antonio do Carmo em 16 de Fevereiro de 1827 outra representação, pedindo-lhe que levasse ao alto conhecimento de S. M. Imperial o requerimento que fôra apresentado em Setembro do anno transacto a seu antecessor (84).

Emfim convenceu-se o governo imperial da necessidade da separação, e enviou o requerimento dos religiosos benedictinos a Francisco Corrêa Vidigal, então ministro do Brasil acreditado junto de S. Santidade em Roma, para que d'elle obtivesse a competente bulla. A santa sé não podia ser surda a estas vozes de justiça, nem indifferente aos clamores de uma corporação religiosa que pedia meios de exercer mais perfeitamente seu apostolado. Accedeu pois sem demora á supplica do governo brasiliense, e mandou expedir a bulla — *Inter gravissimas curas* — (85), com data de 7 de Julho de 1827.

N'ella, depois de considerar as razões apresentadas pelo illustre provincial, declarava inteiramente desmembrada da Portugal a nova ordem ou congregação de S. Bento, denominada brasiliense, formada de todos e cada um dos mosteiros do imperio do Brasil, debaixo das mesmas leis, decretos, privilegios e prerogativas conteudas e expressas nas letras do Papa Clemente X: designava o mosteiro de S. Sebastião da cidade da Bahia para celebrar-se o primeiro capitulo da ordem, em que se elegesse o D. abbade

(84) Vide: *Annaes da provincia do Rio de Janeiro*, Tom. VI, pag. 390.

(85) Vide: *Annaes*, Tom VI, pag. 391. e *Direito civil ecclesiastico brasileiro* do sr. dr. Candido Mendes de Almeida, Tom I, pag. 1079.

geral e cada um dos superiores dos mosteiros particulares nomeados por seus nomes, e seus respectivos cargos e officios. Entretanto, até a celebração d'este capitulo ficava escolhido para administrar interinamente a congregação o religioso que ao presente gozava da dignidade de abbade provincial, com todos os direitos e privilegios que seu antecessor Clemente X conferira a essa dignidade. Lembrava depois, como cousa que lhe seria muito agradavel, a abertura de escolas publicas nos mosteiros do Brasil para a mocidade exterior, onde alumnos benemeritos pudessem aprender as doutrinas philosophicas e theologicas. Terminando concedia á nova congregação ou ordem de S. Bento brasiliense as exempções e honras, que haviam sido legitimamente outorgadas á congregação lusitana, e prescrevia a inteira observancia d'estas sagradas letras, para que jámais se pudessem impugnar, infringir, limitar ou trazer em duvida.

A 3 de Novembro de 1827 estava nas mãos do provincial fr. Antonio do Carmo a bulla do pontifice Leão XII, acompanhada do imperial beneplácito· não restava pois sinão dar-lhe execução para conseguir-se a almejada independencia da congregação do Brasil. Para que nenhuma demora houvesse neste objecto, e se remediassem os graves inconvenientes de uma interinidade geral, que pezava sobre todos os cargos da ordem, apressou-se tambem o provincial em dirigir ao abbade da Bahia uma communicação, dando-lhe conta da creação da nova ordem, separada da congregação de S. Bento de Thibaens pela bulla de Leão XII; sendo indispensavel que quanto antes procurasse satisfazer a pesada obrigação, que lhe impunha a mencionada bulla, de reunir o capitulo geral para eleições, mandava ao D. abbade do mosteiro de S. Sebastião que, convocando o padre mestre jubilado Dr. e ex-provincial fr. José de Santa

Escholastica e Oliveira, o padre mestre dr. e D. abbade da Graça — fr. Manoel da Piedade Borba —, e o Rev. padre mestre jubilado e definidor fr. Venancio do Rosario Cizimbra consultassem sobre o conteudo na constituição 2.ª, cap. 1.° e seguintes, e formalizassem um regulamento que os dirigisse na celebração d'este primeiro capitulo.

Os pontos da constituição monastica, que o provincial recommendava á leitura e consulta dos 3 respeitaveis religiosos da Bahia, afim de que organizassem um regulamento capitular, diziam respeito á celebração do capitulo geral, tempo e lugar d'essa reunião, religiosos que n'ella se deviam congregar, etc. Os veneraveis monges incumbidos da tarefa apresentaram em pouco tempo o resultado de seus trabalhos,e foi segundo elle que se celebrou o capitulo geral da congregação benedictina brasiliense no mosteiro de S. Sebastião da cidade da Bahia, aos 17 de Junho de 1829.

III

Primeiro capitulo geral da congregação brasiliense. E' eleito em D. abbade geral fr. J. de Santa Escholastica e Oliveira; suas qualidades eminentes. Defêsa d'esta eleição, em resposta ás censuras que lhe fez o dr. B. da Silva Lisbôa em seus Annaes. E' eleito em D. abbade d'este mosteiro de N. S. do Monserrate fr. Luiz de Santa Theodora—; sua administração; como conseguiu o desalojamento das tropas, que por espaço de 7 annos haviam occupado esta casa religiosa.

Celebrando-se o capitulo a 17 de Junho, n'este mesmo dia procedeu-se á eleição do D. abbade geral, que é sempre a primeira a fazer-se, e recahiu a escolha dos capitulares no padre mestre jubilado dr. ex-provincial

fr. José de Santa Escholastica e Oliveira, religioso illustrado e de muita veneração na ordem.

Esta eleição é acremente censurada pelo autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*, que a attribue a espirito de partido. Diz o dr. B. da S. Lisbôa que « o monge eleito, « pelo seu genio fraco, não era o mais proprio de fazer « executar a bulla—esse tão transcendente objecto—, mor- « mente na abertura das escolas publicas, conservação « e esplendor da disciplina monastica, que teve no espi- « rito S. Santidade na concessão dos privilegios e direi- « tos de que gozavam os benedictinos de Thibaens.»

Mas estas increpações do illustrado escriptor dos *Annaes* não tem a seu favor a justiça e a imparcialidade.

E' certo que o nomeado por S. Santidade na Bulla—*Inter gravissimas curas*,—para administrar interinamente a congregação brasiliense, isto é, o mesmo *fr. Antonio do Carmo*, que havia requerido a separação, possuia grandes predicados intellectuaes e moraes (86), que o tornavam apto ao generalato da ordem n'essa 1.ª eleição capitular; mas nem a escolha feita pelo pontifice queria indicar aos religiosos o individuo sôbre quem devêra recahir a eleição, nem faltavam os mesmos predicados de talento e virtude em fr. José de Santa Escholastica e Oliveira, que foi escolhido pelo capitulo para 1.º geral da ordem.

(86) Este venerando monge benedictino, bem que portuguez, passou o resto de seus dias no Brasil; por ultimo habitou no mosteiro de Pernambuco, onde era geral a estima em que o tinha a melhor sociedade de Olinda. Ahi, rodeado do prestigio que só o saber e a virtude communicam, fr. Antonio do Carmo inspirava á mocidade brasiliense doutrinas de optima e sã philosophia, inoculando-lhe no espirito os principios catholicos, que ainda hoje distinguem alguns dos lentes da escola juridica d'esta cidade. Um de nossos mais eminentes estadistas ainda recorda com saudade o trato ameno e a grande illustração d'aquelle filho de S. Bento.

A nomeação feita pelo pontifice Leão XII recahiu sôbre fr. Antonio do Carmo de preferencia a outros monges—, não porque fôsse elle na congregação o unico apto para levar á execução a bulla— *Inter gravissimas curas*—, mas pelo simples e justo motivo de ser então o abbade provincial, ainda eleito pela junta geral de Thibães em 1822. Quanto aos innegaveis merecimentos que occorriam na pessôa de fr. J. de Santa Escholastica, não só o estão mostrando seus honrosos titulos, não só a tradição que ainda persiste nos mosteiros benedictinos o confirma, mas o proprio fr. Antonio do Carmo, em sua communicação de 15 de Novembro de 1827 dirigida ao abbade da Bahia, o deu a perceber claramente. Pois se não fôra elle um religioso illustre (87) e de grandes predicados, seria acaso escolhido pelo mesmo provincial ao lado dos veneraveis padre-mestres Borba e Cisimbra para organizarem o importante regulamento capitular de que ainda ha pouco tratamos? Póde-se afoutamente responder pela negativa.

Guiado, ao que parece, pela parcialidade, o dr. Balthasar da S Lisbôa em sua obra vae adeante emittindo proposições que a verdade historica manda refutar e corrigir. Assim a proposito do mesmo geral eleito no capitulo de 1829 diz o autor dos *Annaes*, que fr. José de Santa Escholastica, longe de ganhar a celebridade de sua ordem, a protecção do governo e o amôr dos povos por meio da abertura de escolas publicas, e dos melhoramentos espirituaes e economicos que se tornavam necessarios, « deixou-se levar, escreve elle, de falsos prestigios na nomeação

(87) Entre outras muitas provas basta citarmos a confiança que n'elle depositava o sempre lembrado arcebispo D. Romualdo; ainda em 1828, quando este prelado veiu á sessão da assembléa legislativa, ficou fr. José de Santa Escholastica fazendo parte da commissão encarregada de dirigir o arcebispado da Bahia.

de alguns empregados que trouxeram a deshonra e aniquilação da congregação. »

Estas palavras envolvem a maior das injustiças e uma censura tão grave, que não póde passar sem reparo. Em 1.º lugar, se no generalato do padre mestre ex-provincial fr. José de Santa Escholastica se não abriram as escolas publicas de que falla a bulla—*Inter gravissimas*, deve isso attribuir-se não á falta de desejo seu, mas ao estado de decadencia em que o Estado havia posto a congregação benedictina, prohibindo-lhe a admissão de noviços e deixando-a entregue a quinquagenarios e sexagenarios pela maior parte enfermos, bem que respeitaveis por seu saber e por sua regularidade. Poderiam estes monges, alquebrados de idade e soffrimentos, supportar o pêso do ensino em grandes escolas publicas que o governo desejava se abrissem á juventude brasilienses?

Como accusar-se pois a fr. J. de Santa Escholastica por uma omissão, em que houvéra forçosamente de cahir o proprio fr. Antonio do Carmo, a quem o autor dos *Annaes* julgava mais apto para as elevadas funcções do generalato?

Em 2.º lugar é inexacto que as nomeações feitas por este prelado houvessem trazido a deshonra e o aniquilamento da ordem. O dr. B. da S. Lisbôa, cedendo aos impulsos da paixão, refere-se n'este ponto mui provavelmente ao padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, com quem teve, poucos annos depois, uma larga e desagradavel discussão.

Entretanto nem foi fr. Arsenio nomeado secretario da congregação pelo geral, mas pelo proprio capitulo a quem competia a escolha, nem se póde dizer que este religioso promovêsse a deshonra e o aniquilamento da ordem, elle que foi um dos lustres da familia benedictina no Brasil.

O mesmo capitulo de 1829, que collocou a fr. José de Santa Escholastica na elevada posição de D. abbade geral, elegeu a fr. Luiz de Santa Theodora (88) para D. abbade d'este mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro.

Tomando posse a 15 de Agosto do mesmo anno iniciou fr. Luiz essa administração,que em todos os seus pormenores nos descreve o autor dos *Annaes do Rio de Janeiro*,como se fôra a mais economica e brilhante administração da ordem benedictina. A verdade historica, que não abranda sua voz quando falla de amigos, porque os não tem, a verdade historica apenas manda confessar que este religioso alguns serviços prestou ao mosteiro da côrte.

Em 1831 alcançou da regencia, que governava o Imperio por occasião da minoridade do Sr. D. Pedro II, o serem desalojados do mosteiro as tropas, que por espaço de 7 annos se haviam conservado n'aquelle edificio. Foi realmente desanimador o quadro que então se offereceu aos olhos dos monges, ao voltarem para o silencioso retiro de seus claustros ;dir-se-hia que o genio da destruição com toda a cohorte de sua republica passára por aquelles venerandos lugares destinados á oração, á penitencia, ao estudo e ao recolhimento !

Imaginem-se as paredes interiores arruinadas, os tectos em desabamento, a immundicie por toda a parte : imaginem-se aquellas lousas do claustro cobertas de negra

(88) A eleição d'este religioso é uma nova prova de que não presidira espirito de partido á escolha do padre mestre fr. José de Santa Escholastica e Oliveira,como pretende o dr. B. da S. Lisbôa. Fr. Luiz de Santa Theodora era dedicado ao ex-provincial fr. Antonio do Carmo e seu particular amigo ; foi entretanto eleito para D. abbade do Rio de Janeiro e aceitou a escolha, não obstante ter sido aquelle excluido do generalato.

fuligem, que nem já deixava lêr as inscripções lapidares, e talvez ainda não seja o quadro bem fiel á verdade, bem conforme á dura realidade dos factos! Pois bem; d'esse montão de ruinas o D. abbade fr. Luiz de Santa Theodora concertou grande parte, deixando o mosteiro em estado de poder receber seus legitimos filhos.

Não referiremos aqui por miudo as várias reparações, que fez no patrimonio rural e no urbano, como vem nos *Annaes do Rio de Janeiro*, porque esses factos são communs a todas as administrações e nada importam á historia. Diremos sómente, em que peze a seu panegyrista, que na gerencia d'esse mesmo patrimonio foi fr. Luiz de Santa Theodora talvez menos economico (89) do que seus antecessores: não lhe cabem pois os encomios exagerados, de que o julgou merecedor o dr. B. da S. Lisboa.

(89) Julgamos necessaria esta observação para desfazer a imputação de calumnia, que o autor dos *Annaes* faz cahir sobre o prelado subsequente — fr. José Polycarpo — por haver este dito que fr. Luiz deixára o mosteiro prejudicado em mais de 60:000$000 de reis. E' certo que isso se deu; testemunham-no os *Estados* ou *Relatorios* conservados no Archivo do convento. Fr. Luiz de Santa Theodora foi esmoler-mór de S. M. o Sr. D. Pedro II.

Está sepultado n'este mosteiro do Rio, e sobre sua lousa lê-se:

« S. do Revm. padre mestre jubilado D. abbade
« Titular de Santa Maria Eboracense fr. Luiz de
« Santa Theodora França. Fallecido a 23 de Fe-
« vereiro de 1866. »

IV

Segundo capitulo geral da congregação; sahem n'elle eleitos para D. abbade geral da Bahia o mesmo padre mestre fr. J. de Santa Escholastica, e para D. abbade do Rio de Janeiro o padre mestre fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes: predicados notaveis d'este religioso. Suscita-se a questão da reforma da ordem benedictina. Circular do delegado apostolico aos chefes das casas religiosas; resposta do D. abbade geral de S. Bento. Apparece subitamente o breve de reforma, expedido pelo dr. Fabrini; fr. Arsenio da Natividade Moura, secretario da ordem, protesta contra elle dirigindo uma representação á camara legislativa. Parecer da commissão ecclesiastica da camara, assignado por Clemente Pereira e Valerio de Alvarenga, em que se reprova o breve de reforma. O dr. Fabrini dirige uma extensa nota ao governo, refutando os argumentos do parecer; o ministro da justiça promette ao delegado apostolico o imperial beneplacito, que todavia não appareceu. Sentimentos do conselheiro Aureliano a respeito da ordem de S. Bento, e proposta que apresentou em 1834 á assembléa legislativa sobre este mesmo assumpto. Fim da administração de fr. J. Polycarpo.

No anno de 1832 celebrou-se o segundo capitulo geral da congregação benedictina brasiliense, sahindo reeleito em D. abbade geral o padre mestre fr José de Santa Escholastica e Oliveira (90). Para D. abbade d'este mosteiro de N. S. do Monserrate do Rio de Janeiro foi escolhido o padre mestre fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes, varão já conhecido e considerado, quer na ordem quer no seculo. por seus talentos, lente de philosophia racional e moral

(90) Era isto prohibido pela lei organica da congregação; mas os padres capitulares estavam habilitados a fazêl-o pela dispensa que a nunciatura concedêra ao D. abbade geral, quando este em 1830 requereu um *breve* de sanação de algumas nullidades, que se haviam dado pela força das circumstancias no capitulo passado, e a *dispensa* da falta de intersticios para se poderem reeleger no capitulo futuro alguns dos religiosos actualmente empregados.
Vide: C. M. d'Almeida — obr. cit. — Tom I. pag. 1082.

no imperial seminario de S. Joaquim, e orador de nota na epocha em que o pulpito fluminense era dignamente representado por Sampaio, S. Carlos, Januario da Cunha Barboza e Mont'Alverne.

A administração d'este sábio prelado, iniciada a 12 de Agosto do mesmo anno, estava destinada a perpetuar-se na historia de sua congregação por um incidente de grande vulto, qual foi a da projectada reformação da ordem benedictina.

Já durante a abbadia transacta se déra o primeiro signal d'este projecto, com o officio (91) que dirigiu Diogo Antonio Feijó — ministro da justiça — em 3 de Dezembro de 1831 ao nuncio apostolico monsenhor Pedro Ostini, arcebispo de Tarso *in partibus*, communicando o consentimento que dava o governo a S. Ex. Revm. para que exercesse toda a jurisdicção espiritual e economica necessaria ao melhoramento d'ellas, destruindo os abusos, que com o andar dos tempos se haviam introduzido em seu seio.

Ao receber das mãos do celebre ministro da justiça esta inesperada communicação, refere-se que o nuncio exultára de prazer (92). Quatro dias depois respondeu-lhe, assegurando que se occuparia n'esse objecto summamente importante comtodo o zêlo e madureza que o caso exigia.

Em cumprimento da promessa, que ia n'estas palavras incluida, deliberou o arcebispo de Tarso metter hombros

(91) Vide: *Annaes da provincia do Rio de Janeiro*—Tom VI, pag. 415. *Direito civil ecclesiastico brasileiro*—Tom. I, pag. 1115.

(92) Quando não fosse por outro motivo, devêra ter exultado pela prova de confiança, que lhe dava o governo imperial depois das demonstrações de desgosto com que o recebeu em 1820, logo que chegou de Europa.

á empreza de melhorar as ordens religiosas, as quaes o governo em seu officio reconhecia, que haviam sempre prestado e puderam ainda prestar serviços á religião e á propria sociedade civil. Para isso expediu sem demora uma carta circular a todos os prelados regulares do Brasil, com data de 18 de Dezembro do mesmo anno, pedindo-lhes que, ouvido o definitorio de suas respectivas congregações, lhe indicassem os abusos que n'ellas convinha extirpar, e que meios se afiguravam mais proprios para conseguir esse fim.

Estavam n'este ponto as cousas, quando a 4 de Fevereiro de 1832, forçado pela aggravação de seus incommodos physicos, retirou-se o nuncio do Rio de Janeiro, passando as competentes faculdades e instrucções ao auditor dr. Fabbrini, com o titulo de encarregado dos negocios da santa sé.

Este, ao começar o desempenho de sua missão, dirigiu ao geral benedictino nova circular sobre o mesmo objecto do melhoramento das ordens, mas em termos significativos, que não devem passar desapercebidos.

N'essa circular não tratava o dr. Fabbrini de reformas; limitava-se a dar conselhos salutares de prudencia, regularidade e pratica de virtudes, que elevassem a congregação benedictina ao antigo esplendor de sua primeira phase. E' esse um bello documento de brandura e zelo religioso, a que a critica não podia deixar de tecer encomios; acompanhava-o uma carta particular ao D. abbade geral de S. Bento, em que lhe pedia o delegado apostolico que fizesse todos os esforços para salvar uma instituição tão benemerita, capaz de prestar ao Brasil importantissimos serviços, apezar de serem os tempos certamente tempestuosos.

A' circular e á carta, que lhe endereçára o dr. Fabbrini,

respondeu o abbade geral de S. Bento nos termos mais amigaveis e cortezes, como era devido a uma autoridade, que sabia exprimir-se pelo modo porque até ahi havia procedido a nunciatura apostolica ; n'esta resposta declarava o geral que reverenciava e abraçava os saudaveis e paternaes conselhos que S. Ex. Rev.ma lhe havia dirigido, pois que n'elles resplandecia a sciencia dos santos, a uncção apostolica, o zêlo verdadeiro pela glória de Deus e de toda a igreja, interesse mui particular pela conservação, credito e esplendor da congregação benedictina. Afiançava-lhe tambem que não cessaria de promover, quanto em suas fôrças coubesse, o credito e glória de sua ordem, principalmente a d'aquelle mosteiro de S. Sebastião onde, apezar do pequeno numero de monges e estes valetudinarios, se conservava a regularidade que era possivel. Quanto aos mosteiros das outras provincias cuidava que seus prelados se não haviam deslisado de seus principaes deveres. Finalmente participava-lhe que havia incumbido a seu secretario, o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, solicitar do governo licença para admissão de noviços a fim de reviver a moribunda congregação, não obstante nutrir grandes duvidas sôbre o bom exito d'essa solicitação.

Tal é em resumo a carta com que fr. José de Santa Escholastica respondeu á circular do dr. Fabbrini, encarregado de negocios da santa sé : n'ella resplandeciam prudencia, humildade e acatamento á autoridade do nuncio n'aquillo que lhe competia ordenar. Nada mais justo. Déra-lhe o delegado conselhos ; respondia o Geral que os aceitava com reverencia, porque n'elles havia sciencia de santos e uncção apostolica. Não lhe fallára de reformas ; tambem o prelado benedictino se não referiu a ellas.

Quem ao ler a narração d'estes factos poderia crêr que

um acontecimento subito e grave já estava planejado e prestes a surgir? Não se diria acaso que o maior accôrdo reinava entre a nunciatura e o prelado da congregação benedictina? Entretanto as scenas vão mudar de aspecto.

O padre mestre fr. Arsenio, que viéra ao Rio de Janeiro como portador da resposta a que acima alludimos, e encarregado de uma incumbencia extraordinaria junto ao governo imperial, teve noticia ao chegar, que o encarregado de negocios da santa sé havia levado ao ministro da justiça um *breve* sôbre melhoramentos da ordem benedictina. Era para fr. Arsenio uma sorpresa e um facto absolutamente inesperado a existencia de tal breve: parecia-lhe estranho que se propuzessem reformas á congregação de S. Bento sem ouvir sôbre ellas o prelado que, não havia muito, era tido pelo proprio delegado apostolico como pessôa digna de todo o acatamento; com razão parecia-lhe excepcional e suspeito este proceder da nunciatura, quando sua primeira circular não contivéra mais que conselhos e expressões de benevolencia.

O *breve* expedido pelo dr. Domingos Scipião Fabbrini, doutor em ambos os direitos, advogado da sacra curia romana, encarregado dos negocios do santissimo papa Gregorio XVI, e delegado apostolico ante o Augustissimo Imperador do Imperio do Brasil, era concebido pouco mais ou menos do seguinte modo:

Notava que por amôr da disciplina e da regularidade das ordens religiosas havia já o summo pontifice Pio VIII em 1829 enviado ao Rev.^mo^ Sr. Pedro Ostini — arcebispo de Tarso —, nuncio apostolico no Brasil, faculdades para proceder ao exame d'ellas, indagar os motivos da sua relaxação, reformar suas leis e promover por meio de todos os esforços o esplendor e glória das mesmas ordens. O Exm.^o^ nuncio Ostini, satisfazendo ás intenções do pontifice e ás

solicitações do governo imperial, que em letras officiaes de 3 de Outubro de 1831 o autorizára a emprehender essa tarefa, dirigira-se pois a todos os respectivos prelados provinciaes e ao abbade geral da congregação de S. Bento do Brasil, rogando-lhes o informassem acêrca dos abusos que se deviam tirar, e das reformas de que suas corporações careciam.

Agora, como se retirára para Roma o citado nuncio, declarava o delegado apostolico, munido por S. Santidade das mesmas faculdades, que havia escripto em 1.º de Março de 1832 aos referidos prelados, exigindo-lhes resposta (93) á circular de seu antecessor: mandaram alguns a desejada informação, mas não mandou-a o abbade geral de S. Bento, talvez por estar entregue aos gravissimos cuidados de reger o mosteiro capitular de S. Sebastião da Bahia, ou por causa de sua muito idade e grandes molestias. Em taes circumstancias, continúa o breve, entendeu o delegado apostolico que por *obsequio* e *favor* á congregação benedictina devia nomear-lhe um reformador, de reconhecida probidade, exempto de qualquer emprego, procuração ou administração, para que pudesse dar opportuno remedio (94) á ordem quasi moribunda.

Havendo pois consultado a varios leigos e ecclesiasticos versadissimos em taes materias, absolvia o padre mestre prégador imperial fr. Manuel da Conceição Neves de todas as penas ecclesiasticas em que estivesse acaso nodoado, e o nomeava abbade reformador da congregação Bene-

(93) Vimos já que não foi este o sentido da circular nem o da carta, que o dr. Fabbrini enviou ao D. abbade geral de S. Bento. Não podia pois esperar a resposta que desejava.

(94) O opportuno remedio não era este; era a admissão de noviços de que fallava o padre mestre fr. José de Santa Escholastica na carta escripta ao delegado apostolico.

dictina do Brasil, concedendo-lhe as faculdades que eram necessarias á visitação e reformação da ordem com todo o poder, autoridade, direitos e prerogativas que competiam ao D. abbade geral, desde já suspenso e interdicto com todo seu definitorio. Communicava-lhe portanto: 1.º a faculdade de eleger 5 definidores e 1 secretario, que o coadjuvassem no trabalho da reforma, devendo passar para o mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate d'esta cidade do Rio de Janeiro, afim de se pôr aqui em movimento a desejada obra com firme, intacta e inviolavel observancia da santa regra substancial da ordem de S. Bento; 2.º a necessidade de arrancar pela raiz todos os abusos, que se houvessem introduzido na disciplina dos mosteiros, e reformar as leis que parecessem inconciliaveis com as circumstancias do tempo e estado do Brasil; 3.º que se deviam cultivar as letras divinas e humanas, abrindo-se aulas para a mocidade brasileira, onde se aprendessem as sciencias theologicas e philosophicas; 4.º que se deviam tambem estabelecer, quando possivel fôsse, escolas menores gratuitas com ensino de religião e das linguas latina, brasiliense e indigena; 5.º que convinha cuidar na bôa, efficaz e diligente administração do patrimonio religioso; 6.º que se devia promover e facilitar o antigo e louvavel amôr da agricultura e industria tão demonstrado pelos antigos benedictinos; 7.º que convinha evitar que os monges interviessem nos negocios e nas agitações da politica, como occupação impropria de seu estado; 8.º que era licito ao abbade geral reformador e seu definitorio, assim como aos demais monges representar sôbre o negocio da reforma, propôr duvidas e transmittir observações; 9.º que esta reforma, ainda que parecesse não estar completa, seria mandada á santa sé a fim de ser confirmada por apostolicas letras do summo pontifice.

Eram estes os fundamentos sobre que competia ao padre mestre Neves entrar na obra da reformação; ficavam entretanto como presidentes dos respectivos mosteiros os que presentemente os governavam como abbades, para que não perdesse a disciplina regular de cada um dos conventos, ou a administração de seus bens.

Emfim impunha a todos os prelados, presidentes e monges, sob pena de excommunhão, que reconhecessem no padre mestre fr. Manoel da Conceição Neves seu legitimo e verdadeiro abbade geral reformador da congregação, a cuja autoridade e a cujos actos deviam prestar obediencia e veneração até celebrar-se o 1.º capitulo, que seria depois d'um anno do dia em que ficasse regularmente inaugurado o definitorio com seu abbade reformador e secretario.

Tal é a summa do breve de 22 de Junho de 1833, já o segundo que a nunciatura expedia: o primeiro, com data de 5 de Junho do mesmo anno, tinha alguma differença no conteudo das condições, e encarregava a execução da reforma ao padre fr. Luiz de Santa Theodora, ex-abbade do mosteiro do Rio de Janeiro, e principal motor de toda esta perturbação. Prevalecia-se fr. Luiz de suas relações intimas e estreitas com o delegado apostolico e seu secretario o dr. Balthazar da Silva Lisboa; ministrava-lhes informações apaixonadas, noticias sempre eivadas de despeito, e com ellas promoveu o procedimento excepcional que teve n'esta questão o dr. Fabbrini.

Quando surgiu o breve, determinou-se o então abbade d'este mosteiro, o illustrado padre mestre fr. José Polycarpo a protestar, já verbalmente já por escripto, contra a escolha, considerando ao governo a impropriedade de nomear-se reformador ao padre fr. Luiz de Santa Theodora, que na direcção d'este convento de Nossa Senhora de Monserrate

no triennio de 1829— a 1832 se havia mostrado mediocre administrador.

Era com effeito iniquo que se houvesse de confiar tão ardua missão a este religioso, quando na congregação ainda havia monges de tão grandes talentos e de vida tão illibada como Neves, Borba e outros. Tal escolha não podéra explicar-se senão por influxos de amizade e culposa condescendencia; ora se não devem estes moveis influir na direcção de negocio publico algum, muito menos o — deveram em questão de tão grande monta como era a reforma de uma congregação religiosa.

O delegado apostolico dr. Fabrini e o ministro da justiça depois de uma conferencia cederam á força das razões exhibidas pelo padre mestre fr. J. Polycarpo e, modificando o breve, deixaram-no como demos acima. Confiava-se agora a tarefa de reformador ao padre mestre jubilado fr. Manuel da Conceição Neves, varão realmente respeitavel por todos os lados que a critica historica o queira considerar. Mas restava uma duvida. Era legal a expedição do breve? Podia o nuncio apostolico fazêl-a, quando os privilegios especiaes da ordem benedictina lhe garantiam inteira independencia da autoridade dos nuncios n'estes objectos de reformação disciplinar?

Entendeu o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, como delegado do D. abbade geral da congregação, que a bem dos direitos que possuia a religiosa familia de S. Bento, lhe convinha obstar á execução d'esse breve e protestar contra elle: dirigiu pois á assembléa legislativa uma representação, que o dr. Balthazar da Silva Lisboa em seus *Annaes* chama —*serie de descomedidas e falsas arguições*, talvez porque se oppunha aos projectos de uma reforma, em que sua propria penna havia trabalhado, como

secretario da nunciatura e particular amigo de fr. Luiz de Santa Theodora.

Para nós, que já escrevemos longe da épocha dos factos, e sem laivos de parcialidade, que nos incline mais para uma do que para outra opinião, esse documento se nos afigura justo, verdadeiro e necessario. Póde-se talvez n'elle reparar a denominação de *autoridade estrangeira*, que deu o padre mestre fr. Arsenio ao delegado da santa sé, — expressão pouco conveniente nos labios d'um catholico e sobretudo d'um religioso; mas este leve defeito, que aliás acompanhava o pensar commum d'aquella épocha, não obscurece as razões em que se apoiava o digno e mui illustrado secretario da ordem. A questão era de prerogativas e direitos; ora si o monge, como discipulo de Christo, deve dar de mão a ellas e mostrar-se humilde quando se trata de sua individualidade, não póde proceder do mesmo modo quando advoga as exempções legitimas de sua religião. Aqui cumpre-lhe discutir, adduzir argumentos, protestar com energia, obrar com tenacidade e não desmentida firmeza: fêl-o o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura em sua representação dirigida á camara dos deputados.

— N'ella, depois de mostrar a sorpreza, que aos religiosos causára a noticia d'esse breve de reforma expedido a 22 de Junho de 1833, queixava-se de não ter sido ouvido o abbade geral da ordem nem seu capitulo em objecto de tanta transcendencia. Mostrava depois que o delegadó da santa sé, além de exceder os limites que foram marcados pela portaria da secretaria dos negocios da justiça, se havia introduzido a legislar e derrogar pelo breve todas as bullas anteriores expedidas directamente pela sé de Roma, quando para isto não pudéra ter poderes, porque em negocio de tanta importancia a séde apostolica não cos-

tuma delegar de suas attribuições, mas expede bullas pontificias com audiencia e conhecimento dos interessados, empregando sempre meios brandos, suaves e persuasivos. Argumentava depois o representante com o breve de Eugenio IV de 1.º de Março de 1434, com as bullas de Pio III e Xisto V, que exemptavam a congregação benedictina da jurisdicção de todos e quaesquer delegados apostolicos, determinando positivamente que se não poderia julgar cassado qualquer d'aquelles privilegios e exempções sem que d'elles se fizesse expressa e particular menção. Dizia ainda que o procedimento regular da nunciatura, quando o D. abbade geral não respondesse á carta do nuncio Ostini, devêra ser — participar ao governo de S. M. Imperial para obrigar os religiosos a produzirem os motivos de seu silencio : esta era a occasião que aguardava o mesmo D. abbade para declarar que não cedia ao delegado apostolico o direito de intervir em reformas disciplinares de sua ordem, emquanto não apresentasse este bullas pontificias expedidas directamente pela sé de Roma e autorizadas pelo mesmo governo.

Considerava mais : que o breve de 22 de Junho era uma offensa á bulla pontificia de 1827 *Inter gravissimas curas;* que não fôra consultado sinão um religioso do mosteiro da côrte, e este tão improprio para fornecer conselhos, que se havia posto exempto das leis claustraes por breve de privilegios (95) e de habito retente, sem ouvir-se o respectivo prelado ; que o abbade reformador nomeado, sendo aliás religioso de todo o merecimento, estava nas mesmas ou ainda em peiores condições do que o D. abbade actual

(95) Referia-se o padre mestre fr. Arsenio ao titulo de abbade *in partibus infidelium*, que a nunciatura concedêra ao padre fr. Luiz de Santa Theodora, sem ouvir o D. abbade d'este mosteiro de N. S. do Monserrate e o geral da congregação.

a respeito *da idade* e *das molestias*, que o breve apresentava como razões de sua escolha.

Emfim declarava o illustrado representante que, se havia nos mosteiros de sua ordem necessidade de reforma, tinham os religiosos em si todos os poderes apostolicos, porque o D. abbade geral possuia pelas leis organicas da congregação e pelas bullas pontificias referidas ampla faculdade de reunir seu definitorio e capitulo, afim de fazer as reformas que julgasse necessarias ou lhe fossem indicadas. Terminava pedindo á augusta assembléa mandasse cassar o breve de 22 de Junho de 1833, e notando que era forçoso pôr uma barreira á facilidade com que o autor d'esse havia já emittido outros breves de habitos retentes, exempções e licenças a favor de alguns religiosos, sem ouvir seus prelados e sem attender ás funestas consequencias de desordem e relaxação, que taes favores traziam aos institutos regulares.

Esta representação não podia deixar de produzir o desejado effeito, porquanto seus argumentos eram fortes e convincentes. Levada á commissão ecclesiastica da camara teve em resposta um longo e erudito parecer assignado por 2 de seus membros — José Clemente Pereira e Valerio de Alvarenga Ferreira com data de 4 de Outubro de 1833, em que a commissão declarava ficar segura de que o governo negaria seu beneplacito ao breve de reforma da ordem benedictina, á vista das razões no mesmo parecer expendidas.

A commissão, considerando a queixa dos religiosos, declarava o sobredito breve — notoriamente nullo em sua origem, abusivo, violento e attentorio em seus meios espoliativos, irreflectido e sem utilidade em seus resultados. Argumentando com a bulla de Pio V — *In imminenti dignitatis apostolicæ*—concedida para Portugal em 1566, com o

breve de Eugenio IV—*Et si ex debito ministerii pastoralis* dado em 1434 a favor da ordem de Santa Justina, e legitimamente applicavel á congregação brasiliense; argumentando com outros breves do mesmo pontifice, o de 3 de Julho de 1436—*Ex injuncto nobis desuper Apostolicæ*—, e o de 23 de Novembro de 1432—*Et si ex sollicitudinis debito*—, a commissão reconhecia como pertencentes á ordem benedictina brasiliense todos os privilegios que em sua petição ella apresentára. Concordava que haviam sido invadidos e postergados os direitos do actual D. abbade geral da congregação com a escolha arbitraria e violenta de um D. abbade reformador. Analysava depois as medidas propostas no breve da reforma e, bem que as achasse dictadas por elevados sentimentos de amôr ao adiantamento das luzes d'este Imperio, aos progressos de nossa industria agricola, e á tranquillidade publica, qualificava-as como um bello ideal de visionarios melhoramentos, que se não podiam realizar. Terminava o parecer expondo o estado de decadencia em que se achava a ordem benedictina no Brasil, reduzida a 53 religiosos e estes divididos por 11 conventos: attentas estas circumstancias, acreditava impossivel de executar-se qualquer das medidas propostas no breve de reforma, e entendia que aos monges benedictinos não convinha molestar com importunidades, que empeiorassem sua sorte já aggravada com a idéa de morte, que a cada hora lhes devia acudir ao pensamento. A conclusão era; « que se negasse o beneplacito do governo ao mesmo breve, e que a augusta camara passasse a nomear uma commissão encarregada de propôr medidas conciliadôras, que fossem capazes de proteger ao mesmo tempo os interesses dos religiosos de S. Bento até o ultimo que pudesse existir, e *os interesses nacionaes na fiscalização, e melhor*

administração dos bens da mesma ordem, de que a nação era legitima successora (96).

Claro está que as ultimas proposições d'este parecer não podiam ser aceitas como justas aos olhos do direito e da razão, porque si não convinha a intervenção de uma autoridade como a do delegado da santa sé nas reformas disciplinares da ordem, só porque antigos privilegios a eximiam d'essa jurisdicção, manda a equidade confessar que tambem na administração dos bens, e na gerencia de seu patrimonio mui legalmente adquirido e possuido, não convinha a intervenção da autoridade secular, porque o direito de propriedade em toda a sua plenitude o vedava. Mas deixando de parte esta questão, para aventar-se em occasião mais opportuna, reconhece-se que o parecer da commissão dos negocios ecclesiasticos fez no mais plena justiça ao direito dos monges benedictinos.

Entretanto a decisão da camara não podia agradar ao dr. Fabbrini; este sem demora dirige uma extensa nota ao ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça, encontrando os argumentos apresentados pela commissão, e pedindo ao governo de S. M., que se concedesse aos religiosos faculdade de recorrerem á santa sé como ao ultimo arbitro d'esta questão.

O dr. B. da S. Lisbôa no tom. VII dos *Annaes*, expondo em seus pormenores esta controversia, qualifica a representação do padre mestre fr. Arsenio como queixa injusta

(96) Esta ultima parte do parecer demonstra positivamente que a commissão não foi levada por dedicação nem por amôr ás ordens religiosas, quando emittiu seu juizo acerca da questão. Mostrou-se imparcial e equitativa, tratando da recusa do breve de reforma ; não merece pois as increpações que lhe fez o dr. B. da S. Lisbôa em seus *Annaes do Rio do Janeiro*.

e attentatoria, que não se podia jamais esperar de pessoas constituidas em dignidade na congregação benedictina; assegura que ellas com este proceder imprudentemente deshonravam a santa sé e o proprio governo imperial, que convidára o nuncio apostolico para a reforma das ordens regulares,e attribue aos monges grave contradicção no aceitarem a jurisdicção dos nuncios para uns, e regeitarem-na para outros objectos.

Mas estas increpações não podem ter perante a historia imparcial o valôr, que teriam si o dr. B. da S. Lisbôa não fôra interessado na expedição do breve, trabalhando n'elle e ouvindo as informações suspeitas de seu particular amigo.

Demais em suas palavras luz claramente a paixão: não é exacto que a representação do illustrado secretario geral da ordem benedictina *deshonrasse imprudentemente a santa sé*; tambem não é justa a accusação de contradictorios, que faz o mesmo escriptor aos filhos de S. Bento, porque todas as vezes que elles recorriam á jurisdicção do nuncio apostolico, faziam-no em negocios que por outro modo não deveriam solvêr-se. Recorriam ao delegado da santa sé em dispensas, licenças e concessão de titulos honorificos, mas isso porque a legitima autoridade em taes questões era e continúa a ser a nunciatura apostolica; negavam-se porém á jurisdicção da mesma autoridade, quando esta pretendia entrar em reformas,, que segundo os privilegios benedictinos só podiam ser intentadas pelos superiores da congregação ou pelo nuncio munido de bullas pontificias especiaes.

Entretanto, depois do parecer da commissão ecclesiastica da camara, o breve não foi discutido nem executado, bem que em nota de 12 Julho de 1833 houvesse pro-

mettido (97) o conselheiro Aureliano de Sousa e Oliveira Coutinho, então ministro da justiça, ao delegado apostolico, o dr. Fabbrini, que o governo mandaria expedir o imperial beneplacito para executar-se o breve devidamente.

Assim terminou a ruidosa questão da reforma benedictina, que originára incidentes desagradaveis, alguns até dignos de reparo; assim se pôz termo á perigosa discussão do breve — *Cum catholica Dei ecclesiæ* —, em que não deixaram de apparecer de uma parte e d'outra phrases apaixonadas e pouco proprias d'uma controversia entre prelados regulares e legitimos representantes da santa sé.

Si porém o ministro da justiça não cumpriu a promessa solemne, que havia feito ao delegado apostolico, é mister registrar-se hoje, não foi porque advogasse a causa dos religiosos benedictinos, ou porque inclinado a fazêr-lhes justiça concordasse com os argumentos adduzidos pela commissão da camara. O conselheiro Aureliano tinha vistas mais largas sôbre a reforma, e a prova deu-a em uma proposta que apresentou á mesma assembléa geral em 8 de Agosto de 1834, baseado nas informações que o D. abbade d'este mosteiro de N. S. de Monserrate lhe fornecêra em bôa fé com data de 26 de Setembro de 1833, em resposta a um aviso do governo que as requisitára.

O ministro da justiça d'então nada menos propunha e queria do que a *cessão immediata* de todos os bens monasticos em beneficio da nação, mediante certas clausulas a que se não podia recusar. Obrigava-se o governo a dar a cada religioso uma pensão annual e dois escravos

(97) Vide: Candido M. d'Almeida — *Direito civ. eclesiast.* — Tom I, pg 1133; Balthazar Lisbôa — *Annaes* —, Tom. VII pg. 52—54.

para seu serviço: promettia breves de perpetua secularização aos que o quizessem, asylo aos religiosos valetudinarios e mentecaptos, emprêgo em beneficios ou cadeiras de ensino publico aos secularizados idoneos. Compromettia-se a satisfazer todos os contractos feitos em boa fé pelos religiosos até a data da apresentação d'esta proposta, e a cumprir os legados pios com que taes bens por ventura se achassem onerados, emquanto não obtinha a necessaria dispensa da santa sé. Ficavam para a manutenção do culto divino os vasos, utensilios e mais preparatorios que havia nas igrejas; mas as banquetas, os frontaes, varios ornamentos ou quaesquer utensilios de metaes preciosos, como não fossem necessarios, remettia-os para as thesourarias provinciaes. Quanto aos conventos, que em virtude d'esta lei revertiam aos dominios da nação, seriam applicados pelo governo a objectos de utilidade publica, segundo julgasse mais conveniente.

Não podia o plano ser mais estupendo; era a cópia perfeita das iniquidades de Portugal! Lá se aluiam n'esse mesmo anno as ultimas columnas do claustro; era preciso que tambem no magnifico imperio americano se attentasse contra a vida das infelizes corporações monasticas, condemnadas pelo philosophismo!

Felizmente, como diz o sr. dr. Candido Mendes, não teve esta proposta outro resultado, além de uma ameaça aos mosteiros dos benedictinos. As cousas conservaram-se no mesmo pé e nenhuma obra mais se fez. Verdade é que na sessão da camara temporaria de 1.° de Setembro do mesmo anno foi approvado um requerimento das commissões reunidas de orçamento e ecclesiastica sobre esta proposta, em que se pedia ao governo o inventario do activo e passivo da ordem dos carmelitas, e uma informação sobre o estado d'essa communidade. O inventario

exigido foi apresentado por parte do ministro da justiça em sessão de 22 do mesmo mez: porém cifrou-se tudo n'isto; até hoje a proposta ainda não chegou a ser discutida, nem passou tão pouco á categoria de lei, por honra nossa e dos legisladores brasilienses.

Taes foram os successos que encheram de continua perturbação o triennio de abbadia do padre mestre fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes, que em outras circumstancias pudéra prestàr a este mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate os maiores serviços, graças a seu solido talento e ás nobres qualidades de seu caracter. Fez entretanto uma administração proveitosa ainda pelo lado material, porque, satisfazendo a todos os provimentos, cumprindo todos os legados e suffragios, pagando os salarios e ordenados, conseguiu amortizar 34:623$683 da divida de 66:625$038 que recebêra do triennio transacto. Pelo lado moral excusado é repetir-se o que a narração dos factos está por si dizendo: fr. José Polycarpo fez ao lado do padre mestre fr. Arsenio um papel sempre digno na questão capital do tempo de sua abbadia; com elle defendeu os direitos postergados de sua ordem; com elle recorda hoje a historia seu nome, escripto em letras d'ouro nos fastos da religião de S. Bento.

V.

Terceiro capitulo geral da ordem. Auspicios favoraveis, sob os quaes se reuniu, depois da resolução da assembléa provincial da Bahia, que abriu os noviciados das ordens de S. Bento, de S. Francisco e do Carmo. São eleitos: em D. abbade geral o padre mestre fr. Manoel da Çonceição Neves, e em D. abbade do mosteiro do Rio o padre mestre fr. Rodrigo de S. José. Resolução do capitulo em relação á reforma e ao estabelecimento de aulas. Admissão solemne dos 10 *primeiros noviços que entraram então para a ordem. Viagem do geral ao Rio de Janeiro, e resultados que ella deu. Abertura do primeiro collegio.*

Em 1835 celebrou-se o terceiro capitulo geral da congregação brasiliense no mosteiro de S. Sebastião da cidade de S. Salvador da Bahia. Esta data é certamente memoravel na historia da ordem benedictina pelos sucessos que vão ser historiados.

A providencia sabe tirar do mal o bem, parecendo ás vezes servir-se de tempestades e abalos para assegurar a bonança e a tranquillidade do dia seguinte: é a mesma acção benefica das tormentas, que depois de uma chuva de raios purificam e amenizam as atmospheras inficionadas.

E' indubitavel que em 1833 estava a ordem de S. Bento decadente, pode dizer-se, agonizante e moribunda. Não tendo em seu seio mais que 52 religiosos, e estes pela maior parte valetudinarios ou velhos; vista com máos olhos pelos poderes do estado, que lhe preparavam o golpe decisivo da extincção, claro estava que nenhuma esperança de vida devia luzir á imaginação do seus filhos: reinava profundo desánimo em quasi todos os membros da familia religiosa, que de vagar e aos poucos se sentia cada anno mais proxima da morte. Mas parece que a providencia, prudente e

sapientissima em todos os seus decretos, fez surgir a tumultuosa discussão do breve da reforma para acordar nos peitos enfraquecidos ainda algum brado de animação. Feridos em seus direitos e exempções os monges reagiram; sentiu o povo brasiliense que n'aquelle corpo semi-morto ainda havia restos de calôr vital, como debaixo das cinzas de um vulcão ainda ferve ás vezes a lava encandescida: por isso animou-o, e realizou-se a verdadeira resurreição da ordem benedictina brasiliense.

Aos 23 de Junho de 1835 a assembléa provincial da Bahia, animada de zelo pela justiça e pelo brilho da religião, aproveitando-se das prerogativas que lhe concedêra o acto addicional da Constituição, legisla sobre conventos, e expede (98) autorização para se admittirem 30 noviços em cada uma das ordens de S. Bento, de S. Francisco e de N. S. do Carmo. Este era o remedio efficaz para a salvação do enfermo que agonizava.

Sob os auspicios de tão feliz acontecimento reune-se em Julho seguinte no mosteiro de S. Sebastião um capitulo cheio de esperanças e procede á eleição dos prelados. Recahe a nomeação de D. abbade geral no venerando padre mestre fr. Manoel da Conceição Neves, de quem já fallamos anteriormente; para D. abbade d'este mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate sahe eleito o padre mestre fr. Rodrigo de S. José, religioso de vasta illustração que por muitos annos fôra bibliothecario d'esta casa.

(98) Nas discussões, que então se travaram no seio d'essa assembléa, foram notaveis orando a favor das ordens religiosas: o dr. Antonio Pereira Rebouças (hoje conselheiro Rebouças, illustre veterano da independencia), o sempre lembrado dr. Calmon (mais tarde —marquez de Abrantes—) e o fallecido dr. João José de Moura Magalhães, talentoso lente da faculdade juridica de Olinda, que, não obstante repellir em these as instituições monasticas, dizia que só por justiça e equidade se lhes devia conceder a entrada de noviços.

As escolhas, tanto de um como de outro prelado foram felizes; mas sobretudo a do padre mestre Neves para geral da ordem foi, póde dizer-se, uma escolha salvadora. Entretanto não se limitaram a isto os padres capitulares: possuidos de grande zêlo pelo esplendor da sua religião determinaram nomear uma commissão de religiosos para entrarem na reforma de suas leis monasticas, que devia ser apresentada no capitulo seguinte e levada á approvação apostolica da santa sé. (99)

Emfim decretaram tambem que, conforme ao recommendado pelo S. Pontifice Leão XII na bulla — *Inter gravissimas curas* —, se estabelecessem aulas pelos diversos mosteiros da congregação.

Foi este procedimento digno de todo o louvor. Reconheceram os filhos de S. Bento que agora eram realizaveis os projectos de melhoramento da ordem, porque estava preenchida sua condição essencial — a admissão de noviços—; levantaram pois por iniciativa propria o brado de

(99) Por ser o padre mestre Neves o mesmo religioso que o breve de reforma—*Cum catholicæ Dei Ecclesiæ*— nomeára por D.[r] abbade geral reformador, entende o dr. B. da S. Lisbôa em seus *Annaes* que o capitulo desautorizára os dois monges autores da representação dirigida ao publico e á camara. Adiante diz mais que, procedendo d'esta maneira, a ordem puzéra de lado *orgulhosos privilegios* e se lançára nos braços da santa sé. Parecem entretanto descabidos estes regosijos: 1.° o breve do delegado apostolico não foi repellido por confiar-se a missão de reformador ao padre mestre fr. M. C. Neves, varão reconhecidamente virtuoso e por todos os titulos respeitavel, mas por motivos que já foram expendidos atraz. 2.° a ordem, nomeando agora uma commissão de seu seio para trabalhar na reforma das leis monasticas, não pôz de lado, ao contrario serviu-se para isso de seus legitimos privilegios. Quanto á approvação da santa sé, é bem sabido que nunca os monges benedictinos negaram obediencia ao pontifice; recusaram-se apenas á jurisdicção de um delegado, que pretendeu iniciar e executar reformas sem ouvir si quer os prelados da congregação.

reforma, que fez erguer-se do abatimento a já desanimada familia religiosa.

A 17 de Setembro do mesmo anno, na igreja do mosteiro da Bahia, se fez a ceremonia de entrada dos 10 primeiros noviços admittidos pelo D. abbade geral; foi o virtuoso e illustrado D. Romualdo Antonio de Seixas quem lhes lançou o habito de S. Bento, proferindo um discurso eloquente e sensibilizador, repassado d'aquella uncção que era tão peculiar á palavra do sempre chorado arcebispo.

Entretanto este mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate do Rio de Janeiro começou em 1835 a ser administrado pelo padre mestre fr. Rodrigo de S. José, a quem de certo não faltaram talentos para occupar um lugar honroso na historia de sua corporação. Não são todavia os grandes talentos sempre os mais aptos para direcções e quaesquer governos; aproveita mais n'estes lugares um tino prático especial, que nem sempre se acha reunido a uma intelligencia poderosa, e que se não ganha sobre os livros, mas que dado pela natureza amadurece e ganha vigor com as lições da experiencia e do trato do mundo.

Em 1837 veio ao mosteiro do Rio de Janeiro o D. abbade geral com fito de cortar por alguns abusos, que os muitos annos de relaxação de disciplina haviam plantado no seio da communidade. A proverbial firmeza de caracter, que distinguia esse *benemerito da disciplina regular*, como algures o chamou D. Romualdo; a constancia com que sabia o padre mestre Neves vencer paixões, emmudecer interesses e transpor obices de todo o genero — alcançou emfim o que a muitos parecêra impossivel! Mandando vir da Bahia para este mosteiro 10 dos noviços, que até essa data já haviam tomado o habito de S. Bento, fez reviver o choro, restabeleceu a regularidade de outras repartições e abriu o primeiro collegio.

Nomeado o padre dr. fr. Paulo da Conceição Moura mestre d'estes novos athletas da vida monastica, começaram os trabalhos collegiaes com grande esperança do incansavel padre mestre Neves; entretanto os incommodos physicos d'aquelle religioso se aggravaram por tal forma, que forçoso foi dispensal-o da ardua missão do magisterio. Aqui nova contrariedade e novas lutas: na dura alternativa de fechar o collegio ou convidar para dirigil-o pessoa estranha á regra benedictina, porque afóra o padre dr. fr. Paulo não havia então no mosteiro do Rio outro religioso idoneo para o magisterio, preferiu o zeloso prelado o segundo alvitre, porque diante da educação d'esses jovens que eram a esperança da ordem de S. Bento deviam sacrificar-se futeis preconceitos de amor proprio. Foi convidado para essa tarefa um illustrado carmelita, o padre mestre ex-provincial fr. José de Santa Euphrasia Peres, que, em honra da verdade deve dizer-se, desempenhou cabalmente o honroso encargo que a seus hombros confiára o D. abbade geral. Fez-se o trabalho do collegio com a possivel regularidade, e preparou-se a nova geração de religiosos, que deviam mais tarde (100) sustentar dignamente a glória de sua ordem. Não restava senão continuar a obra da restauração sobre os fundamentos estabelecidos, porque o mais difficil estava feito, o mais agro do caminho estava vencido.

(100) Ainda pertenceu a essa turma de collegiaes o rev. p. p.^{or} geral fr. José da Purificação Franco, que hoje dirige este mosteiro de Nossa Senhora de Monserrate como seu D. abbade.

VI.

Reune-se o 4.º capitulo geral em 1839, sendo eleito geral o padre mestre fr. José de S. Bento Damasio, e D. abbade do Rio o padre prégador fr. Marcellino do Coração de Jesus. Administração d'este prelado por espaço de 3 triennios consecutivos; obras e grandes reparos que fez no edificio do convento e no patrimonio da casa. Contrato com a camara municipal da côrte para abertura de ruas no terreno occupado pela horta do mosteiro. Morte de fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes.

Nos trabalhos de reforma da disciplina regular e organização definitiva do collegio estabelecido no mosteiro do Rio passou-se o anno de 1838 em que devia celebrar-se o 4.º capitulo geral; mas por dispensa da santa sé, que attendeu aos beneficios incontestaveis da demora do padre mestre Neves no Rio de Janeiro transferiu-se para o anno seguinte a celebração do capitulo. Reuniu-se elle com effeito em 1839, sendo eleitos em D. abbade geral o padre mestre fr. José de S. Bento Damasio, que havia sido procurador do mosteiro, e em D. abbade do Rio o padre prégador fr. Marcellino do Coração de Jesus, que depois de alguns annos de ausencia na provincia do Rio Grande do Sul voltára ao retiro de seu claustro.

Fr. Marcellino, encontrando no Rio de Janeiro a disciplina a meio estabelecida, não achou grandes obices para sua administração, que durou 3 triennios consecutivos, de 1839 — 1848. Religioso, não de grandes letras, mas dotado d'esse bom senso natural que ajuíza melhor do que uma profunda sciencia os homens e os acontecimentos, era este prelado no trato — affavel e sincero, nas relações exteriores — notavelmente caridoso, nos actos de sua religião — grave e sisudo.

Foi durante o segundo triennio de sua abbadia, aos 6 de Março de 1843, que se approvou um contrato feito

pela ordem benedictina com a camara municipal da côrte para a abertura de ruas no terreno que medeia entre a rua nova de S. Bento e a travessa ds Santa Rita (então becco dos Cachorros): de accôrdo com esse contrato aforando o digno prelado toda a porção do terreno a particulares, construiram-se grandes edificios e abriram-se as duas ruas — *dos Benedictinos* e *Municipal*, que são hoje centro d'um animado commercio.

Durante os nove annos consecutivos, que este religioso dirigiu o mosteiro de N. S. do Monserrate, grandes reparos se fizeram na igreja e no proprio edificio do convento. Ladrilharam-se de marmore a sacristia, a casa de esguicho, o arco-cruzeiro, o pavimento de todas as capellas dos altares e o centro da igreja: reparou-se o dourado de todo o Templo, dourando de novo o que não era possivel aproveitar: retocaram-se as imagens e pinturas, e collocaram-se os grandes lustres que ainda hoje se vêm. Mas ainda não parou n'isto o zelo do activo abbade. A construcção de um zimborio e o retelhamento da igreja; a compra custosa de paramentos para esplendor do culto divino; a reparação da capella do santuario, cuja existencia é um penhor sagrado para a familia de S. Bento; as obras feitas no chôro, nos claustros e nos dormitorios; a reconstrucção do choristado e os reparos do noviciado; a preparação da hospedaria para receber de modo condigno á sua alta posição o venerando arcebispo D. Romualdo, que se recolhia á sombra do sagrado patriarcha todas as vezes que vinha á côrte; emfim a dispendiosa preparação do palacete da ilha do Governador, que houve de ser convenientemente adornado quando se esperou que fossem honral-o com suas Augustas presenças SS. MM. Imperiaes; tudo isso foi planejado e traduzido em prompta realidade pelo genio emprehendedor e laborioso de fr. Marcellino.

A verdade manda confessar que se em taes obras houve de fazer-se uma despeza grande, e talvez superior ao que podiam supportar as rendas do mosteiro, é tambem verdade que este edificio mudou de aspecto, melhorando evidentemente de condiçõos.

Muito o auxiliou em todo o trabalho da administração, a ponto de merecer-lhe um louvor especial, o Rev. padre prégador urbico fr. José de S. Carlos Dutra que na idade de 50 annos accumulava os penosos encargos de procurador do mosteiro, mordomo, mestre de obras e administrador de fazenda.

Falleceu no decurso de seu 1.º triennio o illustre p.e m.e fr. José Polycarpo de Santa Gertrudes (101), cuja bibliotheca cheia de livros bons e escolhidos se reuniu á grande bibliotheca do convento. A morte d'este veneravel filho de S. Bento foi uma das mais tocantes scenas, que a communidade benedictina tem experimentado. Sentado em seu leito de dôr, ouvindo já os accentos suaves da harmonia

(101) Como lente de philosophia racional e moral no antigo seminario de S. Joaquim deixou este religioso um nome, que é ainda hoje repetido com acatamento por seus discipulos. Seguindo as idéas mais vulgarmente abraçadas n'aquella épocha, professava fr. J. Polycarpo, mas com extraordinario talento, as theorias sensibilistas de Condillac.

Sepultou-se no claustro d'este mosteiro, e sobre sua lousa lê-se o seguinte epitaphio:

« S. do Revm. padre mestre jubilado ex-abbade
« prégador imperial membro da academia das
« sciencias e director das escolas primarias da
« provincia do Rio de Janeiro, fr. José Polycarpo
« de Santa Gertrudes. Falleceu em 12 de Janeiro
de 1841.

dos céos, que o chamavam para outra vida, fr. José Polycarpo encarou o ultimo transe com toda a serenidade dos justos : philosopho, mas philosopho christão e purificado por uma penitencia sincera, elle pedia perdão (102) a seus companheiros, rogava-lhes que entoassem o officio de finados, dizia palavras cheias de sabedoria, e esperava contente os decretos do Altissimo. — *Manus Domini tetigit me*— disse elle ao cahir no leito do soffrimento, e disse-o com voz prophetica, porque em realidade a mão do Senhor o tocou.

(102) Refere-se que poucos dias antes de morrer, lembrado das questões desagradaveis que havia tido com o dr. Fabbrini por occasião do breve da reforma, mandára pedir-lhe que viesse vêl-o. Este ultimo pedido do monge, que queria subir reconciliado á presença do Eterno Juiz, foi recebido pelo delegado apostolico com a benignidade que era de esperar-se; o dr. Fabbrini prometteu satisfazel-o. Mas, facto singular! E' repentinamente victima de uma enfermidade mortal, e entrega a alma ao Creador sem haver tido tempo de abraçar o virtuoso benedictino.

O dr. Fabbrini foi sepultado n'este mesmo mosteiro : lê-se sobre sua lousa o seguinte epitaphio :

Dom.
Ex. D. Domi Scipioni Fabbrini
Domo Bia
Qui tum Invicta Animi
Fortitudine. Tum Scriptis
Sedis Apostolicæ Auctoritatem Sostinuit Defendit.
Gregori XVI, Internuntius Apud
Petrum II Brasil.
Æternum victurus in pace
Decessit Die VII Jan. A. D. M.D.C.
CCXLI. Fratres et Amici Moerentes.
Faventibus Abbat. Pr. Hujus
Monasteri.
P.

VII

Celebra-se o 7.º capitulo geral, em que sahem eleitos: para geral o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, e para D. abbade d'este mosteiro o R. p. prégador geral fr. Antonio Joaquim de Jesus Maria Lamego. Administração d'este prelado; como diminuiu os embaraços da casa. Cuidados que lhe mereceu o patrimonio religioso.

Celebra-se o 8.º capitulo em 1851 *e vem por D. abbade do Rio o padre fr. Marcellino do Coração de Jesus. Solemnidades que então houve n'este convento. Morte do padre mestre fr. Rodrigo de S. José.*

Em 1848 celebrou-se o 7.º capitulo geral da congregação benedictina brasiliense, e sahiram eleitos em D. Abbade geral o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, e em D. abbade d'este cenobio de Nossa Senhora de Monserrate o R. p. prégador geral e ex-geral fr. Antonio Joaquim de Jesus Maria Lamego.

Encetou este prelado a 2 de Setembro do mesmo anno sua administração, que á luz imparcial da historia deve ser tida entre as administrações uteis e regulares d'esta casa. Achando o convento empenhado em compromissos pelo abbade antecedente determinou-se a fazer esforços por solvel-os e, se o curto espaço de 3 annos lh'o não permittiu em totalidade, é certo todavia que diminuiu os grandes onus e embaraços do convento. Tendo certeza de que a fazenda dos Campos dos Goitacazes corria mal dirigida e entregue ao deleixo, não hesitou em ausentar-se da côrte e ir em pessoa cortar os abusos da administração : cumpre dizer-se que colheu mui bons resultados d'este acto, conseguindo restaurar aquella parte do patrimonio, e fazendo-a entrar em novo caminho de progresso.

No mosteiro do Rio fez trabalhos notaveis, entre outros — a cultura do morro adjacente ao edificio do convento, e a construcção d'um jardim de recreio, obra que levou a felicissimo resultado, bem que a todos parecesse em seu começo extremamente difficil, senão impossivel. No patrimonio urbano fez tambem várias obras, das quaes merece nota a construcção de um bom edificio na rua nova de S. Bento junto ao portão do mosteiro.

Em 1851 effectuou-se na cidade da Bahia o 8.º capitulo, que devia tomar conhecimento da direcção dada á ordem pelos prelados que terminavam seu tempo, e eleger novos que tomassem o leme do governo.

Foi honrado com segunda escolha para geral o padre mestre fr. Arsenio da Natividade Moura, cujo zêlo extremo pelo engrandecimento de sua ordem encontrou ainda d'esta vez nos monges benedictinos seus irmãos aceitação e reconhecimento.

Para o mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate foi eleito o padre prégador geral jubilado fr. Marcellino do Coração de Jesus, que já o havia administrado por 3 triennios consecutivos. Tomou posse a 15 de Junho do mesmo anno : durante o periodo de sua nova abbadia não occorreram a esta casa de S. Bento grandes successos, que a perturbassem de seu viver ordinariamente tranquillo, nem a este triennio cabem as accusações de pouca economia, que talvez com alguma razão se puderam fazer ao seu governo dos 9 annos.

Celebraram-se então na igreja de S. Bento duas solemnidades, que não devem passar desapercebidas : foram a sagração do fallecido bispo do Rio-Grande do Sul, D. Feliciano José Rodrigues Prates, e as exequias de S. M. a Rainha de Portugal, D. Maria II, a pedido do ministro e consul da mesma nação.

A Bibliotheca do mosteiro teve n'este tempo de governo um consideravel augmento de cêrca de 1,000 volumes, pela maior parte pertencentes ao espolio do padre mestre fr. Rodrigo (103) de S. José, que depois de uma longa en-

(103) Pouco depois de deixar sua abbadia em 1839, foi este sabio religioso chamado pelo governo imperial para vice-reitor do imperial collegio de Pedro II, onde se conservou por largos annos até adoecer gravemente em 1851 ; era então reitor d'este estabelecimento o illustradissimo e venerando sr. dr. Joaquim Caetano da Silva, muito seu amigo e admirador.

Fr. Rodrigo, versado em letras e poeta distincto, destruiu e inutilizou a maior parte de seus escriptos ; restam todavia algumas producções de sua lyra, dispersas aqui e acolá, ou ainda envoltas nas sombras do archivo. Corre impressa em uma das *Revistas* d'este Instituto Historico e Geographico Brasileiro — o *Cantico*, que compôz em oblação á memoria do principe o Sr. D. Affonso, rematado pela magnifica traducção do psalmo 89° ; no tom. 3.° do jornal— *Guanabára* — (1850) lê-se uma mimosa poesia que offereceu ao sr. dr. J. Caetano da Silva : emfim existem ineditas algumas composições d'este illustre benedictino, que não podemos deixar de publicar n'este trabalho, todo dedicado a publicar as glorias da familia de S. Bento. Leiam-se as magistraes traducções dos psalmos de David, que se seguem :

Psalmo 42.°—*Judica me Deus*— etc.

« Julga-me, ó Deus ; meu pleito discrimina
« De uma gente não santa : do enganoso
« Homem iniquo livra-me propicio
« Com tua mão potente.

« Pois tu és, ó meu Deus, a minha fôrça ;
« Porque me rejeitaste ? E porque triste
« Caminho, quando accêso me persegue
« Meu injusto inimigo ?

fermidade fallecêra a vinte e quatro de Abril de 1853. A

« Envia a tua luz, tua verdade,
« Que de pharol me sirvam, que me guiem
« Ao teu monte sagrado, aos tabernaculos
« Onde é tua morada.

« E ao altar do meu Deus terei accesso,
« Ao Deus que alegra a minha mocidade ;
« O' Deus, Deus meu, na cithara hei de louvar-te
« Com doce melodia.

« Porque razão minh'alma te entristeces ?
« Porque assim conturbada me conturbas ?
« Espera em Deus, a quem solemnes hymnos
Cantar inda pretendo.

« De alegria ha de encher o meu semblante
« Aquelle em quem espero : elle ha de dar-me
« Eterna recompensa, pois confio
« No Senhor, no meu Deus.!

Psalmo 81.º—*Deus stetit in synagoga deorum*—etc.

« Com olhar penetrante, que perscruta
« D'alma os intimos seios, Deus assiste
« Invisivel no gremio dos juizes
« Divindades da terra ;

« E da sua justiça na tremenda
« Infallivel balança, inexoravel
« Em meio d'elles péza e sentenceia
« Os mesmos julgadores.

« O' vós, que sois das leis depositarios
« E os arbitros dos homens, até quando
« A vara torcereis p'r'a iniquidade
« Protegendo os culpados ?

ordem guarda d'este religioso a mais grata lembrança,

« Fazei justiça ao misero indigente
« Ao pupillo infeliz : d'esses que gemem
« Esquecidos, humildes, em penuria
« Sustentai o direito.

« Sim a aquelles, que arrastam suspirando
« Da pobreza e indigencia os grilhões duros,
« Amparo concedei, salvai das garras
« Do oppressôr poderoso.

« Mas, ó nescios mortaes que não quizeram
« Saber e conhecer ! Erram em trevas :
« Da ordem social abalam, minam
« As bases immutaveis.

« Augusta prole sois do Deus excelso
« E deoses todos vós : eu mesmo o disse ;
« Mas haveis de morrer, como perece
« Qualquer fragil humano.

« E assim como da terra cahe um grande
« Pelo Anjo da morte fulminado,
« Assim cahireis vós precipitados
« Com estrondoso baque.

« O' meu Deus apparece, vem tu mesmo :
« No teu recto juizo julga a terra,
« Pois hão de ser os povos do Universo
« Teu reino, tua herança. »

Psalmo 84.°—*Benedixisti, Domine, terram tuam*—etc.

Strophe 1ª.

« Essa terra, Senhor, dos teus prodigios
« Theatro magestoso, herança tua,
« Com torrentes de bençãos
« Da tua mão clemente enriqueceste ;
« Do teu Jacob fiel te apiedaste,
« E as pezadas algemas
« Do cruel captiveiro lhe quebraste.

porque n'estes ultimos annos poucas illustrações têm alli apparecido iguaes ás do benemerito ex-abbade de 1837, e

Epodo

« Ao povo teu mesquinho
« Com torpe fealdade
« De infanda iniquidade
« Por manchas nodoado
« Perdoaste—encobriste o seu peccado.

Antistrophe

« Das tuas iras o tremendo incendio
« Applacaste,—e os furores
« Da tua indignação, que o braço erguia
« Do raio ardente armado
« Para vibrar o golpe—suspendeste.

Strophe 2ª

« A ti nos chama, ó Deus que nos salvaste,
« Longe aparta de nós a furia accêsa
« Que abraza o teu semblante.
« Que!! sempre has de mirar-nos iracundo?
« Teu furor com sobr'olho austero e duro
« Estenderás acaso
« A's gerações envoltas no futuro?

Epodo

« Meu Deus, si em nós puzeres
« Teus olhos piedoso,
« O povo teu ditoso
« Louvôres cantará,
« E em ti com prazer santo exultará.

Antistrophe

« O' mostra-nos, Senhor, essa ineffavel
« Misericordia tua:
« Faze-nos vêr a luz clara e divina
« Da redempção futura,
« Dá-nos o Salvador, manda o teu Christo.

no proprio tempo em que seu talento mais brilhava, tal-

Strophe 3ª

« A celeste palavra, que soltarem
« De Deus, de meu Senhor os puros labios
« Escutarei attento :
« Porque para os seus justos paz constante
« Ha de elle annunciar-me, p'ra o seu povo,
« P'ra aquelles qne conversos
« A elle voltam com affecto novo.

Epodo

« Já perto p'ra os que o temem
« Vem sua redempção ;
« Medonha escuridão
« A sua luz desterra,
« Para que habite a gloria em nossa terra.

Antistrophe

« A Clemencia e a verdade se encontraram
« Nos pavilhões eternos :
« A Justiça e a paz em doce amplexo
« Com amavel sorriso
« Uma a outra osculou na face augusta.

Strophe 4ª

« Nasceu da terra a candida verdade ;
« E do alto des Céos volvendo os olhos
« Mediu com vista aguda
« A sagrada Justica a face inteira
« Do Universo, que a sabia Mão creára
« Para ser de sua gloria
« Em toda a idade a maravilha clara.

Epodo

« Pois ha de o Senhor nosso
« Com viva caridade
« Sua benignidade
« Mandar-nos ; e impolluto
« A nossa terra brotará seu fructo.

vez não houvesse outro que pudesse ser-lhe equiparado no que respeita a variedade de conhecimentos e cultivo esmerado das boas letras.

Antistrophe

« De victorias cercada, de triumphos,
« Ante elle refulgindo,
« Como um astro a justiça ha de ir marchando,
« E luzentes vestigios
« Na estrada triumphal irá deixando. »

Não resistimos ao desejo de transcrever para este lugar os bellissimos versos, que dedicou Fr. Rodrigo a um de nossos mais distinctos litteratos; demonstram elles a altura a que sabia elevar-se a lyra inspirada do religioso benedictino, quando o sagrado fogo do enthusiasmo lhe accendia os labios e acordava o èstro.

Devemos a leitura d'este manuscripto á bondade de um illustradissimo filho de S. Bento. Ei-lo :

« Monte decurrens velut amnis imbres
« Quem super notas aluere ripas
« Fervet, immensusque ruit profundo.

Horat. L. 4.

« Qual rio, que dos montes se despenha,
« E co'as cheias erguido sôbre as margens
« Em fervidos bulhões se precipita
« Redemoinhando immenso.

Dr. Joaquim Caetano da Silva.

« Quando o peito fervendo, a mente em chammas
« De incendio, que fremente agudas farpas
« Arroja aos Céos de undantes labaredas,
« Sagrado enthusiasmo.

« Te envolve em turbilhões, e da terrena
« Mansão da humana prole te arrebata,
« Inspirado cantor, ao claro Olympo
« Sôbre os rutilos orbes :

« Quem ha que accompanhar o vôo altivo
« Ouse da Aguia real, que os olhos fita
« No planeta do dia, e soberana
« De um olhar mede a terra ?

Quanto a fr. Marcellino, completou o tempo de sua administração sem outros incidentes; ao termina-lo, foi

« Quem ha que a altura immensa a que remonta
« Se atreva a calcular? Nota-se o gyro
« D'esses sóes mil e mil, que o throno esmaltam
« Da rainha da noite;

« Mas cercado da luz, do fulgor vivo
« Que dardejas em facho, com assombro
« O homem te contempla sem que possa
« Medir tua carreira!

« D'alli, sol eviterno, vês passando,
« Como eolio tufão, seculos, idades,
« Povos, reinos, heróes, egregios nomes
Que no pégo se abysmam,

« D'onde á luz resurgir não lhes é dado,
« E onde rangendo em quicios de diamante
« Pezadas portas de ferrolhos cento
« Mysterios enthesouram.

« Porém não ... a teus pés em panorama
« Se desdobra o passado, quaes se mostram
« De Eneas ao cantor—do Elysio e do Orco
« Os intimos arcanos.

« Bradaste: do sepulchro eis se levanta
« De Roma a sombra féra, do Tyrrheno,
« Como nymphas em luto, surdem Pontia,
« Procylha e Pithecusa.

« Nas rôtas arcarias, nas partidas
« Columnas que o chão cobrem, nas ruinas
« Do mudo Palatino lês da Enotria
« A historia ensanguentada;

« Lês de Julia a desgraça: acordam Bruto
« E o soberbo Tarquinio; erra de Nero
« O phantasma espantoso: trôa ardente
« Scipião Africano.

salteado de uma molestia agudissima, e não obstante todos os esforços da arte falleceu. Estavam então reunidos na

« Aos olhos teus patentes se descobrem
« Da natura os prodigios : novas fórmas
« Vês no mar, céos e terra, quaes não vira
« O vate de Sulmona.

« Com hirta grenha, tôrvo gesto, esqualida
« A barba agreste, os dentes amarellos,
« Do tempo e dôr curtido o vulto enorme—
« A agoureira cabeça

« Do campo equoreo alçando na alta noite
« Por entre aereas larvas, qual sinistro
« Espectro, vira o Homero lusitano
« Adamastor medonho :

« Mas tua mão potente modelando
« Nobre typo ideal, a aura da vida
« Ao colôsso, inda ha pouco massa informe,
« Si no semblante insuflas ;

« Ergue-se audaz : da rosa tinge o nacar
« A face juvenil ; rebôa o sangue
« Como um novo Amazonas :—em pedaços
« Vão aos astros rochedos

« Da cordilheira de granito : rolam
« Até o fundo do mar, que ondêa em serras ;
« Escuma, ruge—mal que ensaia os membros
« O brasileo Gigante.

« Quer na mata cerrada a têa ostentes
« Dos trançados sipós, quer sôbre o dorso
« Do Corcovado alpestre o plectro vibres,
« Tudo em ti é portento.

« De tua lyra maga ao som retumbam
« Na floresta os machados : vêm-se os louros
« Vinhaticos tombar, fervêr o fogo,
« Ennovelar-se o fumo,

Bahia os padres capitulares procedendo á celebração do

« Romper em borbotões rubras scentelhas
« Avermelhando os ares,—no horizonte
« Luzir clarão purpureo, que dà aurora
« Os arrebóes simula.

« Da terra virgem de Cabral os quadros
« Teu genio reproduz :—nos seculares
« Bosques de ipês, de angicos, merendibas
« Ao sol impenetraveis

« Viva a paca se vê—na torta furna
« Companheira da serpe, que nas côres
« Os tapêtes retrata : pula o cervo,
« Lindas aves revoam ;

« Emquanto do alto ramo sôa o malho
« Da araponga estridente ; rude atito
« Despede o canindé côr de saphyra,
« Guaia ao longe o macaco.

« Com agudo sibilo os ares rompe
« De ardidos cães seguida a anta robusta ;
« Debalde foge—cahe ferida e morre,
« O caçadôr triumpha.

« Como na calma do viçoso arbusto
« Compassado gemido solta a rôla !
« Ah ! que terna saudade infunde a endêcha
« Do sabià queixoso !

« Tua voz poderosa um novo Fiat
« Nos hymnos teus profere. Onde escutaste
« A divina harmonia com que enlêas
« As humanas potencias ?

« Só dos chóros do Céo colhêr podias
« A força com que as almas avassallas,
« Quando na cithara d'ouro o canto soltas
« Qual ungido propheta

« Da etherea melodia repassado
« Em extase sublime : sôbre a terra,
« Não és mortal, és anjo que publica
Do Senhor a grandeza.

capitulo que devia dar-lhe (104) um successor.

« Dos cimos do Thabor cercado outr'ora
« De pura immensa luz, quantos prodigios
« A tua mente em scena magestosa
« Sem nuvem se apresentam !

« No Moria viste ardendo o fogo santo,
« Que Israel apagou : trovões e raios
« Circumdando o Sinai : viste abalar-se
« O Libano frondoso ;

« Ouviste clara do Mysterio augusto
« A palavra final, que do alto cume
« Do monte resoou dizendo ao mundo :
« *Tudo está consummado.*

« E pulsando o psalterio antigo e sacro
« Do pastor de Iduméa modulaste
« Novo canto a Jehovah, psalmo celeste,
« Que Sion perfilhára.

« Cysne de Siloé, cantor do Golgotha,
« Quem te póde igualar quando ás espheras
« Dos cherubins te elevas, e a voz tua
« Unes á dos archanjos ?

« A tua vista são planicie os Andes,
« Gêlo a cratéra dos volcões,—um ponto
« O vasto Sahará—só grande é Aquelle
« Que te encheu dos seus dotes.

« Terra de Santa Cruz, terra de bençãos,
« A um filho que t'illustra cinge c'rôas,
« Com eterno buril no bronze entalha
« De *Porto-Alegre* o nome! »

(104) Está sepultado no claustro d'este mosteiro de N. S. do Monserrate, e lê-se sôbre sua lousa a seguinte inscripção :

« S. do R^{mo}. P^{e}. Ex. Abb^{e}. P^{r}. »
« G^{al}. e Ex. G^{al}. Fr. Marce- »
« lino do Cor^{am}. de Je- »
« zus. F.a 26 de M^{o}. de 1854. »

Seu retrato está collocado no salão do santuario do convento ; representa-o de pé, com as insignias prelaticias e aquelle ar grave e sisudo que lhe era tão habitual.

VIII.

Nono capitulo geral da congregação: sahe eleito em D. abbade d'este convento o padre mestre fr. Manoel da S.C. Pinto. Boa administração que fez este religioso; serviços que prestou por occasião da cholera-morbo epidemica de 1855. Reparações na fazenda da ilha do Governador. Vêm da Bahia 11 choristas e abre-se um collegio.

Em 1857 celebra-se o 10.º capitulo, e sahe escolhido em D. abbade d'esta casa o muito reverendo padre mestre fr. Luiz da Conceição Saraiva. Dois factos capitaes distinguem sua administração (de 1857—60): a abertura d'um grande externato para instrucção gratuita dos brasileiros, e as grandes obras feitas na fazenda de Camory. Organização do externato.

Em 1860 o padre mestre Saraiva é reeleito, e pouco depois chamado para prelado da sé do Maranhão. Sua sagração.

Em 1854 no capitulo geral, que então se effectuou no mosteiro de S. Sebastião da Bahia, sahiu eleito para sucessor de fr. Marcellino o Revm. padre mestre prégador imperial fr. Manoel de S. Caetano Pinto, que, tomando posse a 11 de Junho do mesmo anno, começou a dirigir esta casa como seu D. abbade.

Não estaria certamente este religioso nas condições marcadas pelas leis da ordem para subir a tão alta dignidade, porque as *constituições* exigem para isso 20 annos de hábito, e o digno prelado apenas contava 17; mas já em 1851, attentas as circumstancias especiaes da ordem benedictina, concedêra-lhe a santa sé dispensa para que estas eleições tivessem valia.

O padre mestre fr. Manoel de S. Caetano Pinto, que hoje occupa a distincta posição de D. abbade geral, fez então n'este mosteiro de N. S. do Monserrate uma boa administração de 1854 a 57: não lhe contestará ninguem a gloria de haver desembaraçado completamente o convento dos compromissos, que pezavam sobre as rendas do patrimo-

nio. Elevando a 331:000$000 a receita do triennio; satisfazendo aos provimentos assim dos religiosos como dos escravos, que pela maior parte os receberam dobrados por occasião da epidemia; pagando todos os ordenados dos advogados e procuradores; cumprindo emfim todos os legados, pôude ainda o zeloso abbade pagar a divida antiga de 24:107$167 rs., em que o convento se empenhára desdes os grandes reparos que n'elle fizéra fr. Marcellino do Coração de Jesus.

Em 1855, quando a terrivel epidemia da cholera-morbo invadiu a capital do imperio, teve o Revm. padre mestre Pinto occasião de prestar bons serviços, que não devem ficar em esquecimento. Não só offereceu as granjas do mosteiro com todos os soccorros necessarios para os pobres que, salteados pela molestia, ahi se quizessem tratar, como no proprio edificio do convento da cidade recebeu e hospedou por espaço de 8 mezes a tropa mandada pelo governo.

Achando a fazenda da ilha do Governador em lastimavel estado sob a administração de fr. Luiz de Santa Theodora, que alquebrado de annos e enfermidades não podia attender aos negocios de um governo, tratou de raparal-a de modo que se não perdessem de todo os 20:000$000 alli despendidos por occasião da esperada visita de SS. MM. Imperiaes.

A respeito d'esta mesma porção do patrimonio teve que sustentar alguma discussão com as autoridades civis, que pretenderam estabelecer alli — ora escholas de applicação e exercicios militares, — ora aulas de instrucção primaria; felizmente foram attendidas suas reclamações, e o poder civil deu de mão aos projectos que formára a respeito d'esta propriedade monastica.

Em 1854, isto é, logo que tomou a direcção d'este mos-

teiro, recebeu o padre mestre Pinto a 11 jovens choristas, que vieram da Bahia mandados pelo Revm. geral para abrir-se aqui collegio e manter-se a regularidade de disciplina. Esse collegio abriu-se sob a direcção do Revm. padre mestre fr. José de Santa Maria Amaral (105), sábio religioso que desde 1844 se passára da Bahia para este convento de N. S. de Monserrate.

Em 1857 findou o triennio do padre mestre Pinto, e veiu-lhe por successor o muito Rev. padre mestre fr. Luiz da Conceição Saraiva, hoje principe da igreja maranhense por escolha do governo de S. M. o Sr. D. Pedro II e approvação da santa sé.

Tomou posse este religioso a 4 de Junho do mesmo anno. Ainda não póde ser devidamente considerada sua

(105) Natural da provincia da Bahia, professou n'esse mosteiro de S. Sebastião da cidade de S. Salvador. Ahi fez seus primeiros estudos, e ahi os completou na idade de 23 annos.

Feitas as provas de passante, breve foi nomeado mestre e veiu para o Rio de Janeiro dirigir a educação de noviços, que aqui existiam.

Poucos annos depois começou a reger interinamente a cadeira de philosophia do imperial collegio de Pedro II em substituição do dr. Brazil, e logo tomou posse effectiva da mesma cadeira, que regeu com o maior lustre e com a mais decidida proficiencia até o anno de 1866, em que houve por bem o governo imperial nomeal-o para reitor do internato do mesmo collegio.

Presentemente exerce o lugar interino de inspector geral da instrucção publica do municipio da corte, que ficou vago por morte do conselheiro Eusebio, e que foi occupado interinamente pelo respeitavel sr. dr. J. Caetano da Silva até sua nomeação para director do archivo publico. E' uma feliz prova de que ainda se reconhece o verdadeiro merecimento onde quer que elle exista, e quaesquer que sejam os recatos de uma modestia sem igual.

S. M. o Sr. D. Pedro II dignou-se de honrar tambem a este benemerito filho de S. Bento nomeando-o lente de philosophia de suas serenissimas filhas, as augustas princezas D. Izabel e D. Leopoldina

administração, porque a memoria dos factos está mui fresca, e o juizo verdadeiro da historia não dispensa o volver dos annos. O tempo é um grande mestre; suas lições umas vezes ensinam o que a sciencia e o calculo não poderam prever, outras vezes destroem as mais bellas e lisongeiras esperanças do coração humano. E' todavia certo que dois factos capitaes tornaram distincta esta abbadia: a instituição de um grande *externato* com cursos primario, secundario e superior para instrucção gratuita da mocidade brasileira, — e as grandes obras feitas na fazenda de Camory com o fito de erguer-se alli um engenho de assucar, typo de estabelecimentos d'esta ordem.

Quanto ao externato, realização dos desejos manifestados pela santa sé na bulla — *Inter gravissimas curas* —, quando confirmou a separação da congregação brasiliense — util e humanitario instituto destinado a distribuir o pão do espirito aos desvalidos da fortuna —, nenhuma duvida póde restar que foi uma creação util ao crédito da ordem benedictina e ao desenvolvimento da instrucção no municipio neutro: não ha mister o discurso dos annos para alcançar a grandeza e a fertilidade de seus resultados; é d'estas instituições que ao primeiro volver d'olhos se projectam, se applaudem e se realizam.

Na preparação das aulas e mais objectos concernentes a este ramo não despendeu o Revm. D. abbade menos de 20:000$000 rs.; teve comtudo a satisfação de abril as desde o segundo anno de seu governo, sob o plano que se segue:

Dividida em 3 cursos (106), comprehendia a instrucção as cadeiras seguintes:

(106) Hoje não são frequentados senão os 2 primeiros cursos; mas a principio o proprio curso theologico tinha discipulos. Foi com o ri-

Curso primario.

Aula primaria elementar
» » complementar
» de doutrina christã e historia sagrada.

Curso secundario.

Grammatica latina
Latinidade
Grammatica franceza
Lingua franceza
Philosophia racional e moral
Geographia.
Historia.
Inglez.
Rhetorica
Mathematicas.

Curso superior ou theologico.

Historia sagrada e ecclesiastica
Theologia dogmatica
Theologia moral
Direito canonico.
Liturgia.
Canto gregoriano.

Eram regidas estas aulas por 13 lentes, dos quaes 5 religiosos benedictinos, zelosos no cumprimento de seus deveres e indubitavelmente peritos.

A concurrencia ás aulas provou sem demora que tal instituição era uma necessidade publica, havendo logo no primeiro anno 300 alumnos, no segundo 600, e no terceiro 700. D'então para cá não tem diminuido a confiança dos cidadãos n'esse util estabelecimento,a que tem sempre affluido numero consideravel de meninos ; o proprio sr. barão de Muritiba, quando ministro da justiça, não duvidou inserir em seu relatorio uma honrosa menção d'este

gor e com as exigencias do ensino que resolveram retirar-se, preferindo o seminario de S. José, onde então reinava a maior bonança.

collegio, manifestando até a opinião de serem reconhecidos nas academias do imperio os exames que n'elle se fizessem. Felizmente correspondem os resultados, tanto quanto é possivel desejar-se em estabelecimentos d'este genero, aos grandes sacrificios que ainda hoje faz o mosteiro, despendendo annualmente quantia superior a 16:000$000 rs.

Esta creação é pois util e honra ao digno prelado, que a concebeu e realizou com tanta constancia quanta felicidade: com ella entra a congregação brasiliense na regra e nos habitos da familia de S. Bento, que, desde os alvores de sua instituição em Monte-Cassino até os ultimos dias d'este religioso e sagrado asylo das letras, primou sempre pelo desvelo na cultura da intelligencia e no derramamento da instrucção.

O segundo facto notavel do governo do Revm. padre mestre fr. Luiz da Conceição Saraiva foram as obras realizadas na fazenda de Camory com o levantamento do engenho que ainda hoje alli trabalha. Indubitavelmente custou este resultado enormes sacrificios ao mosteiro de N. S. do Monserrate; só o tempo poderá decidir si uma feliz inspiração presidiu a plano tão ousado! Por horas o juizo do historiador suspende-se, a sua penna não passa da narração descarnada dos factos.

Terminado em 1860 seu triennio, e decidido pelos votos capitulares que de novo tomasse o padre mestre Saraiva o leme da administração d'esta casa, iniciou elle a 9 de Junho do mesmo anno sua segunda administração. Devêra entretanto ser curta, porque um acontecimento imprevisto veiu perturbar a marcha ordinaria dos factos.

Em dias de Janeiro de 1860 houve por bem o governo de S. M. escolher na pessoa do D. abbade de S. Bento

(107) o bispo da sé do Maranhão, que ficára vaga por passagem de seu prelado á dignidade archiepiscopal. Filho dedicado á sua instituição-mãi, não quiz o digno monge benedictino abandonar seu negro escapulario e desamparar a administração que encetára, apezar de bispo eleito e em proposta de confirmação: mas forçoso foi-lhe passar o governo do mosteiro ao Rev. padre prior fr. Antonio de Santa Agueda Carneiro, quando, chegadas as bullas da santa sé, houve de fazer-se a sagração solemne.

Esta festa se celebrou a 20 de Outubro do mesmo anno na propria igreja de S. Bento com a maior pompa e o mais vivo esplendor, officiando o Exm. e Revm. monsenhor Marianno Falcinelli (108) Antoniacci—arcebispo de Athenas e internuncio apostolico, ajudado pelos reverendissimos: monsenhor Narciso da Silva Nepomuceno e o D. abbade *in partibus* fr. Luiz da Santa Theodora França.

SS. MM. Imperiaes, sua côrte, grandes do Imperio, e extraordinaria multidão de povo—eis o luzido cortejo que honrou a festa dos monges benedictinos: não pudéra de certo ser mais esplendida!

(107) D'entre os 18 bispos, que tem tido esta diocese do Maranhão, D. fr. Luiz da Conceição Saraiva é o 12.° religioso que sobe a essa dignidade.

(108) Monge benedictino, hoje nuncio em Vienna.

IX.

Breve presidencia do Rev. padre prior do mosteiro. Chega eleito D. abbade o Revm. padre mestre fr. Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu. Sua curta administração.

Em 1863 vem eleito pelo 12º capitulo da congregação como D. abbade d'este mosteiro o Revm. padre prégador geral fr. José da Purificação Franco. Sua administração n'este triennio, e nos seguintes 66-69, e de 69 a 72 em que estamos. Abertura de um internato para educação gratuita de moços pobres que se destinem ao sacerdocio. Emancipação de escravos para servirem nas fileiras do exercito em campanha contra o governo do Paraguay. Proposta da commissão de orçamento da camara dos srs. deputados, apresentada em 10 de Junho de 1869, sobre a conversão dos bens das corporações religiosas em apolices da divida publica. Representação que sobre este assumpto dirigiu o D. abbade do Rio de Janeiro aos altos poderes do Estado. Seguimento da questão.

Tomando o governo da casa pelos motivos, que no capitulo anterior expuzemos, regeu-a o Rev. padre prior presidente de 31 de Agosto de 1861 a 18 de Fevereiro de 1862, dia em que chegou da cidade da Bahia o Revm. padre mestre jubilado ex-geral e prégador imperial fr. Saturnino de Santa Clara Antunes de Abreu, ultimamente eleito pela congregação para terminar o triennio iniciado em 1860. A administração d'este illustrado filho de S. Bento, que já havia dirigido a ordem como seu D. abbade geral durante 6 annos (de 1854 — 1860), correu sem tropeços até 25 de Maio de 1863, em que por eleição capitular veiu como prelado d'este mosteiro o Revm. padre prégador geral e imperial fr. José da Purificação Franco.

Como não puderam ser discutidos os actos de seus dois antecessores, tambem não podem nem devem sêl-o os d'este zeloso D. abbade que, tomando a direcção do convento do Rio a 26 de Maio de 1863, conserva-a até hoje

em virtude das reeleições com que foi honrado nos capitulos geraes de 1866 e 1869.

Cabe entretanto aqui dar noticia da execução de uma medida, que tomou poucos mezes depois de iniciar seu governo : abriu um internato para moços pobres que quizessem dedicar-se á carreira do sacerdocio, compromettendo-se a dar-lhes ao lado de instrucção gratuita tudo o mais que necessario fôsse. E' de si mesmo claro que esta medida, magnifico complemento da obra de 1858, constitue um novo florão reunido á corôa de merecimentos da familia benedictina !

Mas não param aqui os acontecimentos capitaes d'esta administração.

Rebentando em 1864 a infeliz guerra do Brasil com o perfido governo do Paraguay, foi necessario levantar exercitos, que corressem aos campos da peleja em desaffronta da honra nacional. Contra todos os habitos pacificos de uma população entregue aos trabalhos da industria agricola, houve de improvisar-se uma muralha de peitos brasileiros, sinão fortes pelo tirocinio da guerra, ao menos invenciveis pelo enthusiasmo e pelo amor da patria !

N'este transe difficil em que se viu o paiz, sabe-se que correram os cidadãos a offerecer-lhe seus braços valentes ; mas o monge benedictino, filho do retiro e apostolo da paz, que não podia trocar o burel da sagrada tunica pela farda de soldado, deu um exemplo digno de admiração e uma prova inconcussa de seu amor á causa do Estado — abrindo os horizontes da liberdade aos seus escravos, que quizessem alistar-se nas fileiras do exercito e da armada nacional.

N'este proceder aveiu-se com a maior dignidade o benemerito D. abbade de S. Bento, que não teve quem o excedesse além do Sr. D. Pedro II, Imperador do Brasil:

deu carta de emancipação a todos os que se lhe apresentaram com a declaração de que o governo os achava idoneos para o serviço das armas: consentiu até que autoridades civis (109) pudessem persuadil-os a aceitar suas propostas, sempre prompto a manifestar lhaneza e generosidade, emquanto é sabido que particulares negociavam com este hediondo genero de mercancia.

Emfim, já depois de reeleito no ultimo capitulo, que se celebrou na Bahia a 3 de Maio de 1869, já empossado pela 3.ª vez no honroso mandato que os religiosos commetteram a sua intelligencia e a seu zelo, teve o Revm. sr. D. abbade fr. José da Purificação Franco de sahir á luz da publicidade em defeza da ordem benedictina ameaçada! — eis o novo acto que illustra e distingue sua administração.

Approuve aos dignos legisladores da commissão de orçamento da camara dos srs. deputados, em sessão de 10 de Junho do corrente anno, offerecer como additivo ao orçamento do imperio um artigo tendente a promover a conversão dos bens das corporações religiosas em apolices da divida publica; o meio proposto n'esse artigo (110) é a

(109) Em 1866, acompanhado por um religioso d'este convento, dirigiu-se a Campos um delegado do governo e ahi teve permissão para propôr aos escravos da fazenda todas as vantagens que se offereciam aos voluntarios da patria.

(110) Eil-o em sua integra:

« 15. As ordens regulares pagarão o imposto de 6 p. c. sobre a ren-
« da annual que derem os terrenos e os predios rusticos que possui-
« rem. O lançamento d'este imposto, que se elevará de mais 3 p. c.
« em cada anno, far-se-ha na forma do regulamento que o governo
« expedir para sua arrecadação. Este imposto não excederá de 21
« p. c. e não comprehende os edificios e conventos de morada habi-
« tual dos religiosos e suas dependencias. Pagarão igualmente mais
« 20 p. c. sobre a renda annual dos predios urbanos, elevando-se o
« imposto na mesma razão em cada anno, até chegar a 30 p. c.;

coacção que resulta de um extraordinario augmento de impostos sobre cada uma das partes do patrimonio regular.

Diante de tal procedimento, que já não é para os religiosos novidade, porque infelizmente entre nós as opiniões politicas tendem de ha muito em sua generalidade para esta idéa de conversão dos patrimonios regulares em apolices da divida publica; diante de tal proceder o digno prelado benedictino travando da penna dirigiu aos altos poderes do estado uma representação, em sua forma-simples, calma e moderada, mas em substancia — energica e convincente!

Seu autor começa por assegurar que não se deu jámais na direcção dos bens da ordem benedictina o esbanjamento e o deleixo que lhe lançam em rosto os inimigos da igreja; continúa expondo os serviços prestados por esta congregação e particularmente por este mosteiro de N. S. do Monserrate assim á causa da

« pagarão tambem sobre os escravos maiores de 12 annos, que pos-
« suirem em qualquer lugar do imperio, a taxa de que trata o art.
« 18 da lei n. 1507 de 26 de Setembro de 1867, e na mesma razão
« conforme se acharem elles a serviço ou em quaesquer estabeleci-
« mentos, nos municipios da côrte, das capitaes das provincias do Rio
« de Janeiro, Bahia, Pernambuco, S. Paulo, S. Pedro do Sul, Mara-
« nhão e Pará, e das demais cidades, villas e povoações, augmentan-
« do-se de 2$000 em cada anno, até chegar ao triplo do imposto fixado
« na lei mencionada de 26 de Setembro de 1867. O governo provi-
« denciará sobre a matricula dos escravos de ordens regulares, ap-
« plicando as disposições vigentes. O producto da alienação dos bens
« das ordens regulares não pode ser applicado sinão á acquisição de
« apolices da divida publica interna, que serão intransferiveis. Estas
« alienações gozarão do abatimento da metade do imposto da trans-
« missão ». — Assignados: Pereira da Silva — A. M. Perdigão Ma-
« lheiro. — A. J. Henriques.

religião como á do seculo com esmolas e donativos avultados; pinta o estado da escravatura, cujos filhos são hoje (111) declarados livres em seu nascimento, e o do patrimonio rural todo occupado por numerosos arrendatarios, em sua maior parte pobres e muito pobres; emfim, considerando que o convento paga já 2 decimas de seus predios urbanos, isto é, 24 p. c. do que devêra receber dos locatarios, conclue o autor da representação: « 1.° que as propriedades da ordem de S. Bento, longe de terem sido victimas de delapidações, como se diz, tem tido pelo contrario um uso sempre legitimo e conforme aos fins de seu instituto; 2.° que estas mesmas propriedades, gravadas como actualmente já se acham com um imposto duplo, não podem decerto supportar o onus que impõe o artigo additivo da commissão de orçamento. »

Mas ainda não é tudo. Em relação ao imposto progressivo sobre os escravos, que esse artigo propunha, pondéra o illustre prelado nobremente, que na occasião de promover-se na ordem benedictina a emancipação da parte servil de seu patrimonio, isto é, quando seus escravos têm já certeza de que em pouco irão saborear os doces fructos da

(111) Por proposta do Revm. padre mestre fr. Manoel de S. Caetano Pinto, actual D. abbade geral da congregação, foi resolvido pelo capitulo de 1866, que se considerassem livres todos os filhos que d'essa data em diante suas escravas tivessem. Posteriormente tambem se resolveu dar liberdade a todos os escravos da ordem, que completassem 50 annos de idade. E' claro pois que para os monges benedictinos a questão da emancipação já não é um problema, que lhe cause embaraços e cuidado: com prudencia e humanidade está tudo para elles dicidido! *

* A hora em que esta memoria sahe publicada sabem todos que no memoravel dia 29 de Setembro de 1871 decidiu a ordem benedictina a emancipação de todos os seus escravos. Bella resposta ás tentativas de seus adversarios!

liberdade, não serão os monges os realizadôres da venda, que esse artigo tem em mira; outros que exponham seus escravos ao martello do leiloeiro! — Finalmente sustenta que são igualmente crueis os impostos sobre seus bens ruraes e urbanos, porque assim sobrecarregado ver-se-hia o mosteiro na dura necessidade de arrancar o pão á bocca de centenares de familias, e negar os contigentes que liberaliza a instituições pias d'esta côrte — procedimento que encontra e evidentemente repugna aos deveres de sua consciencia!

A unica hypothese que resta é tambem dolorosa, porque importaria a absorpção do patrimonio pelas execuções do fisco, que não hesitára em pagar-se por suas proprias mãos no caso de faltar-se á satisfação do oneroso tributo.

Termina o autor da representação fazendo votos porque o artigo additivo da commissão de orçamento não ache approvação nas ultimas discussões a que houver de sujeitar-se, e manifestando esperança de que se não sanccione por este meio indirecto a extincção e a morte da ordem de S. Bento, em favor de cuja causa clamam « a equidade, a razão, o reconhecimento nacional, a justiça e o direito. »

Cumpre confessar que este escripto, forte em sua substancia mas excessivamente brando em sua forma, honra á penna que o produziu e á distincta communidade benedictina que, no momento de se lhe accusarem relaxação e falta de disciplina, pode ainda trazer a publico uma serie tão brilhante de serviços.

Não podemos prever o que resultará (112) d'esta discus-

(112) Ao entrar o orçamento em 3.ª e ultima discussão na camara dos srs. deputados, propôz a propria commissão uma emenda ao artigo additivo. Diz esta emenda que: 1.º seja effectiva a cobrança d'esses impostos só com relação ás ordens regulares, que se não responsabilizarem perante o governo a converter os bens de que se trata em

são, onde já algumas vozes (113) autorizadas se ergueram para sustentar a causa do fraco e do opprimido : dir-nos-ha o tempo.

apolices inalienaveis da divida publica no mesmo praso de 6 annos, ou quando muito no de 10.

2.º Regule o governo o modo de realizar-se a conversão com a maior vantagem possivel para as mesmas ordens, bem como de fazer effectiva a responsabilidade d'estas por tal conversão dentro do referido praso.

3.º Exceptuem-se da taxa estabelecida no artigo, e eximam-se de qualquer imposto as escravas possuidas pelas ordens religiosas, quando estas declararem ao governo que considerarão livres os filhos que das mesmas escravas nascerem, e os escravos pelas ditas ordens libertados com a clausula da reserva de serviços por tempo não excedente a 10 annos.

4.º Supprima-se a parte do artigo additivo, que limita os impostos de que se trata, depois de certo praso, a quota determinada.

Esta emenda foi approvada por grande maioria na camara temporaria, e como parte do orçamento do imperio subiu em Agosto ultimo as discussões do senado.

Em opposição a ella veiu novamente a campo o revm. D. abbade do mosteiro do Rio, demonstrando em 3 artigos successivamente publicados : 1.º a *iniquidade d'este projecto de conversão*, que nem pode ser util ao Estado nem ás ordens religiosas porque onera áquelle com uma divida, e desbarata a riqueza d'estas com a queima de seus bens dentro de um praso fatal; 2.º *a violencia dos meios propostos*, que requintaram de tyrannia e de rigor com a determinação de não haver limite para os impostos progressivamente crescentes ; 3.º *as consequencias ruinosas*, que de força accompanharão a medida, se acaso a sanccionar o senado brasileiro com sua approvação. Este escripto é filho de convicções profundas, e parece levar os argumentos á ultima evidencia. Pende actualmente do senado a decisão.

(113) Na camara dos srs. deputados fallaram a favor dos religiosos os excm. srs : Pinto de Campos, Ferreira Vianna, Reis, Vieira da Silva, e por derradeiro o sr. Candido Mendes de Almeida, que levantou mais um monumento á religião de nossos avós, cujo estrenuo defensor é de ha muito.

EPILOGO

Tal é o estado em que se acha o veneravel mosteiro de N. S. de Monserrate, estado cheio de duvidas pela sorte que lhe prepara a Providencia. Todavia caminha impavido na estrada feliz que encetou, apezar do minguado nucleo de religiosos que possue—mal sufficientes para attender aos muitos encargos da administração.

Caminha com igual enthusiasmo na tarefa do ensino, sustentando sem quebra a regularidade de seu externato, onde despende por anno mais de 16:000$000 rs.· continúa a distribuir esmolas que sobem á quantia annual de 20:000$000 rs., sem contar as numerosas subscripções e as esmolas avulsas que incessantemente apparecem.

Trabalha sem descanso na sustentação do culto divino e d'aquella disciplina regular, que é possivel nas circumstancias actuaes d'essa communidade. A idéa da emancipação de seus escravos não esfria, porque ainda no ultimo triennio de 1866 a 1869 o numero de libertos subiu a 148 e o de crianças baptizadas como livres a 138. Emfim continúa a zelar na direcção de seu patrimonio (114) com tal solicitude, que a receita triennal, que ainda em 1860 era de 526:000$000 rs., subiu em 1869 a 680:000$000 rs., isto é, subiu de 154:000$000 rs. durante os ultimos nove annos de administração.

(114) Consta presentemente este patrimonio de casas e terrenos foreiros na cidade, além de 7 fazendas no municipio neutro e na provincia do Rio de Janeiro, que são:

1.ª *Fazenda de Iguassú.* Aqui já em 1591 possuia o mosteiro do Rio terras que foram confirmadas por titulo de 25 de Abril de 1602, sendo governador D. Francisco de Souza : mais tarde em 1606 comprou a Estevão de Araujo e a sua mulher Catharina de Bittencourt umas braças de terreno; em 1615 fez compra semelhante a Manuel de Pontes e sua mulher Joanna Lopes; emfim nos annos de 1646, 1669,

Parece pois que só a malevolencia ou o desconhecimento dos factos póde explicar a luta infrene que esta

1755 e 1786 fez novas acquisições que augmentaram muito a extensão d'esta propriedade. Até 1697 existiu e trabalhou em Iguassú um engenho, que o 1.° D. abbade fr. Ruperto de Jesus levantára em seu 2.° triennio de 1608 — 1613; mas demonstrando-se com o correr do tempo a inutilidade d'este engenho, que mui pouco produzia, tentou e obteve em 1697 o 29.° D. abbade padre mestre jubilado fr. João de Santa Anna Monteiro removel-o para a *Vargem pequena.* Hoje funcciona alli uma olaria, que dá bons resultados. Administra presentemente esta fazenda o rev. padre prégador fr. Antonio de Santa Agueda Carneiro.

2. *Fazenda de Maricá.* Situada no municipio d'este nome, provincia do Rio de Janeiro, teve principio esta fazenda em 1634 com a compra que fez o mosteiro a Diogo Teixeira de Carvalho de uma legua de terra em quadra, no lugar que chamam a — *a Ponta Negra* —. Em 1635 augmentou-se muito a propriedade com 2 novas compras que effectuou, e com uma sesmaria de 3 leguas de terras, que fr. Romano dos Santos obteve do governador Rodrigo de Miranda Henriques: emfim pelos annos de 1672, 1675, 1695 e assim por diante foram novas porções de terreno engrossando aquella parte do patrimonio de S. Bento, onde hoje está uma fazenda de criação, regida desde alguns annos pelo Revm. padre mestre prégador imperial fr. João de S. José Paiva.

3.ª *Fazenda de Campos.* Situada no municipio do mesmo nome, provincia do Rio de Janeiro, começou esta propriedade pela doação de 2 leguas de terras que em 1636 fez Antonio de Andrade ao mosteiro de Nossa Senhora do Monserrate do Rio de Janeiro, embora se não passasse a escriptura senão em 1649. Em 1646, 1653, 1658, 1659, 1660, 1673, 1695, 1742, 1752 e 1757 novas terras foram adquiridas já por titulos de compra já por herança e legados, de modo a constituirem a grande propriedade que alli possue hoje o mosteiro. Grande parte d'ella, como de quasi todos os bens ruraes d'este patrimonio, está aforada a particulares: mas no que resta está alli estabelecido um engenho de assucar, hoje bem administrado e capaz de produzir bons rendimentos. O padre fr. João das Mercês é quem o dirige desde alguns annos.

corporação soffre no meio de suas irmãs. Justificam-se alguns, dizendo que no meio das luzes do seculo XIX já não podem as corporações regulares exercer sua missão e

4.ª Fazenda de Camorim
5.ª Fazenda da Vargem Pequena
6.ª Fazenda da Vargem Grande

Provieram estas tres propriedades da grande herança de D. Victoria de Sá que falleceu em 26 de Agosto de 1667, deixando ao mosteiro de S. Bento todos seus bens. Diz a respeito d'ella o *Dietario* manuscripto a pag. 33: « E « supposto que onerou a casa com muitos e perpetuos legados, com- « tudo esta herança tem sido a principal parte do nosso patrimonio « com os engenhos de Camori, terras da Varge, e quatro casas de so- « brado na rua, que hoje se chama da travessa da Alfandega, e anti- « gamente dos Governadores, e será eterna n'este mosteiro a memoria « d'esta grande doadôra. »

Augmentando-se ainda com pequenas porções de terras visinhas chegou esta propriedade a ponto de permittir commodamente uma divisão em tres fazendas distinctas. Hoje a que d'entre ellas se acha em melhor pé é a de Camorim, onde trabalha um engenho bem montado. Está situada junto à lagôa de Camorim, ainda nos limites do municipio neutro; administra-a presentemente o reverendo padre prégador fr. Sant'Anna Lapa.

7.ª *Fazenda da Ilha do Governador*. Possue-a o mosteiro em virtude da doação que fez o capitão Manoel Fernandes Franco por escriptura de 4 de Maio de 1695, de seu engenho situado na parte principal e mais salubre da mesma ilha. Está alli o palacete em que por muito tempo se hospedou o Sr. D. João VI com sua real familia. A maior porção d'esta propriedade está tambem aforada a particulares, e alguns bem estabelecidos.

Além d'estes bens, que constituem hoje o patrimonio do mosteiro do Rio, possuiu elle terras em varios outros pontos; mas ou se venderam para adquirir propriedades mais visinhas da cidade, como succedeu com os terrenos e predios que teve na Ilha Grande; ou foram cedidas pelo mosteiro, como succedeu com o convento e terras da capitania do Espirito-Santo, que fr. Ruperto de Jesus, quando provincial em 1615, doou ao prelado administrador d'esta diocese Matheus da Costa Aborim; ou foram absorvidas pelo proprio Estado, como se viu com a ilha das Cobras, primitivamente pertencente a este mos-

seu apostolado, como si o exercicio da caridade e o apostolado da instrucção repugnassem ao progresso da sociedade hodierna. Bem ao revez; si o mundo de 1869 necessita de alguma cousa, é certamente d'estes institutos regulares, que têm por encargo a disseminação dos principios catholicos—base das sociedades civis e elemento indispensavel ao verdadeiro progresso moral dos povos. Bem ao revez; si o Brasil reclama em altos gritos a satisfação de muitas necessidades, uma d'ellas é certamente a propagação d'estes institutos desinteressados, que têm por missão instruir a mocidade e derramar a luz do saber por todas as camadas sociaes.

« A idéa vulgar e sediça de que taes associações são retrogadas e oppostas ao espirito do seculo, disse com razão o illustre prelado benedictino em sua representação (115) ao senado brasileiro, é uma proposição tão balda de fundamentos e tão desmentida pelos factos ha pouco compendiados n'este escripto, que não podemos acreditar influisse no animo da illustre camara temporaria de 1869. Demais ahi estão os annaes da historia ensinando-nos que, si por algum tempo cuidaram os enthusiastas do progresso em proclamar esta idéa como verdadeira, desperta-se hoje em todos os paizes civilizados uma reacção salutar; acredita-se já que as corporações monasticas não impecem o adiantamento dos povos, fundam-se numerosas casas religiosas em Inglaterra, e no proprio Estados-Unidos é incomparavel a disseminação dos institutos regulares.

teiro por compra que fez a um individuo que a havia arrematado por 15$300 rs. na praça dos ausentes aos 11 de Setembro de 1589. Em 1726, sendo governador do Rio de Janeiro Luiz Vahia Monteiro, suscitaram-se as primeiras questões a respeito d'este terreno; seguindo os outros governadores proceder semelhante, resultou que já em 1773 haviam os religiosos benedictinos perdido toda a posse e dominio d'elle.

(115) Com data de 16 de Agosto de 1869.

« Argumenta-se por ventura com a irregularidade dos mosteiros? Continúa o mesmo escriptor. E' tambem um pretexto sophistico porque essa irregularidade, si existe, é uma consequencia necessaria das medidas compressoras, que fecharam a porta de nossos claustros. Sem pessoal que satisfaça a todas as obrigações de nossa lei monastica, sem novos adeptos que venham povoar estes retiros e empregar-se em todos os varios misteres de nossa profissão, é claro que não poderia nem póde reinar perfeita disciplina nas casas religiosas, assim como não se—regenera arvore alguma sem renovos, que rebentem em flôres e dêm fructos aproveitaveis. »

E' certo que a prohibição da entrada de noviços, determinada pelo aviso (116) de sr. ministro da justiça em 1855, causa o maior mal que se póde imaginar a estes corpos collectivos, causa a sua morte lenta e ingloria.

Cumpre que se revogue o aviso, afim de reerguer-se a familia religiosa d'este mosteiro benedictino do Rio de Janeiro, que tão bons serviços póde ainda prestar ao Estado e á religião. « Assim como a todo o cidadão é livre a escolha da profissão que lhe apraz, disse mui acertadamente o reverendo prelado, seja tambem livre a escolha d'esse estado em que se tomam por leis rigorosas os conselhos evangelicos, e se realiza em ordem moral o typo de perfeição, que em vão sonharam na ordem civil os philosophos da antiguidade.

(116) « S. M. o Imperador ha por bem cassar as licenças concedidas para a entrada de noviços n'essa ordem religiosa até que seja « resolvida a concordata que á santa sé vai o governo imperial propôr.

« Deus guarde a V. Pat. Revm.—*José Thomaz Nabuco de Araujo*.—Sr. D. abbade geral da congregação de S. Bento. »

Esta circular foi dirigida aos prelados de todas as ordens, aos bispos e aos presidentes de provincia. São decorridos quatorze annos, e ainda essa concordata é um mero pretexto!

« Não se embaracem as vocações que chamam o individuo para o retiro e para os caminhos da perfeição moral, e a regularidade dos claustros ha de apparecer. Pois ha liberdade até para a pratica de vicios, que degradam o homem, e não n'haverá igual para a pratica das virtudes que approximam a creatura de seu destino sobrenatural ? »

Pela narração succinta dos factos principaes,que tiveram por theatro esta casa religiosa, facil é deprehender-se que a origem e a causa de sua decadencia foi a introducção da influencia secular que alli appareceu desde 1808. Pois bem : arrede-se o seculo do augusto retiro dos cenobios ; alimente-se a instituição com a entrada de novos athletas, que satisfaçam ás necessidades da disciplina ; dê-se lugar pelo menos á escolha d'um pessoal idoneo para coadjuvar a administração suprema, e, quasi se póde assegurar, estará feita a obra da restauração das ordens regulares, porque o mais repousa na indole d'estas instituições da igreja que, segundo o profundo pensamento de Dantier, possuem em si « o poder creador que funda, a força virtual que conserva e, nos momentos do perigo, o remedio heroico que salva e vivifica ! »

O mosteiro de N. S. do Monserrate da ordem do patriarcha S. Bento, irmão, se póde dizer, da mui leal e heroica cidade de S. Sebastião do Rio de Janeiro,—seu companheiro fiel e constante assim nos dias criticos de tribulação como nos tempos bonançosos da paz,—monumento de sua historia e padrão glorioso de seus primeiros dias, merece a attenção e a benevolencia dos cidadãos brasileiros, do primeiro ao ultimo, quando já lhes não merecesse amor e verdadeiro enthusiasmo. Cumpre não deixar morrer aquella instituição : o povo ingrato não é digno de apparecer em um seculo civilizado.

NOTAS DIARIAS

SOBRE A REVOLTA CIVIL QUE TEVE LUGAR NAS PROVINCIAS DO

Maranhão, Piauhy e Ceará

pelos annos de 1838, 1839, 1840, 1841, escriptas em 1854

á vista de documentos officiaes

POR

J. M. PEREIRA DE ALENCASTRE

1838.

DEZEMBRO.

13. Parte Raymundo Gomes da villa do Itapicurú com 18 satellites, chega á villa da *Manga*, solta os presos da cadêa, e temendo as consequencias do seu attentado, dirige-se para a *Chapadinha*, e d'alli para a *Miritiba*. E' constante que os vereadores da camara, e o juiz de paz da *Manga* protegeram a Raymundo Gomes.

Data d'este dia a revolução, que o vulgo denominou — *Balaiada* — do nome de um dos seus mais assignalados chefes, e que tantos horrores e tão negros crimes espalhou pelas provincias do Maranhão, Piauhy e Ceará.

Affirmou-me testemunha contemporanea e fidedigna, que d'entre os criminosos soltos da cadêa da villa da *Manga*, um era irmão de Raymundo Gomes.

Era preciso um pretexto para que os ambiciosos, e descontentes podessem romper com o governo: começou-se pela perpetração de um crime! Sob máo fatal auspicio nasceu esta revolução!

1839.

JANEIRO.

2. Raymundo Gomes entra no *Brejo*. Adhesão de Manoel Francisco Ferreira *Balaio* á causa da revolta. E' nomeado general em chefe das forças — *Bemteviz* — Primeiras atrocidades dos rebeldes contra os *Cabanos*. Por onde passa o caudilho Balaio leva tudo a fogo e sangue: entra na villa do *Rozario*, cuja população corre a refugiar-se na fortaleza da *Vera-Cruz*. Marcha do *Itapicurú* com forças o capitão Pedro Alexandrino de Andrade, afim de bater o grupo faccioso de Raymundo Gomes.

3. Parte Raymundo Gomes da *Miritiba* e se dirige para a *Tutoya*.

17. Raymundo Gomes é cercado por uma partida legal nas mattas do *Guará*, e retira-se sem resistencia.

22. Entra na villa da *Tutoya* á frente de um grupo de 180 homens; toma novo accordo ; sahe logo depois e se dirige para a margem do *Parnahyba*.

25. Raymundo Gomes tenta apoderar-se da villa da *Parnahyba*. Chega á fazenda denominada — *Marrequinha* — onde faz juncção com o sequito de João Cardoso. O perfeito da *Parnahyba*, João Francisco de Miranda Ozorio, avizado das intenções de Raymundo Gomes, reune a força de linha e a guarda nacional.

28. Atravessa Raimundo Gomes o rio *Parnahyba*, e aquartela-se na fazenda — *Vargem* — quatro leguas distante da villa da *Parnahyba*.

29. Marcha o prefeito Miranda Ozorio com 120 praças de primeira linha, um piquete de cavallaria, e um reforço de guarda nacional, afim de bater Raymundo Gomes.

30. Chega Raymundo a apoderar-se de uma gabarra, e n'ella desce para a barra do *Longá*. O prefeito Ozorio não encontrando o caudilho rebelde, segue nas suas pisadas, depois de ter tomado as necessarias cautelas. A' uma hora da noite segue da *Vargem* em direcção á barra do *Longá*, onde chega pelas seis horas da manhã do dia seguinte.

31. Raymundo Gomes está postado com 200 dos seus na *Ilha do Meio*, e tem deixado na barra do *Longá* um pequeno contingente de suas forças que é batido pelas do prefeito, e posto em completa debandada. Ficam em poder da legalidade 18 prisioneiros, 21 armas, e 20 cavalgaduras, e no campo da acção 3 mortos e 2 feridos. Os rebeldes passam o *Parnahyba* para o lugar *S. Paulo*, no Maranhão. Raymundo Gomes atravessa de novo o rio, e entra na comarca de *Campo Maior*, a chamado de Livio Lopes Castello Branco e Silva, e na esperança de reunir novos sectarios.

FEVEREIRO.

Livio conferencia com Raymundo Gomes. Trocam-se protestos da mais cordial amizade, e traçam-se os planos para futuros acontecimentos. Raymundo Gomes deixa o Piauhy confiado aos cuidados de um zeloso apostolo, que cheio de fervor atira-se á corrente revolucionaria, que o arrasta ás ultimas consequencias. O facho revolucionario cada vez mais se ateia. Raymundo ataca a povoação da *Chapadinha* com 200 rebeldes, e d'ella se apossa, depois de forte resistencia movida pelo juiz de paz.

Raymundo Gomes passa o commando de suas forças ao caudilho Balaio, atravessa de novo o rio *Parnahyba* no lugar *Boqueirão*, reune 50 homens em *Campo-Maior*, volta a *Chapadinha*, faz juncção com Balaio, e ambos resolvem ainda uma vez atacar a villa da *Parnahyba*, para onde tem

voltado o prefeito Osorio com os despojos dos rebeldes batidos na barra do *Longá*. O governo sem força, e quasi desanimado deixa que a revolta tome proporções assustadoras.

MARÇO

Receios na capital do Maranhão de que os rebeldes a querem atacar. Os animos estão exaltados, e a imprensa préga abertamente as doutrinas as mais desorganisadoras. Balaio tem engrossado suas fileiras com mais de 1:000 homens, fóra immensos grupos, que em todas as direcções percorrem desordenados, saciando seus instinctos ferozes no assassinato e no roubo.

3. Toma posse da presidencia do Maranhão o sr. Manoel Felizardo de Sousa e Mello, em substituição ao sr. Camargo.

4 a... Infestam os rebeldes as mattas do *Brejo*, *Itapicurù*, *Tutoya* e *Chapadinha*, e á exemplo de seus chefes commettem os mais horriveis attentados contra a vida e a propriedade dos pacificos cidadãos. Marcha do *Brejo* contra Raymundo Gomes e Balaio uma força de primeira linha sob o commando de Pedro Alexandrino, e 70 guardas nacionaes commandados pelo tenente-coronel João José Alves de Sousa. Balaio com quasi 200 rebeldes procura cortar a communicação da capital com a villa do *Brejo*.

A força, sob o commando do capitão Alexandrino, encontra uma partida rebelde, bate-a, mas não ha acção decisiva. Os rebeldes, debaixo sempre de continuado tiroteio, passam-se para a *Chapadinha*, e na fazenda dos *Angicos* cerca a força legal, que se rende, depois de tres dias de porfiada luta. O capitão Alexandrino, e o tenente-coronel João José Alves de Sousa são barbaramente assassinados!

O prefeito do *Brejo* Severino Alves de Carvalho levanta o acampamento, e se passa para a *Parnahyba* com o major Pedro Paulo de Moraes Rego. Grande terror se apodera da população do *Brejo* com a approximação dos rebeldes, e grande parte d'ella se refugia no Piauhy.

O luto e a consternação é a partilha do cidadão pacifico, que vê suas propriedades incendiadas, seus filhos mortos barbaramente, suas filhas deshonradas, e a multidão desenfreada atirar-se á novos crimes, cevar-se em novos horrores. Entretanto a revolta que começára tão fraca, toma incremento, assoberba-se com os pequenos triumphos que alcança, e toma grandes alentos, insuflada pelos directores da capital.

15. O major Feliciano Antonio Falcão é nomeado commandante em chefe das forças legaes na provincia do Maranhão.

21. Partem forças da capital do Maranhão para o *Monim* e *Icatú*.

ABRIL

1 á 30. Os rebeldes têm já em suas fileiras milhares de seguidores. Mais de 600 cercam a cidade de *Caxias*, emporio do commercio do sertão. Começam a vingar os planos de Livio Lopes e Raymundo Gomes: acham-se em frente de uma cidade rica, que os póde fartar com os seus despojos. Desapparece completamente a segurança da vida e de propriedade! Os presidentes do Piauhy e Maranhão preparam-se para baterem energicamente a revolta, porém a falta de meios retarda quaesquer providencias. O facho da anarchia se accende por todo o Maranhão: grupos de facinoras do Piauhy atravessam o *Parnahyba*; e se vão reunir a Raymundo Gomes e Balaio, cujos emissarios percorrem impunemente todos os municipios.

MAIO

Seguem da capital do Maranhão forças em auxilio de *Caxias*, commandadas pelo major Feliciano Antonio Falcão e José Thomaz Henriques, e sob o commando em chefe do coronel Junqueira. Percorrem novas assustadoras de que uma grossa partida de rebeldes tenta apoderar-se da capital. Ordena o presidente do Maranhão que contramarchem para a capital as forças, que tinham seguido para *Caxias*. Medida inepta e cobarde!

26. Um grupo de 170 homens levanta o grito da rebellião, marchando rapidamente sobre a villa de *Pastos-Bons*, a põe em apertado sitio.

27. Pela manhã entram os rebeldes em *Pastos-Bons*, soltam todos os presos, assassinam tres pacificos cidadãos, que se diziam *Cabanos*, roubam, incendeiam, depõe o prefeito, e as mais autoridades, e commettem toda a sorte de barbaridades. Em poucas horas o numero dos revoltosos tem subido á 300, commandados por Militão Bandeira Barros, Manoel de Sousa Milhomem, Manoel Fernandes Lima e Pedro de Moura Albuquerque. Milhomem marcha de *Pastos-Bons* com 200 homens em auxilio de Balaio, que com Raymundo Gomes sitiam *Caxias*. Fica guarnecendo *Pastos-Bons* uma força de 100 homens.

30. Militão Bandeira Barros faz uma proclamação aos revoltosos de *Pastos-Bons* e *Mirador*(1). Livio Lopes passa do Piauhy para o Maranhão com um contingente, e engrossa o cerco de *Caxias*.

JUNHO

Toma a revolta proporções gigantescas, Os rebeldes encontram por toda a parte grupos, que se lhes reunem. *Bre-*

jo, *Miritiba*, *Itapicurú*, *Pastos-Bons*, *Passagem-Franca* e *Caxias*, são dominadas pelos rebeldes.Começam no *Piauhy* os movimentos sediciosos. Não é simplesmente a febre revolucionaria que se apodera dos espiritos dos habitantes do Piauhy : a fatal e insolita administração do barão da Parnahyba trazia a provincia de ha muitos annos debaixo da mais horrivel pressão. O momento era o mais azado para uma manifestação : era infallivel o seu apparecimento como um protesto solemne contra as iniquidades de uma dictadura selvagem, que por tão longos annos conservou essa porção do territorio brasileiro fóra da communhão das leis, e dos gosos constitucionaes. Justiça seja feita a muitos d'esses, que no Piauhy foram encontrados na luta empunhando as armas da rebellião : elles não queriam o assassinato e o roubo, desejavam entrar na posse de uma herança sagrada—a constituição—que com tanta iniquidade lhes era sequestrada !

30. Tomada de *Caxias*. Os rebeldes em numero de 1:600 pouco mais ou menos, sob o commando dos caudilhos Ruivo, Balaio, Mulungueta, Pedregulho, Cock, Ignacio Teixeira, Livio Lopes, Milhomem e José Joaquim da Silveira, entram na cidade de *Caxias*, cuja guarnição de 400 praças se rende juntamente com o tenente-coronel Severino, conseguindo evadir-se José Dias Carneiro e João Paulo de Miranda. *Caxias* é saqueada, e muitos dos seus habitantes barbaramente assassinados. Marcha de *Oeiras* o capitão Antonio de Sousa Mendes com 70 praças em direcção á *Campo-Maior*, afim de organisar a columna do Norte, e bater a revolução por aquelle lado.

JULHO

Abre-se a assembléa provincial do Piauhy. O presidente

descreve a situação da provincia—quanto ao movimento revolucionario—nos seguintes termos:

« O malvado genio da facção, erguendo o collo na provincia do Maranhão, tem proclamado contra algumas de suas legitimas autoridades, e certas fórmas do seu governo. Baralhando a paz e a tranquillidade publica nos centros d'aquella provincia, tomando-lhe varias povoações e lugares, como sejam *Manga*, *Chapadinha*, as villas do *Brejo* e *Pastos-Bons*, pondo em sitio até a notavel cidade de *Caxias*.

« Sim, Senhores, reunindo ao seu partido a plebe incauta e *desgostosa*, esse traculento inimigo da boa ordem tem posto em campo numerosas quadrilhas de facinorosos, commandados por chefes despreziveis, e desgraçados na ordem da sociedade, que de commum accôrdo—uns com os outros se tem votado á que haja n'aquella provincia uma nova marcha de administração, accommodada á suas idéas loucas e absurdas, e para conseguir os seus fins, fizeram rebentar de todos os lados o vulcão da anarchia, acompanhada dos horrores, que assustam a razão e a natureza.

« Um bando d'esses facciosos, composto de 180 á 200 homens, capitaneado por um Raymundo Gomes atravessando o rio *Parnahyba* para esta provincia, ousou tentar contra a villa da *Parnahyba*, porém distante d'esta sete leguas,em o lugar denominado *Barra do Longá*, foi inteiramente destroçado pelo tenente-coronel José Francisco de Miranda Osorio, prefeito d'aquelle municipio, que com 120 praças de primeira linha e nacionaes, e com uma pequena guarda de cavallaria, que pôde arranjar, o atacou, fazendo romper sobre elle o fogo de cavallaria e mosquetaria ao mesmo tempo com tal valor e acerto, que o obrigou a desapparecer,e pôr-se na mais completa debandada,e a sof-

frer a consideravel perda de 18 prisioneiros, 6 mortos e 1 ferido, de 20 cavalgaduras, 21 armas, e toda a bagagem, o que teve lugar no dia 31 de Janeiro do corrente pelas 6 horas da manhã.

« Com a participação official á respeito, e noticias, que se lhe seguiram, conheci que a provincia se achava sem duvida ameaçada, e que quantos antes devia tomar medidas para a defender de qualquer aggressão, que podesse sobrevir da parte de taes desordeiros. Examinei logo o estado dos cofres; fui ver pessoalmente os armazens publicos e a casa da polvora, e achei-me sem dinheiro, sem armas, e sem munições, e só com o fraco contingente do pequeno corpo de tropa regular de policia, que monta a 361 praças, postadas a maior parte nos differentes municipios em destacamentos, segundo o espirito de sua creação.

« Os rebeldes se engrossam, crescem espantosamente, continuam affoitos em suas escaramuças, e a sedição se apresenta ao partido da boa ordem e legalidade com uma face aterradora. Chegam as partes officiaes umas sobre outras; representam os municipios contiguos ás fronteiras do Maranhão o estado de perigo em que se acha a segurança publica, instam todos,e ao mesmo tempo por providencias: a mesma provincia do Maranhão pelo seu presidente requisita-me auxilio de força armada, quando já o prefeito de *Caxias* o havia feito com a maior urgencia: e em tão apertada collisão, Senhores, é triste a sorte de um presidente, que se vê sem meios para occorrer a um mal eminente! Porém como em apuros taes convenha mais o obrar do que o invectivar —passei immediatamente a mandar suspender a remessa do saldo dos cofres geraes na importancia de rs. 54:520$516, que se havia de fazer para o Maranhão, em virtude de ordem do thesouro, fiz comprar as poucas ar-

mas e polvora que haviam n'esta cidade a vender-se, determinei que o prefeito da *Parnahyba* alli comprasse 60 armas, que pedira instantemente, visto que me não era possivel mandal-as; puz em marcha para *Campo-Maior* o capitão Antonio de Sousa Mendes com 70 praças de primeira linha, a reunir-se a 40, que já lá estavam, e a guarda nacional, e a gente do corpo municipal, que anteriormente se havia mandado convocar, encarregando-o das operações militares, afim de tomar a posição que mais conveniente fosse, tanto para auxiliar a *Caxias*, como para guarnecer os pontos da provincia mais necessarios: e convoquei ultimamente todas as pessoas capazes de pegar em armas para a defeza da provincia, ordenando que cada um trouxesse sua arma, ainda que clavina fosse, resultando de todas essas medidas preventivas o achar-se até o presente... homens promptos a salvar o Piauhy, e eu a acompanhal-os em sua frente....

« E' quanto tenho a informar-vos ácerca do estado em que se acha a provincia, para onde já se tem estendido a sedição e com bastante calor, segundo as participações officiaes, que tenho recebido, e documentos, que acompanhavam »

Eis o estado da provincia do Piauhy oito mezes depois de haver rebentado a revolta no Maranhão.

N'este mesmo mez marcha de *Oeiras*, o major Clementino de Sousa Martins, para bater os revoltosos do Maranhão, guarnecer os pontos limitrophes, e impedir que se passem para o Piauhy. Rapida corre a noticia de que o valente major Clementino vai bater *Caxias*; os rebeldes aterrados abandonam a cidade.

10. Vai de *Caxias* á capital por parte dos rebeldes uma deputação composta de João Fernandes de Moraes, Hermenegildo da Costa Nunes, João da Cruz, Feliciano José

Martins, e padre Raymundo de Almeida Sampaio, afim de impôr condições ao presidente, e concertar os meios de pôr fim á revolta (2).

25. Toma o major Clementino dois pontos do *Parnahyba*, que estavam guarnecidos pelos rebeldes. O alferes Ignacio Marcello toma o ponto da *Manga*, guarnecido por 60 homens.

26. O rebelde Baldoino José Cardoso em um encontro, que tem com o alferes Ignacio Marcello cahe em seu poder.

AGOSTO.

10. Tomam de novo os rebeldes a povoação da *Manga*.

11 e 12. Marcha o major Clementino para a *Manga*, e á sua approximação fogem os rebeldes para o interior de *Pastos Bons*. Volta da *Manga* o major Clementino, e antes de seguir para *Pastos Bons*, visita, e guarnece varios pontos da margem do *Parnahyba*.

18. Acampa-se o major Clementino no lugar *Sussuapara*.

19. Entra na villa de *Pastos Bons* o major Clementino á frente de suas forças.

21. Segue o mesmo major de *Pastos Bons* para o *Mirador*, e na passagem encontra uma força rebelde de 200 homens, bate-a vigorosamente, dispersa-a, ficando no campo 9 mortos e muitos feridos.

24. Entra o major Clementino sem a menor resistencia na villa da *Passagem-Franca*: com a sua approximação fogem os rebeldes aterrados. Parte da villa de *Jurumenha* uma força legal commandada pelo tenente Martinho Alves da Rocha, e depois de fazer juncção com os legaes do ponto dos *Veados* ataca os rebeldes que de novo se tinham apo-

derado do ponto da *Manga*. Ao atravessar a partida do tenente Rocha o porto de *Santo-Antonio*, encontra um troço de rebeldes, que é vigorosamente batido, ficando ferido n'esse conflicto o tenente Rocha, apezar do que segue para a *Manga*, põe em cerco o quartel dos rebeldes, e os desaloja depois de forte tiroteio.

28. Entram de novo os rebeldes na villa da *Tutoya*.

29. Deixa o major Clementino um destacamento na *Passagem-Franca*, e se dirige para a villa de *S. José*, onde entra pelas 11 horas da manhã, sem encontrar o mais pequeno embaraço. Proclamação de Francisco Ferreira de Sousa Balaio (3).

SETEMBRO

3. Chega o major Clementino ao ponto de *Santo-Antonio*, e põe em debandada 300 rebeldes, que o guarneciam.

5. O tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira, nomeado commandante em chefe das forças legaes no Maranhão, faz uma proclamação, convidando os rebeldes a deporem as armas; o movimento revolucionario, porém, redobra de intensidade.

6 a.. Chega o major Clementino á barra das *Pombas*. *Caxias* está completamente evacuada, porém os rebeldes estão espalhados por toda a comarca e margens do *Parnahyba*. Com a noticia da approximação de Clementino, o caudilho Livio Lopes foge com sua gente, atravessa o *Parnahyba* para o lado do Piauhy, e aquartela-se a 5 leguas da povoação do *Estanhado*. O tenente Borges, commandante do ponto do *Puty* marcha contra Livio Lopes. Livio segue para o *Estanhado* á fazer juncção com as forças de Ruivo e de Balaio, que se postam do lado do Maranhão em frente

do *Estanhado*, que já se acha em poder dos rebeldes. Marcham do *Itapicurú* alguns batalhões em auxilio de *Caxias*.

8. Revolta-se a povoação das *Frecheiras*, na comarca da *Parnahyba*. Um grupo rebelde entra na povoação de *Mattões* e assassina toda a guarnição. Os rebeldes projectam atacar a villa de *Piracuruca*, d'onde marcha uma força legal de 170 praças ao mando do major Joaquim Ribeiro, que sitia 218 rebeldes intrincheirados no *Bebedor*.

10. Marcha do ponto das *Melancias* o major Clementino em direcção ao *Estanhado*, para bater as forças do cabecilha Livio Lopes. A cidade de *Caxias* é occupada por forças legaes sob o commando do tenente-coronel José Dias Carneiro. Raymundo Gomes é batido pelas forças do major Falcão á pouca distancia do *Itapicurú*. Os sediciosos do *Monim*, batidos pelas partidas legaes, abandonam a villa. Reina a discordia entre os proprios rebeldes. O major Pedro Paulo com uma força de 200 homens bate vigorosamente os rebeldes no *Pedregulho*.

12. O major Clementino antes de chegar á fazenda *Santa-Rita*, faz uma proclamação chamando os rebeldes á ordem e á obediencia. Chega a *Santa-Rita*, sendo em todo o transito incommodado por guerrilhas rebeldes. Rompe o fogo no rio *Parnahyba* e em terra. Livio faz fogo de artilharia sobre as gabarras, que conduzem forças da legalidade. Depois de leve resistencia, foge Livio aterrado em direcção á *Campo-Maior*, depois de reconhecer que é batido pelas forças de Clementino de Sousa Martins, á quem todos os rebeldes com justiça temem. Derrota completa da partida de Livio, ficando em poder das forças legaes 2 peças de artilharia, 2 caixas de munições, 22 barris de polvora, 850 cartuxos, mil e tantas ballas, 2 arrobas de chumbo, 7 arrateis de estanho, e muitos caixões de fazendas, que haviam sido roubadas e saqueadas em *Caxias*.

Dispersos os rebeldes do *Estanhado*, alguns se dirigem para o *Brejo*, e outros se vão reunir á Balaio no *Morro-Agudo*. Ruivo e Milhomem se entrincheiram nas mattas da *Conceição*. Forças legaes tomam a villa do *Monim*.

14. Marcha o major Clementino com toda a sua columna contra os rebeldes da *Matta da Conceição*, encontra-os no *Baixão*, investe impetuosamente contra elles, que tambem respondem com denodo e valentia: a luta empenha-se encarniçada e terrivel! O major Clementino obra prodigios de valor, e quando já conta com mais uma victoria, uma balla o fere no baixo-ventre, da qual succumbe meia hora depois com profundo pezar de seus companheiros de arma. Os inimigos abandonam o campo, deixando 9 mortos e 30 feridos. Póde dizer-se que a victoria foi dos rebeldes, porque a morte do major Clementino deixou nas fileiras da legalidade um espaço bem difficil de preencher-se.

15. Com a morte do major Clementino toma o capitão Antonio de Sousa Mendes por acclamação o commando da columna do Norte, e prosegue nas operações.

19. Marcha da cidade da *Parnahyba* uma expedição contra os rebeldes de *Mariquita* e *S. Pedro*, que são batidos e dispersos, ficando expurgado de rebeldes todo o territorio da *Parnahyba* até a barra de *Santo-Agostinho*, e para o centro até a povoação da *Aldêa*, onde os rebeldes soffrem um vivo fogo; perdem a bagagem, deixando no terreno da acção 7 mortos, fóra um grande numero de prisioneiros.

21. Os rebeldes das *Frecheiras* entrincheirados no *Bebedor* cahem em poder das forças legaes, e são levados presos para a villa de *Piracuruca*.

28. O capitão Antonio de Sousa Mendes, marcha do *Estanhado* para atacar os rebeldes entrincheirados na lagôa da *Inhuma*, e os desbarata. O capitão Mendes segue-os

até a fazenda de *Santa-Rita*, onde chegando pela manhã, é recebido pelas forças reunidas de Ruivo e Pedregulho. Rompe o mais mortifero fogo, que dura até 6 horas da tarde :—os rebeldes fraquêam, e deixam o campo.

29. Continúa a acção de *Santa-Rita* : os rebeldes voltam ousados, e são batidos corajosamente, e depois do mais activo fogo, fogem deixando o campo coberto de cadaveres. Os que escapam, atravessam o *Parnahyba*, e se vão reunir á Balaio no *Morro-Agudo*.

31. Entra o capitão Sousa Mendes no acampamento do *Estanhado*. Livio Lopes abandona sua causa, e foge para o *Ceará*.

OUTUBRO

O barão da Parnahyba redobra de actividade, e procura todos os meios para extinguir a revolta, que o ameaça na capital. Tomando por norma o principio condemnado de que os fins justificam os meios, não trepida um só instante no emprego dos mais violentos, barbaros e mesmo criminosos (4).

2a. E' creada no Piauhy a columna do Oeste sob o commando do major José Martins de Sousa, que em continente parte para *Jurumenha* afim de organizal-a. Principia a sublevar-se o *Paranaguá*. *Passagem-Franca* e *Pastos-Bons* estão occupados por bandos de sediciosos. *Pastos-Bons* é dominado por mais de 200 rebeldes, e mais de 500 occupam varios pontos intermediarios entre a *Manga* e o *Riacho-Comprido*. Projecta o commandante da columna do Oeste um ataque geral. Sahem da villa de *S. José* com 80 praças, os alferes Joaquim Ferreira de Castro e Antonio Vieira Torres, e se dirigem para o lugar *Cajueiro*, onde fazem juncção com as forças de Raymundo José da Silva. A' uma

hora da tarde são as forças dos alferes Castro e Torres atacadas por grande numero de rebeldes, que em poucos momentos pagam a sua ousadia, fugindo em grande derrota, deixando no theatro da acção 20 mortos e 22 feridos : —a força legal depois d'esta victoria marcha para o *Bonito*.

5. Chega ao ponto da *Conceição* o prefeito de S. Gonçalo com 50 praças, para soccorrer aquelle ponto, ameaçado pelos inimigos fortificados na *Manga*.

6. Pedregulho, Ruivo e Balaio, deixam o *Morro-Agudo*, e se dirigem para *Caxias*, de accôrdo com Raymundo Gomes.

7. Pelas 8 horas da manhã o commandante da columna do Oeste ataca os entrincheiramentos da *Manga*, que, depois de fraca resistencia, são abandonados. Pelas 6 horas da tarde rompe o fogo no ponto dos *Veados* com todo o successo em favôr dos rebeldes.

9. Entra Raymundo Gomes em *Caxias* á frente de mais de 2:000 rebeldes, depois de varios encontros com as forças do tenente-coronel José Dias Carneiro. E' pela segunda vez a cidade de *Caxias* theatro de horriveis scenas. A população foge espavorida em todas as direcções ; muitos compram a vida á peso de dinheiro, e outros acabam aos golpes dos assassinos. Os rebeldes depois de terem saqueado pela segunda vez a rica cidade, victima de sua cobiça, a abandonam, e se dirigem para diversos pontos.

14. Chega ao sitio da *Pindoba* o alferes José da Silva, onde tem um encontro com uma partida inimiga, e do qual sahe victorioso. Valerio á frente de mais de 200 rebeldes retoma a villa do *Brejo*.

22. O major Pedro Paulo com 150 praças de primeira linha entra na villa de *S. Bernardo* sem resistencia.

26. Chegam o tenente João Vieira Torres e Raymundo José da Silva, á lagôa do *Cameiro* onde encontram Ruivo

Milhomem e o negro Lamego, com um grosso numero de rebeldes. A luta trava-se encarniçada, e os rebeldes depois de quatro horas de acção, em que a victoria esteve indecisa, desconcertam-se, e abandonam o campo com perda de seis mortos e mais de 30 prisioneiros.

27. Marcha 150 praças do *Estanhado* em auxilio de *Caxias*, e 160 em soccorro de Pedro Paulo, que está occupando a villa de *S. Bernardo*, cujas immediações são visitadas por grupos de rebeldes, que se não atrevem atacal-a.

NOVEMBRO.

O commandante da columna do Oeste remove os seus quarteis de *Jurumenha*, e segue para a *Manga*, afim de bater os novos rebeldes, que estão fortificados, e completamente senhores d'aquelle ponto. O majór Martins ataca o ponto da *Manga*, e depois de seis horas de vivo fogo, consegue desalojar os rebeldes, com perda de cinco soldados que morrem escalando os entrincheiramentos. Dos rebeldes morrem 17 e são aprisionados muitos. Depois do ataque da *Manga*, considerando o major Martins de urgente necessidade ir logo bater a revolta em *Paranaguá*, onde já conta numerosos seguidores, guarnece com 150 homens o ponto dos *Veados* sob o commando do capitão Piauhylino; o ponto da *Manga* com 140 praças ás ordens do capitão Theotonio de Sousa Mendes; e do *Bomjardim* com 140, o de S. Francisco com 100, o da *Conceição* com 40, e segue para *Jurumenha* á frente de 200 homens.

3. O major Sabino Dias Carneiro faz prisioneiro em uma acção a João José de Oliveira Coimbra, intitulado capitão, e o remette preso para a passagem de *Santo Antonio*.

4. Atacam os rebeldes as trincheiras do *Bority-Cortado*, e as tomam das forças legaes.

5. São retomadas pelas forças legaes as trincheiras do *Bority-Cortado* depois do mais vivo fogo. O major Sabino Dias Carneiro com 47 praças bate por 48 horas consecutivas de um fogo mortifero um grupo de 200 rebeldes forticados na fazenda — *Abacaba* — propriedade do coronel Severino Dias Carneiro. Vem do lado de *Balças* uma força rebelde de 300 homens, sob o commando do tenente-coronel Bezerra, que ataca n'este dia os pontos dos *Veados* e da *Manga*, que se defendem corajosamente, apezar de estarem apenas guarnecidos por 160 homens.

6. Chega ao ponto da *Manga* o tenente Leocadio com um auxilio de 50 praças. Os rebeldes tomam varias direcções. Dão-se differentes ataques em varios lugares sem resultado difinitivo.

29. Uma partida de 200 inimigos tomam á viva força o ponto da *Conceição*. O commandante tenente-coronel Thomé Mendes Vieira resiste aos rebeldes com coragem, e depois de meia hora de fogo, readquire as posições perdidas pagando os rebeldes a sua ousadia com o numero de mortos e feridos que deixaram nos entrincheiramentos abandonados.

DEZEMBRO.

4. O caudilho Alexandrino manda assassinar o rebelde Pedregulho, um dos chefes mais distinctos.

8. O major Pedro Paulo á frente de 480 praças ataca os inimigos nas *Arêas* (comarca do *Brejo*) defendendo as entradas da villa do *Brejo*. Os rebeldes atacados em suas trincheiras pela frente e pela retaguarda se defendem por tres horas continuadas, até que por fim, não podendo

resistir ao impeto com que investem as forças legaes, abandonam as trincheiras, deixando cinco mortos e 44 feridos.

15. E' nomeado commandante em chefe das forças em operação no Piauhy o coronel José Feliciano de Moraes Cid, ha pouco chegado da Bahia.

18. Parte de *Oeiras* para *Campo Maior* o commandante em chefe Cid. As forças rebeldes do Maranhão poem em sitio a columna do Norte, ao mando do major Antonio de Sousa Mendes, na altura do *Estanhado.*

1840.

JANEIRO.

Chega a *Caxias* com uma força de 550 praças o major Ernesto Emiliano de Medeiros. Uma columna de rebeldes ao mando de Pio Victorio, Bento e Bandeira projecta atacar de novo *Pastos Bons.* A familia Aguiar de *Paranaguá* protesta a sua adhesão a revolta *Bemtevi.* O rebelde Mascarenhas vem á cidade de *Oeiras* sondar o espirito do presidente. O barão da Parnahyba tenta prendel-o;elle o sabe; foge para o *Rio de S. Francisco*, depois de ter ido á villa de *Paranaguá*, onde sabe que o major José de Sousa Martins segue em sua procura.

4. Os rebeldes, tendo sitiado a columna do Norte, são batidos pela retaguarda por uma força que chega de *Piracuruca* sob o commando do tenente-coronel Roberto Vieira Passos, e em auxilio das forças legaes. Ataque da fazenda da *Boa-Vista*, perto da villa das *Barras*, que dura todo o dia: os rebeldes perdem completamente a acção, deixando no campo 14 mortos. Atacam os inimigos o ponto da *Boa-Vista*, na margem do *Parnahyba*, e são repellidos com 17

mortos e muitos feridos. Novo ataque do ponto da *Boa-Vista*, no lugar *Poço da Cruz*. Depois de 12 horas de vivissimo fogo abandonam os rebeldes o ponto, deixando toda a bagagem e 27 mortos. A força legal sob o commando do tenente coronel João Ribeiro Cardoso perde 36 praças.

5. Chega a *Campo Maior* o commandante em chefe Cid, e tomando conta da columna do Norte dá começo ás operações, e por uma proclamação chama á ordem a rebeldia (5).

7. Parte do acampamento da *Sapucaia* o major Pedro Paulo com 540 homens, afim de bater o rebelde Pedro Alexandrino, entrincheirado na feitoria do *Martinho*. Soffre Pedro Paulo alguns revezes, porém os rebeldes são derrotados. Volta o major Pedro Paulo para seus arraiaes.

12. Muda o coronel Cid os seus quarteis para o *Estanhado*.

15. Chegando ao *Estanhado* organisa um corpo de imperiaes voluntarios do Piauhy sob o commando de Thomaz José Pereira, e um corpo provisorio sob o do major Pedro Paulo.

24. Entra pela manhã em *Caxias* as forças legaes sob o commando do tenente-coronel Francisco Sergio de Oliveira. Valerio Ruivo e Lamego procuram concentrar-se nas *Vertentes*, perto do *Estanhado*. O coronel Cid dirige-se para o *Poty*.

26. Francisco Dias Carneiro ataca no lugar *Monteiro* as forças de Ruivo, que procuram a direcção do *Piauhy*. Ruivo, completamente desbaratado, perde toda a bagagem, 18 mortos e 11 prisioneiros, e fugindo para a margem do *Parnahyba*, atravessa o rio para o *Estanhado*, onde pouco se demora. O caudilho Valerio ataca o ponto do *Bananal* com 300 homens. Depois de quatro horas de vivo fogo, apezar de estar o ponto muito pouco guarnecido, retira-se

sem nada poder conseguir em presença da coragem do capitão Antonio José da Silva e Sousa.

30. O commandante da columna do Oeste, no *Piauhy*, o major José de Sousa Martins, ataca com grossa força os rebeldes Polydoro, e Luiz Ignacio na povoação dos *Patos*.

Perdem os rebeldes a acção, e fogem debandadas, deixando 3 prisioneiros e 9 mortos. Dos legaes foram feridos o sargento Basilio Francisco da Rocha e 3 soldados. Mais de 400 rebeldes ás ordens do terrivel Victorio atacam as forças legaes na *Lagoa de S. João*, mas sem resultado.

FEVEREIRO.

As forças sob o commando do tenente-coronel Sergio cobrem a capital do Maranhão, os campos de *Anajatuba*, e as villas do *Icatú* e *Itapicurú-mirim*. Marcha de *Jurumenha* o major Martins, afim de atacar os rebeldes de *Pastos-Bons*.

5. Chega o major Martins á fazenda *Sussuapara*. Ataque da *Sussuapara*. Grande triumpho das forças legaes. Morrem 18 rebeldes, e muitos são aprisionados. Os rebeldes Vicente Bezerra e Romão, depois d'este ataque, tomam a direcção da ilha de *Balças;* Thomaz e Delfim sobem o *Parnahyba*, Dantas, Amorim, e Milhomem procuram o *Mirador;* Polydoro, e Luiz Ignacio e Victorio se dirigem para o *Sobradinho*.

7. Toma conta da presidencia do Maranhão o sr. Luiz Alves de Lima (*) (6). Os rebeldes sob a direcção dos caudilhos Ruivo, Ladisláo, e Adão Pinto são batidos com perdas consideraveis no lugar *Vertentes*.

8. Entra na villa de *Pastos Bons* o major Martins com

(*) Hoje marquez de Caxias.

os louros de tres triumphos, depois de fazer juncção com as forças de Francisco José de Sousa e Silva, e Bento José Moreira.

13. Seguem para o *Sobradinho* com 500 praças o capitão Piauhylino e Ribeiro Soares, para atacarem as forças combinadas de Victorio, Corrêa, Valerio, Pio, Sant'Anna, Luiz Ignacio, Polydoro, Marcos e Marianno. A acção do *Sobradinho*, começa ás 11 horas da manhã, e dura até á tarde, occasião em que os legaes extenuados de forças, apezar d'isto obrigam os rebeldes a evacuar as trincheiras. O triumpho das forças legaes foi completo. Não houve quem não lamentasse a morte do bravo capitão Piauhylino. A perda dos legaes n'esta acção, umas das mais pleiteadas, subiu á 46 mortos, fóra os feridos.

14. Tenta de novo os rebeldes apoderar-se da fazenda *Sobradinho*, e seus entrincheiramentos: investem com arrojo nunca visto! O fogo se cruza em todas as direcções; legaes e rebeldes obram prodigios de valor; porém aquelles mais destros e disciplinados levam á estes de vencida. Os rebeldes perdem mais de 80 homens entre mortos e feridos. A perda da força legal foi avaliada em 19 mortos e 27 feridos, contando-se entre os mortos o capitão Bento José Moreira, e os alferes Jose Igydio da Costa Alvarenga, Leocadio Telles da Cruz, e Leocadio da Costa Nunes, commandante de um corpo denominado dos *Emigrados*. Este segundo ataque do *Sobradinho* foi o maior que deu a columna de Oeste. Queimaram-se nove mil cartuxos.

16. Rebenta a rebellião em *Paranaguá*.

19. Ataque da *Boa-Vista* pelos rebeldes do *Corumatá*. Decide-se ao principio a acção em favor dos rebeldes, que são em grande numero; porém com a chegada dos tenentes Frederico Guilherme Buttiner, e José Luiz de Queiroz,

e seus piquetes de exploração, pende a acção em favor das forças legaes. Os rebeldes soffrem horrivel mortandade.

20. E' preso em *Caxias* o caudilho Antonio José da Costa Pinheiro. Parte do Ceará em soccorro do Maranhão e Piauhy, o major Joaquim Moreira Rocha com uma força de 80 praças, que é engrossada com um contingente da cidade do *Sobral.*—Proclamação do caudilho Manoel Lucas de Aguiar (7).

24. Uma força legal ao mando do major Firmino José da Silva Braga, occupa a villa da Tutoya. São batidos os rebeldes do *Bority*, *Morro-Agudo*, *Livramento e Gameleira.* N'estes ataques parciaes raream as fileiras anarchicas, e seus chefes se consternam e desanimam.

25. O ponto rebelde da *Boa-Vista*, sob o commando de Gonçalo da Cruz é tomado, depois de encarniçada luta, pelo tenente Francisco Pedro de Oliveira, e guarnecido com 230 praças. O cabecilha Cruz morre na tomada do ponto. Os rebeldes do *Paranaguá* fazem uma proclamação, chamando a provincia ás armas (8), depois de haverem proposto uma capitulação que não foi aceita.

26. Ataque geral nos pontos dos *Morcegos*, *Maricota*, *e Porto do Mato* sem resultado definitivo. *Bemteviz e Cabanos* obram prodigios de valentia e arrojo.

MARÇO.

Os rebeldes de *Paranaguá* em numero de 300, capitaneados pelo ourives Serafim, Manoel Lucas de Aguiar e Porfirio José de Aguiar tentam uma capitulação com o major José Martins (9). Depois dos ataques da *Sussuapara*, *Pastos-Bons*, *e Sobradinho*, os rebeldes Thomaz, Valerio, Vicente, Bezerra, Azueira, Marques e Pio, concentram-se na *Passagem-Franca*, com uma força de 800 homens.

1. Parte de *Caxias* para a *Passagem-Franca*, com uma força expedicionaria o tenente-coronel Honorio Pereira de Burgos.

3. O ponto de *S. Pedro*, guarnecido de força legal ao mando do capitão Francisco Irinêo Gomes Corrêa, é impetuosamente atacado por um troço de rebeldes, que corajosamente é repellido.

10. A columna do Oeste faz juncção com o capitão Ribeiro Soares, para bater os revoltosos do *Gurugueia*. O major Martins convida os inimigos da ordem a depôrem as armas fratricidas. Os rebeldes respondem com outra proclamação chamando o povo ás armas. Novas forças marcham do Ceará em auxilio do Piauhy e Maranhão.

11. Toma em pessoa o commandante da columna do Oeste, as trincheiras rebeldes de um e outro lado do *Gurugueia*, proximas á villa de *Paranaguá*.

12. Os revoltosos de *Paranaguá* tentam uma capitulação honrosa : o major Martins não aceita as condições (10).

13. Uma partida das forças do tenente-coronel Burgos desaloja os rebeldes da passagem do *Corrente*, depois da mais porfiada luta, em que a legalidade perde mais de 9 soldados, e os rebeldes 30.

19. A' noite atacam os rebeldes a povoação da *Miritiba*, com uma força de 500 homens, entram na povoação, e assassinam barbaramente o capitão João Luiz de Castro da Gama, e o alferes Manoel José dos Santos Amaral. Chega ao quartel do commandante Cid, o tenente-coronel José Dias Carneiro com 129 praças dos imperiaes voluntarios de *Caxias*, para auxiliarem as operações militares da provincia do Piauhy.

21 a... Por uma bem acertada combinação são expellidos os rebeldes dos lugares *Remanso*, *Curralinho*, *Jussára*, *e Morcego*. Vai sendo expurgada a comarca de *Caxias*, de

rebeldes que se concentram no *Brejo*. Uma força expedicionaria de mais de 500 praças cobre a comarca de *Caxias*, afim de obstar, que os rebeldes entrem pelo lado do *Brejo*. Mais de 200 praças guarnecem a estrada da *Passagem-Franca*, e cobrem *Mattões*.

23. Raymundo Gomes é batido desde o lugar *Olho d'Agua* até o *Taboleiro* com perda consideravel: passa-se para o *Brejo*. O tenente-coronel Manoel Antonio da Silva, commandante em chefe das forças do Ceará occupa a villa do *Brejo*. Ataque da villa do *Brejo*, que é defendida por trez ordens de trincheiras. A resistencia é vigorosa durante todo o dia, até que por fim cahe em poder dos bravos cearenses, que obram prodigios de valor.

25. Um piquete de exploração bate no *Morro Vermelho* uma guerrilha de 30 rebeldes, e a poem em debandada.

ABRIL.

1. Acampam-se os rebeldes de *Paranaguá* no lugar *Bority*, de onde o caudilho Aguiar dirige ao major Martins uma carta, propondo condições para depôr as armas.

2. Os rebeldes do *Corumatá* chamam Livio Lopes em seu auxilio, ignorando o facto de ter este caudilho fugido para o Ceará. Raymundo Gomes vendo a desordem em suas fileiras, a desharmonia entre os chefes do seu intitulado exercito da liberdade tenta chamal-os a um accordo por meio de uma proclamação.

3. João da Mata Castello-Branco, que ficou substituindo a Livio Lopes, como chefe da rebellião no norte do Piauhy, por sua vez tambem proclama aos seus amigos, a fim de encorajal-os (11).

4 á.... Muda Aguiar o seu acampamento do lugar *Bority* para a fazenda *Corrêa*, doze leguas do acampamento legal do *Sucurujú*. Tenta o major Martins atacar os inimigos com 500 praças, receia, porém, entranhar-se pelo

Paranaguá, desconfiado de que o inimigo não lhe córte a retaguarda, por isso volta a *Jurumenha*, guarnece a retaguarda com as praças de que póde dispôr, manda piquetes de exploração pelas ribeiras do *Prata*, *Esfolado* e *Gurugueia*, e com todo o grosso de suas forças acampa-se na fazenda *Matto-Grosso*.

8. Reune-se com as forças do Brejo a segunda columna ao mando do tenente-coronel José Thomaz Henriques.

17. Os rebeldes das *Frecheiras* commandados por Antonio Mathias, João Gomes Machado, e Sebastião de Sousa Ramos batem e completamente põe em debandada pelas 7 horas da manhã uma força legal de 100 praças commandadas pelo prefeito da *Parnahyba*. A acção tem lugar na fazenda denominada *Espirito-Santo*.

18. Parte da capital do Ceará um corpo de 400 praças, commandadas pelo tenente-coronel Torres, em auxilio do Piauhy e Maranhão. Marcha de *Caxias* uma expedição sobre *Pastos-Bons*.

20 a 26. Uma partida legal sob o commando do major Luiz José Ferreira bate 15 trincheiras rebeldes no ponto da *Tabatinga* e estrada dos *Preguiçosos*.

Uma columna de 300 praças ao mando do valoroso tenente Conrado atravessa o *Parnahyba* para o Piauhy, no lugar *Boqueirão* em activa perseguição de Raymundo Gomes, que por todos os meios procura evital-o.

Os inimigos tentam atacar a columna do Oeste. O caudilho Sebastião com 500 homens faz juncção com as forças de Manoel Lucas; Thomaz e Arueira seguem com 300 homens para bater as forças do major Martins pela retaguarda, o que sabido por este, manda o alferes Antonio Martins da Rocha ao encontro de Thomaz. D'este modo são os rebeldes obrigados a mudar de plano.

Os inimigos sob a direcção de Manoel José da Costa são

batidos no lugar denominado — *Malhada da Arêa* — a acção é porfiada, porém com a morte do caudilho perdem os rebeldes a acção.

João da Matta, Tempestade, Caboclo e Campos occupam as feitorias de *Santa Maria*, *Olho d'Agua*, e *S. Bartholomeu da capella das Barras*.

30. Pedro de Alcantara Soares de Goyaz, intitulado poeta, canta em versos o movimento revolucionario.

MAIO.

5. Partindo do *Codó*, e povoação do *Urubú* duas partidas legaes, que ao todo formam 180 praças, que se reunem sob o commando do capitão Fernando Antonio Carneiro Junior em direcção do *Carahubal* encontram, batem e vencem um bando rebelde de mais de 300 homens fortificados nas serras do *Carahubal*. O capitão Francisco Affonso Xavier de Bastos com uma partida de 110 praças é cercado por 450 rebeldes nas feitorias denominadas *Caxarumbú* e *Calengue*. Defende-se corajosamente por dois dias e duas noites, até que afinal chega em seu auxilio o tenente-coronel Francisco Dias Carneiro, e os rebeldes fogem completamente vencidos, deixando 22 mortos, e 8 prisioneiros, inclusive o chefe por nome Aleixo Gomes Balaio, irmão ou parente do primeiro caudilho.

6 a 7. Entra na villa de *Sobral* o tenente-coronel Torres, que com 300 praças vem soccorrer o Piauhy.

Tendo partido da villa do *Brejo* 200 homens sob o commando do tenente Conrado José de Lorena Figueiredo em perseguição do Raymundo Gomes, que se evadira para o Piauhy, depois de haver com denodo batido os pontos rebeldes de *Cabeceiras*, *Orestes*, *Remanso*, *Lagoa do meio* e *Curral velho*, depois de vencer immensas difficuldades o

tenente Conrado e as forças do coronel Cid se dispoem a bater 2:000 rebeldes fortificados nas mattas do *Curumatá*, e *Egypto*.

Ataque geral das mattas do *Curumatá* e *Egypto*. Os rebeldes são commandados pelo seu general em chefe Raymundo Gomes, se acham muito bem fortificados. O coronel Cid marcha com toda a sua columna: empenha-se a acção debaixo de vivissimo fogo de todos os lados: resistem os rebeldes com coragem em suas numerosas trincheiras, guarnecidas em 7 ordens, e estendidas em um plano de um quarto de legua de extensão. Rompe o fogo no *Egypto* pela retaguarda do inimigo, e a força legal avança com coragem. Abandonam os rebeldes os seus abarracamentos. Ataques parciaes na *Folha Larga*, *Santiago* e *Barro-Vermelho*. Desanimam os rebeldes. Em menos de 24 horas toma o coronel Cid seis acampamentos, e muitas trincheiras. O tenente Conrado, e o capitão Büttner dão provas de muito valor. O inimigo toma a direcção do *Olho d'Agua*, tendo á sua frente Raymundo Gomes. Perdem os rebeldes mais de 500 homens, entre mortos, feridos e prisioneiros. São feridos dos da força legal o coronel Cid, o major Antonio de Sousa Mendes, o tenente José Luiz de Queiroz e 45 praças: foi grande o numero de mortos. Consta de documentos officiaes que as forças rebeldes do *Curumatá* e *Egypto* sob o commando em chefe de Raymundo Gomes, antes de seu desbarato conservaram as seguintes disposições: O acampamento central do *Egypto* sob o commando do major em chefe Manoel Alves Campos. O acampamento central do *Curumatá* sob o commando do major João da Matta Castello Branco. O acampamento do *Bomjardim* sob o commando do capitão Manoel Vieira. O acampamento da *Prata* sob o commando do capitão Guimarães. O acampamento do *Salobro* sob o commando dos capitães

José Fernandes da Costa Mussum e Antonio Leão Bandeira. O acampamento da 7.ª trincheira sob o commando de Antonio Alves Mamaluco. O acampamento das *Cabeceiras* sob o commando de José Ignacio de Araujo Imburana (12).

8. Os rebeldes do Maranhão unidos a mais de 300 escravos insurrecionados, atacam o ponto das *Carnahubeiras*, e se apoderam dos entrincheiramentos. Acode ás armas a guarnição do ponto, e retoma as perdidas posições, pagando os rebeldes com 37 mortos e muitos feridos o arrojo que tiveram. Da força legal consta que morreram 2, e ficaram feridos 26, entre outros o commandante do ponto Ignacio Portugal de Almeida e os tenentes Francisco Portugal de Almeida, Alexandre de Almeida Portugal, o alferes Antonio José das Neves, e o piloto da canhoneira—Legalidade — José Raymundo de Faria.

9. Marcha para *Pastos Bons* o 2.º batalhão de artilharia da Bahia sob o commando do major José Vicente de Amorim Bezerra.

10. Levanta o commandante da columna do Oeste, seu acampamento do lugar *Matto-Grosso*, e toma o caminho da villa de *Paranaguá* á frente de 400 homens.

18. Raymundo Gomes passa-se para o Maranhão com os seus companheiros de armas, que escaparam do ataque do *Curumatá* e *Egypto*.

19. O major Pedro Paulo de Moraes Rego é atacado pelos rebeldes no sitio *Ladeira*, mas depois do primeiro encontro, consegue repellil-os:

20. A columna do Oeste acampa-se na fazenda *Sacco*. Foge o caudilho Aguiar com a approximação da fôrça legal. Os grupos rebeldes de *Paranaguá* tomam varias direcções : uns procuram o *Rio-Preto*, outros se refugiam em Goyaz, e alg uns se dirigem para as cabeceiras do *Urussuhy*. Seguem nas pizadas dos revoltosos duas expedições, uma

pelo lado do *Urussuhy*, e outra pelo do *Gurugueia*. Bate os insurgentes o capitão José de Sousa Rabello desde as margens do *Tocantins* até a povoação de *S. Felix*. A ilha de *Balças* é guarnecida de força legal.

O major Pedro Paulo com uma força da segunda columna do *Brejo* ataca de novo os rebeldes no sitio *Ladeira*, entrincheirados em numero de 200, e os põe em completa debandada. Uma partida sob o commando do major Luiz José Ferreira ataca os rebeldes no ponto da *Tabatinga*, estrada das *Preguiças*, onde dominam 14 trincheiras: depois de porfiada luta são abandonadas.

22. Seguindo da *Miritiba* uma força de 360 praças para a freguezia do *Priá*, sob o commando do capitão Joaquim Pereira Chaves Gralhada, encontra acampados na *Ribeira* uma força rebelde de mais de 1:000 pessoas, á quem é obrigado á dar combate. Dura o fogo por mais de duas horas, até qne os rebeldes resolvem abandonar as trincheiras com pouco prejuizo dos seus. Da força legal morrem 2, e ficam feridos 19.

24.—25. O tenente-coronel Diogo Lopes investe contra os inimigos, que se acham senhores da villa de *Pastos-Bons*, e entra na villa debaixo do mais mortifero fogo. Ataca o major José Gomes Leal os rebeldes no lugar denominado *Baixa*, e o alferes João Sabino da Fonseca os insurgidos do *Mocambo* e *Boqueirão*. Piquetes de exploração ao mando do bravo capitão Miguel Ferreira Cabral e do tenente Lorena, vencem e batem os rebeldes em muitos encontros.

26. O capitão Gralhada partindo do ponto da *Ribeira* bate nos lugares *Espigão* e *Bella-Agua* uma força insurgente de 300 homens. A acção dura das 7 horas da noite até ás 3 da madrugada. Dos rebeldes morrem 11 e sahem feridos muitos, e a força legal perde 9 mortos, entre os quaes

o bravo capitão Manoel José da Fonseca; sahem feridos 29, inclusive o capitão Gralhada e o tenente Alberto José de Mello.

29. Segundo ataque dos insurgentes do *Cassó*, *Espigão* e *Bella-Agua* : os rebeldes são de novo repellidos, distinguindo-se muito n'esta acção o capitão Domiciano José Ayres, o tenente Joaquim Alexandre Manso Sayão e o alferes Luiz José Moreira.

JUNHO

Mais de 5:000 rebeldes infestam as comarcas do *Brejo* e *Pastos-Bons*. Mais de 1:000 batidos corajosamente pelas forças legaes se passam para o termo de *Jurumenha*, no Piauhy. Raymundo Gomes passando-se para o Maranhão subleva os escravos das feitorias, de combinação com o negro Cosme(13),e tenta de novo invadir a comarca de *Caxias*. Os rebeldes da *Passagem-Franca* capitaneados por Valerio Rodrigues de Almeida Relampo, commandante do denominado 4° batalhão *Bemtevi*, são batidos reiteradas vezes, ficando consideravelmente rareadas suas fileiras. Uma força legal de 600 praças occupa a villa da *Passagem-Franca*, 200 estão acampados no lugar *Por-em-quanto*. e 300 no *Itapicurú*. São presos em *Paranaguá* e remettidos para *Oeiras* os chefes da anarchia n'aquella comarca Pedro de Alcantara Soares de Goyaz, José Felix Barbosa e o juiz de direito interino Miguel Archanjo Pereira de Lemos. O sargento Silvestre Pereira Brasil prende no *Paranaguá* o major rebelde Conrado José da Costa. Um grande numero de facciosos se fortificam nas *Frecheiras*. Raymundo Gomes tenta atear o fogo da revolta em *Vianna* e no *Mearim* ; porém é batido pelo tenente Conrado em varios encontros, e perseguido por todos os lados. Os rebeldes

atravessando o rio *Monim*, com vistas de atacarem a villa do *Itapicurú*, encontram no ponto da *Gaiola* uma força de 40 praças commandada pelo tenente Fortunato José da Costa com quem trava combate. A pequena força legal entrincheirada em uma casa resiste por 18 horas consecutivas. Os rebeldes extenuados de força e convencidos de que não podem supplantar a partida legal, retrocedem, deixando o theatro da acção juncado de cadaveres. Este ataque merece particular menção, já pela desigualdade dos combatentes, já porque impediu que os rebeldes se apoderassem da villa do *Itapicurú*, deposito de artigos bellicos e de uma grande parte dos recursos das forças legaes.

10. O major José Philippe de Miranda investe contra os rebeldes na fazenda *Gonçalo-Alves*, pouco distante do ponto dos *Veados* e os derrota completamente, ficando da legalidade 10 soldados feridos e o capitão Manoel de Araujo Bacellar.

12. Marcha para as *Frecheiras* com toda a sua columna o tenente-coronel Manoel Antonio da Silva.

13 á 14. As forças, que partem para as *Frecheiras* são retardadas em sua marcha por fortes guerrilhas rebeldes. Rompe o fogo nos pontos avançados. Approximam-se das *Frecheiras* as forças legaes.

11 á 15. Ataques parciaes. O tenente-coronel Manoel Antonio da Silva á frente de sua columna entra na povoação pelas 8 horas da manhã do dia 15, e acha-a deserta. Os rebeldes refugiam-se nas mattas. Ataque das mattas, e sua exploração. Entra na povoação a partida do major João Martins Ferreira. Expede o tenente-coronel Manoel Antonio em auxilio da força, que vem do *Pacoty* a cavallaria e a guarda avançada; o resto da força fica guarnecendo a povoação.

Empenha-se a acção por todos os lados. Chega o tenente

coronel Torres com todas as suas forças, divididas em 4 columnas. A 1ª sob seu commando, se compõe de duas bocas de fogo ao mando do capitão Joaquim Isidoro de Oliveira, da cavallaria da guarda nacional da *Villa-Nova*. commandada pelo capitão Alexandre da Silva Mourão, de um batalhão de caçadores de primeira linha sob o commando interino do major Joaquim da Rocha Moreira, e do batalhão provisorio da guarda nacional destacada, sob o commando do major Ignacio Pinto de Almeida Castro. A 2ª columna, que entra pela estrada dos *Tucuns*, e se compõe de 200 praças, é commandada pelo capitão de primeira linha Antonio José Luiz de Oliveira. A 3ª columna, composta de 240 praças, sob o commando do capitão do batalhão provisorio Simplicio José da Silva chega da *Ubatuba* pela estrada das *Porteiras*. A 4ª columna de cavallaria, composta de 116 praças tiradas do esquadrão de cavallaria da cidade do *Sobral* e da villa da *Granja*, é commandada pelo major Joaquim Ribeiro da Silva, e vem pela estrada da *Matta-Fria*. A partida commandada pelo major, do *Brejo*, João Martins Ferreira, toma parte no ataque das *Frecheiras*, e bem assim a columna do major de commissão Damasio Pinto da Veiga, que vem pelo lado da *Amarração*.

Os rebeldes são batidos durante cinco dias pelas forças combinadas do Maranhão, Piauhy e Ceará, que são distribuidas em 6 columnas. A derrota dos rebeldes é completa; entre mortos e feridos perdem mais de 200 homens. O caudilho de Veras foge apenas com 12 dos seus em direcção aos *Remedios*. Seguem piquetes de exploração nas pisadas dos rebeldes, que procuram diversos rumos. Domingos Ferreira de Veras perseguido pelo major Joaquim Ribeiro da Silva procura refugiar-se na provincia do Ceará. O tenente-coronel Torres prepara-se para seguir á *Villa*

Viçosa. A força legal teve no ataque das *Frecheiras* 11 mortos e 17 feridos, além do capitão Francisco Eduviges da Silva, e tenente Joaquim da Silva Tamborim, que são gravemente feridos, e do capitão José de Barros Mourão levemente.

16. Subleva-se a guarnição militar da villa do *Itapicurú* a pretexto de falta de pagamento do soldo.

19. E' suffocada a sublevação do *Itapicurú*, e castigados os amotinadores. Raymundo Gomes depois de haver incendiado a feitoria do *Morro-Alegre*, e assassinado todas as pessoas que ahi encontrou, e entre outras uma pobre e inoffensiva mulher é incessantemente perseguido pelo tenente Sampaio, que consegue alcançal-o no lugar — *Vereda* — entre o rio *Monim* e o *Iguará*. Raymundo Gomes, temendo cahir em poder da legalidade, depois de hora e meia de resistencia tenaz, foge açodado, deixando toda a bagagem, 40 cavallos, 8 prisioneiros, e no campo 11 mortos e 15 feridos. Continúa Sampaio na perseguição de Raymundo Gomes, chega ao lugar *Jacarandá*, toma cinco trincheiras rebeldes, e as incendeia.

23. Raymundo Gomes soffre nova derrota no lugar *Cantinho*. Fazem juncção as forças legaes na villa de *Pastos-Bons*.

25. Parte das *Frecheiras* com sua columna auxiliadora o tenente-coronel Torres.

JULHO.

Debandados e perseguidos os rebeldes das *Frecheiras*, tomam a direcção da provincia do Ceará, invadem as povoações de *S. Pedro* e *S. Benedicto*, onde commettem horriveis attentados. Com a volta das forças do Ceará, esses rebeldes são batidos no *Bority*, *Japitaraca* e *Mombaba*.

Numerosos grupos de rebeldes percorrem o municipio de *Piracuruca*. Chega á villa da *Barra do Rio de S. Francisco* uma força expedicionaria da Bahia, sob o commando do tenente-coronel Magalhães Castro, para bater a revolta pelo lado do *Rio de S. Francisco*, e impedir, que os fachos da anarchia se accendam nos sertões da Bahia.

1.º Tomam os rebeldes a povoação de *S. Pedro* na *Serra Grande*, provincia do Ceará.

10. O major Joaquim Ribeiro, depois de fazer juncção com as forças de *Villa-Nova*, e povoação de *S. Benedicto*, marcha contra os rebeldes, e ataca-os na fazenda *Bority*, e toma-lhes tres trincheiras; porém receioso de continuar por diante, em razão de ser o inimigo em maior numero, retrocede. O tenente coronel Torres manda o major Moreira com 241 praças bater de novo os rebeldes do *Bority*. O valente major marcha com essa força, ataca os rebeldes, toma-lhes as trincheiras, todas as posições, e faz grande numero de prisioneiros. O inimigo foge pela estrada das *Pindobas* e *Japitaraca*, sempre perseguido, e se interna pelo municipio de *Piracuruca*.

12. Um grupo rebelde da *Serra Grande* é batido pelo capitão Portella.

15 a 16. Atacam os rebeldes do Maranhão a villa de *Jurumenha*, e são repellidos com grandes perdas. Da força legal, que se empenha na defeza da villa, morrem 12, e alguns ficam feridos.

18. Raymundo Gomes é atacado no *Carahubal* por uma força dirigida pelo major Ernesto Emiliano. Perde o caudilho toda a sua bagagem, debandam-se seus satelites, e se entranham pelos mattos, deixando 5 mortos no lugar do conflicto.

30. Uma força legal soffre na feitoria de *S. Pedro*, em *Piracuruca*, um terrivel fogo de emboscada. São presos

alli grande numero de rebeldes, e outros se vêm entregar espontaneamente ao commandante Cid

AGOSTO.

A revolta engrossa suas fileiras no *Parnaguá*. O major Martins para batel-a completamente, dispoem-se a passar para o lado esquerdo do *Gurugueia*, e a explorar a ribeira do *Esfolado* e do *Prata*, pondo-se em parallelo com a força estacionada em *Jurumenha*, atacar os inimigos por dois lados, e guarnecer a barra do *Urussuhy*. e seus tributarios. Ataque de *Santa Maria* e *S. Domingos*, em que morrem mais de 100 rebeldes, e muitos se entregam ao major Martins. O tenente Antonio da Costa Araujo prende no lugar *Salobro* o caudilho Francisco Lopes Castello Branco (por antonomasia Ruivo) com todo o seu grupo. O caudilho é mandado para *Caxias*, e recolhido a bordo da canhoneira de que é commandante o tenente Hermenegildo Barbosa de Almeida. A familia Aguiar (vulgo Carabibanos) reune gente no *Brejo* das *Cunhãs*. Manda o major Martins guarnecer de tropa a margem esquerda do *Gurugueia*. Parte para a ilha de *Balças* o major rebelde Pio com toda a sua gente.

2. Fazem juncção as forças sob o commando do tenente-coronel Diogo Lopes de Araujo Salles com as do major José Vicente de Amorim Bezerra na villa de *Pastos-Bons*. Proclamação d'este aos rebeldes (14), e a seus soldados.

3 a..... O negro *D. Cosme* continúa a fazer proezas e á conflagrar os escravos: antagonismo pronunciado dos negros contra os revoltosos —*Bemteviz*—. A causa da revolta enfraquece completamente com esse antagonismo.

8. Bate o capitão Ribeiro Soares com 60 praças um corpo rebelde de 300 homens, que foge precipitadamente,

deixando 19 mortos, 11 cavalgaduras, e 41 armas. Perseguidos na retirada com vigor, lançam-se no rio *Parnahyba*, e morrem mais de 50 afogados.

11. Os rebeldes reunidos no lugar *Mombaba*, na *Serra Grande* são batidos pelo major Ignacio Pinto de Almeida Castro, e depois de tres vivissimos fogos, deixam no terreno da acção 12 mortos e um grande numero de feridos. Da força legal morreram tres soldados e dois officiaes, sahindo feridas 23 praças de pret. Uma partida legal soffre vivo fogo no lugar *Regalo da Vida*. Outra, que anda em explorações, bate um troço de rebeldes na fazenda *Mocambo*, de cujo encontro resulta a morte do alferes José Maria de Almeida. A mesma partida prende o intitulado major José Ricardo Lopes, e seu ajudante Ignacio Martins, o salteador Manoel Francisco da Costa, e muitos outros rebeldes. Uma partida da 2.ª columna do *Brejo*, ao mando do tenente Conrado José de Lorena investe contra os rebeldes no lugar *Breginho*, dispersa-os, e toma-lhes toda a bagagem, e 50 cavallos, que haviam sido roubados de uma fazenda.

14. Segue para a *Gurugueia* com 300 praças o capitão Ribeiro Soares.

19. Fazem juncção com a columna de *Pastos Bons* as forças do bravo tenente Rocha Brasil. Fortificam-se os rebeldes em numero de 1,200 no lugar *Atraz da Serra*, termo de *Pastos-Bons*.

20. Bate o tenente-coronel Salles as fortificações de *Atraz da Serra*; e depois de uma hora de empenhada luta, e encarniçamento, os rebeldes abandonam pelo lado franco os seus entrincheiramentos, quasi inexpugnaveis, deixando n'elles 78 mortos, 5 officiaes prisioneiros, entre elles o major Corrêa, munições, armas e mais de 300 cavalgaduras. Dos legaes foram feridos 72, e morreram 3.

22. Decreto de amnistia em favor dos rebeldes do Piauhy e Maranhão.

23. Os rebeldes desalojados do lugar *Atraz da Serra*, depois de fazerem juncção com varios grupos, que chegam em seu soccorro, levantam novas trincheiras, e em numero de mais de 1,500 se fortificam no lugar *Salobro*. O coronel Salles carrega com o grosso da columna sobre elles. Por uma estrategia do inimigo bem combinada, é a columna legal envolvida por todos os lados, e soffre o mais terrivel fogo durante 6 horas consecutivas. Periga a força legal enfraquecida pelas fadigas da luta. Approximação da noite. O coronel Salles resolve dar um ataque geral. Os rebeldes já contando com a victoria, vendo a energia, que desenvolvem os que suppunham vencidos recuam, e ficam sem saber o que obrar. Pela madrugada avança toda a columna legal debaixo de vivissimo fogo, e poem em confusão os rebeldes, cada vez mais aturdidos, os quaes afinal se resolvem a fugir. São perseguidos encarniçadamente, e no panico terror, que d'elles se apodera, muitos se atiram ao rio *Ralceiras*, e morrem afogados. Os rebeldes perdem n'esta acção mais de 300 homens, e a força legal apenas 50.

25. na tarde d'este dia soffrem os rebeldes uma derrota completa na *Baixa-Fria*.

27. Nova derrota dos rebeldes no *Olho d'Agua da Jurema*. Perdem toda a bagagem , e os que não morrem no ataque, se entregam prisioneiros.

28. Mais uma derrota dos rebeldes na fazenda *Curicaca*. O commandante da columna do Oeste ao entrar no *Gilboêz* ataca os rebeldes na fazenda *Santa Maria*. Esta acção é uma das mais assignaladas d'esta guerra. Depois de quatro a cinco horas de vivo fogo, os rebeldes, cortados pela retaguarda, e sem apoio do seu chefe, que se poem em fuga,

debandam-se em grupos, e abandonam a bagagem, deixando cinco mortos, 15 feridos, e muitos prisioneiros. A força legal soffreu uma reducção de mais de 30 praças.

29. á.... Segue o major José Martins em perseguição dos grupos, que se escapam da acção de *Santa Maria*, e os encontra, depois de 10 leguas de marcha forçada já reunidos em maior numero, e acampados com toda a confiança. Rompe o fogo pelas 5 horas da tarde do dia 31, e atacados violentamente pela cavallaria, não resistem por muito tempo, e fogem em dois bandos, um procurando os geraes do *Parnahyba*, e o outro na direcção do *Rio-Preto*, para onde se tem retirado o caudilho Aguiar. Ficam 50 prisioneiros, e o resto da bagagem. O primeiro grupo que toma a direcção dos geraes do *Parnahyba* é perseguido por 200 praças, que só o abandonam com a certeza de haver atravessado a serra da *Tirivica*, e entrado no territorio de *Goyaz*. O segundo grupo, que toma a direcção do *Rio Preto* é perseguido por uma força de cavallaria ao mando do major Martins, até á fronteira da provincia. Os rebeldes do Maranhão são atacados e vencidos no *Barro-Branco*. Os negros insurrecionados são batidos vigorosamente no *Barro-Vermelho* por tres piquetes legaes da 3.ª columna ao mando dos capitães Ricardo Leão Sabino, Domingos José Ayres e alferes Valerio José de Oliveira. Os rebeldes batidos por toda a parte em suas proprias guaridas e soffrendo perdas consideraveis já não se mostram tão ousados. De dia para dia vai declinando a revolta.

SETEMBRO.

4. As forças legaes de *Pastos-Bons* sob o commando do tenente-coronel Salles acampa-se no lugar *Rendeiro*. Numerosos grupos rebeldes se passam do Maranhão para

o Piauhy, e mais de 4,000 infestam as margens do *Parnahyba* em todas as direcções. Vão-se extinguindo os revoltosos de *Paranaguá* com as derrotas, e frequentes perseguições, que soffrem.

10. Bate o major Emiliano os rebeldes da *Matta-Grande*, que em numero consideravel são capitaneados pelo caudilho Gavião. Os rebeldes conseguem fugir.

11 a 12. Os pontos da *Conceição* e *Estanhadinho* ao mando do tenente-coronel João Rebello Cardoso são atacados por 400 rebeldes. Depois da mais encarniçada e persistente luta, em que os capitães Büttner e Antonio Francisco de Moraes dão bastantes provas de coragem,os rebeldes se retiram desanimados,vendo approximar-se a brigada do major Sousa Mendes. São commandados os rebeldes pelos caudilhos Gavião, Côco, Antonio Marianno, Tempestade e Gabriel. O caudilho Domingos Ferreira de Veras ataca o ponto das *Frecheiras* occupado por forças legaes ao mando do major Damasio Pinto da Veiga. São repellidos com coragem, e postos em confusão antes de clarear o dia, deixando claros vestigios de sua completa derrota. E' batido o ponto do *Rodeio* por uma partida de 300 negros ao mando de Pinta-Silva e D. Cosme vindos da *Miritiba*. O destacamento é constantemente perseguido até á fazenda *S. Pedro*, onde recebe um contingente, e com essas forças combinadas, sustenta o ataque até ao dia 12. O major vem tambem em auxilio da força legal, e consegue vencer completamente os negros, que são repellidos até ás mattas do *Mutum*, onde, depois de duas horas de vivo fogo vêm rarear suas fileiras com 22 mortos e 53 prisioneiros.

21. Os rebeldes atacam com furiosa energia o ponto da *Chapadinha*, chegando a romper as linhas da força legal. Depois de tres horas de porfiada luta, são os rebeldes re-

batidos, soffrendo a perda de 19 mortos e 13 prisioneiros. Da legalidade morreram 6 e sahiram feridos 10.

24. Marcha contra as *Frecheiras* o capitão Thomaz José Pereira com 326 praças.

25. Tendo partido da villa do *Brejo* em expedição contra os rebeldes o bravo tenente Conrado José de Lorena Figueiredo, morre em um ataque, depois de ter desalojado dos seus entrincheiramentos os grupos do *Bom Jesus*, *Mocambo* e *Cacambos*.

29. Uma força rebelde de mais de 600 homens, ao mando de Pio, Fagundes e Gomes investe de sorpresa contra a villa de *Pastos-Bons*, solta os presos, e leva tudo de vencida. Acudindo a força legal sobre elles, os desaloja depois de vivo fogo, matando-lhes o caudilho Serafim, e mais 5 companheiros. Em fugida se dirigem para o *Itapicurú*, afim de fazerem juncção com Valerio, Polydoro e Dantas. Tentativa dos rebeldes contra a villa de *S. José*, que está fortemente guarnecida.

OUTUBRO.

E' preso o sanhudo caudilho, que se assigna Manoel da Figueira Damasquarem Feitosa Braza-Viva. Morre nas cabeceiras da *Gurugeia* nas mãos do sargento Trajano José de Sousa o chefe da revolta do *Paranagud* Manoel Lucas de Aguiar. Extingue-se em parte a revolta de *Paranaguá*, já com a morte do principal dos chefes, já por virtude de outras irreparaveis perdas. Mas de 300 rebeldes morrem nos diversos encontros, que têm com as forças do major Martins, mais de 400 se entregam expontaneamente: muitos são passados pelas armas. Valerio e Polydoro são vivamente atacados na fazenda *Sitio*, e derrotados, depois do que procuram fazer juncção com as forças de Pio, Bento e Dan-

tas. Pio, descendo dos *Mattões*, é perseguido no *Secco das Mulatas*, e no *Prata*, pouco abaixo de *Caxias*. Bento fica com os seus nas mattas do *Itapicurú*, para fortificar-se na *Lagoa*, e na *Canna-Brava* com Felix Pascoa, e Manoel Preto. Os piquetes legaes de exploração percorrem em todos os sentidos, e não dão guarida aos rebeldes.

3. Toma o commandante militar de *Piracuruca*, Roberto Vieira Passos, energicas e acertadas providencias, para aniquilar os grupos do cabecilha Cabral, que percorrem este municipio, levando o terror á todas as familias.

6. Ataque do *Paraty*. Ultimos reflexos da rebellião em *Parahaguá*.

7. Apresenta-se nas fileiras legaes o intitulado coronel Victorio do Espirito-Santo e Silva.

10. O capitão Jacarandá, com forças do Ceará, persegue a Antonio de Sousa Cabral (por antonomasia Animoso), e Domingos Ferreira de Veras. Acção das mattas das *Contendas*. Depois de um tiroteio de 4 horas, e fogo de guerrilha tomam os rebeldes a direcção do *Parnahyba* com perdas consideraveis, entre mortos, feridos e prisioneiros. Volta o capitão Jacarandá das *Contendas* para a aldêa de *S. Pedro* afim de bater os indios, que sob as ordens do capitão Simão se têm rebelado. Depois de reduzidos esses indios á obediencia o capitão Jacarandá dirige-se para *Villa Viçosa* com toda a sua columna.

11. Entra pelas 7 horas da manhã na capella das *Barras* o coronel Cid com 500 praças. O major Francisco Raymundo dos Santos com uma partida de 300 homens das forças de *Pastos Bons* persegue a Valerio, Dantas e Polydoro. Na madrugada d'este dia ataca-os na fazenda *Sitio*, em seus acampamentos, que são tomados com toda a bagagem que n'elles existia. Fogem os rebeldes com tamanha precipitação, que até deixam as mulheres. Uma creança

de 6 mezes do rebelde Valerio fica em poder da legalidade.

20. O caudilho Pio é atacado na fazenda *Santo Antonio* na margem do *Itapicurú*, e depois da mais completa derrota, se vai reunir a Valerio, Dantas e Manoel preto. Uma partida rebelde ataca de sorpresa a columna do *Brejo* acampada no *Riacho Grande*; porém é rechassada, ficando feridos os officiaes da força legal José Justiniano de Castro Rebello, Affonso de Almeida e Albuquerque.

21 a 30 Raymundo Gomes tenta reorganizar suas forças, e por meio de proclamações encorajar os seus seguidores: porém vê-se quasi abandonado, e já em luta com seus proprios amigos

NOVEMBRO.

Publicado o decreto de amnistia, vão-se apresentando successivamente até um mez depois mais de 2,000 rebeldes, d'entre estes os chefes Pio, Tempestade, Côco e Gavião. Os de *Parnaguà* batidos pelo major Martins fogem para o municipio da *Barra do Rio de S. Francisco*, onde forças da Bahia acabam de destruil-os. Regressa o capitão Ribeiro Soares da *Guruguela* trazendo comsigo mais de 100 rebeldes, e outra na fazenda *Parahyba* onde acha acampado o major Martins. Entre os prisioneiros do capitão Ribeiro Soares vem o tenente-coronel Vicente Bezerra da Costa.

14 á..... O caudilho Pio é derrotado em varios encontros. Dantas faz juncção com Felix Pascoa, e sabendo da derrota de seus companheiros reunem-se a Valerio e Manoel Preto, e seguem para o lado do *Codó*. Grupos rebeldes se vão reunir a Tempestade no *Monim*.

16. Uma partida exploradora ao mando do alferes Ma-

noel Nunes Bezerra ataca uma numerosa força rebelde em *S. Domingos* capitaneada por Domingos Ferreira e Cabral. Uma partida legal persegue no *Cafundó*, na margem do *Parnahyba*, os grupos dirigidos por João da Matta e Gavião, que perseguidos por toda a parte, afinal fazem juncção com o caudilho Pio.

20. O major Martins não tendo mais inimigos a debelar no *Parnaguá*, levanta o acampamento da *Lagoa Grande*, e se dirige para a villa de *Jurumenha*, onde deixa o tenente Luiz Moreira com o commando de uma força sufficiente, para acudir a qualquer emergencia.

DEZEMBRO.

Raymundo Gomes com cerca de 300 homens tenta surprehender a guarnição da villa do *Rosario*, com fingimentos de que se quer entregar; mas conhecido o estratagema é batido; sem esperanças de conseguir alguma cousa foge para a *Tutoya*.

14 Tenta ainda Raymundo Gomes apoderar-se da villa da *Tutoya*, mas embalde; por quanto marcham forças em auxilio do ponto ameaçado.

15. Sublevação da força legal na villa do *Sobral*: hostilidades contra o presidente Alencar.

16. E' batido na *Boyba* o caudilho Cabral, e em *S. Domingos* o cabecilha Manoel Vidal. Depoem as armas Cabral e se entrega.

21. Entra em *Oeiras* o major José Martins do Sousa á frente da columna do Oeste composta de 1,271 praças. A columna é dissolvida.

1841.

JANEIRO.

Os rebeldes do Maranhão e Piauhy, cançados de uma luta ingloria, derrotados por toda a parte, e perseguidos energicamente, resolvem depôr as armas, e acobertar-se sob o manto da amnistia.

12. a 13. Francisco Ferreira, Poderosa e João da Matta depoem as armas na villa do *Icatú* com mais de 2,000 dos seus.

15. Raymundo Gomes Vieira Jutahy apresenta-se na *Miritiba* ao presidente do Maranhão.

19. O presidente do Maranhão declara pacificada a provincia.

Não occorre nada de importante nos mezes de Fevereiro e Março.

ABRIL.

3. O coronel José Feliciano de Moraes Cid, faz publicar a ordem do dia do presidente do Maranhão, e declara tambem completamente extincta a revolta no Piauhy (15).

NOTAS

(1) *Proclamação feita por Militão Bandeira Barros.*

Brazileiros.—A patriotica linguajem do meu afecto—aSanta Causa daliberdade he e são os mutiuos de vos dirigir a seguinte falla—Não çepóde esplicar as esprecoens de aligria que çe diviuava nas façes brazileiras no dia 26 quando as tropas Constituçionais sitia vão a arvore do despotismo d'esta cumarca—O Monstro e abuminavel—O Cruel dragão—emfim o déspota da vmanidade—o Portugues josé da Costa Neiva que tanto á atropelado os paçifiços sidadoens desta villa e deste termo e deprezente passauam atoda a Cumarca Com a desmoralizada Lei da Prefeitura—(O Lei deferro) epara milhor seguir Seus fins empoçarão em todos os empregos damesma Lei, cuaze Só seus parentes, desde o grão Sultão the o menor baixás escluindo e regeitando Sidadoens probos e de Conçeito pupular, e numiando em çeus Lugares Omens voLantes, e déspotas cunhecidos, que bem cuad-juvaçem o fim aque se propunhão, aterando a todos os brazileiros emteiramente cunheçidos demilhor Conçeito—Não me ponho a cargo de vos notar feitos peçimos daquele Monstro Seu irmão Estevão e Seus patriçios Cumpleçes, por Ser de vós bem conhecidos) Só vos pon-dero hum tramado naVilla dachapada, hum bem Cunheçido purtugues Manoel Antonio defarias que buscando a protecão domonstro Neiva, foi Capas de cuadejuvar com huma Orde de Sultão e o grão visil daquele termo; fazerem as maiores tiranias Com os sidadoens Militão Bandeira Barros e joão Paulo Curtes; vós os vistes pasar pelo meio das voças Ruas arastando as duras cadeias deferro; que atrozes disputismos Regidos por taes empregados que lhe aviam posto; e vos tem constado o estado dos mesmos emcurentados dentro daprizão; é empusiuel que curaçoens verdadeiramente brazileiros amantes da Constituição, pudeçem aturar injurias tais, sem se apaçientarem hum dia; foi este o dia 28 em que vos vi Com as Armas namão em Campo defendendo e pondo em vigor todos os artigos da nossa Santa Constituição, porém Com a infeliçidade deçe ivadir da prizão em que a Onra braziLeira os tinha posto; o chefe damaldade Neiva; porém não tenhamos pezar deseter praticado asoens jene-rozas pela prizão deçente em que estauão; que se ivadio porque a boa asão Serue de Onrar ao partido que a fas, eamá Senpre hé destrujda dequem a pratica, ele ivadio-çe abuzando danoça bon-dade ja se derão as providençias; para os pontos Convenientes, e talves seja caturado, contra a sua ma Conduta, no passado; Seja

nossa guia; e no entanto tenho a vos reCommendar a deçiplina militar Como bazefundamental daformação do exerçito, que Com esta seja mantida a boa orde que deve Reinar em Coraçoens brazileiros—Viua anossa Santa Religião. Viua Sua Magestade-inPrial o Sr. D. Pedro Segundo—Viua aSembleia Geral—Viua a Constituição do inPerio e toda a Sua instenção—Viua os juis de Pas interino e direito—Viua os chefes desta despidição, e em particular os briozos povos do Merador.

Quartel do Cumandante dasforças Militares da Cumarca de Pastos Bons 30 de Maio de 1839.

(2) *Officio dirigido pelo conselho militar dos rebeldes de Caxias ao presidente do Maranhão.*

« Illm. e Exm. Sr. O conselho militar reunido na cidade de Caxias, e composto dos commandantes das forças do partido—Bemtevi—, que conta 6.000 homens bem armados e municiados, tomou por medida salutar e bem conveniente ao socego da provincia mandar perante V. Ex. uma deputação composta de brasileiros probos, e dignos de toda a consideração, para apresentar a V. Ex. os desejos e votos do partido—Bemtevi—os recursos com que conta, e a firme determinação em que se acha, para fazer respeitar as leis, a constituição e o throno augusto de Sua Magestade o Imperador; e muito confia, que V. Ex. convocando immediatamente a assemblea provincial haja de adoptar as medidas, que se propoem; porque ellas são sem duvida a declaração da vontade da provincia. Caxias, 10 de Julho de 1839.»

Effectivamente a deputação, chegando ao Maranhão, e admittida em audiencia da presidencia, deu conta de sua commissão, impondo a lei do forte contra o fraco, exigindo a revogação de leis, e a destituição dos prefeitos, etc.

O partido Bemtevi de posse da cidade de Caxias, e de muitos pontos da provincia julgava-se invencivel. O presidente, com quanto pouco confiado em sua força, repelliu essas propostas, tão bruscamente feitas e impostas, comprehendendo desde então a gravidade da situação. Fraco, como se tinha mostrado até então, ou por indole propria ou por falta de recursos, fez um soberano esforço para matar a hydra revolucionaria, que já multiplicava de cabeças e ameaçava gravemente o paiz. Comquanto os rebeldes se dissessem sempre respeitadores das instituições monarchico-constitucionaes, o presidente viu desde então ameaçada a propria unidade do Imperio, se não acudisse com medidas energicas e promptas.

(3) *Proclamação dirigida aos habitantes da provincia do Piauhy, pelo caudilho Francisco Ferreira de Sousa Balaio, intitulado tenente-general e governador das armas do Maranhão.*

« Pyauhyenses, caros irmãos, e quasi compatriotas ! ! O despotismo do presidente Camargo, da assembléa de nossa provincia, e da camara da capital, praticado contra nós, para adularem os portuguezes os mais indignos que tem habitado o Brasil, as repetidas infracções da constituição, já no recrutamento, já no tribunal do jury, nas eleições e deportações, nos fizeram pegar em armas, para pôr em vigor a nossa lei fundamental : esperavamos que o vosso presidente nos ajudasse como bom brasileiro, *que pugnou pela independencia* (*), mas desgraçadamente seduzido pelos emigrados d'esta provincia, que nos chamam ladrões devastadores, elle consentiu que uma féra, indigno do nome de brasileiro, atravessasse para nossa provincia, e cá commettesse incendios de povoações, roubos, assassinatos, que fazem horror proferil-os, e vós os sabeis. Somos portanto constrangidos á marchar para vossa capital, não como inimigos devastadores ; marchamos como vossos libertadores ; vamos vos tirar de um jugo, que de ha muito soffreis com pezar.

« Piauhyenses vós e nós não podemos ter um governo inimigo ; somos vizinhos, que muito precisamos uns dos outros, somos amigos, somos aparentados, somos todos brasileiros. Vós necessitaes dos nossos portos de mar, que vos fornecem os generos de importação, e recebe os de exportação de vossa provincia ; nós precisamos de vós, que nos forneceis os vossos gados, e compraes os nossos effeitos de commercio. Uma amizade mútua deve reinar entre nós. O presidente que vos governa, se fôr vosso amigo, será tambem nosso, e se fôr nosso inimigo, será tambem vosso. Não presteis os vossos braços aos nossos tyrannos : uni-vos comnosco para os derribar. Piauhyenses, os vossos tyrannos vos dizem, que nós vos tratamos de fracos, e que é preciso mostrardes coragem. Elles vos enganam. Nós fazemos justiça ao vosso valor, e nós o conhecemos quando unidos trabalhamos em favor da independencia. Empregai pois, pyauhyenses, essa coragem de que tantas vezes fallamos, e fomos testemunhas em beneficio de vossos irmãos e amigos do Maranhão, e contra os tyrannos de vossa

(*) Manoel de Sousa Martins (visconde da Parnahyba), sempre esteve ligado ao major Fidié : quando porém viu, que a independencia era um facto, mesmo a seu pezar, abandonou então a causa portugueza.

provincia, e de outros que nos quizerem escravisar. Pyauhyenses, poupai o vosso sangue, corra só o dos nossos inimigos. Viva a constituição do Imperio ! Viva o Sr. D. Pedro II ! Vivam os brasileiros unidos do Piauhy e Maranhão e mais provincias. 29 de Agosto de 1839 »

Os amigos de Balaio e Raymundo Gomes, se encarregaram de espalhar ás mãos cheias pelo Piauhy esta proclamação.

Os habitantes da provincia de ha tanto tempo sobre a pressão da politica selvagem do barão da Parnahyba, não se mostravam antipathicos ao principio da rebellião. Precisavam porém de homens que tivessem coragem para levantar o primeiro grito: elles appareceram, porém foram energicamente supplantados. O barão da Parnahyba comprehendeu, que semelhante situação era a mais asada para de uma vez plantar sob bases solidas o seu dominio ominoso na provincia, ainda que esse dominio fosse cada vez mais intoleravel. Bater a revolução, vencel-a por todos os meios era o que lhe dictava antes de tudo, o sentimento da propria conservação. Duas grandes consequencias, salva-se o homem e a integridade do Imperio! Mas a propria individualidade antepoem-se a tudo; a segunda consequencia é de ordem muito secundaria; porque n'aquelle coração não haviam sentimentos nobres e generosos; n'aquelle cerebro não ferviam idéas de patriotismo; o egoismo o mais descarnado e sordido antepunha-se á todas as idéas grandes, á todas as aspirações nobres.

Ha d'essas grandes fatalidades e aberração na historia dos povos, e dos governos! O visconde, que governou o Piauhy por 20 annos, foi um tyranno ignorante e perverso.—Que diremos dos governos que o toleraram ?

(4) Ninguem póde contestar que grandes barbaridades se perpetraram contra os rebeldes do Piauhy : horrores e sobre horrores n'essa luta fratricida se encontram a cada passo. Ordens reservadas mandavam que se fizessem espingardeamentos em massa, sobre pretexto de não haverem prisões para tantos prisioneiros! As expressões de que usava o honrado barão em suas ordens secretas de exterminio, eram as seguintes : — *sejam estoporados esses tratantes — não tenho onde guardal-os* ! A palavra *estoporar* se tornou bastante popular; e muitos a attestam com a terrivel lembrança d'esses tempos calamitosos, os quaes mercê de Deus nunca mais hão de voltar.

(5) *Proclamação que faz o tenente-coronel José Feliciano de Moraes Cid, por occasião de tomar o commando em chefe das forças do Piauhy.*

« Maranhenses illudidos! Vós tendes exercido a licença e offendido as leis, que asseguram a liberdade, e mantêm os direitos de vossos concidadãos! A violencia e a desordem têm presidido a vossos actos, e o ferro fratricida tem sido agitado. E' tempo de entrardes em vós mesmos! As paixões dos homens devem ser contidas pela razão, ou reprimidas pelo temor. De um ou outro modo deveis pôr termo aos vossos desvarios e aos males, que sem fructo promoveis.

A equidade prohibe ao cidadão perturbar a patria; antes lhe determina o sacrificio de seus proprios interesses aos da sociedade; e vós, longe de sacrificardes os vossos, comprometteis os alheios, e os da propria nacionalidade, que não respeitaes! Que deverá resultar d'essa conducta tão ridicula, como desordenada! As vossas proprias calamidades serão o fructo de vossa tenacidade, se por mais tempo resistirdes á voz da lei e da patria, que vos chama a obedecer-lhes, e respeitar as legitimas autoridades do paiz, que constituido como se acha, só vos autorisa por meio dos vossos representantes, a curardes de vossos interesses communs. Se por ventura taes principios deram causa á vossa dissidencia, desculpai-vos, procurai o perdão dos vossos erros, e dos vossos crimes: entregai os chefes, que vos seduziram e desvairaram, abraçai vossos irmãos, e emfim entrai na ordem, vinde depôr as armas e não sereis offendidos. Se porém movidos de um irreflectido capricho, ou do impulso momentaneo das paixões, continuando a contrariar a lei e o bem geral, as forças, que o governo me ha confiado, entrarão em operações, e não hesiteis um momento, que ellas de mãos dadas com as tropas do Maranhão, e toda a mais que em breve ha de vir em nossa protecção, tenham a mais decidida vantagem sobre as vossas armas. Nossa consciencia applaudirá nossa conducta, e a vossa nos accusará de todas as crueldades, que resultarão de um geral conflicto, em que por fim experimentareis o remorso e a vergonha de não vos tornardes dignos, sendo brasileiros, de entoardes comnosco a expressão nacional, que com prazer proferimos: Viva a santa religião catholica e apostolica romana! Viva o povo brasileiro livre e independente. Villa de Campo-Maior 5 de Janeiro de 1840. *J. F. de Moraes Cid*, tenente-coronel commandante em chefe das forças do Piauhy.

(6) *Proclamação que faz o coronel Luiz Alves de Lima por occasião de tomar posse da presidencia da provincia do Maranhão.*

« Maranhenses! Nomeado presidente e commandante das armas d'esta provincia, por carta imperial de 12 de Dezembro de 1839, eu venho partilhar das vossas fadigas, e concorrer quanto em mim couber para a inteira e completa pacificação d'esta bella parte do Imperio. Um punhado de facciosos, avidos de pilhagem, pôde encher de consternação, de luto e sangue vossas cidades e villas! O terror que necessariamente deviam infundir-vos esses bandidos, concorreu para que se engrossassem suas hordas; com tudo, graças á providencia e ás victorias até hoje alcançadas pelos nossos bravos, seu numero começa a diminuir diante das nossas armas. Mais um esforço, e a desejada paz virá curar os males da guerra civil.

« Qualquer que seja o estado em que se achem hoje os rebeldes, eu espero com os soccorros que o governo geral vos envia, e com a força que me acompanha fortificar nossas fileiras e não abandonar-vos em quanto não os houver debellado. Eu passo a fazer os melhoramentos que julgo necessarios ao nosso exercito, e com a maior brevidade possivel me collocarei á sua frente. Maranhenses! Mais militar que politico, eu quero até ignorar os nomes dos partidos, que por desgraça entre vós existam. Deveis conhecer a necessidade e as vantagens da paz, condição da riqueza e da prosperidade dos povos, e confiando na divina providencia, que por tantas vezes nos tem salvado, espero achar em vós tudo o que fôr mister para triumpho da nossa santa causa. Palacio da presidencia, na cidade de S. Luiz do Maranhão, 7 de Fevereiro de 1840. — *Luiz Alves de Lima.*

(7) *Proclamação original de Manoel Lucas de Aguiar* (*).

Habitantes de Parnaguá que inação he a vossa, e o que pensais. Se vós não prestastes os bracos em obediencia ao Prizidente de nossa Provincia por supordes hir contra ôs vossos intereces, manter os caprixos, e paxnis particular do mesmo agora que rozão tereis para vos excuzardes de tomar as armas para ajudardes apor barrera as suas

(*) Esta proclamação é escripta pelo proprio punho de Manoel Lucas de Aguiar.

arbitariadades e disputismos dos seus delegados té que do Trono Imprial. venha o remedio que Cura o mal, que nos amiaÇa, easola toda nosa Pruvincia seamais anoso Munincipio e a Comstituição. do Imperio deveis amar o partido Bentevi pacifiCador e regenerador da Ley fundamental. Meos Patricos vedes o diploravel. estado em que se axa ridisido o infilis Municipio de Jerumenha pelos despotismos ali praticados do Major commandante da Coluna do Oeste, nosso odiado Prefeito, correis as armas, e corajoramente reunidos em hum só corpo rebateremos todos as suas amiacos,e tentativas eoutras quas quer dando assim hum testemnnho de que nós não vos aCubardamos ao disputismo, e derubando este voltaremos satisfeito au Ceio das nosas familias. Parnagenses a forÇa diprezente aqui extacionada me dá o puder de vos clamar a huma Causa que não vos deve ser, aleia por tanto espero no plazio di ouito dias aqui vos axeis toudos reunidos, i não o fazendo Sereis reConhecido como emnimigos de vosos Patricos, e indeferentes aosgustos fins aqui nos porpomos i direis Comigo, viva a nosa S. riligião. viva a Constituição do imperio viva D. P. 2.° noso Jove en Perador, e viva os nos libertadores, e Com elles os Parnagensses, i toudos os amante da liberdades nasionar Vª de P. 20 de Fevereiro. *M. L. A.*

Visto que vos, meus Caros patriços, vos Reunistes a mim endefeza di nosos minicipios, o que vos resta sinão. mostrardes Coraje, Constancia, e obdiensia. faltando inos valor dibalde siria pegarmos i armas a defendermosnos faltando contancia jamais nos conservamos reunidos, e emtan o que pudiriamos fazermos. si faltar a obidiencia Como ci conservara a boa ordêm. Perciso he adevertir vos mais onrados Patriços, que sendo vos todos dotados de patriotizimo, e fortaleza en vocas revoluCons, esquicireis de vosos partiCularres emtereses' e the mesmo dos horores da morte, para asim comCiguires a salvacão di nocas familia, e propiedades somos amiacados, e falivelmente seremos masagrados Sinão, nos puzermos Com hua reszistensia vigorosa, i Como paaisseremos ter esse vigor, essa forsa pirsiza essa reszistencia tam natural a omen si cada hum dos trabalho dauzensia de sua familia e dos pirigos a que nos espuzermos, so afim di salvarmos o noso, Munisipio tantas ves amiasados di ser pavuado dissa gentes por tanto, meus patricos onião e armonia e boa ordem reine entre nós. Viva S. R. viva a C. Viva D. 2°. viva os P. V.ª 20 de S. —*M. L. D.*

(8) *Proclamação que fazem os chefes rebeldes de Parnaguá* (*).

« Habitantes de Parnaguá, meus amados patricios! A orgulhosa sanha suggerida do centro do palacio de Oeiras como as fumegantes fornalhas, digo, fumegantes labaredas das incendiadas fornalhas da Babilonia, é quem tem promovido a desgraça d'esta provincia, e os males que nos tem sobrevindo; promovendo a urgencia das armas, e uma guerra civil entre os brasileiros d'estes sertões do Piauhy. Sim: esse ambicioso e nefando governo com as suas ardilosas manhas, é quem nos faz incommodar n'esse remontado sertão do Parnaguá, fazendo-nos separar dos braços e da união das nossas familias, as quaes pranteando a nossa ausencia com saudosos suspiros se despediram de nós! Sim, caros patricios, obrigado das circumstancias e ameaças d'esse bachá José Martins imminente o perigo de vir sobre nós esse dragão, que nos quer tragar e destruir, eis a razão por que vos chamei ás armas, para repellir qualquer ataque. que elle nos venha fazer. Com effeito! A defeza é muito natural, e sendo nós uma ante-muralha da patria, devemos reunir-nos, para rebatermos os contrarios e perfidos inimigos, por quem devemos esperar a cada instante. Eia, erguemo-nos, briosos parnaguenses! Valor, coragem e intrepidez. é mister que haja entre nós, n'esta occasião em que cada um de nós deve ser um Scipião, para que impavidos arrastemos os inimigos, os quaes acompanhando a esse impio e tyranno chefe, decerto exercitarão comnosco aquellas crueldades e ferocidades proprias do seu altivo e fogoso genio, o qual já tem exercitado, e demonstrado com suas infames acções, sendo fiel imitador de seu irmão Clementino, o qual assolou, destruiu e abrazou a formosa povoação do Mirador, que ficou qual outr'ora a antiga cidade de Troya! E' pois do nosso bom patriotismo, e justo dever, pugnarmos pela patria, pela honra, e pela liberdade, cujo timbre nos deve sempre acompanhar. Viva a nossa religião catholica! Viva o nosso amado Imperador, o sr. D. Pedro II! Vivam os benemeritos da patria! Vivam os briosos Bemteviz! (**)

Parnaguá 25 de Fevereiro de 1840.

(*) Escripta pelo poeta Pedro de Alcantara Soares de Goyaz. E' documento curioso e de estylo.

(**) Os rebeldes de Parnaguá com as suas graduações eram: — Tenente-coronel Sebastião José de Aguiar, capitão Manoel Lucas de Aguiar, alferes José Felix de Aguiar, capitão Antonio José de Aguiar, alferes Seraphim José da Costa, alferes Porfirio José de Aguiar, Cezario José de Aguiar, José Lucio de Aguiar, João José de Aguiar, capitão Francisco Tavares de Lira,

(9 e 10) *Artigos de uma capitulação proposta pelo chefe da revolta do Paranaguá, Manoel Lucas de Aguiar ao commandante da columna de Oeste, José Martins de Sousa.*

« Posto que a força armada de Paranaguá e seu respectivo chefe estivesse na firme disposição de se reunir e fazer causa commum com a gente armada da provincia do Maranhão, presentemente alterada com o systema politico que admitte estrangeiros no governo patrio e nacional, com a notoria deshonra e afronta dos nacionaes do paiz, elle deve ao brio dos soldados do municipio, e ao valor e boa conducta de seus habitantes declarar que livremente se rende ás proposições de paz, offerecidas pelo major José Martins, menos pelo temor das armas do que pelo accendimento da discordia civil, por onde se pode perpetuar inimizades entre as diversas familias d'esta provincia; comtudo não póde aceitar proposições de paz, que não sejam com as condições seguintes:

« Art. 1.º Que elle major e commissario do Excm. governo da provincia, que até agora tem a consideração de prefeito d'este municipio de Paranaguá, deponha e renuncie desde já este emprego, como tambem qualquer outro, que ja n'elle tenha, podendo, não obstante, continuar na sua morada e residencia d'este municipio, tratando de seu estabelecimento, e de sua familia, como um simples cidadão, até que para o tempo em diante, convencendo-se o povo de suas virtudes, e de seu amor para com seus nacionaes o possam empregar em qualquer um dos ramos de sua publica administração.

Art. 2.º Que igualmente outro qualquer homem, que não for aqui nascido, e que se ache constituido em emprego publico, civil ou militar, o deponha e renuncie, e só o possa reassumir para o tempo adiante por unanime vontade dos povos.

capitão Manoel Tavares de Lira, alferes Geraldo Tavares de Lira, major Conrado José da Costa, tenente Francisco Xavier da Fonseca, alferes Francisco alferes de Andrade, Delfim Francisco de Figueiredo, Antonio Lourenço Ribeiro, Manoel Ribeiro de Castro, Honorio Martins dos Santos, Evaristo Ferreira de Magalhães, capitão José Pereira Botelho, Manoel Botelho de Carvalho, José Antonio, José (vulgo Mamãe), João Pinheiro de Mendonça, Miguel Quirino, Manoel Zalhão, Luiz Pedro de Seixas Luzeiro, Aureliano José dos Santos, Domingos Lopes de Carvalho, João Pereira Indio, Alferes Antonio Pereira de Andrade, major Thomaz Ferreira de Araujo, Vicente José de Almeida, José Vicente de Carvalho, major Januario de Aroeira, Pedro de Alcantara Soares de Goyaz.

Art. 3.° Que este povo seja livre de propor já ao governo quem deve aqui occupar os cargos, que por taes principios devem vagar.

Art. 4.° Que todo e qualquer homem, natural, casado, compatriotado n'este municipio, e que de presente se acha debaixo do commando d'este major, fazendo a guerra á provincia do Maranhão, seja entregue a esta força armada, para ser restituido á sua respectiva, habitação, e ao trato de suas familias.

Art. 5.° Que de nenhuma maneira seja chamada, ou aperreada pelo governo pessoa alguma d'este municipio para o fim de fazer a guerra á provincia do Maranhão, e aos que se chamam alli Bemteviz; por que este municipio não é contrario á constituição do Imperio, á sagrada pessoa do Imperador, antes quer a sua defeza e estabelecimento.

Art. 6. Que de agora em diante, nas eleições, que se aqui fizerem, para qualquer sorte de empregados, ou deputados da provincia, e de côrtes se admittam mais tres homens eleitos na propria occasião de taes eleições, para examinar e conhecer debaixo de juramento religioso, se em taes eleiçõss entram caballas e chapas, e que por elles sejam logo despedidos, e substituidos os membros em que estas se possam presumir.

Art. 7.º Que este povo quer ser inteirado por uma tabella da receita e despeza d'este municipio todos os annos; porque elle não tem podido sem dor e sentimento ver a ruina total do seu unico templo, da cadêa, e casa do conselho, e de suas publicas assembléas, e tambem o pouco caso, que o governo tem feito até o presente, de lhe fazer constar o em que se tem absorvido suas contribuições, objecto este bem solemne a todos os povos civilisados, como aos governos.

Art. 8.° Que para este municipio se forme em cada um anno um tribunal de tres membros aptos, a quem o governo envie uma vez todos os annos esta tabella, os quaes a examinarão, e farão ver ao povo o consumo de suas contribuições.

Art. 9.° Que os soldados, que de presente se acham debaixo de armas pela defesa d'estes seus direitos sejam pagos a 320 rs. por dia, pelo tempo vencido, pelas rendas d'este municipio, de que o poderá indemnisar a assembléa geral legislativa.

Art. 10.° Que o governo da provincia nenhuma ordem mande aqui as differentes autoridades civis e policiaes, para o processo, prisão ou perseguição de uma só pessoa, sobre que possa cahir a suspeita de

assim o fazer, pelo motivo de concurrencia para a presente força armada.

Art. 11.° Que de ora em vante toda e qualquer ordem do governo deve conter em si o convencimento de razões que devem constituir o nosso dever, de onde deve nascer a nossa obediencia, por que sendo este povo livre, e bem amantes das leis, protesta não faltar ao que convier para sua salvação, unica causa do estabelecimento das sociedades humanas.

Art. 12.° Que o governo a nenhum homem particular dê aqui soldados da nação para sua guarda, como fez a Raymundo Marreiros de Sá e Albuquerque, que por isto ousou commetter homicidios sem castigo.

12 de Março de 1840.

(11) *Proclamação de João da Matta Castello-Branco, intitulado commandante em chefe da força Bemtevi na provincia do Piauhy.*

« Illms. Srs. concidadãos brasileiros.

Eu saúdo a todos os brasileiros pobres, que forem amantes de sua patria e do nosso Imperador. Meus irmãos agora é occasião dos brasileiros mostrarem a sua firmeza e amor á patria; pois me acho n'esta provincia em defeza do partido Bemtevi, que defende a santa religião catholica romana, a corôa do nosso Imperador, o Sr. D. Pedro II, a constituição, nossa patria, nossas familias, e a nós mesmos da escravidão dos Cabanos; pois esses malvados Cabanos querem-nos pôr no cativeiro. E porque é do meu dever fazer a todos os Srs. concidadãos e mais brasileiros natos todos os beneficios, eu acceito a todos como membros d'esse grande partido Bemtevi; e os que não poderem vir por qualquer circumstancia de molestia, escreva-nos, e nos supra com polvora e armas, porque assim dão provas de Bemteviz e os que não vierem ficarão tidos por Cabanos. Venham, meus irmãos, não sejam ingratos aos patricios e irmãos pobres.

Curumatá em 3 de Abril de 1840.

(12) Acampamento da capella do Livramento. Quartel do commando em chefe das forças do Piauhy, em 11 de Maio de 1840.

ORDEM DO DIA.

O commandante em chefe faz saber a todas as forças do seu commando, que no dia 7 do corrente, alcançou um triumpho sobre as mattas do Curumatá. A primeira brigada do Piauhy, coadjuvada pela força exploradora, pertencente á 2.ª columna do Maranhão, sob o commando do denodado 2.º tenente, Conrado José de Lorena Figueiredo, sahindo da villa do Brejo, em seguimento de Raymundo Gomes, bateu os rebeldes em Santo Ignacio, Olho d'Agoa, Remanso e S. Mamede.

Determinado o ataque geral para o dia 3 do corrente, e dado a todos os chefes da columna o respectivo plano, teve o commandante em chefe plena satisfação em testemunhar os gloriosos feitos das armas imperiaes que tem a honra de commandar, vendo em menos de 24 horas desalojados os rebeldes de 7 acampamentos.

Ao Sr. major Antonio de Sousa Mendes se deve a tomada dos acampamentos da Boa-Vista e Curumatá, ao Sr. major Francisco Ireneo Gomes Corrêa, commandante do batalhão piauhyense, é devida a do ponto do Salobro, acampamentos adjacentes e do Prata; vencendo insuperaveis difficuldades por entre rochedos e trincheiras.

Ao Sr. tenente-coronel João Rebello Cardoso a pontualidade no cumprimento das ultimas ordens do commandante em chefe, para tomada do extenso acampamento do Egypto e suas mattas, onde disputou o inimigo por tempo de 5 horas.

Finalmente ao Sr. 2.º tenente Conrado, que no momento do ultimo ataque d'este ponto, appareceu pela retaguarda, abrindo caminho por entre o dito acampamento para vir lançar-se entre agradaveis vivas a S. M. o Imperador, nos braços de seus irmãos de arma.

São tambem dignos de especial menção os Srs. capitães, Frederico Guilherme Büttner, que foi ferido gravemente no peito esquerdo, Antonio de Sousa Martins, tambem ferido, José Borges Leal, Pedro da Costa Rabello, Victor René, tenente José Joaquim de Carvalho, o corneta-mór Martinho Pereira da Silva, que praticou actos da maior coragem, tenente José Luiz de Queiroz, Bernardo José da Silva, Candido da Rocha Falcão, alferes Antonio Francisco de Moraes, ajudante Joaquim José Paes Sarmento Junior, Lino Vieira de Sa e ajudante Tiberio José da Costa.

. . . .

Da correspondencia aprisionada aos rebeldes se vê que seus chefes empregados nas forças das mattas eram Manoel Alves Campos, João da Matta Castello-Branco, Miguel da Figueira Damasquarcm Braza-Viva, João Guimarães, José Fernandes de Castro, Antonio Leão Bandeira, Gabriel, Trajano, Antonio Alves Mamaluco, José Ignacio de Araujo Imburana, tenente Theodosio, Agostinho, Antonio Domingos etc. Consta que Raymundo Gomes estivéra no dia 6 no acampamento da Boa-Vista e Curúmatá.

O commandante em chefe faltaria ao seu dever, se não fizesse menção dos Srs. alferes José Maria Marques, João Sabino da Fonseca Castro, Francisco Manoel Veiga, os cadetes Claudino Angelo Castello-Branco, Vicente Soares de Mello Junior, e os sargentos João Paulo Leão, Joaquim Soares de Soaze e Reginaldo Antonio da Silva, todos da força do Maranhão, assim como é digno de todo o elogio o paisano Valerio José de Oliveira Baraúna, ferido no ataqne da Folha Larga, e cuja valentia o torna digno de cingir uma banda.

. . . .

Tivemos 45 feridos. . . . .

José Feliciano de Moraes Cid, coronel commandante em chefe.

(13) Este miseravel, porèm ousado negro, em suas proclamações e cartas se assignava D. Cosme Bento das Chagas, Tutor — Imperador das liberdades *Bemteviz*!

(14) Camaradas! Hoje effectuou-se a desejada união de todas as forças legaes da comarca! E em que dia? No preclaro dia anniversario natalicio da serenissima princeza a Sra. D. Francisca Augusta, irmã de nosso Imperador! Eia, camaradas, marchemos a debelar o inimigo, que fugitivo e aterrado procura evadir-se ao valor e bravura das nossas armas! Os rebeldes fogem para o centro, afim de escaparem ao devido castigo de tantos crimes; convém quanto antes seguil-os, batel-os e destroçal-os, afim de restaurar-se ao imperio da lei, e os habitantes das comarcas poderem gozar o suave fructo da paz no seio de suas familias. A patria abençoará nossos esforços e o governo saberá premiar nossos serviços. Viva a nossa santa religião! Viva S. M. o Imperador! Vivam os bravos defensores da legalidade!

Quartel do commando das forças em operações no acampamento da villa de Pastos-Bons, 2 de Agosto de 1840.—*José Vicente de Amorim Bezerra*, commandante.

(15) Acampamento geral na villa de Campo-Maior. Quartel do commando em chefe das forças do Piauhy 3 de Abril de 1841.

ORDEM DO DIA N.° 142.

O commandante em chefe tem a satisfação de publicar a ordem do dia n. 68 do Exm. Sr. coronel presidente e commandante das armas da provincia do Maranhão, que confirma a extincção da guerra, e é a que se segue:

ORDEM DO DIA N.° 68.

Quartel da presidencia e do commando das armas na cidade do Maranhão 19 de Janeiro de 1841. S. Exc. o Sr. coronel, presidente e commandante das armas da provincia tem a satisfação de annunciar á divisão pacificadora do seu commando, que findou a guerra contra os rebeldes n'esta provincia. Perseguidos constantemente em todos os lugares pelas tropas da legalidade, e derrotados sempre em todos os combates, esgotados todos os seus recursos, e cheios de remorsos, os rebeldes depozeram finalmente as fratecidas armas, abrigando-se á benefica sombra da amnistia, que tão liberalmente lhes foi outorgada pelo nosso magnanimo Imperador. Mais de 2,500 com seus respectivos caudilhos se tem apresentado n'estes ultimos dias em differentes pontos, e o seu denominado commandante em chefe, Raymundo Gomes Vieira Jutahy apresentou-se tambem na Miritiba no dia 15 do corrente ao mesmo Excm. Sr. que dois dias antes, no Icatú tinha mandado desfilar em sua presença, para deporem as armas o chefe Poderosa com mais de 800 de seus sequazes. Não havendo pois n'esta provincia um só grupo de rebeldes armados, e desejando S. Exc. aliviar desde já a lavoura dos gravames, que tem soffrido durante a guerra, manda que os corpos provisorios; que não são compostos de praças de 1.ª linha, sejam immediatamente reduzidos á metade da sua força, licenciando-se a outra metade pelo que diz respeito a praças de pret, sem vencimento algum, dando-se preferencia aos administradores, feitores, vaqueiros, mestres de barcos, que por ventura ainda existirem no serviço, e depois d'estes os casados, viuvos com filhos, e os que á mais tempo servem e melhores serviços têm prestado. Outro sim ordena o mesmo Exm. Sr., que os seguintes pontos militares fiquem reduzidos á força, que lhes vai designada a saber: Miritiba, 1 capitão, 2 subalternos, 2 sargentos, 4 cabos, 2 corneteiros e 80 soldados; Mearim, 1 capitão, 2 sabalternos, 2 sargentos, 4 cabos, 1 corneteiro, e 46 soldados; Vianna, 1 subalterno, 1 sargento, 2 cabos e 18 soldados; Bacanga, 1 sargento, 2 cabos, e 12

soldados; Estiva, Quebra-Potes, Villa do Paço, 1 sargento 2 cabos, e 12 soldados; Guarapiranga, Anajatuba etc., 1 sargento, 1 cabo e 12 soldados, ficando desde já dispensados os correios. (Assignado) *Manoel de Sousa Pinto de Magalhães*, coronel encarregado da repartição do ajudante e quartel-mestre general. — *José Feliciano de Moraes Cid*, coronel commandante em chefe.

LIMITES DO BRASIL COM O PARAGUAY

CARTA DA FRONTEIRA DO IMPERIO DO BRASIL COM A REPUBLICA DO PARAGUAY ORGANISADA PELO CONSELHEIRO DUARTE DA PONTE RIBEIRO.

(No exemplar da *Carta* acima offerecido ao Instituto Historico por seu autor acham-se annexos os seguintes impressos.)

N. 1.

Foi escripto quando os jornaes do Rio da Prata publicavam que o Sr. barão de Cotegipe estava fazendo com o Paraguay um tratado de limites extorquindo territorio da Republica, e mostra que o plenipotenciario imperial só tratava de fixar definitivamente a fronteira a que o Brasil tem direito,e já foi quasi toda demarcada em 1754 e 1759 por uma commisssão mixta, e por outra em 1788.

Parecendo inopportuno assignar o autor este impresso, foi subscripto por — *Um Brasileiro.*

N. 2.

Exagerando-se as difficuldades e risco da commissão que vai demarcar aquella fronteira, demonstrou-se que esta não é desconhecida, nem tão difficil como as que o Imperio tem a demarcar com o Perú, Bolivia, Venezuela, Nova Granada, etc.

N. 3.

Annuncia a publicação da *Carta*, e enumera os documentos em que está baseada, que comprovam não ser desde muitos annos ignorada a geographia e topographia da dita fronteira da Terra de Santa Cruz com a provincia do Paraguay, hoje Republica.

O autor não assignou este impresso por lhe ser acrescentado o ultimo paragrapho por S. Ex o Sr. Corrêa, ministro dos Negocios Estrangeiros.

N.º 1.

LIMITES DO BRASIL COM O PARAGUAY

Alguns jornaes do Rio da Prata apresentam a questão de limites do Imperio com a Republica do Paraguay de maneira que póde dar lugar a suppôr-se que, tendo o Brasil sahido victorioso na guerra com aquelle Estado, pretende agora impor-lhe uma nova linha de fronteira; e para que não prevaleça esta erronea supposição, daremos esclarecimentos, resumindo quanto fôr possivel a historia d'esta questão de limites.

Ver-se-ha que o Brasil, depois da victoria, contenta-se com menos do que antes pudéra exigir.

Havia cerca de tres seculos que duravam discussões estereis entre Hespanha e Portugal sobre o preferente dominio territorial no continente americano, allegando a primeira a doação dos Papas, e o segundo o direito de primeiro occupante, quando os dois soberanos quizeram pôr termo a esta questão, tomando para base de um tratado definitivo o ficar cada um com os territorios que possuia então; e, pois, convieram em que estes fossem demarcados, para conhecimento dos respectivos subditos, afim de não se fazerem mais usurpações nem por um nem por outro lado.

Sobre esta base assentou o tratado de 13 de Janeiro de 1750, que reconheceu as posses que cada Estado tinha e a troca reciproca de alguns terrenos para fixar uma fronteira mais natural e mutuamente vantajosa.

Para descrever no tratado a competente raia nomearam os dois governos uma commissão mixta de geographos, que foi encarregada de organisar um mappa em que se mostrasse o limite do territorio, que era então occupado por cada uma das duas nações.

Feito esse mappa, foi approvado por ambos os soberanos, e ratificado com as formalidades proprias dos tratados solemnes, e por elle descreveram os plenipotenciarios a linha de fronteira estipulada no tratado de 13 de Janeiro de 1750, como consta do termo que assignaram no reverso do mesmo mappa.

Estes originaes existem nos archivos de Madrid e de Lisboa, e ha na America muitas cópias d'elles. Tambem se acha uma cópia authentica no atlas que acompanha a collecção dos tratados de Portugal com as mais potencias, publicada em 1856 por José Ferreira Borges de Castro.

Mostra esse mappa um rio com o nome de *Igurey* que, correndo pelo centro do valle formado pelos dois ramos em que se divide a serra de Maracayú, vem desaguar no rio Paraná, pouco ao norte do extremo do ramo austral, e uma legua distante da crista do septentrional, que fórma o grande Salto das Sete-Quédas.

E' por este rio *Igurey* que foi estipulada no tratado de 1750 a fronteira das possessões hespanholas com as portuguezas, nos seguintes termos :

« Art. 5.°... continuará a raia até onde o mesmo Iguassú desemboca na margem oriental do Paraná, e desde esta boca proseguirá pelo alveo do Paraná acima *até onde se lhe ajunta o rio Igurey* pela sua margem occidental.

« Art. 6.° Desde a boca do Igurey continuará pelo alveo acima até encontrar a sua origem principal, e *d'alli buscará em linha recta*, pelo mais alto do terreno, *a cabeceira principal do rio mais vizinho*, que desague no Paraguay pela sua margem oriental, *que talvez será o que chamam Corrientes*, e baixará pelo alveo d'este rio até á sua entrada no Paraguay, desde a qual boca subirá pelo canal principal que deixa o Paraguay em tempo secco, e pelo seu alveo até encontrar os pantanaes que fórma este rio, chamados

a Lagôa dos Xaraes, e atravessando esta lagôa até a boca do rio Jaurú. »

Vê-se, portanto, que os plenipotenciarios descreveram a fronteira guiando-se por aquelle mappa de 1749, que tinham á vista, no qual estavam bem explicitos os nomes *rio Igurey*, e só era duvidoso o do seu contravertente, cujas fontes deviam ser procuradas em linha recta desde a principal nascente do Igurey, que são incontestavelmente as do rio Jejuy, e não as do Apa, *que estão mais de 40 leguas ao norte.*

Por falsa e interessada negativa de não haver no Paraguay quem désse noticia do rio Igurey, e outros motivos, como o de ter a Hespanha adiantado alguns estabelecimentos ao norte do rio Jejuy, concordaram os dois governos em substituir o Igurey pelo Igatemy, e o Jejuy pelo Ipané-guassú. Este ultimo rio fica ao norte do Jejuy, *porém ainda muito ao sul do Apa.*

Em virtude d'aquelle accordo, demarcou a commissão mixta luso-castelhana, em 1754, primeiro a foz do Ipané-guassú, no rio Paraguay, e depois o rio Paraná até tres leguas acima do seu Salto-Grande, onde o Igatemy tem a foz; continuou por este até ás suas nascentes, onde pôz um marco na latitude sul 23° 21', e longitude 58° 07' oéste do meridiano de Pariz; e buscando as do seu contravertente Ipané-guassú, encontrou as que suppôz serem d'este, e n'ellas collocou outro marco, 400 braças distante do primeiro.

D'esta demarcação levantaram os commissarios um mappa topographico em grande escala, que, sendo remettido com os respectivos diarios e relatorios a Gomes Freire de Andrade e o marquez de Valdelyrios, principaes commissarios, approvaram ambos os trabalhos feitos e deram por concluida a demarcação d'essa linha de fronteira desde

o rio Paraná até ás nascentes do Ipané-guassú na serra Maracayú, e d'ahi, por este rio, até o Paraguay.

Não obstante haverem os dois soberanos declarado nullo o tratado de 1750 pelo de 12 de Fevereiro de 1761, como n'aquelle não se tinha feito mais que reconhecer as posses já existentes, para firmal-as e garantir essa fronteira, mandou o governo portuguez edificar a praça dos Prazeres na margem esquerda do Igatemy.

Resolvendo os mesmos monarchas ajustar o tratado preliminar de 1 de Outubro de 1777, repetiram n'elle *ipsis verbis*, no art. 9°, a fronteira que tinha sido descripta no art. 6° do tratado de 13 de Janeiro de 1750, desde o rio Paraná pelo Igurey ao seu contravertente o Jejuy, *que fica muito ao sul do Apa.*

Devia proceder á nova demarcação d'esta fronteira outra commissão mixta; e estando o governo portuguez convencido de que fôra enganado quando concordou em substituir o Igurey pelo Igatemy, por asseverar-se que ninguem dava noticia d'aquelle rio, tendo adquirido a certeza de que existe no lugar em que o mostra o mappa de 1749, que foi descripto no tratado de limites de 1750 e repetido no preliminar de 1777, ordenou que o seu commissario desconhecesse o accordo da substituição dos rios, e tratasse de demarcar aquella fronteira em conformidade da letra dos referidos tratados.

Logo que o commissario hespanhol D. Felix de Azara chegou ao Paraguay em 1783, escreveu ao vice-rei de Buenos-Ayres manifestando receios de que o commissario portuguez insistisse em demarcar a fronteira pelo rio Ipane-guassú, ou quando menos, pelo Aquidabangy (hoje chamado Aquidaban), que elle Azara se daria por feliz se se pudesse conseguir que fosse pelo Apa.

Impaciente por terem decorrido alguns annos sem apre-

sentar-se a commissão portugueza, percorreu o territorio e improvisou planos de fronteira apoiados na interpretação que lhe aprouve dar aos nomes guaranys de alguns rios, como o de Yaguaray ao Igurey, dizendo que este nome não é guarany, e foi mal escripto e applicado pelos geographos que organisaram o mappa.

Não attendeu a que o Igurey se precipita da notavel serra que fórma o Salto-Grande do Paraná, e se estende pelo meio d'ella para oéste, servindo de baliza natural até perto das cabeceiras de Jejuy, emquanto que o Yaguaray ou Yvinheyma está acima do Salto mais de trinta leguas, e corre distante do rio Paraguay por extenso e variado territorio, quando nos tratados se teve em vista cruzar curto espaço de terreno entre o Paraná e o Paraguay, como é esse entre as nascentes do Igurey e as do Jejuhy.

Accresce que, se houvesse intenção de seguir pelo Yaguaray ou Yvinheyma a linha de fronteira, não omittiriam os plenipotenciarios declarar no tratado que a raia seguia pelo alveo do rio Paraná até onde entra n'elle *acima*, ou *passado o Salto*, o rio Igurey pela sua margem occidental.

Propôz Azara ao seu governo dar esta interpretação ao tratado, mas foi logo desapprovada pelo vice-rei de Buenos-Ayres, como opposta á letra do tratado, ordenando-lhe aquelle alto funccionario que executasse o accordo, de seguir a fronteira desde o Paraná pelo rio Igatemy até ás suas nascentes, e *d'estas pelo Ipané-guassú* (ao sul do Apa).

Se o governo hespanhol teve noticia d'este plano ideal de Azara, é certo que nunca lhe deu uma resposta, como declara o seu biographo Walcknear. Tambem nunca fallou d'elle ao governo portuguez, o que prova que o julgava absurdo.

Entretanto organisou Azara um mappa da provincia do Paraguay em conformidade do plano que propuzéra, e deixou uma cópia d'elle na Assumpção, quando foi mandado retirar de lá, por terem decorrido mais de 15 annos sem apparecer a commissão portugueza para se effectuarem as demarcações de limites.

E' este o mappa que se conservava na casa do governo, e foi mostrado em 1844 ao Sr. Pimenta Bueno pelo velho presidente Lopez, como indicando a fronteira estipulada no tratado preliminar de 1777, que elle considerava ainda em vigor.

Propondo então o Sr. Pimenta Bueno, como plenipotenciario brasileiro, a feitura de um tratado de limites, exigiu Lopez que fosse aquelle preliminar declarado em vigor, clausula que o dito senhor não podia admittir, mas assentia em ser a fronteira estipulada nos mesmos termos d'aquelle tratado, em um artigo do novo, por entender que a letra e sentido genuino do cahido em nullidade podia confirmar o direito do Brasil á fronteira que reclamava com o melhor fundamento.

Emquanto esse projecto de tratado era remettido ao governo imperial, sobrevieram no Paraguay occurrencias que retiveram o governo imperial de tomar uma deliberação a esse respeito.

Os accidentes que motivaram essa demora obrigaram o presidente Lopez a mandar em 1847 um plenipotenciario a esta côrte propôr um tratado de limites, em que dividia entre o Paraguay e o Brasil a parte da provincia de Corrientes, das Missões da Candelaria para o norte, ficando aquella Republica com o territorio do lado do rio Paraná, e o Imperio com o do lado do rio Uruguay.

Desde a foz do Iguassú continuava a fronteira do projecto pelo alveo do Paraná até o *Salto-Grande de Guayrá*

ou das Sete-Quédas e seguia d'ahi pela serra Maracayú, depois pela cordilheira Amambay até encontrar n'ella a nascente mais septentrional do rio Apa, e desde esta seguia em linha recta á boca do chamado Rio-Branco, em frente do forte Olympo.

Este projecto foi repellido, sobretudo por conter uma escandalosa usurpação territorial de um terceiro Estado.

N'elle reconhecia Lopez a primitiva fronteira do Brasil pela serra Maracayú, que os tratados de 1750 e 1777 tinham reconhecido, e tambem que o limite do *uti possidetis* dos dois Estados é pelo alto da cordilheira Amambay até ás nascentes do Apa; mas exigia que lhe fosse cedido o territorio brasileiro d'este rio para o norte até defronte do forte Olympo, como compensação do alheio, que offerecia na provincia de Corrientes.

Semelhante pretenção serve para confirmar que tanto a Hespanha durante o seu dominio, como o Paraguay depois de proclamar-se nação independente, têm considerado o Apa como linha de fronteira do Brasil com o Paraguay. A Hespanha já tinha feito dois fortins na margem austral d'elle para divisa e segurança d'essa fronteira; e a Republica estabeleceu mais quatro, para o mesmo fim: factos que o Brasil tem respeitado, por terem a seu favor o principio do *uti possidetis*, que regula a divisão territorial, na deficiencia de tratados que a expliquem.

Dizia o velho presidente Lopez ao Sr. Pimenta Bueno, em 1845, que esses fortins eram destinados a impedir que os paraguayos *passassem para o outro lado da fronteira* e tivessem communicação com os brasileiros. E dando-se casos de para lá fugirem alguns e serem agarrados, foram elles fuzilados, *por terem ultrapassado a fronteira da Republica*.

D'esta veridica demonstração historica se vê que no tra-

tado da triplice alliança foi exactamente designada a fronteira de que o Brasil tem antiga posse.

O Brasil, porém, ao que se diz, levou mais longe a sua moderação; pois, não pretendendo territorio algum ao sul do Apa, desistiu da linha do Igurey, contentando-se com a divisa natural do Salto das Sete-Quédas, do lado do rio Paraná.

Parabens á moderação do Brasil. Assim outros o imitem!

Um Brasileiro.

N. 2

APONTAMENTOS RELATIVOS A FRONTEIRA DO IMPERIO DO BRASIL COM A REPUBLICA DO PARAGUAY.

A fronteira do Imperio do Brasil com a Republica do Paraguay não é desconhicida: uma grande parte d'ella foi demarcada em 1754 por uma numerosa commissão mixta luso-hespanhola. Pussuimos os diarios e mappas originaes d'essa commissão mixta, que mostram as margens do rio Paraná desde a foz do rio Igúassú, onde principia a fronteira do Brasil, até á bocca do rio Santa Thereza que desagua pela margem opposta na latitude do Sul 24° 48'.

Essa commissão mixta foi da Assumpção no mesmo anno a Curuguaty, passou a serra Maracayú, baixou pelo Igatemi até o Salto das Sete Quedas, e desceu pela margem occidental do Paraná até a distancia de 8 leguas, e pôz ahi um signal na latitude 24° 28'; e outro proximo ao salto onde fez o seu abarracamento.

Foi depois demarcar a fronteira pela Igatemi, e levantou o plano hydrographico d'este rio até ás suas nascentes, e o topographico do territorio das suas margens. No extremo

septentrional da serra Maracayú (tambem chamada n'esse lugar *serra Nanduracay*) em que nasce o Igatemi, pôz a commissão um marco, e o outro na fronteira contravertente julgando ser a fonte do Ipané-guassú, e era a do rio Aguaraby.

Em 1774 foi minuciosamente reconhecida a serra Maracayú pelo brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, que tinha sido commissario da demarcação de 1754, e voltou alli como commandante da Praça dos Prazeres, e encarregado da defeza d'aquella fronteira. Temos tambem o plano original da serra Maracayú, e a respectiva descripção que mandou ao governo assignada por elle e mais 8 officiaes que o acompanharam na exploração.

Em 1783 mandou o capitão general de S. Paulo um tenente-coronel engenheiro ao Salto das Sete Quedas para reconheeer se existia abaixo d'elle na margem direita do Paraná o rio Igurey, como indicava o mappa de 1749, por onde os plenipotenciarios do tratado de 1750 descreveram a mutua fronteira que estipularam, mas que os habitantes da provincia do Paraguay disseram depois não haver quem desse noticia d'aquelle rio.

O mappa geographico, e o relatorio apresentados pelo dito commissionado confirmaram a existencia do rio Igurey no lugar em que o mostrava o mappa de 1749, e comprova o que a commissão de 1754 tinha dito da serra Maracayú, e dos incidentes da margem do Paraná até 8 leguas abaixo do Salto das Sete Quedas.

Em 1788 subiu a commissão mixta luzo-hespanhola d'essa epoca, desde a foz do Iguassú demarcando o rio Paraná até onde desagua o rio Santa Thereza, e desembarcou ahi como tinha feito a commissão de 1759, por ser invencivel d'alli para cima a violencia da corrente, que baixa por um plano inclinado desde o Salto. Esta commis-

são explorou a costa do Paraná até a latitude 24° 28, onde os demarcadores de 1754 tinham posto em um tronco de arvore uma grande cruz para indicar que haviam ido até alli. Regressou depois ao Iguassú como fizéra a commissão de 1759.

O espaço de fronteira que nunca foi explorado é o comprehendido desde as nascentes do Igatemi onde acaba a serra Maracayú e principia a cordilheira Amambaya, até o ponto d'esta em que nasce o rio Apa ; mas, a fuga do tyranno Solano Lopez desde o Panadero atravessando a serra Maracayú para leste, e seguindo depois ao longo da cordilheira Amambaya para o norte até o Chiriguello, deu a conhecer o caminho entre aquellas duas nascentes do Igatemi e do Apa.

Do extremo septentrional já o infatigavel explorador João Henrique Elliott tinha dado conhecimento em um excellente esboço geographico que mostra as nascentes dos rios Dourados, Santa Maria e Brilhante, que correm para leste, e as dos rios Aquidaban, Apa e Miranda que vão para oeste.

Do rio Apa tem os paraguayos perfeito conhecimento como revela a serie de fortins ou *guardias* que tinham á muitos annos na margem austral desde a foz até ás nascentes na cordilheira Amambaya.

O que os brasileiros conheciam da margem septentrional do Apa adquiriu perfeição pelas marchas que ao longo, e atravez d'elle fez a tropa vencedora.

Nas cabeceiras tinha o brasileiro Gabriel Lopes um estabelecimento rural, que foi destruido em 1850 por ordem do presidente D. Antonio Lopez, porém na proximidade do lugar em que estava este estabelecimento fundaram se depois as colonias militares dos Dourados e de Miranda.

E' pois evidente que a fronteira do Imperio com a Repu-

blica do Paraguay não é desconhecida; e que póde ser demarcada com menos risco que as fronteiras com o Perú e Bolivia.

Rio de Janeiro, 22 de Abril de 1872.

Duarte da Ponte Ribeiro.

N.º 3.

LIMITES DO BRASIL COM O PARAGUAY

Acaba de ser lithographada na officina do Sr. Rensburg uma carta da fronteira do Imperio do Brasil com a Republica do Paraguay, construida na secção topographica do ministerio d'Agricultura e Obras Publicas, onde se está elaborando a carta geral do Imperio, e baseada em trabalhos de commissões scientificas, cuja enumeração comprova que datam de muitos annos os reconhecimentos topogrophicos na terra de Santa Cruz.

1.º Diario e planos topographicos da commissão mixta luso-hespanhola da terceira partida das demarcações na America, de que eram, por parte de Portugal, commissario o sargento-mór engenheiro José Custodio de Sá e Faria, astronomo o Dr. Miguel Ciera, geographo o capitão João Bento Pithon; e por parte de Hespanha, commissario o conselheiro D. Manoel Antonio Flôres, astronomo D. Athanasio Varanda, geographo D. Alonzo Pacheco; a qual depois de collocar o marco de limites na foz do Rio Iaurú em 1754, voltou á cidade de Assumpção, e seguiu d'alli pelo interior da provincia até a villa de Curuguaty, atravessou a serra Maracayú para o norte, desceu pelo rio Igatemi ao Paraná até o Salto das Sete Quédas; cruzou outra vez aquella serra para o sul, e baixou pela margem occidental do Paraná até a latitude 24° 28', onde deixou

signal de ter ido até lá para ser encontrado pela segunda partida, que devia vir do rio Iguassú fazendo a demarcação até o Salto Grande do Paraná.

Depois da commissão mixta levantar o plano do Salto e do territorio visinho, foi demarcar o Igatemi até a sua nascente principal no extremo norte da serra Maracayú, onde pôz um marco e outro na do seu contravertente, julgando ser a do rio Ipané-guazú, e era a do Aguarahy.

Este valioso diario em que se descreve a natureza do terreno, e consigna preciosas observações astronomicas, acha se no tomo 7° da « *Collecção de noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas, que vivem nos dominios portuguezes ou lhes são visinhas.* », publicada pela Academia Real das Sciencias.

O mappa original que comprehende toda esta demarcação, feito em grande escala e assignado pelos commissarios, astronomos e geographos da commissão mixta, está no archivo da secretaria dos negocios estrangeiros.

2.° Diario e planos topographicos da segunda partida das demarcações na America em 1759, de que eram por parte de Portugal, commissario o coronel-engenheiro José Fernandes Pinto Alpoim, astronomo o capitão Antonio da Veiga de Andrade, geographo Manoel Pacheco de Christo ; e, por parte da Hespanha, commissario o conselheiro D. Francisco de Arguedas, astronomo D. Juan Norberto Marron, geographo D. Francisco Milhau y Maraval.

Este diario tambem está publicado no referido tomo 7° da *Collecção de noticias ultramarinas*, e existe na secretaria dos negocios estrangeiros um exemplar do original, assignado, dia por dia, pela commissão mixta, e tem appenso o mappa de toda a demarcação desde a foz do Ibicuy pelos rios Uruguay, Piperi-guazú Santo Antonio,

Iguassú e Paraná, até onde desagua n'este pela margem occidental o rio Santa Thereza.

3.º Plano e descripção da serra Maracayú, levantado em 1774 pelo brigadeiro José Custodio de Sá e Faria, então commandante da praça dos Prazeres, e encarregado do « Plano de defesa da fronteira do Igatemi. »

Este plano e descripção, assignados pelo dito brigadeiro e mais oito officiaes, tambem se acha na secretaria dos negocios estrangeiros.

4.º Relatorio e esboço de mappa geographico, apresentado pelo capitão Candido Xavier de Almeida, que acompanhou o tenente-coronel João Alves Ferreira, mandado pelo capitão general de S. Paulo em 1783 ao Salto Grande do Paraná verificar a existencia do rio Igurey, no lugar em que o mostrava o mappa firmado pelos plenipotenciarios do tratado de limites de 1750; existencia que os commissionados confirmaram, assim como tudo quanto a commissão mixta de 1754 tinha observado na margem occidental do Paraná até oito leguas abaixo do Salto das Sete Quédas.

Este relatorio acha-se publicado na *Revista do Instituto Historico*, 2º trimestre de 1855, folheto n. 18.

5.º Diario da segunda partida das demarcações na America em 1788, de que eram chefes da subdivisão, por parte de Portugal, o coronel José Felix da Fonseca, e pela de Hespanha, o coronel D. José Maria Cabrer.

Este diario e os respectivos planos e mappa geral tambem estão na secretaria dos negocios estrangeiros, e acha-se um original d'este diario no archivo publico d'esta côrte, nos 11 volumes que contêm as demarcações de 1784 e 1789.

6.º Mappas e correspondencia official do commissario D. Felix de Azara, concernentes á provincia do Paraguay.

7.º Trabalhos topographicos e geographicos, diarios e

memorias do insigne perito Sr. Augusto Leverger, hoje chefe de esquadra e barão de Melgaço, praticados no rio Paraguay, e muito especialmente na fronteira do sul da provincia de Matto-Grosso.

8.° Protocollos da discussão do tratado de 6 de Abril de 1856 com a Republica do Paraguay, e o mappa annexo que mostra a fronteira questionada.

9.° Mappas de Mr. Mouchez na demonstração do litoral dos grandes rios navegaveis.

10. Mappa do piloto e infatigavel explorador sertanejo Sr. João Henrique Elliott, que mostra as nascentes dos rios Dourado, Santa Maria e Brilhante, que correm da cordilheira Amambaya para léste, e as dos rios Aquidaban, Apa e Miranda, que vão para oéste.

11. Planta da Ilha do Cerrito, que divide em dois canaes o rio Paraguay na sua confluencia com o Paraná, levantada por uma commissão de peritos, de ordem do almirante da esquadra brasileira em 1866, quando se tratava da entrada das forças alliadas no territorio da Republica do Paraguay.

12. Planos levantados pelos engenheiros do exercito alliado, que foram resumidos em um mappa no archivo militar, para mostrar os lugares em que se deram os mais notaveis feitos d'armas durante a guerra.

O importante mappa a que nos referimos foi organisado pelo incansavel Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, que assim reuniu mais um aos valiosos serviços que tem prestado ao paiz.

BIOGRAPHIA

DOS BRASILEIROS ILLUSTRES POR ARMAS, LETRAS, VIRTUDES, ETC.

JOSE' ELOY OTTONI.

Lida em sessão de 5 *de Julho de* 1872.

Abrindo o Instituto Historico os seus annaes para n'elles se inscreverem os nomes dos benemeritos da patria, guardando em seu archivo as memorias, os livros dos homens da sciencia, e porfiando em levar á posteridade áquelles que consagraram sua vida ao amor das letras e das artes, presta assignalado serviço e concorre para o progresso e civilisação nacionaes.

Cofre de preciosidades litterarias possue esta sociedade thesouros que podem ser aproveitados em muitos escriptos e ambicionados por muitos litteratos; e não são vans riquezas que se possam evaporar ao sopro do vendaval da desgraça, ou na vertigem do desperdicio; são firmes, perduraveis, trigo sem joio, ouro sem mescla, que se não gasta, nem consome; e felizes os mineiros que vierem explorar estas minas preciosas; porque muito terão que dar á patria, e para si reservarão a gloria que dedica a posteridade áquelles que se entregam ás canceiras e pesquizas litterarias.

Não ha nome de cidadão que devotasse sua vida ás sciencias, ás letras, ás artes, ás virtudes, á guerra, á religião e ao Estado que se não veja gravado nos annaes volumosos d'esta academia, cujo indice é um abecedario glorioso, por que cada letra determina um nome grato ás sciencias, ás artes, á religião, á humanidade e á patria.

Assim bem hajam aquelles que, levantando sobre seus hombros, esta instituição scientifica, crearam um pantheon para a nação e para si um monumento de gloria.

Alvenel fraco e pequenino desejamos concorrer pouco e pouco para o engrandecimento d'esta associação que nasceu do patriotismo dos brasileiros, e tem vivido amparada por um braço poderoso que empunha tão habilmente o sceptro como o escudo da sciencia ; e eis por que ainda uma vez quebramos o silencio que deviamos guardar entre vós, para expor o esboço traçado a lapis da vida de um brasileiro, cujo nome deve ser conservado nas paginas dos livros que vestem as estantes d'esta casa.

Em 1 de Dezembro de 1764, na villa do Principe, hoje cidade do Serro, na provincia de Minas Geraes, do cidadão Manoel Vieira Ottoni e de D. Anna Felizarda Paes Leme nasceu José Eloy Ottoni.

Era Manoel Vieira fundidor na intendencia do ouro da villa do Principe, officio que rendendo-lhe 400$000 annuaes, lhe não garantia meios sufficientes para sustentar sua numerosa familia, pelo que via-se obrigado a trabalhar o laborioso cidadão, em horas cedidas ao cansaço, em uma officina de ourives.

Se gotejando-lhe o suor da fadiga não esmorecia Manoel Vieira Ottoni em trabalhar para o sustento dos filhos, tambem se não esquecia de cultivar-lhes o espirito e abrir-lhes a razão ás noções do justo e do honesto ; todos seus filhos iam para o collegio estudar as humanidades, e quando via-os completar esses estudos, sorria-se satisfeito o Abrahão da familia, e repetia indicando seus progenitos :

— Um será ferreiro, outro alfaiate, terá aquelle o meu officio, e assim todos ganharão honradamente o pão, se a sorte não levantal-os a outras posições.

Começou José Eloy Ottoni a cursar a aula de latim do

arraial do Tejuco, actual cidade da Diamantina, e não obstante alcançar attestado do respectivo professor, pediu ao pai para matriculal-o no collegio de Catas Altas, então muito acreditado, a fim de mais familiarisado com o latim, apreciar devidamente as riquezas da lingua de Cicero e adquirir conhecimentos de outras humanidades.

O alumno do collegio de Catas Altas passou, logo depois da primeira lição, á mestre, e o director do estabelecimento, escrevendo ao velho Ottoni, não só agradeceu-lhe a remessa de tão bom discipulo que viera auxilial-o no magisterio, senão abriu-lhe as portas do collegio a todos os irmãos de Eloy Ottoni, que alli podiam residir e estudar gratuitamente em quanto occupasse este a cadeira de professor.

Esse offerecimento do director do collegio de Catas Altas facilitou a Vieira Ottoni a educação dos filhos; e o pobre fundidor, enebriado de gloria por ver os triumphos colhidos nos estudos pelo seu filho primogenito, dobrou de esforços, fez milagres de economia, e enviou Eloy Ottoni para Europa.

O céo encantador da Italia, as recordações memoraveis d'esse paiz, que parece ter sido a patria de todas as musas, inspiraram a imaginação de Ottoni, que, pegando da lyra, principiou a tangel-a de um modo plangente e mavioso.

Elle o discipulo afamado do Tejuco, o mestre distincto de Catas Altas leu extasiado o poema didactico de Virgilio as Georgicas, e enlevado pela musa do poeta Mantuano, tratou de verter aquelles versos para a lingua portugueza ; e cumpriu caprichosa e habilmente esse trabalho que se perdeu, assim como outros que podiam attestar o talento e mestria do habalisado traductor.

Os monumentos d'essa cidade que Montesquieu chamou eterna, as pomposas solemnidades celebradas na basilica de S. Pedro em presença do pontifice e de um cortejo nu-

meroso de sacerdotes atiçaram-lhe o fervor das idéas religiosas bebidas em sua mocidade ; pensou Ottoni em ordenar-se ; mas a nostalgia é um mal, e esse estado morbido influiu tanto em Ottoni que só cuidou em regressar á Lisboa para approximar-se da patria ; de feito, aceitando a cadeira de latim da villa do Bom Successo, hoje cidade de Minas Novas, se passou para o Brasil em 1791 ou 1792.

Pouco depois esposou D. Maria Rosa do Nascimento filha do coronel Manoel José Esteves, e d'esse matrimonio provieram dois filhos Honorio Esteves Ottoni e Eduviges Esteves Ottoni.

A época em que o mestre de latim Ottoni chegou a residir em Minas Novas era a da crise revolucionaria do Tira-dentes, do terror Jacobino em França, a epoca calamitosa em que se mandava erguer em Villa Rica, hoje Ouro Preto, sobre o solar da casa d'aquelle cidadão mineiro um padrão de infamia, era a época dos desterros em Africa, da inconfidencia, aquella em que os povos se agitavam e procuravam abafar em ondas de sangue usanças antiquarias e perniciosas herdadas dos tempos feudaes. Então encerrou-se Ottoni em seu domicilio, e, cercado de discipulos, viveu annos interpretando as bellezas e difficuldades dos classicos latinos e prestando uteis serviços á patria, em quanto outros procuravam mudar a forma politica do paiz sem attenderem que não anda o mundo, a realidade com a precipitação do nosso espirito. Corridos alguns annos regressou á Lisboa não só para receber seus ordenados, senão para ver se melhorava de posição, pois a mingoada quantia que lhe vinha do ensinamento, lhe não dava para manter-se, e via-se forçado a aceitar favores pecuniarios do seu sogro.

Em Lisboa, em quanto pretendia melhor emprego, se não descuidava de cultivar a sua vocação poetica, e com

Bocage e Bressani se entretinha em uma especie de arcadia, em que cada um desafiava seu estro poetico e atirava satyras, epigrammas e anedoctas, que mais tarde, nas noites da sua velhice, Ottoni repetia, saudoso d'aquelles certames que lembravam sua mocidade e o fogo da sua imaginação.

Teceu relações na côrte portugueza com o conde dos Arcos, com Francisco Villela Barbosa, depois marquez de Paranaguá, com a marqueza de Alorna então condessa de Oyenhausen e com outros poetas e litteratos.

A'quella distincta poetisa dedicou Ottoni muitos versos em homenagem ao seu talento; e em uma de suas missivas poeticas pediu-lhe se incumbisse de traduzir o quinto canto do poema de Oberon, visto como vertêra admiravelmente os quatro primeiros.

Pesavam-lhe na alma as saudades da patria e da familia, mas não queria voltar ao seio d'esta, nem descansar no ninho d'aquella em quanto não conseguisse melhor condição social; todavia chorava saudoso, e como as lagrimas do poeta são gemidos da sua lyra, enviava Ottoni hymnos sentidos á sua mulher e filhos; entre outros mencionam-se dois lindos sonetos que vem transcriptos na noticia historica escripta e publicada sobre a vida e obras de Eloy Ottoni por Theophilo Benedicto Ottoni.

Se as musas abriam-lhe á imaginação horizontes mais vastos, se os sons da lyra mitigavam-lhe os pezares do coração, ia buscar nas letras a subsistencia quotidiana; fundou um curso de rethorica onde confundiam-se os discipulos com os poetas, litteratos e escriptores attrahidos ao recinto escolar do professor brasileiro.

Jaziam n'esse tempo em 1799 nos ergastulos escuros da inquisição Hyppolito da Costa, o afamado autor do *Correio Brasiliense*, e Joaquim José Vieira Couto que,

como procurador dos povos do paiz diamantino, viera a Portugal para representar contra os desmandos dos intendentes dos diamantes no Serro Frio, e que por fallar estendida e affoutamente cahiu no desagrado do governo, e foi dormitar nas prisões do Santo Officio. Favorecido pela maçonaria Hyppolito fugiu para Londres, e Vieira esteve retido até 1807, anno em que, por intervenção de Junot e tambem da maçonaria, recuperou a liberdade.

Era Vieira Couto comprovinciano e primo irmão de Eloy Ottoni, que por isso correu o risco de soffrer os rigores da inquisição ; e se escapou de tal perigo deveu-o á sua prudencia e á conselhos de amigos em occultar seu parentesco com aquelle cidadão.

Occupando o cargo de secretario da embaixada portugueza em Madrid, e presentindo entre o conde da Ega, enviado extraordinario, e os francezes que devastavam a peninsula, relações anti-nacionaes, deixou o emprego e veio para o Brasil onde, como em Portugal, começou a viver vida de pretendente nas escadas dos ministros e reposteiros das secretarias; porém nada obteve, por que duvidou-se da sua fidelidade de subdito portuguez, apezar de haver desprezado o emprego em Madrid e do protesto que contra os francezes publicou na poesia sob o motte de Camões « Deu signal a trombeta castelhana », a qual vem impressa no *Parnaso Brasileiro*.

Em outros trabalhos poeticos protestou contra a idéa de connivencia com os invasores de Portugal, como em uma ode aos annos de Jorge 4° dedicada á lord Strangford, e em uma serie de dialogos intitulados *Os amigos da virtude* que se não publicaram.

Inspirado pela lembrança e saudade dos annos que passára em Lisboa, entre poetas e homens de letras, dedicou-se ao ameno cultivo d'ellas, ao estudo da escriptura

sagrada; traduziu e paraphrasiou muitos psalmos, compôz canções e versos religiosos, que diversos periodicos trasladaram para suas columnas, entre outros a *Tribuna Catholica*, periodico creado em 1851 pelo Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro ; traduziu o *Stabat Mater* e o *Miserere.*

Mas se não estalaram as cordas de sua lyra de amores, e especialmente no genero epigrammatico se distinguiu o nosso poeta ; porém pouco antes de fallecer, todas as poesias que considerou profanas queimou-as; e então apezar de ser anormal o estado de suas faculdades pelo que se lhe nomeára curador, não lançou ao fogo as poesias licenciosas de Bocage e Bressani, escriptas pelo proprio punho de ambos, as quaes jaziam no mesmo bahú em que Ottoni guardava os seus hymnos de *amor* ou *vaidade.*

Dirigiu-se em 1811 á Bahia onde domiciliou-se no palacio do conde dos Arcos, e lá publicou em 1815 a *Paraphrase dos proverbios de Salomão em verso portuguez dedicada ao principe da Beira, depois D. Pedro* 1°. D'essa obra, reimpressa no Rio de Janeiro em 1841, escreveu o Dr. Fernandes Pinheiro.

« O que porém constitue a sua maior gloria, o seu maior merecimento poetico é a bella traducção dos *Proverbios de Salomão*, que veiu á luz em 1815, e onde a par da maior fidelidade como traductor, revelando o perfeito conhecimento da lingua latina, que com grande applauso leccionára em sua provincia, descobre-se grande talento poetico e a uncção religiosa que respira em todos os seus escriptos. »

Na prefação d'este livro diz o poeta :

« Eu não conheço um codigo de moral tão pura como os proverbios de Salomão; em ethica é tudo quanto os ho-

mens de todos os seculos poderaõ descobrir de mais justo, santo e mais necessario ».

Tambem traduziu o livro de *Job* que muito tempo conservou em sua gaveta para limpal-o de erros e imperfeições e apresental-o aos eruditos, como ao arcebispo da Bahia D. Romualdo, que teceu merecidos gabos a essa versão dividida em quarenta e dois capitulos contendo mais de tres mil versos.

Confiado o manuscripto da traducção do livro de *Job* ao nosso prestimoso consocio o Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, que muito se ha fatigado forrageando no campo das letras patrias, apressou-se em trazer á estampa este trabalho em 1852 precedido : 1° de um discurso sobre a poesia religiosa em geral e em particular no Brasil, succulento escripto de sua lavra ; 2° de uma noticia sobre a vida e poesias do traductor por Theophilo Benedicto Ottoni ; 3° de um prefacio extrahido da versão da Biblia por de Genoude.

Fallando da traducção em verso do livro de *Job* diz o Dr. Fernandes Pinheiro :

« Se o nosso humilde voto podesse inscrever-se no catalogo das capacidades que tem julgado esta versão, diriamos que é esta a mais bella joia que estava occulta no thesouro litterario do illustre finado. Os magoados queixumes do patriarcha da Idumea tem mais doçura, mais expressão vertidos para o idioma de Gonzaga pelo preclaro bardo mineiro. »

Occupado n'essas locubrações litterarias, no estudo dos livros santos colhia d'elles sãos preceitos que, vasados em versinhos mimosos, remettia-os a seus filhos em Minas Novas.

D'esse modo doutrinava Ottoni proficuamente, e reve-

lava o fervor de sua fé e a robustez dos seus principios religiosos. E assim repetia elle :

« De todas as accusações que se me fazem só não desprezo a da impiedade, porque a essa responde no presente a minha vida, e no futuro o fructo que meu engenho ha tirado dos livros sagrados. »

Tendo el-rei D. João VI prestado juramento á constituição portugueza no Brasil em 26 de Fevereiro de 1821, houve por esse acontecimento politico espectaculo em grande gala no theatro S. João, e logo depois do elogio dramatico recitado em presença da familia real, surgiu Eloy Ottoni, em um dos camarotes, e pronunciou o presente soneto :

Portuguezes ! A nuvem tenebrosa
Qu'offuscava a razão desapparece,
Desfez-se o cahos que a discordia tece,
Já se encara sem medo a luz formosa.

Dos erros a progenie maculosa
Baqueando em soluços estremece,
A justiça dos céos ao throno desce,
Marcando os fastos á nação briosa.

Lysia, berço de heroes, oh Lysia, alerta,
Cumpre que os ferros o Brasil arroje
Seguindo o impulso que a razão desperta.

A expressão de terror desmaia e foge,
Graças á invicta mão que nos liberta ;
Escravos hontem, sois romanos hoje.

Causou profunda sensação no theatro o hymno do poeta, estrugiram os applausos ; o rei como offendido

pelo ultimo verso do segundo terceto exclamou: escravos não, vassalos; peior, peior, respondeu o auditorio.

Pouco depois alcançou o cantor da regeneração politica do Brasil um emprego na Bahia, mas o governo provisorio d'essa provincia, que então só reconhecia a autoridade das côrtes geraes constituintes de Portugal, recusou empossal-o, pelo que Ottoni teve de embarcar para Lisboa.

Procedendo-se n'essa épocha á eleição dos vinte deputados pela provincia de Minas para as côrtes portuguezas, reuniu Eloy Ottoni os suffragios dos seus concidadãos, mas não logrou tomar assento por não chegar a tempo o respectivo diploma.

Por não dispôr de recursos para voltar á patria conservou-se Ottoni na Europa até 1825, e lá quando viu realizada a libertação politica do seu paiz, soltou da lyra hymnos patrioticos; e entre muitos que se perderam, ha as seguintes quadrinhas á primeira embarcação que chegou ao Tejo hasteando a bandeira brasileira,

Argos nova ao Tejo assoma
Verde lucida bandeira,
Tremúla, ovante, e ressôa
Viva a bella brasileira

Brame o Tejo, escoa e brada
Como ousaste aventureira
Inverter da gloria o rumo
Sendo a bella brasileira!

Alça um pouco a fronte altiva
E ficando sombranceira,
Ao ceruleo, undoso espaço
Diz-lhe a bella brasileira:

Se arrastei grilhões um dia,
Cumpre agora que primeira
No valor e na virtude,
Seja a bella brasileira.

Independencia ou morte
Eis a fiel mensageira,
Não temo a força que arrostro
Sou a bella brasileira.

Por mais que injuria e terror
Te carreguem a viseira,
Tu verás que sempre invicta
Sou a bella brasileira.

. . . .

. . . .

Prosegue o rumo, não pares
Em tão sublime carreira,
Ao novo imperio te acolhe,
Vai oh bella brasileira.

E se em mim o amor da patria
Nutre a gloria verdadeira,
O cêu meus votos escute,
Viva a bella brasileira.

Fez ao mesmo assumpto a seguinte decima que ainda se não publicou.

MOTTE

Sempre invicto pavilhão
Do Cezar Pedro I.
Penhor de heroica expressão
Que o Brasil deve salvar

Não cesso de te invocar
Sempre invicto pavilhão;
Em continua progressão
Cresça o nome brasileiro,

E quando ignoto estrangeiro
Do Brasil á plaga assome,
Bem, digam todos o nome
Do Cezar Pedro I.

Chegado ao Rio de Janeiro e escudado pelo braço de Francisco Villela Barbosa alcançou ser nomeado official da secretaria de marinha.

Depois de vinte annos de incessantes rogativas e continuas pretenções conseguira o poeta um emprego que garantia-lhe a subsistencia e livrava-o de ser pesado aos amigos; pagou as dividas que contrahira, e não obstante viver sem necessidades a sua familia em Minas Novas, mandava-lhe o que recolhia de suas economias.

Mais de uma vez rogou a sua mulher para vir acompanhal-o no Rio de Janeiro; e de feito, apezar de ser maior de sessenta annos, deixou a esposa obediente a residencia de Minas Novas e emprehendeu a viagem para a côrte; porém fracturando uma perna em caminho e tendo como mau presagio esse acontecimento, recolheu á sua antiga re-

sidencia, onde entre desvelos e cuidados de mãi carinhosa, consumiu o resto de seus dias.

Bom e religioso, dedicado ao estudo, á leitura e paraphrase da escriptura santa comprehendia Ottoni que queimam as faces d'aquelles que as derramam as lagrimas da miseria; e por isso era prompto em enxugal-as concedendo pensões a familias pobres, e pagando-as promptamente no primeiro dia de cada mez.

Havendo sido distinguido com a condecoração do habito da ordem de Christo renunciou esta graça em seu filho.

Grangeou o festejado poeta a estima do primeiro imperador, que por vezes honrou-o escrevendo-lhe do seu proprio punho, e enviando-lhe assumptos de poesias que Ottoni interpretava ao agrado do soberano.

Não satisfeito do seguinte distico composto pelo senador Gomide para um retrato seu :

Brasiliæ salvator adest hic maxi mus heros
Eterno Petrus nomine notus erit,

escreveu D. Pedro a Ottoni o presente bilhete :

« Sr. José Eloy.—Gomide deu-me esses versos para inscrever n'um meu retrato, mas acho-lhes muitos palavrões, e quero um distico seu.

Em obediencia ao monarcha enviou-lhe o poeta estes versinhos :

Effigies vera loquitur, cum facta loquuntur :
Consule brasiliam, Petrus ubique sonat.

Por occasião dos festejos celebrados no casamento do primeiro imperador em 1829, serviu-se Ottoni da lyra, e

compôz quadrinhas que ornamentaram as columnas erguidas na praça do Rocio, indicando cada uma d'ellas uma provincia do Brasil.

Os ultimos vinte e seis annos de sua vida viu-os o poeta passar no retiro da sua habitação, onde só vinham despertal-o as recordações saudosas de sua mocidade e as lembranças gratas de sua familia. Já então os annos haviam-lhe apagado a luz viva e perfulgente de sua imaginação de poeta, sentia enfraquecida a razão e alquebrado o corpo pelo peso da velhice e pelas dores contumaces das molestias. O velho arrastava a existencia, e cahira n'esse torpor da decrepidez que denuncia a morte; de feito a 3 de Outubro de 1851, e não em 1841, como diz o autor dos *Varões illustres*, cerrou os olhos á luz, e começou o somno que não tem fim, tendo por leito um tumulo no cemiterio de S. Francisco de Paula. onde jazia seu irmão Jorge Benedicto Ottoni, e onde, desoito annos mais tarde, devia de chegar o cadaver do senador Theophilo Ottoni.

Destinguiu-se Eloy Ottoni como poeta terno e amoroso: deixou no genero lyrico algumas poesias mimosas; suave e ameno em seus versos comprehendia a linguagem do coração, e nas traducções era correcto e grave; tem valor litterario as suas poesias sacras, e denunciam os conhecimentos que tinha o vate do latim e do francez, e a melodia que sabia entornar na metrificação.

Na biographia escripta por Theophilo Ottoni, no *Parnaso Brasileiro*, no *Mosaico Poetico* e em outros periodicos encontram-se poesias de Eloy Ottoni; e em um antigo manuscripto, que nos offertaram, lemos a seguinte ode anacreontica traduzida por Ottoni, e que ainda não foi publicada:

Foi ao prado colher flôres
Dorila terna e mimosa,
Tão alegre como é Maio,
Mais do que as graças formosa ;

Eis que do prado chorando
Voltou confusa, e affligida,
Desentrançado o cabello,
A côr do rosto perdida.

Se lhe perguntam, que tem ?
Dorila chora, e se cala ;
Se lhe fallam, não responde,
Se a accusam mesmo, não falla.

Que tem Dorila ? Os signaes
Indicam a pezar seu,
Qu'indo ao prado a colher flores,
A flor, que tinha, perdeu.

Vem no *Parnaso Brasileiro*, outra ode anacreontica composta em hespanhol por Melendes e traduzida por José Eloy Ottoni.

Vimos no referido manuscripto o presente soneto feito por motivo de uma despedida de madrugada, onde a familia do autor muito chorou :

O' lagrimas, ó perolas ! A aurora,
E' menos pura do que vós sois bellas,
Do sol do amor ó humidas estrellas,
Aljofar da manhã, riso de Flora.

O' faces de que Phebo se namora
Quando meiga ternura acode a vel-as,
Se ha graças devem ser sómente aquellas
De hua alma ingenua que suspira e chora.

Nos olhos de Marilia o pranto agrada,
Maviosa expressão de olhos serenos,
Dá gloria aos numes, existencia ao nada.

O' lagrimas, ó perolas, ao menos
Vós sois na mais serena madrugada
Interpretes de amor, alma de Venus.

Publicou-se, mas corrreu como inspiração de outro poeta o seguinte improviso que vai trasladado.

Avistando, ao subir uma escada, o anjo dos seus pensamentos, e pedindo-lhe em verso espontaneo: *Deixa beijar-te meu bem;* teve em resposta o seguinte « *glose.* » Ottoni encarou instantes na mulher amada e disse:

Suspende Analia divina
Do teu recato o pudor,
Não beija zefiro a flor?
Não beija a aurora a bonina?

Quando o sol meigo se inclina
Não beija as ondas tambem?
Se ao terno pombo convem

Beijar a rola innocente,
Se a natureza o consente,
Deixa beijar-te meu bem.

Além das obras citadas escreveu Eloy Ottoni mais: *Poesia dedicada á condessa de Oyenhausen*, impressa em Lisboa em 1801 constando de tres ódes, dois sonetos e uma cantata.

Analia de Josino, impressa na mesma cidade e no mesmo anno, contendo sonetos, lyras, etc.

Analia de Josino, continuação do folheto antecedente, publicado em Lisboa em 1802.

Drama allusivo ao caracter e talentos de Manoel Maria de Barbosa du Bocage, impresso em 1806 na imprensa régia em Lisboa á custa da condessa da Ega.

A' Serenissima princeza da Beira, nossa senhora, por occasião do seu faustissimo consorcio com o serenissimo senhor infante D. Pedro Carlos de Bourbon, almirante general; um folheto de 16 paginas publicado no Rio de Janeiro em 1811, contendo lyras, sonetos e outras poesias diversas.

A's suas altezas reaes o serenissimo principe regente e princeza do Brazil por occasião do nascimento do seu augusto neto; impresso no Rio de Janeiro em 1811.

Uma epistola ao padre Antonio Pereira de Sousa Caldas; cinco lyras e seis sonetos que enriquecem as paginas do *Florilegio da poesia brasileira*, trabalho do erudito compilador Varnhagen.

Elogio a S. A. R. o Serenissimo Principe da Beira recitado no theatro de S. João da Bahia, no dia 12 de Outubro de 1814, impresso na mesma cidade.

Quadro das dôres de Maria Santissima; publicado em Lisboa em 1823, um folheto de 12 paginas.

Quadro da Consagração, inedito, traducção do francez e traducção do latim.

Meu Bom Jesus dos Afflictos, glosa, inedita.

A' Nossa Senhora da Boa Morte, jaculatoria, inedita.

Ave Maria em quadrinhas, inedita.

Sustendo como David a harpa do Santuario Eloy Ottoni tirou d'ella canticos e melodias, hymnos celestes que perpetuaram seu nome e illustraram a poesia nacional. Pertenceu esse levita da musa sagrada ao nosso Instituto, e louvando o livro de Job traduzido por elle, diz o mimoso cantor da *Nebulosa* as seguintes palavras que vão fechar este esboço biographico :

« As nações exaltam-se e fulguram com o esplendor do genio de seus filhos, e sempre que honram a memoria de seus grandes poetas nobilitam-se e engrandecem aos olhos da humanidade. José Eloy Ottoni é um d'esses homens que tem o poder de illustrar seu berço e de realçar a patria. »

Dr. Moreira de Azevedo.

ACTAS DAS SESSÕES EM 1872

1.ª SESSÃO, EM 10 DE MAIO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, senador Candido Mendes, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Olegario, Pinheiro de Campos, conego Honorato, Marques de Carvalho, José Christino, Boulanger, conselheiro Lopes Netto, Filgueiras, Pinto Junior, Escragnolle Taunay, Moreira de Azevedo, Miguel Antonio da Silva e Paranhos, faltando por incommodado o sr. barão do Bom Retiro, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e aberta a sessão, o Sr. presidente dirigiu ao mesmo Augusto Senhor a seguinte allocução:

« Senhor. — O Instituto em occasião solemne teve a honra de elevar á augusta presença de V. M. Imperial, pelo orgão do eloquente orador, congratulações sinceras, pela desejada volta de V. M. Imperial ao seio da patria, depois de ter com felicidade percorrido regiões longinquas, onde deixou incontestaveis abonos da illustração de um espirito vastamente cultivado, e da innata bondade de um coração bem formado.

Agora, Senhor, o Instituto tem a fortuna de manifestar seu rigosijo, vendo V. M. Imperial assentado na cadeira que vazia por mais de dez mezes, servia apenas de avivar

nossa saudade. Rendo graças a V. M. Imperial pela assignalada mercê de continuar a associar-se aos trabalhos do Instituto, presidindo suas sessões, e dando assim prova cabal de que não retirou d'elle a paternal protecção.

Sua Magestade agradeceu ao Instituto a sincera homenagem manifestada pelo orgão do seu presidente.

Não havendo leitura de acta, o Sr. 1.º secretario passou a dar conta do expediente, que constou do seguinte:

Um aviso do sr. ministro do Imperio, de 12 de Janeiro do corrente anno, declarando ficar inteirado, pelo officio que lhe dirigiu o sr. presidente d'este Instituto em 24 de Dezembro do anno p. p., das pessoas que foram eleitas para servirem os diversos cargos no presente anno social.

Dito do mesmo sr. ministro, solicitando do Instituto, para a estatistica dos estabelecimentos litterarios existentes n'esta côrte, as seguintes informações: A data de sua creação, sua direcção e pessoal empregado, numero de volumes impressos e bem assim de manuscriptos, numero das pessoas que o frequentaram durante o anno findo, e das obras consultadas, e quaesquer outras informações a respeito de sua bibliotheca.

Dito do mesmo senhor remettendo para a bibliotheca do Instituto varias obras constantes de uma relação que acompanhou aquelle aviso.

Officio do Sr. director geral da secretaria da Agricultura, Commercio e Obras Publicas, remettendo, de ordem de S. Exc. o Sr. ministro da mesma repartição, um caixote contendo livros vindos de Hamburgo com destino ao Instituto Historico.

Officios dos Srs. presidentes das provincias do Espirito-Santo, Rio Grande do Sul, Bahia, Sergipe, Maranhão,

Alagôas, Rio Grande do Norte e Ceará, remettendo varios *Relatorios e Collecções de leis provinciaes.*

Dito do secretario perpetuo da Academia Real das Sciencias, das Letras e Bellas Artes da Belgica, com data de 15 de Fevereiro d'este anno, declarando que tendo a mesma Academia de celebrar sessão publica anniversaria de sua fundação em 28 e 29 de Maio, honrada com a presença de S. Magestade o rei Leopoldo II e de S. Magestade a rainha, teria a Academia summa satisfação se este Instituto se fizesse representar n'aquella solemnidade por um de seus membrós ; para o que desejaria ter previo aviso.

Dito do Sr. conselheiro Filippe Lopes Netto, agradecendo e aceitando o cargo de membro da commissão de Archeologia e Ethnographia, para o qual havia sido eleito na eleição, a que este Instituto procedeu em 21 de Dezembro do anno findo; e promettendo empregar todos os seus esforços para bem cumprir o dito cargo.

Ditos dos Srs. Vicuna Mackenna, Miguel Luiz Amunategui, Diogo de Barros Arãna e J. V. Lastarria, cidadãos chilenos, agradecendo a este Instituto os diplomas que este lhes enviou, de membros correspondentes, admittidos em sessão de 17 de Novembro do anno proximo findo.

Dito do Sr. Dr. Luiz Francisco da Veiga, offerecendo 20 exemplares de seu escripto « *O Brasil tal qual é* » sendo um exemplar para ser apresentado a S. M. o Imperador, um dito para a bibliotheca do Instituto e os mais para serem distribuidos pelos socios presentes : e bem assim um exemplar do *Projecto de nota para acompanhar a circular que convem dirigir aos presidentes de provincia, camaras municipaes, etc.*, por parte do ministerio dos negocios da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Dito do Sr. Dr. Joaquim José Gomes da Silva Netto, remettendo ao instituto alguns numeros do periodico — *Es-*

tandarte — nos quaes se acham publicados uma noticia historica sobre a creação e decadencia da villa de *Itapemerim* da provincia do Espirito-Santo.

Dito do Sr. Dr. Juvenal de Mello Carramanhos, offerecendo ao Instituto os manuscriptos: *Noticia das solemnidades com que foi tomada a posse do senhorio da villa da Campanha da Princeza em o real nome de S. A. R. a princeza do Brasil N. S; e Carta topographica desde a ponte municipal em S. João d'El-Rei até á parte do rio Elvas.*

Dito do Sr. 1.° secretario da associação litteraria Gabinete de Leitura Sorocabano, solicitando uma collecção das *Revistas* d'este Instituto para a sua bibliotheca, que se acha franqueada ao publico. Resolveu o Instituto que se concedesse a alludida collecção, ficando o nosso consocio o Sr. Dr. Olegario incumbido da remessa.

Officio do nosso consocio Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, declarando que, obedecendo aos conselhos dos medicos, que n'esta côrte trataram de sua senhora, se retirára para a provincia do Maranhão, sem ter tempo de despedir-se do Instituto e de seus collegas; e por isso offerecia alli o seu concurso áquelle, e a estes aquillo que for de seu serviço.

Dito do mesmo senhor remettendo os ns. 24, 31 e 33 do periodico *Paiz*, onde se acham noticias sobre as arvores que produzem a gomma elastica e o oleo de copahyba; e um contracto da presidencia da provincia do Maranhão com o cidadão Ricardo Ernesto Ferreira de Carvalho para a creação de um curso pratico de agricultura na ilha de S. Luiz.

Dito da commissão encarregada da inauguração da bibliotheca popular de S. Paulo, agradecendo ao Instituto a concessão que este lhe fez, de uma collecção de suas *Revistas* para uso d'aquella bibliotheca.

Dito do Sr. Antonio Teixeira de Macedo, residente na cidade do Porto, offerecendo o original da poesia que recitou e fez publicar em respeitosa homenagem a S. M. o Imperador, quando, em sua viagem á Europa; visitou aquella cidade.

Dito do Sr. Dr. J. E. Wappäus, de Goettingue (Hanover), offerecendo, por intermedio do Sr. Francisco Muniz de Aragão, consul geral do Brasil em Hamburgo, um exemplar de sua obra *Geographia e estatistica sobre o imperio do Brasil* que faz parte de uma *Geographia e estatistica universal*,—por elle publicada ha 20 annos,—formando aquelle exemplar um volume independente d'esta: e ao mesmo tempo solicitando d'este Instituto as suas publicações para lhe servir de auxilio no preseguimento de seus trabalhos.

Foram feitas as seguintes offertas:

Pela sociedade geographica de Paris, os seus *Boletins* dos mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 1871 e Fevereiro de 1872.

Pelo autor: o folheto intitulado *Ponto Negro, considerações a proposito do recente acto do bispo do Rio de Janeiro, por Eurico.*

Pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional: os numeros de seu jornal dos mezes de Junho, Novembro e Dezembro de 1871, e Janeiro, Fevereiro e Março do corrente anno.

Pela Real Sociedade Geographica de Londres:—*Boletins* da mesma, 2 numeros.

Pela Typographia Nacional: — *Collecção de Leis do Imperio do Brasil* de 1871 e dita das *Decisões do Governo*, do mesmo anno.

Pelo Sr. bacharel José Augusto Nascentes Pinto: — *Demonstração da taboa das joias e das remissões de an-*

nuidades do Monte Pio Geral de Economia dos Servidores do Estado.

Pelo Sr. Dr. Carlos Arthur Moncorvo de Figueiredo : — *These* apresentada á Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro no dia 29 de Fevereiro de 1871, e pela mesma Faculdade approvada com distincção.

Pelo Sr. M. Mouchez : — *Longitudes chronometriques des principaux ponts de la côte du Brésil* ; — *Positions géographiques des principaux ponts de la côte orientale de l'Amérique du sud ;— Recherches sur la longitude de la côte orientale de l'Amérique du sud ; — Les côtes du Brésil, description et instructions nautiques.*

Pelo Sr. Dr. José Maria da Silva Paranhos : — *Discussão da Reforma do estado servil na Camara dos Deputados e no Senado, em* 1871 *e Discursos do Sr. conselheiro de Estado e senador do Imperio José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio-Branco, nas sessões legislativas de* 1870 *a* 1871.

Pelo Sr. Dr. Luiz de Alvarenga Peixoto : — *Biographia do visconde do Rio Branco.*

Pelo Sr. Dr. Gomes de Sousa, o seu romance : — *O Desengano.*

Pelo Sr. official-maior da secretaria do Senado : — *Annaes do Senado do Imperio do Brasil na sessão de* 1871 — 5 volumes.

Pela Redacção do *Diario de Noticias:*

Serie de artigos e fragmentos de uma excursão archeologica pela Bretanha em 1869, *feita pelo Dr. Miguel Antonio da Silva.*

Pela Academia de Vienna : varias obras, em continuação ás que já tem remettido em annos anteriores.

Varios periodicos remettidos pelas respectivas Redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. J. M. de Macedo, orador do Instituto, declarou que não lhe foi possivel, em tempo opportuno, colher noticias sobre a vida e trabalhos do nosso sempre lembrado consocio o finado Braz do Costa Rubim, para poder fazer o seu nechrologico por occasião da sessão publica anniversaria celebrada em Dezembro do anno findo; e que ainda hoje só tem conhecimento dos trabalhos historicos d'aquelle finado que foram publicados nas *Revistas* d'este Instituto.

ORDEM DO DIA

Passando-se á ordem do dia, foi lida e remettida á commissão de admissão de socios, a seguinte proposta:

« Propomos para socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Exm. Sr. Dr. D. Frederico Erràzuriz, presidente da Republica do Chile, autor de varios escriptos, e nomeadamente da Memoria Historica intitulada: — *O Chile sob o dominio da Constituição de* 1828, por elle offerecida ao mesmo Instituto.

Sala das sessões, em 10 de Maio de 1872. — Conego Dr *Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro.* — *Carlos Honorio de Figueiredo.* — Dr. *Maximiano Marques de Carvalho*.

Achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M., levantou a sessão.

Dr. *J. R. de Sousa Fontes.*

2.º SECRETARIO.

2.ª SESSÃO, EM 24 DE MAIO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Olegario, Ladisláo Netto, Capanema, Pinto Junior, Pinheiro de Campos, Miguel Antonio da Silva, Macedo, conego Honorato, conselheiro Lopes Netto, Marques de Carvalho, Escragnolle Taunay, Coruja e Ribeiro de Almeida, foi annunciada a chegada de S. M. o Imperador, que sendo recebido com as formalidades do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Não tendo comparecido o Sr. Dr. Sousa Fontes, 2.º secretario, o Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, procedeu á leitura da acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro, 1.º secretario, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. presidente da provincia de Goyaz, remettendo uma *Collecção das Leis* provinciaes promulgadas no anno proximo passado.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo um exemplar do *Relatorio* apresentado á Assembléa Provincial, por occasião de sua installação em 3 de Maio de 1871.

Dito do Sr. presidente da provincia do Maranhão, remettendo um exemplar dos *Relatorios* com que, a 19 de Maio do anno findo, passou a administração ao vice-presidente, e o com que este passou a mesma adminis-

tração ao 2.° dito, e o que por este ultimo lhe foi apresentado ao assumir a referida administração em 14 de Outubro do mesmo anno.

Dito do Sr. Dr. J. Latino Coelho, secretario da Academia Real das Sciencias de Lisboa, agradecendo, em nome da mesma, o recebimento das *Revistas* que este Instituto, por intermedio do Sr. 1.° secretario, lhe enviou para serem depositadas na bibliotheca d'aquella Academia.

Carta do Sr. Dr. Ricardo Gumbleton Daunt, remettendo ao Instituto dois livrinhos (manuscriptos), dialecto arabico, que pertenceram a um escravo africano, residente no Brasil, e que n'elles escrevia.

Dita do Sr. Viriato A. da Silva, offerecendo o original de uma — *Memoria historica e geographica do Imperio do Brasil, ou resenha geographica, physica e politica.*

Officio do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo um exemplar da — *Memoria sobre o Rio Purús*, escripta pelo tenente-coronel A. R. P. Labre.

Dito do Sr. Francisco de Salles Pereira Pacheco, offerecendo um exemplar do folheto com o titulo : — *Vantagens da vaccinação como meio preventivo da variola ou bexiga.*

Foram feitos ao Instituto os seguintes donativos :

Por Sua Magestade o Imperador : o manuscripto com o titulo : — *Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar*, collegidos pelo finado socio d'este Instituto, Braz da Costa Rubim.

Pelo Sr. Dr. José de Saldanha da Gama, : —*Configuração e Estudo botanico dos vegetaes seculares da provincia do Rio de Janeiro e de outros pontos do Brasil ; — Cinco lições de Geologia, sendo duas sobre paleontologia vegetal, pronunciadas na cadeira do 5.° anno da Escola Central ; — e Apostillas para o estudo dos systemas cristallinos de Naumann.*

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, na qualidade de membro da commissão de pesquizas de manuscriptos: —*Considerações geraes sobre a lei de 20 de Setembro de* 1871, *que alterou algumas disposições da Legislação judiciaria ;* trabalho do Sr. desembargador José Antonio de Magalhães Castro ; e — Continuação da memoria — *Explorações e estudo do Valle do Amazonas*, pelo botanico João Barbosa Rodrigues, sobre orchidéas do Brasil.

Pela Sociedade Geographica de Londres, o seu jornal de 1870.

Pelo Instituto Historico de Goyana, o *Mercantil*, contendo noticias historicas.

Pelo Sr. Dupont, as seguintes obras : — *Curso de litteratura brasileira ou escolha de varios trechos em prosa e verso de varios autores nacionaes*, collegidos por Mello Moraes Filho ; — *Juizo de Deos, Visão de Job* ; — *Homenagem a Adelaide Ristori ;— Roleta Italiana—* (Governo e Povo) ; — *Vingança por vingança*, drama original em 4 actos, pelo Dr. Constantino Gomes de Sousa — *Verdadeira Cartomancia, ou arte de advinhar por meio das cartas do Tarote* ; — *Lamartinianas, poesias de Affonso de Lamartine, traduzidas por poetas brasileiros*.

Pela redacção do jornal *Novo Mundo* o n 19 do mesmo jornal.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

A requerimento do Sr. Joaquim Norberto, resolveu-se que os manuscriptos existentes no archivo do Instituto fossem examinados pela commissão de revisão de manuscriptos para opportunamente serem impressos na *Revista* com as convenientes correcções : e n'esse sentido

incumbido o Sr. 1.º Secretario de officiar aos membros da dita commissão.

Sobre parecer da commissão de estatutos e redacção da *Revista*, e depois de observações feitas pelos membros da mesma commissão, os Srs. Drs. Olegario e Pinto Junior, e por outros socios, resolveu o Instituto que se sobr'estivesse na continuação da publicação dos—*Apontamentos para a historia dos Jesuitas no Brasil* — manuscripto do Sr. Dr. Antonio Henriques Leal, até que o Sr. 1.º Secretario se entenda com aquelle nosso consocio a respeito da referida publicação.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresentou o *Almanak do anno de* 1825, pertencente ao finado consocio Sr. Braz da Costa Rubim; declarando o mesmo Sr. Dr. Maximiano que o havia recebido da parte do Sr. Conde de Baependy, para ser entregue ao Instituto.

ORDEM DO DIA.

Leu-se e ficou sobre a mesa, para ser votado na proxima sessão, o seguinte parecer:

« A commissão de admissão de socios, á quem foi presente a proposta de 10 do corrente, assignada pelos consocios Drs. J. C. Fernandes Pinheiro, Carlos Honorio de Figueiredo e Maximiano Marques de Carvalho, para que seja recebido como socio honorario do Instituto o Sr. Dr. D. Frederico Errázuriz, presidente da Republica do Chile, autor de varios escriptos e nomeadamente da memoria historica intitulada — *O Chile sob o dominio da Constituição de* 1828 —, pelo autor offerecida ao Instituto, é de parecer que o mesmo senhor seja como tal admittido, visto se achar no caso do art. 4.º dos Estatutos. »

Sala das sessões, 24 de Maio de 1872. — *Olegario Herculano de Aquino e Castro.—A. M Perdigão Malheiro. —Guilherme Schuch de Capanema.*

Foi lido e remettido á commissão de fundos e orçamento, para esta dar parecer, um requerimento do Sr. Joaquim José da Silva Guimarães Junior, no qual se propõe o mesmo senhor a fazer os bustos, em marmore ou em gesso, dos finados benemeritos consocios Srs. visconde de S. Leopoldo e Dr. Gonçalves Dias; não fazendo o proponente questão de preço, por isso que na qualidade de artista nacional deseja contribuir para o ennobrecimento de sua patria.

Tendo-se discutido varios assumptos economicos, e achando-se a hora adiantada, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M., levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo.

SECRETARIO SUPPLENTE.

3.ª SESSÃO, EM 7 DE JUNHO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala das sessões os Srs. Joaquim Norberto, Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes, Pinheiro de Campos, Coruja, Drs. Olegario, Marques de Carvalho, Miguel Antonio da Silva, Ladisláo Netto, Capanema, conego Honorato e Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as devidas honras.

Faltaram por incommodados os Srs. presidente, visconde de Sapucahy, 2.º vice-presidente Dr. Macedo, e 1.º e 2.º secretarios, conego Fernandes Pinheiro e Dr. Sousa Fontes.

O Sr. Joaquim Norberto, 3.º vice-presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, servindo de 2.º secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada, depois de breves observações feitas pelos Srs. Coruja, Olegario e Pinheiro de Campos.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1.º secretario, deu conta do expediente que constou do seguinte :

Um officio do Sr. Director da secretaria d'Estado dos negocios da guerra, remettendo, de ordem de S. Ex. o Sr. ministro da mesma repartição, dois exemplares impressos do *Summario dos factos mais importantes de clinica cirurgica observados no Hospital Militar da Côrte, durante os annos* de 1865 a 1870, pelo Dr. Augusto Candido Fortes

de Bustamante Sá; e dois ditos do *Manual do Soldado de Infantaria*, compillado pelo capitão Antonio Francisco Duarte.

Officio do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, declarando que, achando-se ainda convalescendo da grave enfermidade porque passou, não póde ainda comparecer á sessão de hoje.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo dois exemplares impressos do *Relatorio* com que o 1.° vice-presidente entregou-lhe a administração da provincia em Maio do corrente anno.

Dito do Sr. Mordomo da Casa Imperial, communicando, em resposta ao que lhe dirigiu o Sr. 1.° secretario d'este Instituto, em 13 de Maio ultimo, que deu as convenientes ordens para, com urgencia, se proceder aos reparos no telhado das salas do paço da cidade occupadas pelo Instituto, a fim de evitar que as chuvas penetrem n'ellas e deteriorem os livros e moveis.

Carta do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo ao Instituto um exemplar do — *Relatorio ácerca da* 1.ª *festa popular do trabalho ou Exposição Maranhense de* 1871.

Dita do Sr. Dr. Antonio Pereira Pinto, offerecendo 4 exemplares do *Relatorio e synopse dos trabalhos da Camara dos Srs. Deputados no anno de* 1871, *acompanhado de differentes documentos estatisticos.*

Dita do Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, offerecendo um exemplar da sua obra: — *Novo Assessor Forense.*

Dita do Sr. Bibliothecario da Bibliotheca Publica de Buenos-Ayres, accusando o recebimento das *Revistas* d'este Instituto, remettidas pelo Sr. 1.° secretario; e enviando um exemplar do *Relatorio* que elle bibliothecario dirigiu ao governo em Janeiro do corrente anno.

Dita do Sr. secretario da Imperial Sociedade dos Natura-

listas de Moskow, accusando o recebimento dos tomos 32 e 33 das *Revistas* d'este Instituto, remettidas pelo Sr. 1.º secretario, e agradecendo a offerta.

Officio do Sr. Dr. Juvenal de Mello Carramanhos, offerecendo o — *Jornal scientifico, economico, e litterario, ou collecção de varias peças, memorias, relações, viagens*, etc., impresso no Rio de Janeiro.

O Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, como membro da commissão de pesquiza de manuscriptos, offereceu o periodico onde se acha impressa a continuação da Memoria do botanico João Barboza Rodrigues, na sua excursão scientifica — *Explorações e estudo do valle do Amazonas.*

Pelo Sr. conego Honorato, foi offerecido o — *Almanak da provincia do Maranhão*, organisado por João Candido de Moraes Rego, 4.º anno, 1872.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Votou-se, por escrutinio, e foi approvado, o parecer da commissão de admissão de socios, que havia ficado sobre a mesa, favoravel ao Sr. Dr. D. Frederico Erràzuriz; sendo este senhor proclamado membro honorario do Instituto.

O Sr. senador Candido Mendes, obtendo a palavra, proseguiu na leitura da sua — *Memoria sobre o commercio desde os tempos primitivos até os nossos dias.*

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade, levantou a sessão.

Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

SEGUNDO SECRETARIO SUPPLENTE.

4ª SESSÃO, EM 21 DE JUNHO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, conselheiros Lopes Netto e Joaquim M. Nascentes de Azambuja, Drs. Homem de Mello, Perdigão Malheiro, Marques de Carvalho, Pinheiro de Campos, Boulanger, Coruja, tenente-coronel Xavier de Brito, senador Candido Mendes, Drs. Capanema, Ladisláo Netto, conego Honorato, Miguel Antonio da Silva, Escragnolle Taunay e João Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que foi recebido com as honras do estylo e tomou assento.

Tendo o Exm. Sr. presidente visconde de Sapucahy communicado que ainda não podia comparecer a esta sessão por continuarem os seus incommodos de saude, occupou a presidencia o Sr. Dr. Macedo, 2.º vice-presidente, e abriu a sessão.

Lida pelo Sr. secretario supplente Dr. Carlos Honorio, a acta da antecedente, foi approvada.

O Sr. 1.º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Exm. Sr. João José de Oliveira Junqueira, remettendo da Secretaria da Guerra, com destino a este Instituto, um exemplar do *Atlas historico da guerra do Paraguay*, organisado pelo 1.º tenente Emilio Carlos Jourdan.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remettendo 4 volumes da *Compilação das leis provinciaes*, dos

annos de 1835 a 1872, comprehendendo os actos legislativos e legislação geral subsidiaria.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar do *Relatorio* apresentado á assembléa provincial no dia 4 de Março ultimo.

Dito do Sr. presidente da provincia da Bahia, remettendo um exemplar do *Relatorio* com que foi aberta a sessão da assembléa provincial no dia 1.° de Março ultimo.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo o traslado authentico do assentamento da pedra augular do edificio da aula publica, que pretende levantar na villa de S. Bento dos Perises, da provincia do Maranhão, o professor João Miguel da Cruz por meio de donativos particulares.

Dito do Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, offerecendo dois jornaes publicados na Allemanha, e as respectivas traducções de artigos n'elles transcriptos, sobre a viagem de S. M. o Imperador do Brasil á Austria e ao Egypto.

Dito do Sr. Dr. Joaquim José Gomes da Silva Netto, enviando 2.ª via, por ter-se extraviado e 1ª, dos ns. 26 a 32 do jornal *Estandarte*, nos quaes foram publicadas as « Descripções das villas de S. Matheus e barra do mesmo nome, e rio Doce da provincia doEspirito-Santo. »

Dito dos membros da commissão da bibliotheca popular estabelecida em Vassouras, solicitando d'este Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso do publico n'aquella bibliotheca. Resolveu o Instituto que se concedesse a dita collecção.

Igual concessão foi feita á bibliotheca popular d'esta côrte, por pedido do seu director o sr. bacharel Alfredo Moreira Pinto.

Officio do Sr. major de engenheiros Conrado Jacob de Niemeyer, offerecendo, por intermedio do Sr. Dr. Macedo,

um exemplar da *Impugnação á obra do Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva, na parte relativa ao commandante das armas e presidente da commissão militar na provincia do Ceará,* de 1824 a 1828.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Americo Monteiro de Barros: um exemplar do seu *Compendio do systema metrico decimal, para uso dos alumnos da escola central.*

Pelo Sr. Dr. João Ribeiro de Almeida: *Organisacion politica y economica de ia Confederacion Argentina por D. Juan Bautista Alberdi. Relação abreviada da republica dos Jesuitas no Paraguay.*

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo: *Documentos do conselheiro Manoel da Cunha Galvão, sobre a bitola estreita das estradas de ferro.*

Pelo gabinete portuguez de leitura : *Relatorio da directoria da referida associação em* 1871.

Pela sociedade geographica italiana: *Bollettin*, volume 7°, 1871—1872.

Pelo Sr. Dupont, por intermedio do Sr. conego Honorato : *Grammatica franceza elementar e classica*, composta por Adolpho Tiberghien; *Idéas, lembranças e indicações para extinguir a escravidão no Brasil; Impressões do professor Agassiz sobre o Brasil ; A dissolução camara, resposta ao discurso do Sr. Alencar* ; *Lopez* ; *Viagem ao Paraguay, Episodios da vida intima do ex-dictador e de sua favorita Elisa Lynch*, por Van Halle ; *Biographia de Adelaide Ristori* ; *Breves considerações historicas sobre o elemento servil,* por Ypyranga ; *Typos politicos, o conselheiro Paranaguá.*

Pelo Sr. Dr. Pinheiro de Campos : a continuação da ex-

ploração do Valle do Amazonas, feita pelo botanico João Barbosa Rodrigues.

Pelo autor: por intermedio do Sr. conselheiro Lopes Netto, um exemplar da *Geographia Alagoana.*

Varios jornaes remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. conselheiro Lopes Netto pediu a palavra para fazer suas despedidas ao Instituto, por ter de retirar-se brevemente para a Europa.

ORDEM DO DIA

O Instituto nomeou o Sr. bacharel Escragnolle Taunay para membro da commissão de fundos e orçamento, em substituição ao Sr. Rios, que por doente pediu exoneração d'este cargo.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho apresentou a seguinte proposta:

« Submetto á sabia apreciação do Instituto historico e geographico brasileiro o seguinte: Tendo o Brasil de enviar alguns de seus productos naturaes e industriaes á exposição universal que tem de abrir-se no anno proximo futuro em Vienna d'Austria, e convindo fazel-os acompanhar de um folheto que dê uma noticia abreviada d'esses productos, como se fez na exposição universal de 1867 em Paris, proponho que este Instituto historico e geographico encarregue uma de suas commissões de rever, alterar e modificar a brochura que tem por titulo: *O Imperio do Brasil na exposição universal de* 1867 *em Paris,* illustrando-a com pequenas cartas chorographicas de todas as provincias d'este Imperio, e dando todos os esclarecimentos uteis e indispensaveis aos estrangeiros que desejarem emigrar para o Brasil, tendo em vista o interessantissimo *Re-*

latorio sobre a ultima exposição universal, escripto pelo Sr. Julio Constancio de Villeneuve, e os exemplos praticados pelos Estados-Unidos na exposição universal de 1863 em Londres e em Paris em 1867, com o fim de activar e augmentar a emigração para aquelles Estados.

Feita esta nova redacção e approvada por este Instituto, proponho mais, seja impressa e enviada á illustrada commissão da exposição universal para ser distribuida gratuitamente a todos que visitarem, no anno proximo futuro, a sala da exposição brasileira em Vienna d'Austria. »

Entrando esta proposta em discussão, fallaram sobre ella o seu autor e o Sr. Dr. Macedo, e a requerimento do Sr. conego Fernandes Pinheiro, remetteu-se á commissão de Estatutos para dar seu parecer.

O Sr. conselheiro Azambuja pediu a palavra e disse que tendo regressado de sua viagem á Venezuela, e achando-se de partida para o Paraguay, não quiz deixar de comparecer á presente sessão para fazer a seguinte proposta :

« Proponho que se remetta ás bibliothecas dos Estados americanos, que já a não possuam, uma completa collecção das *Revistas* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Proponho, outro sim, que o Instituto por si, ou por intermedio do governo, dirigindo-se a este, promova a remessa aos ditos estabelecimentos das obras que tenham sido ultimamente publicadas no Brasil sobre historia e geographia, e documentos officiaes concernentes á administração e politica, em troca de outros já enviados pelos mesmos estabelecimentos.

E por ultimo tome o Instituto a iniciativa de dirigir, pelo modo que julgar mais conveniente as suas publicações aos Estados com os quaes não ha entabolado relações litterarias. »

Depois de discutirem esta proposta varios membros, foi igualmente remettida á commissão de Estatutos.

O Sr. Dr. Perdigão Malheiro, como relator da commissão de admissão de socios, leu o seguinte parecer da mesma commisão, favoravel ao Sr. bacharel Eduardo José de Moraes, afim de ser admittido ao gremio do Instituto como membro correspondente.

PARECER

A commissão de admissão de socios, em vista da resolução d'este Instituto do 1.° de Dezembro de 1871, communicada ao relator da mesma em officio de 22 de Janeiro do corrente anno, e do parecer da commissão de Geographia de 27 de Novembro d'aquelle anno, approvado em a sessão do 1.° de Dezembro, favoravel aos trabalhos do Sr. capitão bacharel Eduardo José de Moraes, offerecidos como titulo de sua admissão, é de parecer que o candidato está no caso de ser approvado socio correspondente do Instituto.

Sala das sessões; Rio, 21 de Junho de 1872. — *A. M. Perdigão Malheiro.—Guilherme S. de Capanema.*

PARECER

da commissão de geographia sobre as obras do Sr. bacharel Eduardo José de Moraes.

Os abaixo-assignados, membros da commissão de geographia do Instituto Historico e Geographico, viram e examinaram, em virtude do officio do Sr. 1° secretario, datado de 21 de Agosto ultimo, as duas brochuras que o acompanharam (e que ora são devolvidas), publicadas pelo Sr. ba-

charel Eduardo José de Moraes, que devem servir de titulo para sua admissão ao gremio do mesmo Instituto, a saber: *Rapport partiel sur le haut San-Francisco*, etc., impressa em Paris no anno de 1866; *Navegação interior do Brasil ou noticia dos projectos apresentados para a juncção das diversas bacias hydrographicas do Brasil*, impressa n'esta côrte no anno de 1869.

Na primeira, *Rapport partiel*, etc., que é o resultado não só de trabalhos proprios do autor, isoladamente, como de outros por elle executados em commum com o Sr. Liais, chefe da commissão de que fez parte, e com o seu companheiro Sr. Ladisláo Netto, acha-se a descripção topographica e estatistica das comarcas e municipios da provincia de Minas-Geraes, comprehendidos na bacia do Alto S. Francisco, precedida de um interessante resumo descriptivo ou idéa geral de toda provincia, sendo, porém, a parte mais notavel e importante d'este trabalho a que trata da navegabilidade do Alto S. Francisco, e do projecto de sua juncção ao mar, evitando-se por um mais longo trajecto fluvial (e mais vantajoso sob o ponto de vista do commercio) o extenso canal de 72 leguas, que seria preciso construir lateralmente á grande cachoeira, e que exigiria o emprego de mais de cem eclusas. Baseado em informações authenticas e documentos officialmente obtidos, trata o autor das vias de communicação da provincia, da sua importação e exportação, e das companhias inglezas de mineração, fazendo a respeito d'estas mui importantes e judiciosas considerações, e referindo um facto quasi incrivel e inexplicavel, uma verdadeira ingenuidade administrativa da parte do governo, com relação á companhia do Morro-Velho, a qual em muito melhores condições que a do Congo-Socco (que afinal foi obrigada a liquidar), obteve, a exemplo d'esta, successivas reducções, até a isenção completa do imposto

que a principio pagava, resultando d'esta nimia condescendencia que o thesouro publico ficou privado de sommas a que tinha direito, e cujo valor é calculado em 400:000$, sómente no que diz respeito aos annos decorridos de 1860 a 1863, além do máo precedente que ficou assim estabelecido.

Releva ainda notar que o autor addiciona observações metereologicas, muitas das quaes por elle feitas, que dão uma idéa do clima da provincia de Minas, e dá as posições geographicas de grande numero de pontos, pela mór parte por elle mesmo determinadas. Resulta, pois, do que fica expendido que este trabalho do Sr. bacharel Eduardo José de Moraes faz-se merecedor da consideração do Instituto.

A outra brochura, sob o modesto titulo de *Noticia dos projectos apresentados para a juncção de diversas bacias hydrographicas do Brasil, ou rapido esboço da futura rêde geral de suas vias navegaveis*, é uma bem deduzida e interessante memoria sobre a divisão do systema hydrographico do Brasil em grandes classes ou systemas parciaes, e a possibilidade da juncção das bacias de cada systema por meio de linhas navegaveis, podendo ser considerada como justificação e commentario, não só ao já mencionado projecto do autor, relativo á juncção do rio S. Francisco ao mar, como a outro projecto ainda mais notavel, por elle apresentado ao governo em 1867 sobre a juncção do Amazonas ao Prata. O trabalho em questão parece sobretudo importante pela collecção de documentos ou extractos, que offerece acerca do que officialmente se tem dito ou projectado n'estes ultimos annos com relação ao assumpto, e por estimular ou excitar o governo a cuidar de utilisar e melhorar, a exemplo de outros paizes, as vias navegaveis de que o Brasil é naturalmente dotado. Comquanto algumas

das idéas que o autor apresenta não sejam aceitaveis á primeira vista, ou sem ulteriores indagações e exames, e que seja além d'isto contestavel a conveniencia de algumas das linhas de navegação por elle indicadas, como, por exemplo, a do Madeira e Guaporé, entre o Pará e Mato-Grosso (aliás mandada adoptar por considerações politicas, então attendiveis, pela carta régia de 12 de Maio de 1798), de preferencia á do Tapajoz e Arinos, entendem os abaixo-assignados que este trabalho do Sr. bacharel Eduardo José de Moraes é tanto ou mais recommendavel que o primeiro, e digno da consideração do Instituto Historico e Geographico. Rio de Janeiro, 27 de Novembro de 1871.—*Ricardo José Gomes Jardim.—Guilherme S. de Capanema.*

Na fórma dos Estatutos ficou o parecer sobre a mesa para ser votado na proxima sessão.

O Sr. bacharel Escragnolle Taunay, obtendo a palavra, leu um trabalho com o titulo: — *Apontamentos sobre a provincia do Amazonas*, escriptos pelo coronel Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa.

A's 8 1/2 horas levantou-se a sessão, depois de obtida a imperial venia.

Dr. *Manoel Duarte Moreira de Azevedo*,

2.º SECRETARIO SUPPLENTE.

5ª SESSÃO, EM 5 DE JULHO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Macedo, J. Norberto, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, senador Candido Mendes, Homem de Mello, Xavier de Brito, Marques de Carvalho, Pinheiro de Campos, conego Honorato, Capanema e Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Tendo o Sr. conego Fernandes Pinheiro, 1º secretario, participado que não podia comparecer á sessão, por vedar-lhe o seu máo estado de saude, occupou o seu lugar o Sr. secretario supplente Dr. Carlos Honorio, e o de 2º secretario o Sr. Dr. Moreira de Azevedo.

Procedeu este á leitura da acta da sessão anterior, a qual foi approvada, e deu aquelle conta do expediente, que constou do seguinte:

Um officio do Sr. visconde Ferreira, offerecendo o auto original e authentico da autopsia praticada no cadaver de S. M. I. o Sr. duque de Bragança, primeiro Imperador do Brasil.

Dito do Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, socio d'este Instituto, enviando um exemplar do *Mappa da fronteira do Imperio com a republica do Paraguay*, por elle organisado para ser appenso ao relatorio do ministerio dos negocios estrangeiros, e uma exposição dos trabalhos scientificos para a organisação do referido *Mappa*.

Uma carta do Sr. Vicente G. Quesada, bibliothecario da

bibliotheca publica de Buenos-Ayres, offerecendo as seguintes obras: *Boletin de la exposicion nacional en Cordova (publicacion oficial)*, director D. Bartolomé Victory y Suarez; *Revista medico quirurgica, publicacion quincenal de la Asociacion Medico Bonaerense; Anales de la Sociedad Rural Argentina*, e *Primer censo de la Republica Argentina, verificado en* 1869.

Pelo Sr. conego Honorato foi offerecido o n. 4 do *Apostolo*, em que publicou-se o protesto da população da cidade do Recife contra a postura municipal que prohibiu os dóbres e restringiu os repiques dos sinos das igrejas.

Pela typographia nacional: o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo Exm. ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça, Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.

Varios jornaes e periodicos remettidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leram-se e remetteram-se á commissão de estatutos e redacção da *Revista* as seguintes propostas:

1.ª « Visto que a *Memoria* do botanico João Baptista Rodrigues contém esclarecimentos ethnographicos sôbre o Alto-Amazonas, e informações locaes de subido valor, proponho que a digna commissão de redacção da *Revista*, no caso de não ter materia urgente de mais subido valor, procure fazer inserir na nossa *Revista* aquelle trabalho, com brevidade, afim de poder ser lido integralmente e conhecido no mundo litterario. Sala das sessões, 5 de Julho de 1872.—*Felizardo Pinheiro de Campos.* »

2.ª « Proponho ao Instituto o seguinte: Que suas actas d'ora em diante não sejam publicadas senão depois de correctas e approvadas pelo mesmo Institito na sessão posterior áquella de que se tratar.

«Que essas actas sejam mais explicitas, mencionando as questões ventiladas nas sessões e o nome dos socios que tomarem parte nas discussões, tanto a favor, como contra o assumpto de que se tratar. Sala das sessões, etc. — *M. da Costa Honorato.* »

Teve o mesmo destino o seguinte requerimento:

« Requeiro que os *Apontamentos* explicativos da *Carta* que descreve os limites da fronteira do Brasil com o Paraguay, publicado pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, sejam remettidos á commissão de redacção da *Revista* d'este Instituto para serem n'ella publicados. Sala das sessões, etc. — *Dr. Maximiano Marques de Carvalho.* »

Remetteu-se á commissão de historia a seguinte proposta:

« Tendo o Instituto Historico e Geographico Brasileiro resolvido em sessão de 30 de Junho de 1871 que se publicasse uma nova revista, addicionada á *Revista* do mesmo Instituto, com o titulo de *Bibliotheca Brasileira*, ficando o nosso consocio o Sr. Lagos, hoje fallecido, encarregado da direcção e de promover os meios para a impressão d'essa revista, e não se tendo levado a effeito essa importante publicação, em que se aproveitariam tantos e importantes manuscriptos que existem no archivo do Instituto, em consequencia do prematuro fallecimento d'esse tão prestimoso consocio, o abaixo-assignado lembra ao Instituto o dever de cumprir-se essa deliberação de 30 de Junho de 1871, nomeando uma commissão que se incumba de sua

realização, tendo em seu favor as verbas para esse fim consignadas.

Outrosim o abaixo-assignado propõe que em vez de *Bibliotheca Brasileira*, que de alguma sorte parece trocar os fins d'esta associação, se denomine: *Appendice á Revista do Instituto Historico*, assim como tambem que todos os manuscriptos existentes no archivo do Instituto sejam postos á disposição d'essa commissão para fazer a devida escolha e classificação das materias, afim de serem publicados em dito *Appendice*, não se aceitando comtudo para essa publicação trabalhos novos, emquanto existirem no archivo outros de datas mais antigas e que estejam nas condições de serem publicados. Sala das sessões, etc.— *M. da Costa Honorato.* »

Foram lidas e remettidas á commissão de admissão de socios as seguintes propostas:

1.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Dr. Nicoláo Joaquim Moreira, servindo-lhe de titulo de admissão, além de outros, os seus trabalhos historicos e biographicos dos brasileiros: *Ezequiel Corrêa dos Santos, Drs. Americo, Teixeira da Rocha, José Maria Chaves, Paula Candido, e conselheiros Joaquim Vieira da Silva e Sousa e Frederico Leopoldo Cesar Burlamaque.* Sala das sessões, etc.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—Dr. Maximiano Marques de Carvalho.—Carlos Honorio de Figueiredo.* »

2.ª « Proponho para socio correspondente do Instituto Historico e Geographico Brasileiro o Dr. Olympio Euzebio de Arroxelas Galvão, deputado provincial das Alagôas, servindo-lhe de titulo de admissão a sua obra sobre as *Assembléas legislativas provinciaes das Alagôas*, offerecida em sessão de 28 de Julho de 1871, e a *Cómpilação das leis provinciaes* da mesma provincia, offerecida em sessão de

21 Junho proximo findo. Sala das sessões, etc.—*M. da Costa Honorato.* »

Votou-se por escrutinio sobre o parecer da commissão de admissão de socios, favoravel ao Sr. bacharel Eduardo José de Moraes, sendo o mesmo parecer approvado e o candidato admittido ao gremio do Instituto como membro correspondente.

A primeira commissão de historia apresentou o seguinte parecer sobre o trabalho do Sr. Dr. Benjamim Francklin Ramiz Galvão.

PARECER

A primeira commissão de Historia, a qual foi presente a *Historia da Ordem Benedictina Brasileira*, pelo Sr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, é de parecer que ella é digna do Instituto Historico Brasileiro.

O autor alargou-se sobre a historia da ordem propriamente dita e limitou a historia da ordem no Brasil até o principio d'este seculo; mas é de esperar que a conclúa no seio do Instituto, caso a commissão de admissão de socios o julgue digno, como parece, do nosso gremio. Em 5 de Julho de 1872. — *Joaquim Norberto de Sousa e Silva.—Joaquim Manoel de Macedo.*

Sendo approvado foi remettido á commissão de admissão de socios.

Obtiveram a palavra os Srs. Drs. Moreira de Azevedo e Escragnolle Taunay, lendo aquelle a *Biographia* (por elle escripta) *de José Eloy Ottoni*. e continuando este com a

leitura dos *Apontamentos sobre a provincia do Amazonas*, escriptos pelo coronel Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa.

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE

6.ª SESSAO, EM 26 DE JULHO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR

Presidencia do Exm. Sr. Visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. Dr. Macedo, Joaquim Norberto, conego Dr. Fernandes Pinheiro, Drs. Carlos Honorio, Marques de Carvalho, senador Candido Mendes, Coruja, Drs. Homem de Mello, Pinheiro de Campos, Couto de Magalhães, conego Honorato, tenente-coronel Xavier de Brito, José Tito Nabuco de Araujo, e Paranhos, annunciando-se a chegada de S. M. o Imperador, foi o mesmo Augusto Senhor recebido com as honras do estylo, e tomou assento.

Aberta a sessão pelo Sr. presidente, e lida a acta da anterior pelo Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, foi approvada.

O Sr. 1.° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. presidente da provincia das Alagoas, remettendo dois exemplares da collecção das *Leis Provinciaes* promulgadas no corrente anno.

Dito do Exm. Sr. marechal de campo Antonio Nunes de Aguiar, director do Archivo militar, remettendo um exemplar da—*Carta do theatro da guerra do Paraguay*,—organisada e lithographada na officina d'aquelle Archivo.

Quatro ditos do consocio o Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo o seguinte: — *Falla que o Sr. vice-presidente da provincia do Maranhão, desembargador José Pereira da Graça, dirigiu, no dia 3 de Maio do corrente anno á Assembléa Legislativa Provincial, acompanhada do Relatorio com que o Sr. Dr. Augusto Olympo Gomes de Castro passou áquelle a administração da provincia*; — *Relação dos medicos e cirurgiões que existiram no Maranhão durante os tempos coloniaes*; — em additamento ao que sobre este assumpto escreveu o Sr. Cezar Marques no seu *Diccionario historico e geographico* da mesma provincia; e um artigo do jornal — *Paiz*, — com o titulo — *Caso curioso.*

Dito do Sr. José Luiz Alves, offerecendo 20 exemplares da — *Biographia*, — por elle escripta, do Sr. conde de Itaguahy, tenente-coronel Antonio Dias Pavão, para serem distribuidos pelos socios do Instituto que se acharem presentes á sessão.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo foi offerecida a obra, com o titulo: — *Resumo historico das operações militares, dirigidas pelo marechal do exercito marquez de Caxias, em* 1869.

Pelo Sr. Miguel Ribeiro Lisboa, foi offerecido um manuscripto contendo a — *Descripção das serras do Parú, de Almeirim, de Maracá e a de alguns rios de seus valles.*

Pelo Sr. bibliothecario da Bibliotheca Publica de Buenos-Ayres – *Cuadro original del artista oriental*— por Andrés

Lamas, ou Escena de la peste de 1871 em Buenos-Ayres— *Revista del Rio de la Plata, periódico mensual de historia y literatura de America*, publicado por Gutierrez.

Pelo Sr. Dupont, um folheto, com o titulo : —*A situação e os dissidentes*, — dirigido ao Sr. visconde do Rio Branco por José Tito Nabuco de Araujo.

Pela Sociedade de Geographia de Paris, o *Boletim* da mesma do mez de Abril do presente anno.

Varios jornaes e periodicos offerecidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foi lida e posta em discussão uma proposta do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, cobrindo um requerimento do Sr. Dupont, para que o Instituto faça acquisição da obra de Jean Philippe Abelinus, historiographo conhecido pelo pseudonimo de Johan Lodwyk Gottfried, publicada em 1706 em Leyden :—Collecção de viagens ás Indias Orientaes e Occidentaes em 8 volumes, reproducção da Collecção de Th. De Bry. Fallando sobre a dita proposta o seu autor e o Sr. Dr. José Tito, resolveu o Instituto que a sua commissão subsidiaria de trabalhos historicos, depois de examinar a dita obra, desse seu parecer a respeito da conveniencia da compra.

A requerimento do Sr. conego Honorato, foi o Sr. 1.° secretario autorisado á entregar ao Sr. Dr. Antonio Manoel dos Reis uma collecção das *Revistas* do Instituto.

Os Srs. Drs. Felizardo Pinheiro de Campos, Macedo e Joaquim Norberto propozeram para membro correspondente do Instituto o Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, redactor em chefe do *Jornal do Commercio*, ser-

vindo-lhe de titulo de admissão a traducção da —*Historia do Brasil*, de Roberto Southey. — Foi a proposta remettida á commissão de admissão de socios.

Leram-se e ficaram sobre a mesa, para serem votados na proxima sessão, os tres seguintes pareceres:

O 1.º, da commissão de admissão de socios, para que seja admittido ao gremio do Instituto, como socio correspondente, o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão:

O 2.º, da commissão de fundos e orçamento dado sobre as contas apresentadas pelo Sr. thesoureiro, relativas ao anno findo de 1871, e

O 3.º, da mesma commissão de fundos, sobre a proposta que o Sr. Joaquim José da Silva Guimarães fez para executar a gesso ou marmore os bustos dos finados consocios visconde de S. Leopoldo e Dr. Antonio Gonçalves Dias.

PARECER DA COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS.

A commissão de admissão de socios, tendo presente o parecer da commissão de trabalhos historicos, abonando o merecimento litterario da *Historia da Ordem Benedictina Brasileira*, escripta pelo Sr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão, tomando como proposta a conclusão do dito parecer, e considerando que as habilitações litterarias do mesmo senhor, já comprovadas por diversos trabalhos de reconhecido interesse, o tornam digno de fazer parte do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, é de parecer que seja elle admittido ao gremio do Instituto, como socio correspondente.—Rio, 17 de Julho de 1872.—*Olegario Herculano d'Aquino e Castro.* —*A. M. Perdigão Malheiro.*

Noticia sobre o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, á que se refere o parecer retro.

Benjamin Franklin Ramiz Galvão, natural da provincia do Rio-Grande do Sul, onde nasceu a 16 de Junho de 1846, entrou para o Externato do Imperial Collegio de Pedro II em 1855; tendo ahi cursado sete annos, e havendo sido em todos elles approvado com distincção, obteve o diploma de bacharel em letras em 1861.

Esperando a idade da lei, matriculou-se na Eschola de Medicina em 1863, e obteve o gráo de doutor no anno de 1868, tendo sido approvado plenamente em todos os annos do curso academico.

No anno de 1869 regeu interinamente por espaço de alguns mezes a cadeira de *grego* no Internato e Externato do Collegio de Pedro II, e no de 1870, durante quasi todo o anno lectivo, a de *Rhetorica*, *Poetica* e *Litteratura patria* dos mesmos estabelecimentos.

Por decreto de 14 de Dezembro de 1870 foi nomeado bibliothecario da Bibliotheca Nacional e Publica da Côrte, e em Março de 1871 mediante concurso, lente oppositor da secção de sciencias accessorias da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro,— lugares que actualmente exerce.

Em 1870 serviu por espaço de 3 mezes na visita de saude do porto, por occasião da pequena epidemia de febre amarella que aqui grassou, e em 1869 desempenhou as funcções de medico dos hospitaes militares da Ponta d'Arêa e do Andaraby.

Tem servido na Instrucção Publica, por occasião dos exames geraes, ora como delegado do governo, ora como presidente nas mesas de portuguez, geographia, rhetorica e poetica.

Em 1863, com alguns collegas seus, fundou o Instituto dos Bachareis em Letras, onde foi um anno 2.º secretario, sete annos orador, e onde é actualmente vice-presidente.

Seos trabalhos impressos são :

O *Pulpito no Brasil*—, estudo historico-litterario composto em 1865 e publicado em 67 na Revista do Instituto dos Bachareis em Letras;

Da acção do calomelanos nas inflammações das serosas, these ao doutorado em medicina, publicada em 1868;

Discurso pronunciado na collação do grão de doutor—1868;

Unidade das forças physicas — these de concurso ao oppositorado da Eschola.—1871;

Varios trabalhos historico-litterarios de menor folego, publicados na Revista da Sociedade—Ensaios litterarios—de 1862 a 1866.

Os que já foram lidos em publico, mas ainda não impressos, são :

Varios elogios historicos e orações academicas, pronunciados nas sessões magnas do Instituto dos Bachareis em Letras,— de 1864 a 1872;

Estudos sobre a companhia de Jesus— 1869.

Vocabulario etymologico, orthographico e prosodico das palavras portuguezas derivadas do *grego* (letras A, B e C comprehendendo cêrca de 2,000 vocabulos).

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS

Illm.Sr.A commissão de fundos e orçamento do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tem a honra de apresentar a V.S.os pareceres juntos sobre as contas do Sr.thesoureiro em o anno social de 1871, e sobre a proposta do Sr. Joaquim José da Silva Guimarães Junior,para fazer os bus-

tos dos finados membros do mesmo Intituto, visconde de S. Leopoldo e Dr. Antonio Gonçalves Dias.—Deus guarde a V.S. Rio de Janeiro, 19 de Junho de 1872.—Illm. Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, dignissimo 1° secretario do Instituto Historico.—Os membros da commissão *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.—Alfredo d'Escragnolle Taunay.—Francisco José Borges.*

A commissão de contas e orçamento examinou as contas do Sr. thesoureiro relativas ao anno de 1871, e tem a honra de apresentar á este Instituto o resultad o de seu trabalho.

Usando da autorisação concedida por es ta associação, o Sr. thesoureiro realisou a conversão de 25 acções do Banco Rural e Hypothecario d'esta côrte em 5 apolices da divida publica do valor nominal de 1:000$000. Pagas as respectivas despezas de sello e corretagem, resultou d'esta transacção uma sobra de 121$500, que accresceu á renda ordinaria.

Estão pagas todas as despezas do Instituto. As contas de receita e despeza estão escripturadas com toda regularidade, sendo estas comprovadas por 34 documentos, todos nos devidos termos.

DEMONSTRAÇÃO DA RECEITA :

	orçada	*effectuada*
§ 1.° Joias de entradas........	60$000	80$000
§ 2.° Prestações semestraes dos socios................	800$000	738$000
§ 3.° Cobrança da divida activa.	300$000	384$000
§ 4.° Assignatura e venda da *Revista*................	300$000	470$400
§ 5.° Juros de 5 apolices......	300$000	300$000
§ 6.° Dividendo de 25 acções do Banco Rural.........	425$000	400$000
	2:185$000	2:372$400

Transporte.....	2:185$000	2:372$400
§ 7.° Juros de conta corrente...	15$000	33$300
§ 8.° Subvenção do Thesouro Nacional..............	7:000$000	7:000$000
	9:200$000	9:405$700
Differença na compra das apolices........		121$500
Somma a Receita.........		9:527$200
Saldo que passou de 1870............		10:560$501
Total.................		20:087$701

DEMONSTRAÇÃO DA DESPEZA :

	fixada	*effectuada*
§ 1.° Impressão da *Revista* e reimpressão dos Ns. esgotados	6:000$000	5:922$000
§ 2.° Compras de livros e manuscriptos..........	600$000	145$080
§ 3.° Ordenados e agencia.....	1:980$000	2:191$820
§ 4.° Expediente e eventuaes ..	620$000	662$940
	9:200$000	8:921$840
Diversas impressões e trabalhos de lithographia..........		56$000
		8:977$840
Saldo em 31 de Dezembro de 1871....................		11:109$861
		20:087$701

DEMONSTRAÇÃO DO SALDO :

Em dinheiro...........	516$186	
Em 10 apolices da divida publica..............	10:000$000	
Na Caixa Economica......	593$675	11:109$861

Estes algarismos demonstram a exactidão das contas do anno social de 1871.

A commissão, pois, reconhecendo ainda uma vez o zelo do Sr. thesoureiro na direcção das finanças do Instituto, é de parecer, que sejam approvadas as contas do referido anno de 1871.

Por deliberação tomada pelo Instituto em o anno passado, está vigorando no corrente exercicio de 1871 o mesmo orçamento approvado para 1872. Por esta razão, a commissão deixa de offerecer trabalho á este respeito.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 19 de Junho de 1872.—Os membros da commissão, *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.*—*Alfredo d'Escragnolle Taunay.*

PARECER DA COMMISSÃO DE FUNDOS

A' commissão de fundos e orçamento foi presente o offerecimento, que em data de 28 de Novembro de 1871 fez o artista nacional Sr. Joaquim José da Silva Guimarães Junior, esculptor e gravador de medalhas pela Academia de Bellas-Artes d'esta côrte, ex-alumno pensionista do estado na Europa, para executar, á gesso ou marmore, os bustos dos finados membros d'esta associação, visconde de S. Leopoldo, e Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Quanto ao preço de seu trabalho, o proponente o deixa ao arbitrio do Instituto, declarando não fazer questão de valor e aceitar qualquer retribuição, que fôr arbitrada.

A commissão, tendo conferenciado com o Sr. thesoureiro, é de parecer e propõe, que seja aceito o offerecimento do referido Sr. Joaquim José da Silva Guimarães Junior, ficando o mesmo Sr. thesoureiro incumbido de en-

tender-se com o artista sobre a retribuição do seu trabalho, e correndo as respectivas despezas pela verba—eventuaes.

Sala das sessões do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, 19 de Junho de 1872.—Os membros da commissão *Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.*—*Alfredo d'Escragnolle Taunay.*—*Francisco José Borges.*

O Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva, obtendo a palavra, leu a *Biographia*, por elle escripta, de Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

A's oito horas, o Sr. presidente, obtendo venia de Sua Magestade, levantou a sessão.

Dr. *J. R. de Sousa Fontes*,
2.° SECRETARIO.

7.ª SESSÃO, EM 16 DE AGOSTO DE 1872

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. visconde de Sapucahy, Macedo, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, Pinheiro de Campos, senador Candido Mendes, Homem de Mello, Escragnolle Taunay, Couto de Magalhães, Marques de Carvalho e conego Honorato, foi recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida a acta da antecedente e posta em discussão foi approvada, depois de observações feitas pelos Srs. Marques de Carvalho e senador Candido Mendes.

O Sr. 1° secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, communicando que, por se achar incommodado, não podia comparecer á presente sessão.

Uma carta do Sr. conselheiro director da secretaria do Imperio, dirigida ao Exm. Sr. presidente d'este Instituto, acompanhada da relação dos livros que têm sido offerecidos pelo Sr. conselheiro Filippe Lopes Netto á bibliotheca nacional de Santiago do Chili, afim de ser presente ao Instituto, na fórma do pedido feito pelo mesmo Sr. conselheiro Lopes Netto.

Tres officios do Sr. director interino da secretaria de estrangeiros: um, remettendo de ordem de S. Ex. o Sr. ministro da mesma repartição o *Relatorio* apresentado á assembléa geral legislativa na sessão do presente anno; outro, cobrindo cinco exemplares do folheto contendo a—*Correspondencia trocada entre o governo imperial e o da Republica Argentina relativamente aos tratados celebrados entre o Brasil e o Paraguay*: e o terceiro, solicitando do Instituto uma collecção de suas *Revistas* para ser remettida ao Sr. ministro dos Estados-Unidos n'esta côrte em troca de obras publicadas n'aquelle paiz.

Dito do Sr. presidente da provincia de Sergipe, remettendo um exemplar da *Collecção de leis* e resoluções promulgadas pela assembléa provincial na sessão do corrente anno.

Dito do Sr. presidente da provincia das Alagôas, remet-

tendo um exemplar do *Relatorio* com que foi installada a 1ª sessão ordinaria da 19ª legislatura da assembléa provincial.

Dito do Sr. Dr. Antonio Manoel dos Reis, agradecendo ao Instituto o haver-lhe concedido uma collecção de suas *Revistas* para d'ellas extractar o que possa servir aos seus trabalhos litterarios que pretende publicar.

Dito da commissão directora da bibliotheca popular de Vassouras, agradecendo ao Instituto a collecção de suas *Revistas*, que lhe concedeu para uso da mesma bibliotheca.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pelo consocio o Sr. Dr. Saldanha da Gama de um exemplar da sua obra, com o titulo—*Configuração e estudo botanico dos vegetaes seculares da provincia do Rio de Janeiro e de outros pontos do Brasil.*

Pelo Sr. conselheiro Pereira da Silva de um exemplar dos seus—*Discursos proferidos nas sessões do parlamento brasileiro de* 1870 *e* 1871.

Pelo Sr. senador barão de Cotegipe o seu folheto, com o titulo—*As negociações com o Paraguay e a nota do governo argentino de* 27 *de Abril*, *carta dirigida ao Exm. Sr. conselheiro Manoel Francisco Corrêa*, *ministro e secretario de Estado dos negocios estrangeiros.*

Pela secretaria de Estado dos negocios da marinha um exemplar do *Relatorio* que o Sr. ministro d'esta repartição apresentou á assembléa geral legislativa na sessão do corrente anno.

Pelo Sr. Luiz da França Almeida e Sá, e por intermedio do Sr. Coruja, um exemplar do –*Compendio de geographia da provincia do Paraná*, escripto pelo offertante.

Pela Sociedade de Geographia de Londres o seu jornal do mez de Fevereiro do corrente anno.

Pelo Sr. Dupont os seguintes folhetos : *Typo judiciario, o Dr. José Tito Nabuco de Araujo. A situação e os dissidentes, carta ao Exm. Sr. visconde do Rio-Branco*, por José Tito Nabuco de Araujo.

Varios jornaes e periodicos offerecidos pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foram feitas as seguintes propostas :

1.ª « Propomos que o Instituto Historico e Geographico procure obter uma copia da traducção portugueza da obra de Marco Polo, feita por Valentim Fernandes de Moravia, impressa em Lisboa em 1499 e 1502, de que existe hoje um só exemplar na bibliotheca real da mesma cidade, e bem assim as traducções inglezas de Marsden e de Yule. —*Candido Mendes.— Homem de Mello.* » — Foi approvada.

2.ª « Propomos para socio correspondente do Instituto Historico o Sr. Antonio José Victorino de Barros, servindo de titulo para sua admissão a sua—*Relação do naufragio da corveta Isabel*, e a—*Biographia do visconde de Inhaúma.* Sala das sessões, etc.—*Joaquim Norberto de Sousa e Silva.* — *Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.—Carlos Honorio de Figueiredo.* » — Foi remettida á commissão de admissão de socios.

« 3.ª Proponho para socio d'este Instituto o agrimensor Luiz da França Almeida e Sá, autor da *Geographia da provincia do Paraná*, servindo de titulo para admissão o dito *Compendio de geographia*, offerecido hoje ao Instituto. Rio, 16 de Agosto de 1872.—*Antonio Alvares Pereira Co-*

ruja. » –Foi remettida á commissão de admissão de socios.

Entraram em discussão e foram approvados dois pareceres da commissão de fundos e orçamento, um dado sobre as contas apresentadas pelo Sr. thesoureiro do Instituto, relativas ás despezas do anno proximo findo, e outro para que o Instituto fique autorisado a mandar executar pelo Sr. Joaquim José da Silva Guimarães Junior, a gêsso ou a marmore, os bustos dos finados consocios os Srs. visconde de S. Leopoldo e Dr. Antonio Gonçalves Dias, ficando o Sr. thesoureiro incumbido de entender-se com o artista sobre a retribuição do seu trabalho, e correndo as respectivas despezas pela verba—eventuaes.

Votou-se por escrutinio sobre o parecer da commissão de admissão de socios, favoravel ao Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, sendo o mesmo parecer unanimemente approvado e o candidato admittido ao gremio do Instituto como socio correspondente.

O Sr. conego Fernandes Pinheiro, obtendo a palavra, leu uma memoria, com o titulo *Trabalhos geographicos do visconde de S. Leopoldo.*

A's 8 1/2 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. J. R. de Sousa Fontes
2° SECRETARIO

8.ª SESSÃO, EM 30 DE AGOSTO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. viscondes de Sapucahy e do Bom-Retiro, Joaquim Norberto, conego Fernandes Pinheiro, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes, Coruja, tenente-coronel Xavier de Brito, Drs. Homem de Mello, Pinheiro de Campos, Olegario, Marques de Carvalho, Capanema, Ramiz Galvão e conego Honorato, faltando por incommodado o Sr. Dr. Macedo, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

Lida pelo Sr. 2º secretario a acta da antecedente e posta em discussão foi approvada, depois de observações feitas pelos Srs. Dr. Marques de Carvalho e senador Candido Mendes.

O Sr. 1º secretario deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. presidente da provincia de Mato-Grosso, remettendo duas collecções impressas dos actos da assembléa legislativa provincial, promulgados na sessão do anno passado.

Dito do Sr. João da Matta Alves Rego, communicando ter prestado juramento e tomado posse do cargo de presidente da sociedade litteraria Athenêo Maranhense, em cujo

exercicio este Instituto o encontrará sempre disposto para cumprir com as suas determinações.

Dito do Sr. Viriato Antonio da Silva, pedindo que a sua *Memoria historica e geographica sôbre o Imperio do Brasil*, por elle offerecida a este Instituto em Maio d'este anno, seja considerada como titulo de sua admissão ao gremio do mesmo Instituto.

OFFERTAS

Pelo Sr. Conrado Jacob de Niemeyer foi offerecido o folheto com o titulo *Impugnação da obra do Exm. Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva, segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil, narrativa historica*. 1871, *na parte relativa ao commandante das armas e presidente da commissão militar da provincia do Ceará, de* 1824 *a* 1828.

Pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito os seguintes manuscriptos: *Indice analytico das materias contidas no primeiro volume da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*, e *Apontamentos para a biographia do major do imperial corpo de engenheiros Luiz d'Alincourt*.

O mesmo Sr. Brito, por parte do Sr. Dr. Americo Monteiro de Barros, offereceu o folheto com o titulo *Nota sôbre o emprego do infinito no ensino das mathematicas elementares*.

Pelo Sr. director dos correios da republica Argentina a 14ª publicação do *Annuario dos correios* d'aquella republica.

Por diversas redacções foram offerecidos varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

Findo o expediente o Exm. Sr. visconde do Bom-Retiro pediu a palavra, e disse que elle, como presidente da commissão promotora da estatua do conselheiro José Bonifacio, nomeada por este Instituto, tinha, em sua viagem á Europa, empregado seus esforços e conseguido levar a effeito a promptificação da dita estatua para ser erecta n'esta côrte no dia 7 de Setembro proximo, e que o nosso consocio o Sr. Porto-Alegre, com o seu valioso concurso, muito o auxiliou n'esta incumbencia, encarregando-se dos desenhos e ministrando-lhe todos os necessarios esclarecimentos.

E em deferencia ao Instituto o mesmo Exm. Sr. procedeu a leitura do programma da inauguração antes de ser elle publicado pela imprensa.

ORDEM DO DIA

Foram lidos dois pareceres da commissão de admissão de socios relativos aos Srs. Drs. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro e Olympio Euzebio de Arroxellas Galvão. E logo em seguida requereu o Sr. Dr. Olegario, por parte da mesma commissão, que o Instituto fixasse a verdadeira intelligencia do art. 6º da ultima reforma dos estatutos, declarando se a commissão a que esse artigo se refere é a de admissão de socios ou a especial a que tenha sido affecto o trabalho apresentado pelo candidato, como titulo de admissão.

Depois de breve discussão, em que tomaram parte os Srs. Drs. conego Fernandes Pinheiro, Olegario e Pinheiro de Campos, foi decidido por unanimidade de votos que a *commissão respectiva*, de que trata o art. 6º, é a especial, competente para se pronunciar sobre o merito do trabalho offerecido, conforme a natureza d'elle, tendo-se por assen-

tado que nenhuma proposta para admissão de socios seja submettida á approvação do Instituto sem que, na fórma dos estatutos, seja acompanhada da noticia relativa ao candidato, e votado o parecer da commissão préviamente ouvida sobre o trabalho apresentado.

Por indicação do Sr. 1º secretario, approvada pelos socios presentes, e contra o voto do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, foi resolvido que se reservasse a votação dos pareceres que acabam de ser lidos para depois da apresentação dos da commissão subsidiaria de trabalhos historicos, á qual serão remettidas as obras compostas pelos candidatos propostos pela commissão de admissão de socios, dando-se assim execução ao vencido.

O Sr. Dr. Benjamim Franklin Ramiz Galvão pediu a palavra e agradeceu ao Instituto o haver-lhe admittido em seu gremio como membro correspondente, e prometteu empregar seus esforços para corresponder á honra que lhe dispensou, collocando-o entre os seus illustrados e conspicuos consocios.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo lêu a *Biographia* (por elle escripta) *de Francisco Bernardino Ribeiro.*

Terminada a leitura o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. J. R. de Sousa Fontes,
2º SECRETARIO

9ª SESSÃO, EM 13 DE SETEMBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Macedo, Joaquim Norberto, Carlos Honorio, Coruja, Olegario, Pinheiro de Campos, Marques de Carvalho, conego Honorato, Ladisláo Netto e Ramiz Galvão, faltando por incommodados os Srs. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro e Dr. Moreira de Azevedo e sendo recebido S. M. o Imperador com as honras do estylo, o Sr. Presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º e 2º secretario, leu a acta da sessão antecedente, que posta em discussão, foi approvada.

O mesmo Sr. deu conta do seguinte

EXPEDIENTE

Um officio do Sr. official maior interino da secretaria do senado, remettendo, de ordem da mesa do mesmo, um volume dos—*Annaes* correspondente á sessão do corrente anno ; um exemplar do tomo 9º dos—*Pareceres da Mesa*, e um da—*Synopse dos trabalhos pendentes de deliberação.*

Uma carta do consocio Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, da cidade do Maranhão, communicando ao Instituto que no dia 10 de Agosto proximo findo, no largo dos Remedios, n'aquella capital, foi lançada a pedra fundamental para a inauguração da estatua que se ha de levantar á memoria do nosso finado consocio Dr. Gonçalves Dias.

Officio da commissão encarregada de [illegible] as obras

para o monumento da estatua de Gonçalves Dias, remettendo para o archivo d'este Instituto a copia, em pergaminho, do acto que se lavrou por occasião do assentamento da 1ª pedra do referido monumento.

Dito do Sr. Bernardo Saturnino da Veiga, residente na cidade de [illegible], pedindo ao Instituto que lhe conceda uma collecção de suas *Revistas* para uso da Bibliotheca Popular que se acaba de fundar n'aquella cidade. Ao Sr. 1º secretario para satisfazer o pedido.

Carta do Sr. Joaquim Alves da Costa, residente no Pouso-Alto, proximo á Parahyba, remettendo a copia de uns caracteres graphicos, para elle desconhecidos, encontrados em uma pedra em seu sitio. Resolveu o Instituto que a referida copia fosse remettida á sua commissão de archeologia e ethnographia.

Dita do Sr. Frederico Errazuris, presidente da republica do Chile, agradecendo ao Instituto o diploma de membro honorario que este lhe enviou por intermedio do Sr. 1º secretario.

Foram feitas as seguintes offertas :

Pela sociedade Real dos Antiquarios do Norte, de um exemplar do *Relatorio* da sessão annual celebrada em Maio de 1859.

Pelo Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, a obra com o titulo : *Camões e os Lusiadas*, escripta pelo Sr. Dr. Joaquim Nabuco.

Pelo Sr. Dr Carlos Honorio de Figueiredo, de um volume das—*Poesias de Joaquim Ignacio Alves de Azevedo.*

Por diversas redacções, varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

O Sr. Dr. Ladislao Netto, communica haver recebido para o Instituto Historico varias publicações remettidas pela Real Universidade de Cristiania, e pede ao Instituto que

faça remessa de uma collecção de suas *Revistas* ao Sr. E. Holst, secretario d'aquella Universidade, e camarista de S. M. o rei da Suecia e Noruega, offerecendo-se para esta permuta o Sr. Dr. Leonardo Akerblou, consul geral d'aquelles paizes n'asta côrte.

ORDEM DO DIA

Foram feitas as seguintes propostas:

1.ª Propomos para socio correspondente do Instituto o Sr. commendador Luiz Rochet, residente em França, como autor dos monumentos historicos da praça da Constituição e largo de S. Francisco de Paula d'esta côrte. Em 13 de Setembro de 1872. —*Joaquim Norberto de Sousa e Silva*.— *Joaquim Manoel de Macedo*.—*Ladisláo Netto*.—*Benjamim Franklin Ramiz Galvão*. Foi remettida á commissão de admissão de socios.

2.ª Proponho que o trabalho manuscripto sobre a *Revista* do Instituto, apresentado na ultima sessão pelo nosso consocio Dr. P. T. Xavier de Brito, seja remettido á uma commissão, para dar sobre elle o seu parecer, e propôr qualquer providencia sobre a sua publicação em avulso ou na *Revista*. Rio, 13 de Setembro de 1872.—*Olegario H. de Aquino e Castro*. Remettida á commissão de estatutos e redacção da *Revista*.

3.ª Propomos que o trabalho do Sr. Dr. Joaquim Nabuco sobre os *Luziadas*, seja enviado á commissão de historia d'este Instituto para dar o seu parecer a respeito de algumas novas idéas que n'elle se contém em opposição a opinião geral dos litteratos brasileiros. Sala das sessões, 13 de Setembro de 1872.—*Dr. Maximiano Marques de Carvalho*.—*M. da Costa Honorato*. Entrando esta proposta em discussão, falláram sobre ella os Srs. Dr. Maximiano,

Pinheiro de Campos, e Macedo. E á pedido—de seus autores foi ella retirada.

Não estando presente o Sr. Dr. Couto de Magalhães, inscripto para ler n'esta sessão um seu trabalho, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M., levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo.

2º SECRETARIO SUPPLENTE.

10ª SESSÃO, EM 27 DE SETEMBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. visconde de Sapucahy, Drs. Macedo, Sousa Fontes, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, Drs. Homem de Mello, conego Honorato, Ladisláo Netto, Pinheiro de Campos, Saldanha da Gama, Ramiz Galvão, Couto de Magalhães e Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, leu a acta da anterior, a qual, posta em discussão, foi approvada, depois de observações feitas pelo Sr. conego Honorato.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario, servindo de 1º, deu conta do expediente que constou do seguinte:

Um officio do Sr. 1° secretario, conego Dr. Fernandes Pinheiro, communicando que não podia comparecer á presente sessão por incommodado, e pedindo ao Instituto lhe declare qual o destino que deve dar á proposta feita na ultima sessão para admissão do Sr. Rochet; porquanto, á vista da interpretação que o Instituto ultimamente deu aos seus estatutos, deve ser préviamente ouvida uma das commissões do mesmo Instituto conforme a natureza do trabalho, escripto que serve de titulo ao candidato; e não havendo nenhuma d'essas commissões estendido sua alçada a monumentos como os da praça da Constituição e largo de S. Francisco de Paula, elle secretario vê-se na impossibilidade de dar conveniente destino á referida proposta. Resolveu o Instituto que o officio do Sr. 1° secretario fosse enviado á commissão de estatutos para dar o seu parecer.

Um aviso do Sr. ministro dos negocios da agricultura, transmittindo ao Instituto copias das informações dadas pelo engenheiro João Nunes de Campos sobre posições geographicas de varias comarcas das provincias da Parahyba e Ceará.

Dito do Sr. director da secretaria da agricultura, remettendo, de ordem do Sr. ministro da mesma repartição, varios ns. do jornal *Times* onde se encontram informações sobre explorações feitas pelo Sr. Levingstone no interior da Africa, remettidos de Londres pelo engenheiro Francisco Pereira Passos.

Officios dos Srs. presidentes das provincias da Bahia, Sergipe e Paraná, remettendo varios *Relatorios*.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar da *Collecção das leis e resoluções* promulgadas pela assembléa provincial na 2ª sessão da 14ª legislatura.

Dito do Gabinete de Leitura, da cidade de Porto-Alegre,

pedindo ao Instituto uma collecção de suas *Revistas* para uso da Bibliotheca Popular que o mesmo Gabinete acaba de fundar n'aquella cidade. Resolveu o Instituto que fosse concedida a dita collecção.

Dito do Sr. Dr. Eduardo José de Moraes, agradecendo ao Instituto o haver-lhe admittido em seu gremio como socio correspondente.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, remettendo o n. 77 do *Paiz*, onde se acha publicada a acta da installação da aula publica nocturna para adultos da villa de S. Vicente Ferrer, na provincia do Maranhão.

Dito do Sr. secretario da Universidade de Noruega, accusando o recebimento das *Revistas* d'este Instituto, remettidas pelo Sr. 1° secretario, e enviando varias obras publicadas pela mesma Universidade.

OFFERTAS.

O Sr. Dr. Macedo offereceu uma carta, escripta de Villa-Rica, em 2 de Junho de 1798, por Nuno Galvão de Coutinho e Noronha, ao alferes intendente Francisco José de Almeida, mandando entregar varios recrutas, e noticiando a partida do inconfidente Joaquim José da Silva Xavier (o Tira-Dentes) para a prisão da ilha das Cobras. Esta carta, diz o offertante, foi encontrada entre os papeis do vigario da vara da cidade do Serro, antes villa do Principe, e a ser verdadeira e authentica, acha-se sua data transposta nos dois ultimos algarismos.

O Sr. Dr. Ladisláo Netto, transmitte ao Instituto uma medalha de bronze commemorativa da exposição de productos arcticos, ha pouco feita na Noruega. Esta medalha é acompanhada de um diploma dirigido ao Instituto.

O mesmo Sr. communica ao Instituto que existe em

poder do Sr. Herculano Maia, guarda livros do empreteiro que foi da 2ª sub-secção da estrada de ferro de D. Pedro II, uma caixinha forrada de velludo, contendo os instrumentos cirurgicos de que se serviu o Tira-Dentes na profissão d'onde lhe vem esta alcunha. Esta caixinha houve-a ha tempos o seu actual possuidor de uma velha de S. João d'El-rei, em cuja casa residia ou hospedava-se ás vezes aquelle infeliz patriota, como consta dos documentos authenticos, que tambem possue o Sr. Maia.

O Sr. Dr. Ladisláo Netto, accrescenta que felizmente este Sr. deseja fazer presente d'esta preciosidade a S. M. o Imperador.

Communica ainda o Sr. Dr. Ladisláo Netto, que foi encontrado no interior da provincia de Minas um volume manuscripto, com todas as probabilidades, attribuido ao desditoso Gonzaga. Assegura-se ser d'elle a letra hoje quasi apagada. O volume é composto de varias poesias, muitas das quaes se acham impressas; da traducção de um romance e das famosas cartas chilenas. No prologo, diz o melodioso poeta que não podia se occupar de conspirações quem seus dias passava preoccupado a bordar o vestido nupcial de sua noiva, e, em uma nota, accrescenta que lhe fôra negada a permissão de imprimir aquelle volume.

O Sr. Dr. Netto declara em seguida que o Sr. tenente Alvares de Araujo, descobridor de tão interessante manuscripto, cedeu-o, ha cousa de um mez, ao presidente da provincia de Minas, o senador Godoy, em cujas mãos se acha guardado aquelle precioso documento de nossa historia e de nossa litteratura.

Pelo Sr. Dr. Moreira de Azevedo, foi offerecido um exemplar da sua obra com o titulo: *—Os criminosos celebres— Episodios historicos.*

Por diversas redacções foram offerecidos varios jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Foi remettido á commissão de redacção da *Revista*, um requerimento do Sr. Dr. Pinheiro de Campos, em que pede seja impressa na *Revista* do Instituto a memoria de João Barbosa Rodrigues sobre a parte ethnographica do valle do Amazonas.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, obtendo a palavra, leu uma memoria relativa ás viagens que tem feito do Amazonas ao Rio da Prata, acompanhada de uma noticia dos cinco grandes roteiros que do Rio da Prata se podem seguir pelo interior para penetrar na bacia do Amazonas, com as distancias calculadas por terra e por agua, relativas a cada um dos roteiros. A memoria, que é acompanhada de um itinerario antigo, extrahido da secretaria do governo de Mato-Grosso, termina pela descripção topographica da região do divisor das aguas nas 100 leguas de Cuyabá ao Araguaya.

A's 8 horas, o Sr. presidente, obtendo a imperial venia, levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

11.ª SESSÃO, EM 11 DE OUTUBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os Srs. marquez de Sapucahy, Drs. Macedo, Sousa Fontes, Joaquim Norberto, Olegario, Moreira de Azevedo, Marques de Carvalho, Pinheiro de Campos, Ramiz Galvão, Couto de Magalhães e Escragnolle Taunay e faltando por incommodados os Srs. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro e thesoureiro Coruja, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, e sendo o mesmo augusto senhor recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario, servindo de 1º, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Officio do Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo, communicando que sendo forçado a fazer uma viagem á provincia de Pernambuco, deixa, por isso, de comparecer ás sessões do Instituto.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, offerecendo ao Instituto um exemplar do seu livro *Contos uteis*, organisados e compostos para meninos.

Um exemplar do jornal da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, offerecido pela mesma.

Um dito do *Boletim* da Sociedade de Geographia de Paris, remettido pela mesma.

Um dito do *Relatorio da repartição de estatistica*, remettido pelo Sr. director geral interino da mesma repartição.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA.

Foi lido e remettido á commissão de historia, o seguinte requerimento :—Tendo sido proposto para membro correspondente d'este Instituto o Sr. José Dias da Cruz Lima, requeiro que, em conformidade da interpretação dada ultimamente aos estatutos, vão á commissão respectiva os trabalhos do mesmo Sr. afim de emittir sobre elles parecer. Sala das sessões, em 11 de Outubro de 1872.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.*

Foi approvado e remettido á commissão de admissão de socios, o seguinte parecer da commissão de geographia :

PARECER.

« A commissão de geographia leu e examinou com accurada attenção o exemplar da obra offerecida á este Instituto pelo Sr. Luiz de França Almeida e Sá, sob o titulo :—*Compendio de geographia da provincia do Paraná adaptado ao ensino da mocidade brasileira, e acompanhado de* 130 *notas instructivas*, cuja obra foi composta pelo offertante. E o resultado do exame da commissão é o seguinte:

« O *Compendio* é distribuido em 5 lições, cada uma com o respectivo questionario. A estas lições addicionou o autor um capitulo sobre a topographia dos povoados da provincia, o quadro das posições geographicas das partes principaes da linha de Mato-Grosso passando por Guarapuáva

e o baixo Ivahy ; além de 5 annexos notando a população das parochias da mesma provincia em 1870 ; os nomes do pessoal da representação geral e provincial na mesma épocha, as agencias do correio, mappas da instrucção publica d'aquelle anno ; a divisão ecclesiastica ; e os nomes dos presidentes e vice-presidentes que têm administrado aquella provincia desde sua installação até a épocha da impressão da obra (1871). »

« O trabalho offerecido pelo Sr. Luiz de França comquanto limitado em volume, parece á commissão de muito merecimento, revelando no autor sobrada aptidão para o cultivo de uma das sciencias que fazem parte do programma da nossa associação.

« Ha n'este opusculo clareza, methodo e exacção, de modo que muito contribuirá para o fim a que se propôz o seu autor,—o ensino da mocidade brasileira ; prescindindo de um ponto controverso sobre limites da mesma provincia do Paraná com a de Santa Catharina, em que a commissão entende não lhe competir dar parecer.

« As notas copiosas com que o autor illustra as proposições que consagra no texto, sobre espargirem luz na materia sujeita, demonstram estudo e paciencia de investigações, indispensaveis em obras d'esta especie, e assignálam a aptidão e vocação do autor para o cultivo da geographia patria ; e fôra para desejar que o esforço tão louvavel do autor não parasse na bella prova que exhibiu.

« O *Compendio de geographia da provincia do Paraná*, é um ensaio bem inspirado, e a commissão está persuadida de que o Instituto Historico e Geographico, acolhendo-o com benevolencia, animará seu autor, e outros á exemplo, a emprehenderem iguaes commettimentos e ainda de maior folego, no que não pouco aproveitarão a geographia patria e o interesse publico.

« Rio de Janeiro, 11 de Outubro de 1872.—*Candido Mendes de Almeida.—Guilherme S. de Capanema.* »

O Sr. Dr. Olegario, membro da commissão de estatutos e redacção da *Revista*, leu os seguintes pareceres; que postos em discussão, foram approvados.

1.° A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo em consideração a indicação do digno consocio o Sr. Dr. F. Pinheiro de Campos, para que seja inserta na mesma *Revista* a memoria do botanico João Barbosa Rodrigues, contendo esclarecimentos ethnographicos sobre o alto Amazonas, reconhece a conveniencia de se dar publicidade á tudo quanto possa interessar a historia, geographia e ethnographia do Brasil, e é de parecer que se faça a pedida publicação, logo que o permitta a preferencia que justamente cabe á materias mais urgentes e de incontestavel valor.

A commissão, n'esta parte reserva para si a faculdade que lhe confere o art. 24 dos nossos estatutos. Rio, 10 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

Entrando em discussão este parecer, fallaram contra os Srs. Ramiz Galvão e Escragnolle Taunay, e a favor os Srs. Pinheiro de Campos, Macedo e Olegario; sendo a final approvado.

2.° A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo presente a proposta do Sr. conego Dr. Manoel da Costa Honorato, lida em sessão de 6 de Junho do corrente anno, e considerando que é de manifesta vantagem que as actas das sessões do mesmo Instituto só sejam publicadas depois de devidamente approvadas, afim de poderem assim exprimir com authenticidade a exacta exposição do que houver oc-

corrido; convindo mais que sejam explicitas e minuciosas, contendo a integra das propostas, indicações e pareceres que houverem sido apresentados em sessão, e em resumo a discussão que se houver suscitado á respeito, com especificada declaração dos nomes dos socios que n'ella se houverem empenhado, é de parecer que n'esse sentido seja a mesma proposta approvada; sem dependencia de alteração nas disposições regimentaes, por se considerar a medida como de simples expediente de serviço á cargo da secretaria.

Rio, 10 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

3.° A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, para que possa pronunciar-se sobre a materia do requerimento do digno consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, apresentado em sessão de 5 de Julho do corrente anno, pede que lhe sejam remettidos os apontamentos explicativos do mappa que descreve os limites da fronteira do Brasil com o Paraguay, publicado pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro e á que se refere o citado requerimento. Rio, 10 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

4.° A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, em desempenho da incumbencia que lhe foi commettida de revêr e emittir o seu parecer sobre a conveniencia de ser ou não impresso na mesma *Revista* o manuscripto offerecido ao Instituto pelo illustrado consocio o Sr. senador Pompêo, a respeito do cholera-morbus que grassou na provincia do Ceará, tem a declarar que prestou a devida attenção a esse

importante trabalho e o acha digno de apreço e de ser dado á luz da publicidade.

Considerando, porém, que por não ser o assumpto de que se trata d'aquelles que mais estreita relação tem com a natureza e indole da nossa instituição, não seria justo que viesse preterir a publicação de outros trabalhos igualmente interessantes, e de mais intima e immediata ligação com a historia e geographia do Brasil, entende a commissão que se deverá reservar a inserção da memoria na *Revista* para depois da publicação dos ineditos e preciosos manuscriptos que esperam no archivo do Instituto a occasião já demorada de serem franqueados á apreciação dos litteratos.

A commissão aguarda a solução da indicação feita por um de seus membros em sessão de 3 de Novembro de 1871, para que se proveja quanto antes sobre a creação da *Bibliotheca Brasileira*, ou collecção addicional á Revista Trimensal, proposta pelo fallecido consocio o Sr. Lagos, na sessão de 12 de Agosto de 1870, e acredita que essa medida altamente reclamada pela conveniencia do serviço á cargo do Instituto, proporcionará meio de attender-se com a facilidade desejavel á justa aspiração de todos quantos procuram vêr publicados na *Revista* as trabalhos que hão produzido com tanta gloria e proveito para a litteratura nacional.

Rio, 10 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

5.° A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, á que foi presente a indicação do Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, datada de 22 de Junho do corrente anno, relativamente ás providencias que poderiam ser tomadas pelo mesmo Instituto, em ordem a coadjuvar a acção da commis-

são especial encarregada da exposição brasileira em Vienna d'Austria, reconhece a necessidade e conveniencia de adoptar-se todas as providencias que pareçam adequadas ao louvavel e grandioso fim que se procura attingir na exposição; abunda nas considerações feitas pelo digno consocio e tem como certo que não serão ellas desprezadas.

Entende, porém, que estão fóra da alçada do Instituto, creado para os fins especiaes determinados no art. 1° dos seus estatutos; e que ao governo, ou á qualquer outra associação, mais de perto ligada aos interesses industriaes do paiz, e não ao Instituto Historico e Geographico, corre a obrigação de provêr sobre os meios de se tornar distincto e conhecido o nome do Brasil no grande concurso em que tem de apresentar-se.

Accresce, que quando não fosse a razão dada, não permittia a estreiteza do tempo e dos recursos de que dispõe o Instituto que se levasse á effeito a proposta, nas crescidas proporções lembradas pelo proponente.

Sobra ao Instituto desejo de concorrer por todos os modos para o desenvolvimento material e moral do nosso paiz; mas força é attender ás circumstancias especiaes em que se acha collocado, e regular seus actos pela medida de suas attribuições.

N'este sentido abstem-se a commissão de propôr qualquer medida relativa á exposição. Rio 10 de Outubro de 1872. —*O. H. de Aquino e Castro.*—*D. Francisco Balthazar da Silveira.*—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

6.ª A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tomou na devida consideração a proposta do digno consocio o Sr. conselheiro Joaquim Maria Nascentes de Azambuja, apresentada na sessão de 21 de Junho passado, para que se enviasse uma collecção completa da mesma *Revista* ás biblio-

thecas dos Estados Americanos, e mais se promovesse a remessa das obras ultimamente publicadas no Brasil sobre historia e geographia e documentos sobre administração e politica, em troca de outros já remettidos pelos mesmos estabelecimentos; tomando, por ultimo, o Instituto a iniciativa com os quaes não tenha havido troca de taes publicações pelo modo que julgar mais conveniente.

Reconhece e applaude a commissão o movel da proposta; é de incontestavel conveniencia e de commum vantagem a troca d'esses importantes documentos, testemunhos vivos do fervoroso zêlo com que no Brasil e nos Estados Americanos se cultiva o espirito, e se coopera para o já notavel desenvolvimento das letras, das sciencias e das artes.

Observa, porém, a commissão que sem dependencia de medida obrigatoria tem o Instituto até aqui fornecido com satisfação e facilidade a collecção de suas revistas á todos os estabelecimentos e bibliothecas que a procuram possuir e que do mesmo modo continuará a proceder, levado pelo natural desejo que o anima de tornar conhecido o nome do Brasil entre as nações civilisadas, colhendo ao mesmo tempo o valioso subsidio de luzes e instrucção que se contem nas publicações litterarias que em troca lhe são constantemente remettidas.

Pelo que respeita ás obras, em geral, publicadas sobre a historia e geographia do Brasil e documentos officiaes sobre administração e politica, entende a commissão que não póde ser aceito o alvitre proposto por pesado, nem comportam os recursos do Instituto a crescida despeza que se teria de fazer com a acquisição de todas as obras publicadas sobre esses varios assumptos e remessa aos mesmos Estados da America Septentrional e Meridional (vistos os termos vagos da proposta) e nem pelo que toca aos documentos officiaes relativos á administração e politica, será de mister

que o instituto tome a si esse encargo, quando é de crer que a distribuição d'elles se faça por outros meios mais adequados e faceis, de todo estranhos á nossa instituição.

A iniciativa a que é chamado o Instituto, para troca de suas publicações, não acha desaccordo no pensar da commissão. Confia, porém, esta na discrição e zelo comprovados da presidencia da mesa e acredita que fará uso das attribuições que lhe são conferidas pelos estatutos pelo modo que julgar melhor, sem que se torne necessaria a adopção de qualquer medida á semelhante respeito. — Rio, 10 de Outubro de 1872.—*O. H. d'Aquino e Castro.* — *D. Francisco Balthazar da Silveira.*—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.*

O Sr. Dr. Ramiz Galvão, obtendo a palavra leu o 1.º capitulo de um trabalho sob o titulo de — *Historia da imperial fazenda de Santa Cruz* — escripto pelo Sr. Dr. José de Saldanha da Gama.

A's 8 horas, o Sr. presidente obtendo venia de S. M. I., levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,

2º SECRETARIO SUPPLENTE

12ª SESSÃO, EM 25 DE OUTUBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. commendador Porto-Alegre, Coruja, Dr. Olegario, senador Candido Mendes, Drs. Moreira de Azevedo, Pinheiro de Campos, Marques de Carvalho, João Ribeiro, Pinto Junior, Ramiz Galvão, Taunay e A. D. Paschoal, annunciou-se a chegada de S. M. o imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, secretario supplente, leu a acta da anterior, a qual foi approvada.

O mesmo Sr. deu conta do expediente que constou do seguinte:

Officios dos Srs. 1º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro e 2.º dito Dr. Sousa Fontes, communicando que não podiam comparecer á presente sessão por incommodados.

Dito do Sr. presidente da provincia do Ceará, remettendo dois exemplares da *Collecção das leis* promulgadas pela assembléa provincial na sessão do anno proximo passado.

Dito do Sr. Firmino Rodrigues Silva Junior, solicitando uma collecção das *Revistas* d'este instituto para uso da bibliotheca do Instituto litterario. Decidiu-se que o Sr. 1º secretario satisfizesse o pedido.

Dito do Sr. secretario geral da Academia real das sciencias de Lisboa, agradecendo a remessa feita por este instituto áquella academia, de suas *Revistas*.

Dito do Sr. Dr. Francisco Manoel Raposo de Almeida, em que pede uma collecção das *Revistas* do Instituto para

auxilial-o em seus trabalhos historicos. Julgou-se prejudicado o pedido por ser o peticionario socio d'este Instituto e ter direito ás suas publicações.

OFFERTAS.

Pelo Sr. A. D. Pascual de um exemplar da sua obra intitulada *Esposa e Mulher.*

Pelo Sr. Dr. João Martins da Silva Coutinho, de um exemplar do *Relatorio da commissão encarregada do reconhecimento da região do Oeste, da provincia de S. Paulo e escolha da direcção mais conveniente para os transportes entre a comarca de Botucatú e o littoral.*

Pelo Sr. João José Carneiro da Silva, os seus *Estudos agricolas.*

Pelo Sr. Dr. Luiz Pientzenauer, de um exemplar de sua *these* para o concurso da cadeira de partos da Faculdade de Medicina d'esta côrte.

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Leu-se a seguinte proposta:

« Propomos que a bibliotheca do Instituto se abra todos os dias uteis das 9 horas da manhã ás 3 da tarde, estipendiando-se para esse fim um ou dois empregados. *S. R. Candido Mendes de Almeida. A. D. Pascual.—Benjamin Franklin Ramiz Galvão. —Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.—O. H. de Aquino e Castro.*

Entrando em discussão tomaram a palavra os Srs. Candido Mendes, Marques de Carvalho, Pinto Junior, Ribeiro de Almeida, Coruja e Pinheiro de Campos, e submettida á

votação foi approvada, resolvendo o Instituto que para a execução da proposta se ouvisse a commissão de fundos e 1° secretario.

Leram-se os seguintes :

PARECERES

1°. A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, tendo examinado os *Apontamentos relativos á fronteira do imperio do Brasil com a republica do Paraguay*, juntos ao *Mappa* levantado ultimamente pelo digno consocio o Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, e de que trata o parecer lido e approvado na sessão passada, reconhece a conveniencia de publicar-se esse trabalho, para que possam ser devidamente apreciadas as informações e esclarecimentos colhidos sobre assumpto ; e é de parecer que com a possivel brevidade seja inserto na *Revista* do Instituto. Rio, 23 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.*—*D. Francisco Balthazar da Silveira.*—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.* Foi approvado.

2.° A commissão de Estatutos e Redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, dando cumprimento ao que lhe foi ordenado pelo mesmo Instituto em sua sessão de 27 de Setembro passado, examinou a materia do officio do Sr. Dr. 1.° secretario, relativo á proposta de admissão do Sr. Rochet como membro correspondente d'esta associação, e entende que procede a duvida suscitada pelo Sr. 1° secretario. Em vista do disposto no art. 6° dos estatutos e arts. 1° e 2° das disposições complementares de 17 de Novembro da 1871, e sobretudo depois da deliberação tomada na sessão de 30 de Agosto do corrente anno, é fora de duvida que só podem ser aceitas em meza e enca-

minhadas propostas d'essa ordem, depois de apresentado qualquer trabalho litterario do candidato, nas condições definidas no citado art., proferido sobre elle o juizo da commissão competente e approvado o respectivo parecer.

E com quanto haja a excepção creada em favor do candidato residente fóra do Imperio (art 2º da ultima reforma), ainda assim observará a commissão que se não dá, no caso de que se trata, o concurso das condições exigidas pelo mesmo art.

A natureza e fins especiaes do Instituto não permittem que se estenda a disposição dos estatutos á casos por elles não previstos, como o em que se acha o proposto, cujos titulos de admissão apenas são os trabalhos de estatuaria, aliás de subido valor, a que se refere a proposta.

A commissão n'este ponto subscreve a autorisada opinião do muito illustrado presidente do Instituto, quando, em sessão de 15 de Dezembro do anno passado, disse em seu discurso de encerramento: « Convém tornar cada vez mais apreciado o honroso titulo de membro d'esta importante associação, exigindo boas provas litterarias que d'antemão recommendem o merito dos candidatos. » Rio, 24 de Outubro de 1872. — *O. H. de Aquino e Castro*. — *D. Francisco Balthazar da Silveira*.—*Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior*.

Entrando em discussão este parecer, fallaram sobre elle os Srs. Drs. Olegario, Marques de Carvalho, Pinto Junior e Ramiz Galvão que requereu o adiamento até a 1ª sessão e foi approvado.

3.º A commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, sendo ouvida sobre o requerimento do Sr. Dr. F. Pinheiro de Campos, apresentado em sessão de 27 de Setembro passado, para a publicação na *Revista* dos trabalhos do Sr. João Barbosa

Rodrigues, sobre o valle do Amazonas, é de parecer que se tenha por prejudicada a materia do mesmo requerimento, porquanto já foi tomada em consideração no parecer lido e approvado na ultima sessão do Instituto.—Rio, 24 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior*. Foi approvado.

4.º A' commissão de estatutos e redacção da *Revista* do Instituto Historico e Geographico Brasileiro foi presente, com a indicação firmada por um de seus membros na sessão de 13 de Setembro proximo passado, o—*Indice analytico das materias contidas no 1º tomo da mesma Revista*, organisado e offerecido em original ao Instituto pelo Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito; e passando a examinar com a devida attenção o trabalho do digno consocio, veiu a conhecer que é de manifesta vantagem para o estudo das importantes materias contidas na *Revista*, que á ella se junte o minucioso *Indice* alphabetico, que acaba de ser apresentado, depois de revisto e completo pelo autor, em alguns pontos que demandam novas citações e referencias.

Considerando, porém, que já são publicados 34 volumes da *Revista*, receia a commissão que a despeza que se haja de fazer com a impressão em avulso dos *Indices* correspondentes á esses volumes seja muito crescida e mesmo superior aos recursos de que dispõe o Instituto para publicação dos seus trabalhos; e assim propõe que seja ouvida á respeito a commissão de fundos e orçamento, colhidas as necessarias informações sobre a despeza de impressão de cada um dos volumes, tirados em avulso, ou como complemento das futuras *Revistas*.—Rio, 23 de Outubro de 1872.—*O. H. de Aquino e Castro.—D. Francisco Balthazar da Silveira.—Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior*. Foi

approvado, e remettido á commissão de fundos e orçamento.

Tomando a palavra leu o Sr. Escragnolle Taunay um trabalho seu intitulado : *Scenas da natureza brasileira—discripção do sertão do sul do Brasil.*

Terminada a leitura, o Sr. presidente, obtendo venia de S M. o Imperador, levantou a sessão ás 8 $^1/_2$ horas,

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
2° SECRETARIO SUPPLENTE

13ª SESSÃO, EM 8 DE NOVEMBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. visconde do Bom-Retiro.

A's 6 horas da tarde, achando-se reunidos na sala do Instituto os—Srs. visconde do Bom-Retiro, Drs. Sousa Fontes, Carlos Honorio, Olegario, Saldanha da Gama, Coruja, Pinheiro de Campos, conselheiro Thomaz Gomes, Ramiz Galvão, Pinto Junior, Capanema, Ladisláo Netto, A. D. Pascual, conego Honorato, Xavier de Brito, Homem de Mello, Escragnolle Taunay, Marques de Carvalho e J. Ribeiro de Almeida, annunciou-se a chegada de S M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e, tomando assento, o Sr. visconde do Bom-Retiro, 1° vice-presidente, abriu a sessão.

O Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, servindo de 2° secretario, leu a acta da anterior, a qual, posta em discussão, foi approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario, servindo do primeiro, deu conta do seguinte

Expediente:

Officios dos Exms. Srs. presidente do Instituto marquez de Sapucahy, 2º vice-presidente Dr. Macedo e 1º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, communicando que, por incommodados, não podiam comparecer á presente sessão.

Dito do Sr. Francisco Xavier da Costa Aguiar de Andrada, encarregado de negocios do Brasil no Chile, declarando haver entregado pessoalmente ao Sr. Errazuris, presidente d'aquella republica, a communicação official e o diploma de membro honorario d'este Instituto que o Sr. 1º secretario enviou-lhe.

OFFERTAS

Pelo Sr. Dr. Carlos Honorio de Figueiredo foram feitas as seguintes: *Discursos diversos, escriptos pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães*; —*Acta da sessão de inauguração da exposição provincial de Pernambuco no corrente anno, e catalogo dos productos expostos*; —*Revista mensal da instrucção publica de Pernambuco*;—*Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano*;—*Oração funebre que nas solemnes exequias celebradas na cathedral de Pernambuco pelo eterno repouso da alma da senhora D. Leopoldina, duqueza de Saxe*, recitou o padre Lino do Monte Carmello Luna. Offereceu este por intermedio do Sr. Carlos Honorio um exemplar da *Oração funebre* que recitou na mesma cathedral por occasião das exequias do Revm. bispo D. Manoel do Rego Medeiros.

Pelo Sr. Dr. Antonio Pereira Rebouças, filho, por intermedio do Sr. tenente-coronel Xavier de Brito, um exem-

plar da *Memoria sobre a estrada do Paraná a Mato-Grosso.*

Pelo Sr. Dr. Eduardo José de Moraes, e intermedio do mesmo Sr. Xavier de Brito, o *Mappa da provincia do Paraná.*

Varios jornaes e periodicos enviados pelas respectivas redacções.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

ORDEM DO DIA

Lêram-se e foram approvados os seguintes requerimentos:

1.° « Offerecendo ao Instituto Historico e Geographico Brasileiro os quadros juntos dos socios do mesmo Instituto, nacionaes e estrangeiros, organisados por ordem de antiguidades e declaração da classe a que pertencem, segundo os assentamentos constantes do livro de matricula e das actas das sessões, requeiro que, depois de examinados e corrigidos pelo Instituto, sejam publicados na *Revista*, e classificados na tabella que deve achar-se exposta na sala das sessões, em cumprimento do art. 4º dos estatutos. Rio, 8 de Novembro de 1872.—*O. H. d'Aquino e Castro.* »

« 2.º « Não tendo conseguido até agora, por meus esforços individuaes, que venham a este Instituto os documentos relativos á batalha do Ituzaingo, parte dos quaes fôra publicada no *Jornal do Recife*, e outra parte se acha inedita, e como tal publicação muito interessa á historia de nosso paiz, requeiro que o Instituto com brevidade officie ao desembargador Francisco de Faria Lemos, em sua retirada d aquella capital, solicitando o emprego de novos esforços para a acquisição d'aquellas documentos impressos ou manuscriptos, e de tudo quanto fôr relativo áquelle

assumpto. Sala das sessões, 8 de Novembro de 1872.—*Felizardo Pinheiro de Campos.* »

O Sr. Dr. Ramiz Galvão pediu a palavra, e communicou ao Instituto que tivéra a fortuna de encontrar na bibliotheca publica da côrte, depois de porfiada investigação, um exemplar do poema *Prosopopeia* do pernambucano Bento Teixeira, impresso em 1601, tal qual o que o Sr. barão de Porto-Seguro havia pouco descobrira na bibliotheca publica de Lisboa. Apresentando ao Instituto o referido exemplar, que se acha em um dos volumes da preciosa collecção Barbosa Machado, o Sr. Dr. Ramiz Galvão fez algumas considerações sobre a importancia d'este rarissimo opusculo, e comprometteu-se a offerecer á sociedade uma copia exacta e fiel do poema, acompanhando-a de algum trabalho analytico para que o mesmo Instituto, se assim julgar conveniente, lhe dê inserção em sua *Revista Trimensal*.

O mesmo Sr. Dr. Ramiz Galvão continuou com a leitura da *Historia da imperial fazenda de Santa Cruz*, escripta pelo Sr. Dr. José de Saldanha da Gama.

Terminada esta, o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,
2º SECRETARIO SUPPLENTE

14.ª SESSÃO, EM 22 DE NOVEMBRO DE 1872.

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes os Srs. Drs. Macedo, Carlos Honorio, Moreira de Azevedo, Coruja, senador Candido Mendes, Drs. Saldanha Gama, Ramiz Galvão, Xavier de Brito, Ladisláo Netto, Pinheiro de Campos, Marques de Carvalho, A. D. de Pascual, conego Honorato, Olegario, Homem de Mello, Pinto Junior, João Ribeiro e Escragnolle Taunay, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, a qual entrando em discussão, foi approvada com a seguinte emenda feita pelo Sr. Dr. Escragnolle Taunay:—« Que o trabalho que leu na sessão de 8 do corrente, refere-se ao sul das provincias de Goyaz e Mato-Grosso, cujo aspecto geral descreveu, e não ao sertão do sul do Brasil, como acha-se mencionado na acta d'aquella sessão. »

O Sr. Dr. Carlos Honorio, servindo de 1º secretario, deu conta do seguinte

EXPEDIENTE.

Officio do Sr. 1º secretario conego Fernandes Pinheiro, communicando que, por doente deixa de comparecer á presente sessão.

Dito do Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario, participando que não póde comparecer por ter de assistir á sessão da Congregação da Escola de Medicina.

Dito do Sr. presidente da provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, remettendo um exemplar impresso do *Relatorio* com que o Sr. conselheiro Jeronymo Martiniano Figueira de Mello passou-lhe a administração da provincia no dia 11 de Julho ultimo.

Dito do Sr. conego Manoel da Costa Honorato acompanhando 25 exemplares da sua publicação sob o titulo :—*Ligeiras considerações sobre a repartição ecclesiastica do exercito*, sendo um exemplar para o archivo do Instituto e os outros para serem distribuidos pelos socios presentes.

Dito do Sr. Dr. José Tito Nabuco de Araujo, offertando ao Instituto um exemplar do seu romance—*Zahra*; e declarando não assistir á sessão por impedimento de saude.

Dito do Sr. Dr. Cezar Augusto Marques, transmittindo a —*Memoria historica e estatistica* (ainda não impressa) *sobre o Tribunal do Commercio da provincia do Maranhão, desde a sua creação* (1855 até 1871), por Daniel Rodrigues de Sousa, e offerecida por este ao Instituto.

Dito do Sr. José Manoel Garcia, mestre em artes, e director da escola nocturna de adultos da Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, pedindo ao Instituto uma collecção de suas *Revistas*, para a bibliotheca d'aquella escola.

Dito do Sr. Dr. Manoel Maria de Moraes e Valle, enviando ao Instituto um exemplar do 1° volume das suas—*Noções elementares de chimica-medica*, e promettendo mandar o 2° logo que fôr publicado.

Dito do Sr. João Gregorio dos Santos, offertando 5 exemplares do seu—*Compendio elementar do systema metrico decimal para uso das escolas de instrucção primaria.*

Offereceu o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, o *Relatorio* do ministerio dos negocios da fazenda, apresentado á Assembléa Geral em Maio do corrente anno.

Diversas redacções remetteram jornaes e periodicos.

Todas as offertas são recebidas com agrado.

A requerimento do Sr. conego Dr. Honorato, concedeu-se ao Instituto Archeologico e Geographico Alagoano, uma collecção das *Revistas* do Instituto Historico.

ORDEM DO DIA

Leu-se e approvou-se a seguinte proposta :

« Tendo de inaugurar-se na cidade de S. Luiz do Maranhão a estatua do nosso finado consocio Dr. Antonio Gonçalves Dias, propomos que o Instituto, em homenagem á memoria d'esse distincto brasileiro, nomeie uma commissão dos membros do Instituto Historico existentes n'aquella cidade, para assistir a inauguração do monumento.

« Sala das sessões, em 22 de Novembro de 1872.—*Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.—Candido Mendes de Almeida.—O. H. de Aquino e Castro.—Ladisláo Netto.—Benjamin Franklin Ramiz Galvão.*

Entrou em discussão, e foi approvado o parecer da commissão de estatutos e redacção da *Revista*, que ficára adiado na sessão de 24 de Outubro ultimo, relativo á proposta para a admissão do Sr. Rochet, como membro correspondente.

O Sr. D. Pascual tomou a palavra e leu uma parte do seu trabalho intitulado :—*Como se deve escrever a historia.*

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho, o 1° capitulo de sua memoria com o titulo :—*Historia da Philosophia no Brasil.*

Levantou-se a sessão ás 8 horas.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

2° SECRETARIO SUPPLENTE.

15ª SESSÃO, EM 9 DE DEZEMBRO DE 1872

HONRADA COM A AUGUSTA PRESENÇA DE S. M. O IMPERADOR.

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 6 horas da tarde, achando-se presentes na sala do Instituto os Srs. marquez de Sapucahy, visconde do Bom-Retiro, Drs. Sousa Fontes, Moreira de Azevedo, senador Candido Mendes, Pinheiro de Campos, Marques de Carvalho, Saldanha da Gama, Ramiz Galvão, Escragnolle Taunay, Homem de Mello, João Ribeiro de Almeida, Machado Portella e A. D. de Pascual, annunciou-se a chegada de S. M. o Imperador, que foi recebido com as honras do estylo, e tomando assento, o Sr. presidente abriu a sessão.

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo, servindo de 2º secretario, leu a acta da antecedente, a qual foi approvada.

O Sr. Dr. Sousa Fontes, 2º secretario, servindo de primeiro, deu conta do expediente, que constou do seguinte:

Officios dos Srs. 1º secretario conego Dr. Fernandes Pinheiro, secretario supplente Dr. Carlos Honorio e thesoureiro Coruja, communicando que, por doentes, não podem comparecer á presente sessão.

Dito do Sr. conselheiro Ricardo José Gomes Jardim, declarando que, tendo de retirar-se d'esta côrte com destino ás provincias de S. Paulo, Santa Catharina e Rio-Grande do Sul, participa a este Instituto, ao qual pertence, desejando ter occasião de prestar-lhe todo e qualquer serviço n'aquellas provincias.

Dito do Sr. Bernardo Saturnino da Veiga, instituidor da bibliotheca popular da cidade da Campanha, agradecendo

ao Instituto a offerta por este feita á dita bibliotheca de uma collecção de suas *Revistas*.

Dito dos membros da commissão promotora do monumento que pretende erigir aos bravos fallecidos no combate naval do Riachuelo, pedindo ao Instituto o seu valioso concurso para a realização d'esta obra de gratidão nacional.

Dito do Sr. Guilherme Van Vleck Lidgenvoal, offertando um pedaço do primeiro fio de que se serviu o professor Samuel I. B. Morse e seu collaborador Alfredo Vail, na primeira experiencia que deu o resultado decisivo de transmittir signaes pelo telegrapho electrico. — Resolveu-se que se guardasse a offerta no museu do Instituto.

Dito do Sr. J. Aumer, bibliothecario da Academia de Munich, enviando varias obras, offerecidas a este Intituto pela Academia Real das Sciencias d'aquella cidade, e ao mesmo tempo solicitando do Instituto os numeros de sua *Revista* que faltam para completar a collecção que possue.

Dito do Sr. redactor do *Almanack de Minas*, pedindo uma collecção das *Revistas* do Instituto para auxilial-o nos trabalhos historicos e geographicos que pretende publicar no referido *Almanak*.

Dito do Sr. Viriato A. da Silva, acompanhando um manuscripto contendo o codigo das evoluções militares usadas na republica do Paraguay até a recente guerra com o Brazil.

Dito do Sr. presidente da provincia da Parahyba do Norte, enviando uma *Collecção das leis* da mesma provincia, promulgadas no corrente anno.

OFFERTAS

Pelo Sr. conselheiro Ricardo José Gomes Jardim foi offerecida uma *Dissertação sobre o actual governo da republica do Paraguay*, escripta pelo Dr. Antonio Corrêa do Couto.

Pelo Sr. M. A. de Macedo a sua memoria, com o titulo *Observações sobre as sêccas do Ceará e meios de augmentar o volume das aguas nas correntes de Cairiry.*

Pelo Sr. secretario do monte-pio geral de economia dos dos servidores do Estado o *Discurso* pronunciado pelo orador do mesmo o Sr. Dr. Domingos Jacy Monteiro na sessão de assembléa geral em Novembro de 1872.

Pela secretaria da guerra um exemplar do *Relatorio* apresentado pelo Sr. ministro d'esta repartição á assembléa geral legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura.

Pela sociedade Auxiliadora da Industria Nacional o seu jornal do mez de Outubro proximo findo.

Pelo Sr. Luiz Aleixo Boulanger uma lista geral alphabetica dos membros honorarios, effectivos e correspondentes do Instituto, desde a sua fundação (1838) até 1866 inclusive.

Enviaram varias redações diversos periodicos.

São as offertas recebidas com agrado.

O Sr. visconde do Bom-Retiro, como presidente da commissão incumbida pelo Instituto de erigir a estatua do conselheiro José Bonifacio, communica que a referida commissão cumprira a sua honrosa tarefa, estando concluido o monumento, cercado por um gradil e entregue á Illma. camara municipal; que todas as despezas foram pontualmente pagas, chegando a importancia das subscripções annunciadas para ellas; e tem prazer em declarar que em todos os trabalhos patenteou a commissão a melhor vontade e dedicação, merecendo especial menção o seu secretario o Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva pela sua solicitude e patriotismo, assim como cumpriu o estatuario fielmente o contrato.

O Sr. marquez de Sapucahy responde que o Instituto ouviu com satisfação a declaração feita pelo Sr. visconde

do Bom-Retiro, e louva o relevante serviço prestado pela commissão encarregada de erigir o monumento á memoria do conselheiro José Bonifacio.

ORDEM DO DIA

O Sr. Dr. Saldanha da Gama continuou a leitura da sua *Historia da imperial fazenda de Santa-Cruz*, e o Sr. Dr. Marques de Carvalho terminou a leitura do seu trabalho, com o titulo *Historia da Philosophia no Brasil.*

Correndo, como é uso na ultima sessão do anno, o livro de inscripções, inscreveram-se para apresentar trabalhos no proximo anno social os Srs.:

Dr. José de Saldanha da Gama a continuação da *Memoria historica da fazenda de Santa-Cruz* e a *Biographia do botanico brasileiro Manoel Arruda da Camara.*

Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão um trabalho historico.

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello um trabalho historico.

A. D. de Pascual um trabalho historico.

Dr. João Ribeiro de Almeida: *Estudo comparativo entre o Rio de Janeiro, Buenos-Ayres, Montevidéo e outras cidades, sobretudo debaixo do ponto de vista hygienico e demographico*, logo que esteja publicada a estatistica da cidade do Rio de Janeiro.

A's 8 1/2 horas o Sr. presidente, obtendo venia de S. M. o Imperador, levantou a sessão.

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo,
2° SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO DA ASSEMBLÉA GERAL DE ELEIÇÕES EM 21 DE DEZEMBRO DE 1872

Presidencia do Exm. Sr. marquez de Sapucahy.

A's 5 1/2 horas da tarde, reunidos na sala do Instituto os Srs. marquez de Sapucahy, Joaquim Norberto, Carlos Honorio, Olegario, Ramiz Galvão, conego Honorato, A. D. de Pascual, Xavier de Brito, Marques de Carvalho, Coruja e Homem de Mello, o Sr. presidente abriu a sessão em assembléa geral para a eleição dos membros da mesa e das commissões que devem servir no anno social de 1873, e nomeou para servir o lugar de 1° secretario o Sr. Dr. Carlos Honorio, secretario supplente, e para escrutadores os Srs. Drs. Homem de Mello e Marques de Carvalho.

Lêu-se um officio do Sr. conego Dr. Fernandes Pinheiro, pedindo dispensa do cargo que occupa de 1° secretario, que pelos estatutos ainda tem de servir durante o anno de 1873, visto não poder por suas enfermidades continuar com este encargo.

Dito do Sr. Dr. Perdigão Malheiros, rogando ao Instituto que o dispense de qualquer commissão por se achar sobrecarregado de trabalho, e demais soffrendo em sua saude, e por isso impossibilitado de bem cumprir com seus deveres.

O Instituto resolveu não conceder as dispensas solicitadas por estes prestimosos consocios.

Passando-se á eleição foram eleitos os Srs. :

PRESIDENTE

Exm. marquez de Sapucahy.

1° VICE-PRESIDENTE

Exm. visconde do Bom-Retiro.

2° VICE-PRESIDENTE

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

3° VICE-PRESIDENTE

Joaquim Norberto de Sousa e Silva.

2° SECRETARIO

Dr. José Ribeiro de Sousa Fontes.

SECRETARIOS SUPPLENTES

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.
Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.

ORADOR

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.

THESOUREIRO

Antonio Alvares Pereira Coruja.

COMMISSÃO DE FUNDOS E ORÇAMENTO

Dr. Francisco Ignacio Marcondes Homem de Mello.
Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

COMMISSÃO DE ESTATUTOS E REDACÇÃO DA « REVISTA »

Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Conselheiro D. Francisco Balthazar da Silveira.
Dr. Joaquim Antonio Pinto Junior.

COMMISSÃO DE REVISÃO DE MANUSCRIPTOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Dr. João Ribeiro de Almeida.
Dr. Antonio Pereira Pinto.

COMMISSÃO DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. Joaquim Manoel de Macedo.
Joaquim Norberto de Sousa e Silva.
Dr. Francisco Ignacio Marcondes H. de Mello.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS HISTORICOS

Dr. José Maria da Silva Paranhos.
Dr. Alfredo d'Escragnolle Taunay.
A. Deodoro de Pascual.

COMMISSÃO DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Senador Candido Mendes de Almeida.
Dr. José de Saldanha da Gama.
Dr. Guilherme Schuch de Capanema.

COMMISSÃO SUBSIDIARIA DE TRABALHOS GEOGRAPHICOS

Dr. Miguel Antonio da Silva.
Dr. Pedro Torquato Xavier de Brito.
Conego Dr. Manoel da Costa Honorato.

COMMISSÃO DE ARCHEOLOGIA E ETHNOGRAPHIA

Dr. Manoel Duarte Moreira de Azevedo.
Dr. Ladisláo de Sousa Mello e Netto.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO DE ADMISSÃO DE SOCIOS

Dr. Olegario Herculano de Aquino e Castro.
Dr. Agostinho Marques Perdigão Malheiro.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

COMMISSÃO DE PESQUISA DE MANUSCRIPTOS

Dr. Carlos Honorio de Figueiredo.
Dr. Felizardo Pinheiro de Campos.
Antonio Alvares Pereira Coruja.

A eleição do 1° secretario não teve lugar este anno por ter sido feita o anno passado e ser o cargo biennal.

Terminada a eleição, o Sr. presidente declarou que o Instituto entrava em ferias, e levantou a sessão.

Carlos Honorio de Figueiredo,
SECRETARIO SUPPLENTE.

SESSÃO MAGNA ANNIVERSARIA
DO
INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO
NO DIA 15 DE DEZEMBRO DE 1872

DISCURSO

DO SR. PRESIDENTE MARQUEZ DE SAPUCAHY.

Venho, senhores, abrir a trigesima quarta sessão anniversaria da inauguração do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brasil: obedeço contente a um preceito da lei fundamental da associação.

No desempenho de tão honrosa tarefa sou dominado hoje por sentimentos bem differentes d'aquelles que o anno passado influiam em meu animo, quando d'este lugar annunciei o encerramento dos trabalhos do periodo social que findava.

Então, ausentes da patria o Imperador e a Imperatriz, geral era o desprazer, e vigoravam receios da emergencia de accidentes sinistros em longes terras, e em damno de tão caros penhores da prosperidade da nação; agora, desvanecidos os receios com a desejada volta, sua augusta presença dilata com effusões de jubilo os corações de todos os brasileiros, e particularmente dos inscriptos nos registros do Instituto Historico, o qual tudo deve á paternal benevolencia do seu immediato protector.

Em verdade, senhores, se o céo não houvesse dotado o Sr. D. Pedro II de amor ardente pelas letras, talvez hoje não nos achassemos aqui reunidos. Deu-nos estabilidade; dissipou os receios de má ventura adduzidos da sorte pre-

caria que tiveram outras associações anteriores; fez esvaecerem-se as prevenções de que o solo virgem do Brasil não estava ainda preparado para n'elle vingar a planta tenra e mimosa d'estas instituições: d'aqui a diffusão de luzes por toda a vastidão do Imperio, mediante a associação das notabilidades de cada provincia; o enthusiasmo com que á porfia contribuem com o seu contingente para a grande obra da illustração geral; a confraternidade das academias mais celebres, até dos confins da Europa; as eminencias sociaes de um e de outro hemispherio, alistadas em nosso gremio. Tão espantosos successos dimanam, em meu conceito, d'aquella fonte—a protecção imperial outorgada ao Instituto e oriunda do amor ás letras. Não me pejo de apregoal-o; nem é tanta a minha modestia que deixe de aceitar como bem cabido premio das diligencias da associação, benignamente secundadas pela imperial protecção, os louvores, as felicitações e demonstrações de apreço com que naturaes e estranhos nos tem favorecido.

O Instituto deu fiel cumprimento ás disposições dos estatutos no anno que acaba, como tem praticado sempre nos precedentes.

O relatorio do benemerito 1° secretario, que será lido por condigno substituto, vos informará das occurrencias havidas e dos trabalhos academicos de que vos devemos conta. A pertinaz enfermidade que persegue o illustrado Sr. conego Dr. Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro aggravou-se recentemente e o inhibiu do comparecimento n'esta solemnidade; não pôde, porém, arrefecer seu zelo, que vivo se manifestou no pesado expediente da secretaria e na organisação da chronica annual que pelos estatutos lhe incumbe.

Nosso quadro teve alteração notavel; adquirimos novos collaboradores de incontestavel prestimo; mas perdemos outros de subido merecimento, entre os quaes se distinguem

summidades politicas e litterarias que, dentro e fóra do Imperio, obtiveram respeito e admiração por seus talentos e illustração nos diversos ramos do saber humano, e por serviços relevantissimos prestados á patria. A biographia d'estes saudosos finados será traçada pelo distincto consocio o Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, cujos talentos não vulgares vos são vantajosamente conhecidos.

O Sr. Dr. Joaquim Manoel de Macedo, nosso eloquente orador, onerado com serviço importante de interesse publico, não fará ouvir d'esta vez sua voz seductora.

Senhor! Pondo remate a estas phrases despedaçadas cujo desalinho muito se resente da fria influencia de quasi 80 Setembros, não posso deixar de manifestar ainda uma vez em nome do Instituto Historico Geographico e Ethnographico Brasileiro a mais sincera gratidão pelo glorioso engrandecimento que a soberana immediata protecção de Vossa Magestade Imperial lhe tem largueado.

A S. M. I. a virtuosa Imperatriz, idolo dos brasileiros, rendo graças pelas subidas mercês que continúa a dispensar-nos, honrando e amenisando com sua augusta, angelica presença esta festa litteraria.

RELATORIO

DO PRIMEIRO SECRETARIO

O CONEGO DR. J. CAETANO FERNANDES PINHEIRO

Senhóres.—Achando-me n'esta capital, e não desejando abusar da bondade do meu digno collega, o Sr. 2° secretario, dirijo-vos estas palavras do leito em que me prosta cruel e obstinada enfermidade.

Compulsando as actas das nossas sessões, vê-se que foram todas ellas honradas com a augusta presença de S. M. o Imperador, de quem dimanam todos os beneficios de que se acha de posse o Instituto.

Grande foi a actividade dos obreiros, que assiduamente concorreram para o edificio da historia e geographia patrias, restando-me unicamente o pezar de que, faltando por molesto, a quasi todas as sessões d'este anno, não possa, como de costume, a apreciar, e resumidamente expôr, o contexto de suas eruditas memorias. Limitar-me-hei pois a um rapido elenco.

O Sr. senador Candido Mendes de Almeida, proseguiu na leitura da sua memoria sobre o *commercio desde os tempos primitivos até os nossos dias.*

O Sr. bacharel A. d'Escragnolle Taunay leu o trabalho do Sr. coronel Antonio Tiburcio Ferreira de Sousa, com o titulo — *Apontamentos sobre a provincia do Amazonas.*

O Sr. Dr. Moreira de Azevedo leu as biographias de José Eloy Ottoni e do Dr. Francisco Bernardino Ribeiro, ambas de lavra propria.

O Sr. Joaquim Norberto de Sousa e Silva leu a biographia, por elle escripta, do bacharel Manoel Antonio Alvares de Azevedo.

Tambem paguei o meu contingente occupando a attenção do Instituto com a introducção a um trabalho inedito do visconde de S. Leopoldo relativamente ás nossas questões de limites.

O Sr. Dr. Couto de Magalhães, procedeu a leitura de uma memoria concernente ás viagens por elle ultimamente feitas no valle do Amazonas e do Prata, acompanhada de uma noticia dos cinco grandes roteiros que do Rio da Prata se podem seguir para penetrar interiormente na bacia do Amazonas com as distancias calculadas por via terreste e maritima. Vem esta memoria acompanhada de um artigo itinerario, extrahido da secretaria do governo de Matto-Grosso, terminando pela descripção topographica da região do divisor das aguas,no trato de cem leguas de Cuyabá ao Araguaya.

Leu o Sr. Dr. Ramiz Galvão a—*Historia da Imperial Fazenda de Santa Cruz*, devida á penna do Sr. Dr. José de Saldanha da Gama.

O Sr. bacharel d'Escragnolle Taunay, prendeu de novo a attenção do Instituto com um trabalho seu intitulado—*Scenas da natureza brasileira,—Descripção do sul das provincias de Goyaz e Matto-Grosso.*

O Sr. A. D. de Pascual leu um estudo com o titulo—*Como se deve escrever a historia.*

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho entreteve a attenção do Instituto lendo a sua memoria denominada—*Historia da philosophia no Brasil.*

O Sr. Dr. Saldanha da Gama continuou a leitura de sua —*Historia da Imperial Fazenda de Santa Cruz.*

Outra valiosa manifestação da actividade do Instituto revelou-se no crescido numero de propostas que foram este anno submettidas á sua deliberação. Seguirei a ordem chronologica, como a mais adequada á natureza d'este trabalho.

Logo na primeira sessão leu-se e foi remettida á respec-

tiva commissão, uma proposta firmada por alguns dos nossos consocios indicando para o nosso gremio o Sr. Dr. Frederico Errazuriz, presidente da republica do Chile, autor de varios escriptos e nomeadamente da memoria historica denominada—*O Chile sob o dominio da Constituição de* 1828.

O Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho propôz que o Instituto encarregasse a uma de suas commissões de revêr, alterar e modificar a brochura que tem por titulo—*O Imperio do Brasil na exposição universal de* 1867 *em Paris*—illustrando-a com pequenas cartas chorographicas d'este Imperio, e dando todos os esclarecimentos uteis e indispensaveis aos estrangeiros que desejarem emigrar para o Brasil, tendo em vista o interessantissimo relatorio sobre a ultima *Exposição universal*, escripto pelo Sr. Julio Constancio de Villeneuve, e os exemplos praticados pelos Estados-Unidos na exposição universal de 1863 em Londres, e em Paris em 1867, com o fim de activar e augmentar a emigração para aquelles Estados. Propôz mais, que feita a addição e approvada pelo Instituto, fosse ella impressa e enviada á commissão da exposição universal para ser distribuida gratuitamente por quantos a visitarem no anno proximo futuro, sendo essa distribuição feita na sala da exposição brasileira em Vienna d'Austria. Depois de curto debate foi esta proposta remettida á commissão de estatutos para a seu respeito emittir parecer,

O Sr. conselheiro Azambuja, propôz que se remettesse ás bibliothecas dos Estados Americanos, que já a não possuam uma collecção completa das *Revistas* do nosso Instituto. Propôz outrosim que o Instituto, por si ou por intermedio do governo, promovesse a remessa aos ditos estabelecimentos das obras ultimamente publicadas no Brasil sobre historia e geographia, bem como de documentos officiaes concernentes á administração e politica, em troca de outros já enviada

pelos mesmos estabelecimentos. Propôz por ultimo que o Instituto tomasse a iniciativa de dirigir, pelo modo que julgasse mais conveniente, as suas publicações aos Estados com os quaes ainda não havia entabolado relações litterarias. Teve esta proposta destino semelhante á da precedente.

Conveniente direcção tiveram as seguintes propostas, lidas na 5ª sessão d'este anno.

A do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, para que a commissão de redacção da *Revista*, no caso de não ter materia urgente de mais subido valor, procurasse fazer inserir na nossa *Revista*, com brevidade, para que possa ser lida integralmente e conhecida no mundo litterario, a memoria do botanico João Barbosa Rodrigues contendo esclarecimentos ethnographicos sobre o alto Amazonas e outras informações locaes,

O Sr. conego Dr. Manoel da Costa Honorato, propôz que as actas do Instituto não fossem d'ora avante publicadas senão depois de correctas e approvadas pelo mesmo na sessão posterior áquella de que se trata. Que fossem estas actas mais explicitas mencionando-se n'ellas as questões ventiladas e os nomes dos socios que tomarem parte nas discussões.

Indicou o mesmo senhor que, para tornar effectiva a deliberação tomada em sessão de 30 de Junho do anno findo se nomeasse uma commissão incumbida da realisação da idéa, verificando as verbas para esse fim destinadas.

Que em vez de *Bibliotheca Brasileira* se denominasse a nova publicação—*Appendice á Revista do Instituto Historico*,—pondo-se á disposição da commissão novamente creada todos os manuscriptos existentes no archivo do Instituto, afim de que fizesse a devida escolha e classificação das materias que devessem ser publicadas no dito appendice; não se aceitando comtudo para essas publicações novos trabalhos, emquanto existissem no archivo outros de datas

mais antigas que estivessem nas condições de serem publicados.

O Sr. Dr. Maximiano de Carvalho, requereu que os apontamentos explicativos do mappa que descreve os limites da fronteira do Brasil com o Paraguay, publicado pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, fossem remettidas á commissão da redacção da *Revista*.

N'essa mesma sessão foram propostos para socios correspondentes os Srs. Drs. Nicoláo Joaquim Moreira e Olympio Eusebio de Arroxela Galvão, servindo de titulos de admissão ao primeiro, os seus estudos historicos e biographicos dos Srs. conselheiro Joaquim Vieira da Silva e Sousa e Frederico Leopoldo Cezar Burlamaque, Drs. Americo Teixeira da Rocha, José Maria Chaves e Francisco de Paula Candido e pharmaceutico Ezequiel Corrêa dos Santos; e ao segundo a sua obra relativa ás assembléas legislativas provinciaes das Alagôas e a compilação das leis da mesma provincia.

Na 6ª sessão foram as seguintes propostas objecto de deliberação: do Sr. Dr. Maximiano de Carvalho, motivada por um requerimento do Sr. Dupont, offerecendo ao Instituto a acquisição da obra de Joan Philippe Abelinus, historiographo conhecido pelo pseudonymo de Joan Lodewyk Gottfried, publicada em 1706 em Leyden com o titulo *Collecções de viagens ás Indias Occidentaes e Orientaes*, em 8 volumes, reproduzindo a collecção de Th. De Bry.—Foi remettida á commissão subsidiaria de trabalhos historicos para que, depois de escrupuloso exame da obra, emittisse parecer a respeito da conveniencia de sua compra.

Foi proposto, n'essa mesma occasião, para membro correspondente do Instituto o Sr. Dr. Luiz Joaquim de Oliveira e Castro, traductor da—*Historia do Brasil*, de Southey.

Na 7ª sessão tomou o Instituto conhecimento de uma proposta, assignada pelos Srs. Candido Mendes e Homem de

Mello, para que se procurasse obter cópia de uma traducção portugueza da obra de Marco Polo, feita por Valentim Fernandes Moravia e impresso em Lisboa em 1499—1502, de que existe hoje um só exemplar na bibliotheca publica da mesma cidade, assim como as traducções inglezas de Maraden e de Yule.

Apenas approvada, diligenciei dar-lhe immediato cumprimento rogando ao nosso consocio o Sr. Innocencio Francisco da Silva que se encarregasse da primeira parte, e incumbindo da segunda a outro nosso consocio o Sr. Ferdinand Dénis. Aguardo a resposta de ambos estes senhores para communicar-vol as.

Foram propostos n'essa sessão para socios correspondentes os Srs. Antonio José Victorino de Barros, autor da—*Relação do naufragio da corveta Isabel*, e da—*Biographia do Visconde de Inhaúma*, e o Sr. Luiz da França Almeida e Sá, autor da—*Geographia da provincia do Paraná.*

A 8ª sessão assignalou-se pela leitura do programma relativo á inauguração da estatua do conselheiro José Bonifacio, feita pelo presidente da commissão erectora e nosso primeiro vice-presidente, o Exm. Sr. visconde do Bom Retiro. Sendo approvado, sem discripancia, o mencionado programma, convidou o Exm. Sr. presidente aos socios presentes, e aos que se lhes quizessem aggregar, para assistirem ao acto solemne da inauguração que devêra realizar-se, (como de facto realizou-se) no memorando dia 7 de Setembro d'este anno.

Na 9ª sessão propôz o Sr. Dr. Olegario Herculano d'Aquino e Castro que o trabalho manuscripto apresentado ultimamente pelo nosso consocio o Sr. tenente-coronel Xavier de Brito fosse remettido a uma commissão para a seu respeito dar parecer e tomar quaesquer providencias concernentes á sua publicação. Para esse fim designou-se a commissão de estatutos e redacção da *Revista*. N'essa mesma sessão lem-

braram alguns dos nossos consocios, como digno de fazer parte do Instituto, o Sr. commendador Luiz Rochet, autor dos monumentos das praças da Constituição e S. Francisco de Paula d'esta cidade.

Na 11ª sessão requereu o Sr. Dr. Maximiano fossem remettidos á commissão de historia os trabalhos historicos e litterarios do Sr. José Dias da Cruz Lima, anteriormente proposto para membro d'este Instituto e assim se decidiu.

Na 12ª sessão propozeram alguns dos nossos consocios que se abrisse todos os dias uteis, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde, a bibliotheca do Instituto, estipendiando-se para esse fim um, ou dois empregados. Foi approvada com a clausula de serem ouvidos quanto á sua execução, os membros da commissão de fundos e orçamento e o 1° secretario,

Na 13ª sessão requereu o Sr. Dr. Olegario, que, depois de examinados e corrigidos pelo Instituto os quadros por elle offerecidos dos nossos consocios nacionaes e estrangeiros, fossem publicados na *Revista* e classificados na tabella que deve-achar-se exposta na sala das nossas sessões.

Propôz o Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos se officiasse com brevidade ao Sr. desembargador Francisco de Faria Lemos para que na sua retirada da cidade do Recife, onde se achava exercendo o cargo de presidente da provincia de Pernambuco, fizesse acquisição dos documentos impressos e manuscriptos relativos á batalha de Ituzaingo que lhe constava existirem n'essa cidade.

Communicando o Sr. Dr. Ramiz Galvão que deparára na Bibliotheca Publica d'esta côrte com um exemplar do poema *Prosopopea* do pernambucano Bento Teixeira Pinto, impresso em 1601, e semelhante a outro que o Sr. barão do Porto Seguro descobrira na bibliotheca publica de Lisboa, comprometteu-se a offerecer á nossa associação uma copia exacta e fiel do poema, acompanhando-a de algum traba-

lho analytico para que sejam ambas insertas na nossa *Revista*.

Na penultima sessão d'este anno leu-se e approvou-se a proposta da nomeação de uma commissão composta de membros d'este Instituto residentes na cidade de S. Luiz do Maranhão, para assistirem á inauguração da estatua erecta ao nosso fallecido consocio o Dr. Antonio Gonçalves Dias.

Correspondendo á confiança do Instituto trabalharam diligentemente as suas commissões, e crescido numero de pareceres lhe foram submettidos e mereceram-lhe plena adhesão.

Seguindo sempre a ordem das datas far-vos-hei rapida resenha dos alludidos pareceres.

A commissão de admissão de socios, reconhecendo os predicados que ornam o Sr. Dr. Frederico Errazuriz, presidente da republica do Chile, propôz a sua admissão ao nosso gremio, na qualidade de membro honorario.

A referida commissão opinou pelo ingresso do Sr. Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão, que faz hoje parte da nossa associação.

A de fundos e orçamento, achando liquidas as contas apresentadas pelo Sr. thesoureiro, propôz a sua approvação acompanhada de um voto de louvor.

Foi a referida commissão de parecer que ficasse o mencionado Sr. thesoureiro autorisado para mandar executar em gesso ou marmore, os bustos dos nossos finados consocios visconde de S. Leopoldo e Gonçalves Dias, correndo com as respectivas despezas pela verba das eventuaes.

A requerimento da commissão de estatutos deliberou o Instituto que a commissão respectiva, de que falla o art. 6 da nossa lei organica, será a que mais se approximar á natureza do trabalho offerecido como titulo de admissão, não devendo outrosim ser submettida á deliberação, proposta al-

guma, sem que venha acompanhada de uma noticia relativa ao candidato e o do parecer da commissão supra alludida.

A de geographia, leu um parecer favoravel ao *Compendio de geographia da provincia do Paraná*, composto pelo Sr. Luiz da França Almeida e Sá.

A de estatutos e redacção da *Revista*, tomando em consideração a proposta do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos relativa á memoria do Sr. João Barbosa Rodrigues, reservou para si a faculdade que lhe confere o art. 24 dos nossos estatutos.

A mencionada commissão, considerando a proposta do Sr. conego Dr. Manoel da Costa Honorato concernente á publicação das actas das nossas sessões, abundou nas mesmas idéas, propondo a sua adopção.

Requereu a sempre mencionada commissão lhe fossem remettidos os apontamentos explicativos do mappa que descreve os limites da fronteira do Brasil com o Paraguay, escripto pelo Sr. conselheiro Duarte da Ponte Ribeiro, afim de poder pronunciar-se sobre a materia do requerimento do nosso consocio o Sr. Dr. Maximiano Marques de Carvalho.

Exhibiu outro parecer relativo á publicação do manuscripto do nosso consocio o senador Pompêu, concernente á cholera-morbus que grassou na provincia do Ceará, pensando que deva para isso esperar-se a creação da Bibliotheca Brasileira, ou da collecção addicional á revista trimensal.

Foi igualmente de parecer que as providencias reclamadas pelo nosso consocio o Sr. Dr. Maximiano, relativamente á exposição brasileira em Vienna d'Austria estavam fóra da alçada d'este Instituto, cujos recursos pecuniarios lhe vedavam concorrer para tão louvavel emprehendimento nas crescidas proporções lembradas pelo proponente.

Finalmente, apresentou n'essa mesma sessão a infatigavel commissão de estatutos e redacção da *Revista* um longo

parecer relativo á proposta do nosso consocio o Sr. conselheiro Azambuja de cuja summa tendes conhecimento. Concluiu reconhecendo e applaudindo o movel da dita proposta, observando porém que sem dependencia de medida obrigatoria, tinha o Instituto até aqui fornecido com satisfação e facilidade a collecção de suas *Revistas* a todos os estabelecimentos e bibliothecas que a procuraram possuir, e que do mesmo modo continuará a proceder, levado pelo natural desejo de tornar conhecido o nome do nosso paiz entre as nações civilisadas. Pelo que respeitava ás obras publicadas sobre a historia e geographia do Brasil e documentos officiaes sobre a administração e politica,entendia que não podia ser aceito o alvitre proposto;porquanto ultrapassava a somma votada para esse ramo de serviço : não sendo pelo que respeita a documentos officiaes, necessaria a intervenção do Instituto, visto a liberalidade com que o governo imperial os distribue. Por ultimo declarou que confiava na discrição e zelo da presidencia da mesa do Instituto, pelo que dizia respeito á permuta das nossas publicações por outras de igual interesse.

Havendo formado seu juizo ácerca dos apontamentos do Sr. conselheiro Ponte Ribeiro,entendeu conveniente a sua publicação com a possivel brevidade.

Apreciando a duvida por mim suscitada quanto á proposta do Sr. Rochet, foi de voto que não podia ser ella tomada em consideração, attenta ás condições exigidas pelo art. 6° dos nossos estatutos, e aos arts. 1° e 2° das disposições complementares de 17 de Novembro de 1871, e sobretudo depois da deliberação tomada na sessão de 30 de Agosto d'este anno.

Tomando na devida consideração o requerimento do Sr. Dr. Felizardo Pinheiro de Campos, a respeito da publicação na nossa *Revista* dos trabalhos do Sr. João Barbosa Rodri-

gues sobre o valle do Amazonas, foi de parecer que se tivesse por prejudicada a materia do mesmo requerimento, em vista do parecer lido e approvado na antecedente sessão. Leu outrosim um parecer concernente á publicação do *Indice analytico* das materias contidas no 1º tomo da nossa *Revista*, organisado e offerecido pelo nosso consocio o Sr. tenente-coronel Pedro Torquato Xavier de Brito, e attendendo a estarem já publicados 34 volumes da dita *Revista*, mostrou receios de que a despeza que se houvesse de fazer com a impressão em avulso dos indices correspondentes a esses volumes excedesse a somma destinada á publicação dos nossos trabalhos, e por isso opinou para que fosse ouvida a commissão de orçamento.

Vigorando no corrente anno social o orçamento approvado no anterior, intuitivo é que identicas são as circumstancias financeiras do nosso Instituto.

No desempenho de seus diversos encargos não desmerecêram os empregados do Instituto do conceito que d'elles tenho formado.

Folgo de communicar-vos que em dia se acha a publicação da nossa *Revista*, havendo-se terminado a do precioso codice intitulado—*Nobiliarchia Paulistana*, de Pedro Taques de Almeida Paes Leme.

Com a reimpressão do 13º volume, que se acha no prélo, ficarão completas as collecções da nossa *Revista*, cada vez mais avidamente procurada.

Ainda este anno recebeu o Instituto de todas as autoridades o generoso concurso que costumam prestar-lhe, pelo que lhes rendo, em seu nome, os devidos agradecimentos.

Todas as associações scientificas e litterarias, nacionaes e estrangeiras, com as quaes mantemos relações, porfiaram em dar-nos testemunhos de apreço e consideração.

Nos limites das minhas debeis forças, busquei correspon-der-lhes com iguaes manifestações.

Basta provisão de livros, cartas, mappas e manuscriptos foram offertados ao nosso Instituto. Corria-me o dever de noticiar-vos as obras de maior tomo, ou que mais se prestassem aos nossos estudos ; confesso-vos porém que faltaram-me lazeres para manuseal-as, esperando achar indulto d'esta voluntaria falta em vossa proverbial indulgencia. Consola-me a certeza de que os generosos doadores encontrarão seus nomes registrados nos annexos á este relatorio.

Acabaste de ouvir a descorada chronica dos trabalhos sociaes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro no anno prestes a findar, permitti-me agora uma ultima deprecação :

Se meus mesquinhos serviços, no longo periodo de mais de 13 annos, merecem de vossa parte algum galardão seja elle o exonerar-me do cargo, que immerecidamente occupo, e cujo exacto cumprimento torna-se hoje incompativel com o arruinado estado de minha saude.

DISCURSO

DO ORADOR DR. BENJAMIN FRANKLIN RAMIZ GALVÃO.

Oneroso encargo é sempre, senhores, batalhar na arena em que os mais distinctos talentos provaram a sua pujança e os grandes recursos de uma sciencia adquirida em largos annos sobre a rude mesa do trabalho. Que onus não será então sopesar o discipulo a clava herculea do mestre, arcar n'esta cadeira com as vivas recordações da eloquencia de Porto-Alegre, o epico e magestoso cantor do Colombo, ou com a de Macedo, o suaviloquo bardo da Nebulosa?

Ainda aqui vividos resoam os elogios de Antonio Carlos e S. Leopoldo, Eusebio e Lamartine, com toda a gala e todo o esplendor da palavra que os proferiu. Comprehendeis, pois illustrados consocios, a difficuldade d'este commettimento, a que de certo me não abalançára, conscio da propria fraqueza, se me fôra licito recusar ao mestre os insignificantes fructos de uma intelligencia que elle aviventou com suas lições e com o seu nobre exemplo, e se, além do mais não contára com a vossa nunca desmentida benevolencia e amizade.

Pallido reflexo de glorias que por aqui passaram, serviráõ minhas palavras para engrandecer o que hoje por circumstancias extraordinarias não podeis ouvir dos labios do orador do Instituto. Tereis duas saudades a lamentar: a dos nobilissimos vultos que se perderam para sempre, porque lá foram caminho da morte, e a ausencia do mavioso cantor, a quem competira eternisar-lhes o nome n'esse estylo florido, elegante e numeroso, que é todo seu; mas a magnitude do assumpto assegura-me desde já o vosso perdão, porque « em nobre empreza a mesma queda é nobre »; e porque se me é permittida a comparação, haveis de perdoar a Isocrates os

defeitos de sua pouca inspiração, já que elle celebra as grandezas de Athenas e de seus filhos.

Senhores, o anjo da morte desceu ainda uma vez ao seio do Instituto, e durante o anno que findou roubou-lhe cinco dos seus mais estimados ornamentos. Inexoravel, não ouviu o soluço dos amigos nem os lamentos da patria, nem os prantos sentidos da sciencia e os do Instituto. Mas embalde, a historia, que é a mestra da vida e a testemunha dos tempos encarrega-se de burilar nos seus marmores perennes o nome dos heróes que succumbiram; a gratidão nacional levanta estatua a este; áquelle as gerações posteras cobrem de louros sempre virentes, e ainda ao que preferíra viver nos recessos da obscuridade ergue thronos de uma luz que se não apaga, luz de um sol que não tem manchas e que não descahe no occidente, porque a verdade filha do céo, é um ponto fixo e incorruptivel sobre os immensos paramos do mundo moral.

Os homens, sentimos a morte de nossos directos irmãos de trabalho, e lamentamos a sua perda, porque o coração é um instrumento magico, que vibra sempre sobre a impressão de certa ordem de factos; a patria chora sobre o tumulo de seus filhos queridos, porque elles lhe fazem falta, e porque o bom cidadão é um elemento de prosperidade, que se não perde impunemente: a sciencia, a sagrada deusa da sciencia, cobre-se de crepe quando lhe roubam uma de suas candidas vestaes, porque o numero d'ellas é sempre pequeno, e o côro mysterioso destôa se lhe fallece alguma de suas notas peregrinas. Pelo esquecimento, não! Esquecem-se os vaidosos da terra, os parasitas sociaes, os fatuos que incensaram ao prazer e ao gozo dos sentidos, porque todos elles são como o tenue fumo, que agora se ennovella e d'aqui a pouco não subsistirá mais; mas não se apaga com a morte a lembrança dos bons servidores da patria, nem a dos paladinos d'esta

cruzada idealista, que é immortal por isso mesmo que não sonha com os thesouros da materia contingente.

Esquece-se a riqueza, a formosura, e até o crime; mas a virtude e a inteirzea de Phocion, o desinteresse de Cincinnato, o genio de Homero e Dante, esses irão até ás ultimas gerações, e rodeados sempre de uma auréola divina e da benção dos seculos.

Imaginai a arvore robusta de nossas florestas americanas. O tufão vertiginoso a desfolha e despe-a de flôres; a fouce cruel dos desvastadores lacera-a e desgalha; o tempo a desnuda e corroe-lhe o alburno; mas o cerne é incorruptivel e invulneravel; pois bem! é como o cerne da arvore symbolica da humanidade esta geração nunca interrompida de lidadores da idéa e apostolos do dever.

E' em honra d'elles que o Instituto vem hoje pagar sua divida sagrada de todos os annos, ainda que pelo orgão do mais humilde de seus membros.

Giacomo Raja Gabaglia, de origem hespanhola nasceu em Montevidéo, provincia cisplatina, a 28 de Julho de 1826, e era filho de Caetano Raja e de D. Carlota Raja.

Dedicado á carreira das armas, mais talvez por vontade de seus pais do que por vocação propria, assentou praça de aspirante de marinha em 4 de março de 1839, e ao cabo dos 3 annos de estudos da academia foi nomeado guarda-marinha a 24 de Novembro de 1842. Feita sua viagem de instrucção na fragata *Paraguassú*, foi promovido por lei a 2.º tenente em 23 de Julho de 1844.

Não cuideis, senhores que se vai desenrolar d'ora em diante a vida de um valente filho dos mares, ou de um desassombrado guerreiro de cem batalhas. Seduziam menos ao genio calmo e pensador de Gabaglia as glorias de Nelson e Farragut do que as palmas virentes colhidas no retiro do gabinete pelo homem de sciencia.

Não se fazem as vocações. Collocado na vastidão do oceano, e entregue ao furor dos elementos que ameaçam submergir a nave alterosa, nosso consocio seria talvez o mais timido inexperiente dos pilotos; no retiro do sabio e entregue aos vôos da meditação profunda, foi consciencioso algebrista e um dos distinctos mathematicos que o Brasil tem possuido.

Desejoso de adiantar conhecimentos de que seu espirito era avido, pediu e obteve licença em 30 de Junho de 1847 para frequentar o curso da escola militar, onde alcançou merecidamente e com geraes applausos, a carta de bacharel em mathematicas a 30 de Novembro de 1853. Mas já antes a perola fôra descoberta, por muito que a quizessem esconder os escrupulos da modestia; o merecimento real é como a régia victoria dos igarapés amazonicos: tem raizes no leito dos rios, mas sóbe sempre á tona d'agua para desabrochar-se em flores de esplendida belleza.

Antes de bacharel, já o governo imperial o achára digno de sentar-se n'aquellas mesmas cadeiras, de onde ouvira Gabaglia as sabias lições de seus mestres; em 30 de Setembro de 1851 foi nomeado lente substituto da academia de marinha, e a 3 de março de 1852 promovido por antiguidade ao posto de 1.° tenente da armada.

Estava assentada sua vida, e enriquecido o magisterio com uma das mais dignas acquisições que por ventura poderia fazer.

Mas o homem de talento é um mineiro infatigavel que nunca chegou aos ultimos e ambicionados limites de sua exploração. Livingstones de outra ordem de regiões, conhecem sempre a immensidade do que ignoram, e não ha contrariedades que os demovam de estudar e aprender.

Gabaglia sentia que lhe faltava um campo mais vasto, um theatro de applicações mais extenso e digno de seu talento. Foi este o movel de sua viagem em 1854, á Europa onde se

applicou á hydraulica com summa especialidade e notavel aproveitamento.

Alli dilatou o circulo de suas idéas; em meio dos sabios enriqueceu-se de thesouros que não morrem, e o que é mais importante, bebeu uma somma de conhecimentos, que só a observação propria póde dar, e que mais tarde vieram ter applicação feliz no seio da patria, no desempenho de commissões scientificas de que o governo imperial o achou sempre digno.

Quatro longos annos durou essa ausencia do bom cidadão, porém foi uma ausencia d'essas que não doem, mas aproveitam, porque o bom cidadão volta melhor, mais util e mais rico para o seu paiz, como esses rios que em tortuoso giro demoram seu tributo ao oceano, mas, quando o prestam, vêm caudalosos com as aguas de cem tributarios.

Ainda ausente Gabaglia mereceu em 14 de setembro de 1855 a nomeação por decreto de lente cathedratico da então academia, e em 22 de Maio de 1858 a de lente da 1.ª cadeira do 2º anno da escola de marinha, que n'esse anno passára por modificações radicaes.

Chegado que foi em 1859, não lhe foi dado o repouso, porque estava nomeado desde 7 de Março de 1857 para membro da secção astronomica e geographica da commissão scientifica encarregada da exploração de algumas provincias do norte do Imperio. Partiu, pois, incontinente para o Ceará onde se achavam então os seus companheiros do trabalho sob a direcção do sempre memoravel e respeitavel botanico Freire Allemão.

Nunca se preparou no Brasil, senhores, uma commissão com iguaes elementos de grandeza, mas tambem é força dizer, nunca de maiores promessas surgiram resultados tão exiguos. O patriotismo e intelligencia de quem o animou, o talento dos especialistas a quem foram confiados os traba-

lhos arduos mais gloriosos e utilissimos de semelhante exploração; os recursos materiaes que não faltaram, tudo, fazia presagiar uma abundante colheita de louros, e um manancial de riquezas para a historia natural, civil e politica d'aquellas partes do vasto Imperio americano.

Por má sina assim não aconteceu. Fosse quaes fossem as causas d'essa calamidade, não nos é dado agora investigar; o que cumpre saber-se, senhores, é que Gabaglia, o nosso consocio, foi de quantos alli estiveram menos responsavel, porque em fins de 1859 já encontrou o monumento em ruinas.

Numerosas commissões foram desde então incumbidas a Gabaglia: em 23 de Setembro de 1860 foi nomeado para ir ao Maranhão proceder a exames na construcção do dique, e d'ahi proveio uma renhida discussão que travou com o grande mathematico Gomes de Sousa: em 2 de Abril de 1862 nomearam-no para inspeccionar o trabalho da excavação do porto do Rio Grande do Sul, e examinar os trabalhos de desobstrucção do rio S. Gonçalo: em 10 de Março de 1863 para dar parecer sobre as causas do desabamento das obras da alfandega e propôr os meios de as reparar; em 26 de Maio do mesmo anno para dar a opinião sobre as obras do dique imperial; em 8 de Junho seguinte para o lugar de engenheiro das construcções hydraulicas do arsenal de marinha: em 20 de Junho de 1864 para ir a Pernambuco estudar os effeitos do rompimento do isthmo de Olinda; em 1866 membro de uma das commissões encarregadas de estudar a exposição nacional d'esta côrte: em 15 de Março de 1867 para ir estudar e propôr os meios de obviar a falta d'agua, que se dá em certas estações do anno na fabrica da polvora da Estrella; e a 3 de Maio seguinte para organisar o projecto de regulamento, que tinha de servir de base á introducção do systema metrico no paiz.

De todas estas numerosas e difficeis incumbencias, senhores, deu conta o nosso consocio, e sempre de modo digno de seus reconhecidos talentos.

Partia para onde quer que a patria reclamasse os seus serviços, e quando findava as suas commissões extraordinarias, ahi vinha o mestre jubiloso sentar-se na sua cadeira de mathematicas superiores onde o ouviram muitas das notabilidades, que hoje fulguram nos quadros da marinha brasileira. Mestre no rigor da palavra, reunia á grande sciencia amor ao ensino. Ameno no trato, mas severo e integro na distribuição da justiça; docil e paciente para quem queria aproveitar dos seus elevados conhecimentos na difficil e arida especialidade do calculo superior, mas juiz inexoravel dos descuidosos, que só em atulhar as academias e affrontar os actos publicos sob o manto protector das recommendações immoraes; claro, exacto e preciso na exposição da doutrina, mas a um tempo elegante e para bem dizer diserto todas as vezes que o assumpto o permittia; trabalhador incansavel e consciencioso; engenho capaz de descobrir, posto que nunca houvesse feito garbo de taes descobrimentos; eis, senhores, o que era Gabaglia na rude missão de educador da mocidade e sentado n'essas cadeiras, quasi altares, onde deve sempre arder o fogo sagrado da sciencia, e da probidade.

Por muito repitida não deixa de ter sempre feliz applicação aquella imagem, que compara a juventude á molle céra susceptivel de todas as impressões. E' dos mestres que depende o seu adiantamento intellectual e moral, e por consequencia o futuro da patria, porque como a amphora das immorredouras odes de Horacio, guardam sempre os moços o aroma dos balsamos, que primeiro sentiram. Os preceptores são a columna de fogo do deserto; ai dos destinos de todo o paiz onde até lá sóbe a onda da immoralidade e do despresti-

gio, onde escasseam ou fallecem no *corpo* do magisterio esses dotes de honradez e inteireza, que constituem a primeira garantia do bom desempenho da profissão, e que a bem de sua memoria cumpre dizer bem alto, eram a feição carecteristica do distincto Gabaglia.

Dedicado ao estabelecimento onde professava, era alli alvo de respeito geral, e ao mesmo tempo o iniciador de todas as reformas e melhoramentos de organisação, porque na escola de marinha passou o ensino em varias épocas.

Membro de diversas associações scientificas e industriaes, trabalhou n'ellas com reconhecido zelo, e se me é licita uma menção especial, apontarei a Sociedade Auxiliadora da Industria Nacional, onde seus luminosos pareceres eram constantemente acolhidos com applauso, e por assim dizer o pharol das resoluções d'aquella assembléa. O Instituto historico, para cujo gremio entrou no anno de 1858, apreciou varios de seus trabalhos, entre os quaes não será ocioso apontar o esclarecido parecer que deu sobre a memoria do conde de la Hure — Exploração do Rio Parahyba do Sul.

Subiu a capitão-tenente em 2 de Dezembro de 1861, e n'esse posto se reformou a 14 de Maio de 1868, quando já contava 29 annos de incessantes serviços ao paiz.

Fôra agraciado em 1859 com o habito da ordem de S. Bento d'Aviz, e em 1867 pelos seus trabalhos na exposição nacional com o de cavalleiro de Christo.

Casára-se em 1861 com D. Maria da Natividade de Albuquerque Barros, e d'este consorcio houve cinco filhos que ainda vivem, mas que infelizmente, senhores, não tiveram permissão de admirar, adolescentes, as provadas virtudes de seu progenitor, porque a hora fatal de nosso consocio soou a 23 de Janeiro do anno que corre.

A morte bateu à casa do pobre trabalhador, que aliás a recebeu com a firmeza de um christão, cortando-lhe os dias,

roubou á infeliz viuva debulhada em lagrimas o seu consolo unico na terra, aos tenros orphãos o amparo de seu legitimo protector ; aos amigos, á sciencia, á patria, a todos um valioso thesouro. Só uma cousa não pòde roubar ; foi a idéa da honra e da probidade, que ainda alli vagueia sob os tectos d'aquelle tugurio, e que ha de ser o sol vivificador das virtudes da progenie de nosso chorado consocio.

Ernesto Ferreira França era uma alma grande, que soffrêra todos os embates da fortuna, conseguindo manter illeso o nome prestigioso de seus pais e os merecidos fóros de homem intelligente e probo.

Talento não vulgar, inteireza de caracter e um animo sobranceiro a todas as contrariedades, que o saltearam durantes largos annos de vida, eis os seus traços caracteristicos.

Em extensa carreira publica de 47 annos prestou sem descanço serviços á patria, ora sentado na veneravel cadeira de juiz como arbitro do destino dos seus concidadãos, ora, nas fileiras do partido politico, a que dedicou os melhores dias de sua mocidade ; aqui na representação nacional, onde por mais de uma vez o elevou a gratidão do povo ; alli em paizes longinquos a desempenhar commissões diplomaticas de elevado merecimento ; acolá sentado nos conselhos da corôa e gerir os negocios do paiz em épocas anormaes e difficeis. França ostentou sempre grande cabedal de conhecimentos, patriotismo inexcedivel e um desinteresse que só tinha igual na modestia e affabilidade de suas maneiras.

O mundo costuma dizer, senhores, que se prezam os talentos e o merito dos homens pelos fructos de sua intelligencia. Não creio que isso seja sempre verdade na vária e inconstante politica, onde os mais provados talentos têm feito governos estereis senão perniciosos á patria. Mil circumstancias independentes da vontade de quem administra,

e que só em empecer a marcha dos acontecimeutos e desfazer os planos mais bem combinados ; a mutabilidade dos partidos que nem sempre se têm ao ponto fixo d'onde partiram, a luta dos interesses particulares e das paixões que são companheiras inseparaveis do homem e mais que todos, ao homem politico, tudo isso contraria as concepções theoricas do melhor talento, e póde concorrer para esterilisar uma administração annunciada sob os melhores auspicios, e garantida pelo saber dos homens de gabinete, que se lhe puzeram á frente.

A vida administrativa de Ernesto Ferreira França não foi talvez correspondente ao que se podéra esperar de seus elevados cabedaes scientificos e litterarios, mas a historia ha de sempre fazer justiça ás intenções nobres e puras do ministro de estrangeiros do gabinete de 2 de Fevereiro de 1844.

Eleito deputado geral por Pernambuco, quatro vezes pela Bahia, sua provincia natal, e outra por Minas-Geraes, occupou Ernesto Ferreira França uma cadeira na camara temporaria, desde o anno de 1830 até o de 1847, e em todas as discussões em que se envolveu patenteou-se nobre, leal e notavelmente illustrado, como sempre folgaram de o conhecer quantos trataram de perto o digno primogenito de Antonio França o patriota da independencia e das primeiras lutas politicas do paiz.

Acariciado pela benevolencia do governo de 1847, e gozando de justa nomeada na provincia de Pernambuco, que já uma vez o achára digno de represental-a na camara temporaria, foi honrado com o voto dos distinctos filhos de Vidal de Negreiros para uma cadeira no senado, mas a politica não assentiu : a força das maiorias ostentou o seu predominio ; primeira e segunda vez o conselheiro Ernesto França foi rejeitado pelo Senado, e annullada a sua eleição.

Data d'ahi, senhores, a retirada de nosso consocio da arena politica, onde não é raro que se gastem o physico e o moral dos lutadores. Como que a vida se esvae aos poucos n'esse torvelinho de ambições, n'esse oceano inquieto de decepções e prazeres, de recriminações e apotheoses, qual mais eivada de fel, qual mais inspirada pelos caprichos da parcialidade partidaria.

Beatus ille qui procul negotiis, dizia o sempre admirado Horacio ; ainda mais feliz, senhores, o que, depois de haver affrontado os perigos da carreira politica, consegue chegar ao porto dos ultimos dias da vida com a bandeira da honra e da dignidade salva no naufragio das posições elevadas. O conselheiro Ernesto Ferreira Fran ça, que começára sua vida publica nas cadeiras da magistratura, e conseguira ser nomeado desembargador desde 1832, isto é, aos 28 annos de idade, voltou em 1847 aos primeiros arraiaes, onde brilharam suas eminentes qualidades, e eil-o ahi está de novo sustendo a balança de Astréa com aquella firmeza que nunca jámais lhe recusaram seus mais encarniçados inimigos.

Volvia maduro e rico de experiencia á solemne missão do juiz. Como vinha tão outro o cidadão que exhuberante de vida fôra em 1838 aos Estados-Unidos em missão diplomatica, que pouco mais tarde negociou como plenipotenciario o casamento da Serenissima Princeza a Sra. D. Januaria, e em 1845 o tratado com a Inglaterra, de que tanto se preoccuparam os animos n'aquella época de continuas inquietações.

Mudado no aspecto e na figura, já brancos os cabellos, só não mudára senão para melhor o vigor d'alma, que começára a retemperar-se na escola da adversidade e das desillusões, e que foi d'ahi em diante sua melhor arma contra os açoites da mesma fortuna : « *Æquam rebus in arduis servare men tem.*

Em 1857 foi-lhe passada por direito de antiguidade a nomeação de ministro do supremo tribunal de justiça, ponto culminante da carreira que encetára em 1824 ; como juiz de fóra da cidade de S. Paulo ; foi ao menos um consolo para o nosso chorado collega vêr premiado o esforço de seus dias de juventude com a cadeira curul, que nem maiorias derrocam, nem partidos discutem.

O honrado lidador teve, pois, occasião de prestar ainda assignalados serviços á sua patria, e não obstante a decadencia de forças, os prestou, porque nunca pôde comprehender senão á antiga o que se chama o *dever*.

Ernesto Ferreira França, desempenhou ainda por espaço de 15 annos as funcções de ministro do supremo tribunal de justiça, e alli foram sempre acatados os seus pareceres, como filhos de estudo muito serio e alma muito independente.

Ambição de riquezas, essa nunca pairou sequer um momento em espirito tão bem dotado por Deus.

No meio das posições mais eminentes, e cercado das mil seducções que as acompanham, viveu pobre, muito pobre. O pouquissimo que lhe podia sobrar de seus redditos distribuia-o em esmolas, porque era uma alma essencialmente christã. Sua virtuosa esposa e seus filhos educados na mesma escola eram outros tantos advogados da pobreza desvalida, de sorte que bem se podia dizer : n'aquella casa havia o espirito de Deus.

Nos seus ultimos dias de vida, França consumido pelas dôres atrozes da enfermidade, posto que consolado e contricto porque os balsamos da religião de Christo o alliviaram sempre ; rodeado de filhos muito amados, mas a quem os favores do mundo não acariciaram ; certo da morte, mas incerto do que seria da infeliz familia, em meio de extrema, de incomparavel pobreza ; n'esses dias angustiosos, senhores,

o conselheiro França offerecia, a quem o visitasse, um quadro doloroso e digno do mais acabado pincel. Aquella casa, por assim dizer em cinzas, o fogo da caridade a extinguira, mas a mesma caridade parece que ainda a sustinha.

Emfim, o lidador cahiu extenuado de forças; o Senhor era servido de chamal-o á morada dos justos.

Imaginai, consocios, a hora derradeira do virtuoso filho de Christo, purificado nas aguas lustraes da penitencia, todo elle santificado pelo corpo do proprio Deus, os olhos já annuviados mas ainda fitos no martyr de Golgotha; tremulos, pallidos os labios, mas ainda capazes de uma oração extrema: « Deus! diria o justo, meus pobres filhos! » E a alma voou aos pés do Infinito.

D'alli elle vê cumprido o seu derradeiro voto, porque a Magestade, que é divina quando dá pão aos pobres, estendeu o seu manto de purpura sobre a virtuosa familia do benemerito da patria!

A Bahia, antiga Athenas do Brasil, tem tido o privilegio de ver nascer em seu seio alguns dos mais conspicuos varões que na politica, nas sciencias e nas letras aqui têm brilhado.

Francisco Gonçalves Martins, filho do capitão Raymundo Gonçalves Martins, viu a luz do dia na villa de Santo Amaro, na primeira decada d'este seculo.

Segundo o costume d'aquelles tempos, seguiu ainda muito moço para Portugal, e depois de haver cursado os estudos do seminario de Cernache do Bom Jardim, prioral do Crato, matriculou-se na universidade de Coimbra, fonte de luz onde foram beber instrucção tantos dos jovens brasileiros, que enveredavam o caminho das altas posições.

Alli mesmo devia o ardente mancebo provar os impetos de seu genio ambicioso de glorias; e, electrisado pela centelha da liberdade que rutilava nas bandeiras do partido de

D. Maria II, tomou armas com o corpo academico e pôz-se em campo contra as forças miguelistas.

O desinteresse e a espontaneidade d'este primeiro acto de sua vida é o signal precursor dos generosos sentimentos, que deviam mais tarde sellar os passos de sua carreira politica e administrativa no Brasil.

Gonçalves Martins não havia ainda então ultimado o seu curso juridico na universidade; mas que lhe importavam conveniencias perdidas,se no coração borbulhavam-lhe grandes sentimentos de cavalheirismo, e se alli estava uma causa nobre e sympathica para defender á custa da propria vida?

Felizmente, senhores, a Providencia deu outro andar aos acontecimentos, e Gonçalves Martins não teve por castigo de sua ousadia senão a necessidade de emigrar para Inglaterra, d'onde partiu incontinente para o seio da patria.

Seus elevados dotes deviam ser logo aproveitados ao serviço da melhor das causas. Foi nomeado secretario do curso juridico de Olinda,que acabava de organisar-se;mas o ardente mancebo sonhava com louros de outro genero e mais vastos horizontes,e pois se deixou ficar na cidade da Bahia militando nas fileiras da politica activa,redigindo folhas em que a sua penna facil começou de revelar grandes promessas, e como que preparando o terreno onde esperava assentar o primeiro degráo de sua vida politica.

Não tardou muito a realização dos sonhos fagueiros; a sua nomeação para chefe da policia da capital da provincia foi o almejado conforto de uma tardança, quiçá bastante longa para quem tanto ardia em aspirações de mais elevada esphera.

As circumstancias favoreceram-o. Os espiritos incendidos desde a regencia de Feijó não se reprimiam cautelosos senão porque não surgira uma voz audaz que despertasse o movimento. São sempre assim as revoluções; o desgosto e

a decepção lavram surdos na sociedade, começam por minar os alicerces do edificio, amontoam os materiaes da explosão, e á semelhança dos grandes cataclysmos physicos que não se denunciam senão por longinquos mugidos da natureza, e só estalam quando a primeira lava assoberba a cratera, assim as revoluções só esperam pelo primeiro grito de alarma na praça publica.

Rebentou na Bahia a revolução do Sabino a 7 de Novembro de 1837, quando Gonçalves Martins ainda exercia o cargo importante de chefe de policia d'aquella cidade.

Houve e talvez ainda haja quem accuse o honrado funccionario de pactuar com aquelles sediciosos, cujos planos, se disse, a Gonçalves Martins não eram desconhecidos; mas o espirito de partido parece haver desnaturado os factos, cuja verdade historica acreditamos haver obtido de minuciosas e imparciaes indagações.

Eram de facto conhecidos de nosso consocio os movimentos, que ás escuras se planejavam contra a ordem e a legalidade; mas denunciou-os por mais de uma vez ao presidente da provincia, o qual não desenvolveu a precisa actividade para suffocar a hydra em seu berço, porque confiava demais nas informações fleugmaticas de outras autoridades e de boa fé acreditava ter por si toda a força de policia da capital.

Debalde o advertia Gonçalves Martins cauteloso e animado de um zelo, que se não póde senão elogiar; o senador Paraizo respeitava o plano da inercia que se havia imposto.

Surgiram emfim os graves acontecimentos do dia 7, o valioso chefe de policia viu com grande magoa que se realizavam as suas previsões, e que os proprios guardas da lei se bandeavam para as legiões de Rocha Vieira.

Diante d'estas circumstancias verdadeiramente criticas, Gonçalves Martins não tinha outro partido a tomar senão fugir da capital para organisar fóra elementos de resistencia,

e vir com elles supplantar os commettimentos da republica bahiense.

No dia 14 entrava em Santo Amaro um homem, fatigado por jornadas, quasi exhausto de forças, coberto do pó das estradas e denunciando no rosto sensivel e profundo abalo moral. Era o chefe de policia que atravessára a pé as distancias e viéra por todo o reconcavo exaltando os animos para a luta da legalidade e soltando vivas enthusiasticos ao Imperador menor.

Gonçalves Martins, senhores, prestou então relevantes serviços á causa da ordem, e muito a elle se deve d'aquelle feliz andamento das operações ultimadas pelos combates de 14, 15 e 16 de Março de 1838, que puzeram termo á rebellião.

De volta á capital continuou ainda com outros presidentes a servir no honroso cargo de chefe de policia; e breve o galardoava o povo agradecido com o diploma de deputado provincial.

D'ahi a deputado geral pela sua provincia era um passo. Recebeu este mandato durante varias legislaturas, e por decreto de primeiro de Maio de 1851 foi escolhido senador.

Mas o magistrado não desamparára sua toga veneravel; pouco depois de chefe de policia subiu a desembargador da relação da Bahia, sendo nomeado desde logo para presidil-a, e mais tarde se aposentou em ministro do supremo tribunal de justiça.

Quando em 1848 subiu ao poder o partido conservador, em cujas fileiras militára sempre e sem quebra o eximio Francisco Gonçalves Martins, entendeu-se que elle pudéra prestar bons serviços á frente de sua provincia natal, que ainda ninguem, talvez, amou mais estremecidamente, e de feito sobre elle recahiu a nomeação de presidente da Bahia-

As recordações que ainda subsistem, senhores, d'essa fe.

liz administração illustram a quem tudo sacrificou pela honra da provincia, e aos que souberam elevar o merito, dando-lhe posição tão distincta.

Muitos e grandes melhoramentos da cidade partiram d'esse governo sensato, desapaixonado e patriotico, que teve o segredo de mandar sem comprimir, e de reprimir sem ostentação de força e poderio.

Uma questão de honra para a Bahia e para a sua administração, filha aliás dos mais justos desejos de plantar o progresso e dar incremento á lavoura do paiz, nasceu n'essa occasião e foi talvez o ponto inicial de toda a guerra que mais tarde soffreu, e dos muitos desgostos que o acabrunháram na ultima phase da vida.

Faça ao menos a posteridade justiça de crer que as intenções de Gonçalves Martins foram as mais puras e patrioticas, e que se o homem se onerou com embaraços que nunca mais desappareceram, o administrador deixou o palacio do governo com as mãos limpas, e com a frente erguida de cidadão honesto.

Chamado em 1852 para a pasta do Imperio, não hesitou em sentar-se nos conselhos da corôa, e esforçou-se por desempenhar as elevadas funcções inherentes á distincta posição que assumira; ainda por espaço de alguns annos concorreu ás sessões no senado, mas os seus negocios particulares exigiram depois que se retirasse da vida publica, onde ao lado das honras colhêra angustias e amargos fructos de illusão.

Entremos, senhores, entremos n'aquella casa pobre mas honrada, e admiremos o velho senador do Imperio a repartir suas horas entre o trabalho assiduo de lavrador e o ameno trato dos livros, esses companheiros que tanto o consoláram nas sombrias noites da afflicção e do desespero.

Novo Cincinnato, para levantar sua casa em ruinas, rasgava

o seio da terra, e pedia aos trabalhos rusticos o que as obrigações da vida publica lhe roubaram.

Não dissipava thesouros nas côrtes ruidosas, nem consumia nos antros do vicio a fortuna; trabalhava para satisfazer os empenhos da honra, e esse trabalho era duas vezes nobre.

Nas horas do repouso e da fadiga, seu refugio eram as paginas melancolicas e mimosos de Ovidio e de Virgilio, ou as obras admiraveis dos Santos Padres, onde Gonçalves Martins se desvanecia de confessar que aprendêra muito do que sabia.

Muitos annos passaram n'este afanoso lidar e em meio de desgostos que não pertencem á historia, senão porque cavá-ram cedo de mais a sepultura de um varão tão preclaro...

Mas Cincinnato podia acaso dormir ao lado da charrúa quando os deputados do Senado iam pedir-lhe que fosse salvar a republica? Gonçalves Martins, senhores, já então barão de S. Lourenço, havia militado sob o labaro da politica; as necessidades do partido reclamavam a sua palavra incisiva; não havia negar-lh'a, porque n'este labyrintho quem uma vez entrou ha-de enredar-se em suas galerias interminaveis; é o veneno que uma vez bebido nunca mais foi de todo eliminado: *hœret lateri lethalis arundo?*

Em 1865 o barão de S. Lourenço reapparece no Senado, e todo o vigor de sua eloquencia robustecida pelos annos e pelo trato dos bons livros cahe como uma clava sobre a situação dominante.

Ainda vivem na memoria esses discursos valentes na phrase, salpicados aqui e ácola, de uma satyra pungente ou de uma comparação feliz, notaveis todos pela erudição e pelos agudos conceitos de uma moral severa!

Nos annos subsequentes continuou a comparecer ao Senado, e quem alli o não visse, iria encontral-o, a elle, o homem

amargurado de soffrimentos moraes, no silencioso retiro de uma cella no convento dos religiosos franciscanos d'esta côrte. Quantas vezes ao cahir da tarde não passeára ao longo d'aquelles claustros desertos, trazendo no coração a dôr funda que mata aos poucos, e nos cilios como um esmalte de perola a lagrima que suavisa a angustia !...

A dedicação, senhores, d'este fiel servidor do Estado foi ainda uma vez reclamada quando no ministerio de 16 de Julho lhe deram a presidencia da Bahia. Foi este o seu derradeiro serviço á causa publica. Em fins do anno passado fez uma digressão pelas provincias meridionaes do Imperio, e quando já se dispunha para voltar aos lares patrios viu-se obrigado a fazer essa viagem a toda a pressa, porque recebêra a infausta noticia da morte de um de seus genros, o visconde de Passé.

Era talvez a Providencia que pretendia experimentar o lutador com este ultimo infortunio, e a um tempo chamal-o para a terra onde nascêra, para que o bahiano não exhalasse o derradeiro suspiro em tecto estranho. As auras que o bafejaram no berço deviam segredar-lhe canticos de mysteriosa cadencia n'aquelle repouso do *Campo Santo*, onde o povo agradecido e repassado de dôr conduziu aos hombros os restos mortaes de seu distincto presidente de 48.

Tal foi a vida de Francisco Gonçalves Martins, ultimamente visconde de S. Lourenço e commendador da ordem de Christo. Foi um dos homens que mais brilhante carreira tem feito entre nós, dedicado aos seus amigos, cavalheiro e generoso para com os proprios adversarios politicos e inimigos pessoaes, reconhecedor do merito onde quer que o visse e amigo de o elevar, trabalhador incansavel e honesto, espirito culto e grande alma propensa ao perdão, politico que acertou muitas vezes e outras tantas errou talvez, mas que tinha a grande virtude de confessar o erro e de reparal-o quando

as circumstancias o permittiam; cidadão muito ambicioso de glorias, mas incapaz de levantar os trophéos de seu triumpho sobre as ruinas de um companheiro; lhano no trato e ameno na conversa, despido de fôfas vaidades que tantas vezes empanam o merito, eis o que era nosso illustre consocio, tão cedo chamado á eternidade por aquelle que tudo vê e tudo move com o seu olhar divino!

Raiava o seculo XIX. O Brasil, ainda nas faxas coloniaes, como que presentia já os gloriosos dias que estavam por vir e esforçava-se por produzir cidadães dignos da Illiade pacifica de sua memoravel independencia, dos arduos trabalhos de sua organisação politica e administrativa. No meio d'essa pleiade de varões illustres, viu à luz do dia no Porto das Caixas, provincia do Rio de Janeiro, a 13 de Dezembro de 1802, Joaquim José Rodrigues Torres, filho de Manoel José Rodrigues Torres e de D. Emerenciana Mathildes Torres. Se costumes de outras eras ainda vigoravam, devêra esse dia ser assignalado nos fastos da honrada familia fluminense: *Dies albo notanda lapillo.*

O menino, que não tardou muito a saber o que então constituia o curso preparatorio do seminario de S. José, parte para Coimbra em 1821 e ahi se matricula na Universidade. Em 1825 Rodrigues Torres tem já um diploma de bacharel em mathematicas, e volta ufano aos lares patrios, onde acontecimentos extraordinarios o chamam. Em 1826 é nomeado lente substituto da então academia militar do Rio de Janeiro, e começa desde logo a exercer as delicadas funcções de seu emprego o joven mathematico de 23 annos de idade. Era muito cedo, dir-se-ha talvez; mas ha homens em quem o talento desabrocha com todo o vigor da mocidade; falta-lhes a erudição vasta que só os annos podem dar, mas a grandeza de concepções, o espirito de uma iniciativa, tudo isso brilha com a espontaneidade e o viço da primavera.

Em 1827 Rodrigues Torres volta á Europa em viagem de estudo, e ahi, applicado ás disciplinas de sua predilecção, se demora até 1829. Mas era já tempo de surgir em arena mais vasta um talento de tão bom quilate.

O sacerdocio do mestre é honroso, é nobre, tem consolações suaves, doces amarguras, mas é um sacrificio as mais das vezes ignorado, sepulto nos recessos da modestia esquiva.

O mestre é o homem que se immortaliza nas gerações que se formam em suas mãos e diante de seus olhos ; o mestre é o ponto luminoso que mil espelhos reflectem, é o mineiro que lavra ouro e diamantes. Mas é essa uma grandeza que o mundo não aprecia condignamente, porque o mundo applaude as gerações que passam, os talentos que brilham, as virtudes que adornam os caracteres, o ouro que enriquece as nações,mas não pergunta pelo mestre, que foi a fonte de luz e de moralidade,d'onde tudo proveio, nem pelo mineiro perseverante que excavou os seios da terra fecunda.

Demais, senhores, n'aquelles annos tempestuosos e climatericos em que o Brasil dava os primeiros passos na estrada das nações livres, n'aquelles annos mais do que nunca era forçoso se desviassem os melhores talentos de suas orbitas habituaes para o campo da politica e da alta administração do Estado, onde todas as virtudes e toda a illustração eram poucas para conjurar os males da anarchia ameaçadora e consolidar as instituições patrias.

O nosso finado consocio teve, pois, dupla razão para abandonar o campo de suas primeiras glorias, e atirar-se ao da politica, onde o esperavam louros immarcessiveis e um nome que os brasileiros hão de sempre admirar.

Nem penseis que foram perdidos aquelles annos gastos na resolução arida dos calculos, e na meditação das paginas de Archimedes e Newton.

A geometria teve talvez mais influencia sobre a brilhante carreira de Rodrigues Torres do que á primeira vista se pudéra pensar.

Aquella razão clara que reduzia todas as questões a seus principios fundamentaes; aquelle juizo seguro e essencialmente logico que previa o resultado das operações financeiras e dos acontecimentos; aquella argumentação pouco brilhante, mas severa e esmagadora dos seus discursos, que tanto nome deram desde o principio ao honrado visconde de Itaborahy, e que para assim dizer constituiam o traço caracteristico de sua individualidade, esses predicados, senhores os deveu senão ás mathematicas cujo privilegio é deixar no espirito de quem as estuda bem, signaes indeleveis de sua passagem, ainda quando tenham já cahido da memoria todas as theorias e operações do calculo enfadonho.

A sciencia dos numeros teve, tem e terá sempre detractores; mas, como já disse o sabio Poinsot em um famoso relatorio, tem-nos porque a sua luz importuna desfaz e aniquila os systemas balofos dos espiritos superficiaes; tem-nos porque, se as mathematicas desapparecem, um enxame de obras ridiculas começariam a se tornar sérias, e taes se fariam até sublimes.

Rodrigues Torres modelára seu espirito pela rigorosa exacção da filha de Pithagoras; foi d'ahi que provieram seus mais bellos triumphos na vida publica.

Chamado aos arraiaes da politica, mereceu desde logo as duas honras igualmente apreciaveis: a de sentar-se em 1832 nos conselhos da corôa, como ministro da marinha do gabinete de 8 de Novembro, e o voto de seus concidadãos para uma cadeira no parlamento pela provincia do Rio de Janeiro em 1833.

Seus talentos foram mais de uma vez aproveitados para esta pasta, que geriu ainda como membro dos gabinetes de

19 de Setembro de 1837, 23 de Maio de 1840 e 20 de Janeiro de 1843.

O primeiro d'estes gabinetes, é geralmente sabido, que prestou incalculaveis serviços a bem da ordem e da organisação de todos os ramos de serviço publico ; d'elle e de sua influencia partiram varias joias da legislação brasileira ; e se é verdade, senhores, que o espirito de partido póde haver desnaturado e levado além de seus justos limites a applicação de algumas leis, tambem é certo que se não póde dizer com precisão aonde deve parar a arma de que o legislador se serve para reprimir o abuso e as commoções da anarchia.

As leis são boas, dizia o proprio visconde de Itaborahy, em um dos annos de sua carreira politica ; precisamos de homens que as executem honrada e fielmente.

O gabinete de 19 de Setembro prestou bons serviços á causa publica, e Rodrigues Torres ainda muito posteriormente se ufanava de haver trabalhado com aquelles distinctos organisadores.

Mas a pasta da marinha não foi, nem podia ser então, o theatro de suas maiores glorias. Decadente e esteril, a armada n'aquella época não podia passar por modificações radicaes, nem tomar o desenvolvimento que fôra conveniente imprimir-lhe,porque tudo dependia de dispendios enormes, e o estado das finanças do paiz não esteve nunca tão precario e assustador.

Todavia Rodrigues Torres iniciou melhoramentos de organisação, e entre outras cousas propôz a creação do conselho naval em 1838, que só se veio a discutir e approvar mais tarde, em 1856.

Em 1848 Rodrigues Torres é chamado para a pasta da fazenda, e constitue-se um dos membros mais proeminentes no gabinete de 29 de Setembro. Ahi, em um governo de cerca de 5 annos, talvez o mais longo de quanto havemos

tido, ahi gravou seu nome com letras de ouro, e provou que o mathematico era tambem o mais habil especialista da sciencia financial e economica.

Organisou o Banco do Brasil, regularisou a circulação monetaria do paiz, que se achava em desordem immensa, cortou implacavel pelos abusos da administração, moralisou o serviço da fazenda, e quando ainda tantos elementos de prosperidade e de bem estar nos faltavam Rodrigues Torres conseguiu deixar saldos no thesouro, os primeiros que por ventura appareceram desde 1822.

A grandeza d'estes serviços e a sua competencia n'esta especialidade nunca ninguem os poderá negar, porque os preconceitos politicos confessaveis não vão, não devem ir até denegrir o merito e confundir o talento com as ruins mediocridades. Essa competencia a demonstrou nosso finado e illustre consocio em cem outras occasiões : na administração do Banco do Brasil que exerceu em 1855, no decurso de todas as discussões sobre materia economica, na discussão da lei bancaria, na da lei de 12 de Setembro por elle proposta, em que se revelou o engenho e o fundo essencialmente pratico de seu saber ; e emfim no emprestimo nacional contrahido pelo ministerio de 16 de Julho de 1868, de que foi ministro da Fazenda e prisidente do conselho.

Ainda não estão esquecidas as circumstancias criticas do Brasil n'aquella época, arrastado a uma guerra tremenda que nossos brios offendidos sustentavam contra o mais caviloso e sanguinario dos tyrannos da America ; as finanças em descalabro, o credito a abalar-se, as fontes de riqueza do paiz privadas de braços e de recursos.

Para onde ir ? Que fazer para evitar a vergonha, a derrota, a ruina ?

Rodrigues Torres foi ainda o cidadão illustre, que se não recusou ao serviço da patria ante a magnitude de taes diffi-

culdades. Tomou o leme do Estado, timoneiro provecto, soube quebrar o furor das ondas e impellida por ventos de feição, lá entrou a nave no porto almejado da paz, do bem-estar e da prosperidade.

Quando em 1870 Rodrigues Torres deixou o governo a guerra do Paraguay findára do modo o mais glorioso que se pudéra imaginar; melhoramentos de todo o genero se iniciavam por toda a parte, e as finanças estavam em tão bom pé, que o saldo reapparecêra nos orçamentos do Imperio.

Ordem, economia, repressão de abusos, foram os caracteristicos de sua administração por toda a parte em que esteve á frente dos negocios. A inspectoria geral da instrucção publica recorda-se ainda hoje com saudade do curto estadio de sua direcção; e se é verdade que por alli passáram depois Eusebio, o consumado estadista; Caetano da Silva, o douto diplomata, e frei José de Santa Maria Amaral, o sabio philosopho, não é menos certo, que ainda ninguem venceu a Rodrigues Torres em austeridade, dedicação e zelo pelo serviço publico, coragem e independencia de caracter.

A provincia do Rio de Janeiro teve-o á sua frente na época talvez mais importante e melindrosa de sua existencia, em 1835, quando logo após o acto addicional foi preciso organisal-a e dar á administração o seguro impulso, que conduziu este torrão brasileiro á prosperidade e á grandeza.

No conselho de Estado, para o qual foi nomeado em 1853, seus pareceres eram a obra prima da dialectica e da sabedoria, sempre que se tratava de questões relativas á sciencia economica.

No Senado, ao qual o eleváram os votos de seus concidadãos desde 1844, e onde teve a honra de sentar-se na mesma cadeira que deixára o eximio Diogo Antonio Feijó; no Senado foi sempre o alvo da veneração de seus coreligionarios politicos, e do respeito de seus proprios adversarios.

D'alli, com voz prophetica e um tom solemne, mais de uma vez, condemnou as theorias e os actos que considerava fataes ao credito do paiz e á prosperidade de seu estado financeiro ; e occasião houve em que suas previsões se realizaram uma por uma, com a certeza e infallibilidade dos calculos mathematicos. Tanta era a solidez dos principios em que o estadista se firmava.

Nos paizes estrangeiros, e mórmente na Inglaterra, seu nome era repetido com enthusiasmo pelos homens mais competentes desde o famoso ministerio de 48 ; e quando em épocas posteriores chegava áquelle paiz a noticia das alterações ministeriaes porque passavamos, o que pensais, senhores, que preocupava o espirito dos grandes capitalistas de Londres, o que perguntavam soffregos e anciosos á legação brasileira? Só perguntavam *se o Torres havia subido*. Este nome era o pharol de suas esperanças, porque este nome era a garantia do acerto na direcção dos negocios da fazenda.

Em 1867 o nosso finado consocio emprehendeu viagem á Europa, onde era justo que fosse brilhar talento tão laureado, e desde tanto tempo conhecido. Sua recepção em Londres foi das mais honrosas, e esta capital o objecto de sua particular predilecção , alli tratou com as summidades da sciencia economica, e o velho mundo pôde ver que não desmerecia o astro brasileiro, visto de mais perto e sem o prestigio das posições officiaes.

Foi em sua volta ao Imperio, em 1868, que se realizou na cidade de Pernambuco aquella ovação, que devia ser o prenuncio da sua nova e ultima ascenção ao poder.

Retirado da alta administração em Setembro de 1870 pelas evoluções da politica, teve ao menos a gloria de poder dizer, que a sua mão tremula de velho salvára ainda uma vez a náo do Estado.

Não lhe faltaram as honras da terra. Sua Magestade digná_

ra-se de condecoral-o com o officialato do Cruzeiro,e a 2 de Dezembro de 1854 dera-lhe o titulo de visconde de Itaborahy com grandeza. O governo hespanhol o agraciou com a grão-cruz da real e distincta ordem de Carlos III; e numerosas sociedades scientificas o honraram com seus titulos.

Mas tudo isto ainda é pouco, senhores, diante do consenso unanime de concidadãos e estrangeiros que á uma o declaravam ornamento da patria e notabilidade politica; tudo isto ainda é pouco diante do respeito e da amizade sincera de seus amigos e parentes, que o veneravam como a um patriarcha, porque Itaborahy, o cidadão austero, era esposo exemplar de costumes brando e affavel em seu trato, incapaz de uma offensa, eu quasi diria recatado e pudico como uma donzella, tanto era a delicadeza dos sentimentos que a mais fina educação soubéra incutir-lhe desdes os verdes annos da meninice.

Mas o destino, senhores, não respeita estas excellencias de intelligencia e de caracter. Deus, que tudo move ao seu aceno, decretou *ab eterno* que o homem teria no seio das rosas da ventura um espinho que o lembrasse de sua fraqueza e do pouco que valem os bens transitorios do mundo. Itaborahy, no meio de sua apparente felicidade, tinha uma dôr occulta que o pungia e que talvez lhe abreviasse os dias. Quem sabe ainda se as paixões partidarias não commetteram o crime de avivar-lhe a ferida cruel embebendo n'ella a arma do ridiculo zombeteiro e odiento?!...

No dia 8 de Janeiro d'este anno, victima de grave enfermidade, o visconde de Itaborahy, de saudosa memoria, voou aos pés do Eterno, deixando na sociedade brasileira um vacuo que se não preencherá tão cedo, porque uma alma tão nobre, um espirito culto, um juizo bem formado e uma illibada

honradez não são dotes communs com que a Providencia favoreça um povo todos os dias.

Rara avis in terris!

O Dr. Candido Borges Monteiro figurou entre os mais habeis cirurgiões da côrte, e ganhou nas lutas do magisterio uma nomeada que ainda os annos não apagaram, nem os vaivens da politica fizeram esquecer.

Filho do capitão de milicias José Borges Monteiro e de D. Gertrudes Maria da Conceição,e nascido n'esta cidade do Rio de Janeiro em 19 de Outubro de 1812, seus pais o destinaram, e pretenderam até coagil-o, a seguir a vida commercial. Não se imaginará facilmente a insistencia de pais pobres e illitteratos,que de uma parte não crêm firmemente na excellencia da carreira das letras,e de outra se vêm inhabilitados de recursos, para sustentar o academico por espaço de longos annos improductivos nos lyceus e nas escolas. Mas quem póde, senhores, desviar o sol de sua carreira ou obrigar a planta a vegetar sobre as aridas encostas do rochedo? O sol rompe as nuvens que o toldam e illumina o mundo; a planta estende-se em raizes que vão buscar na lympha o sustento e a vida, e se desabotôa em flôres ricas de perfumes e de viço.

Candido Borges tolerava os rigores da posição do caixeiro, mas furtava horas ao descanço e ao somno para alimentar o espirito e preparar-se nos estudos que deviam abrir-lhe as portas da academia.

Como era bella esta peleja das necessidades urgentes da vida com as nobilissimas aspirações de uma alma sonhadora e digna de seus elevados destinos! O presente o jungia ao carro da obscuridade, o futuro abria-lhe ao longe,de par em par, as portas do capitolio, e arroubado n'estas visões o menino-homem atirava-se á mesa do estudo sem tregoas, sem

descanço sem outro allivio que não fossem as doçuras da mesma sciencia. Como era bello e admiravel este combate. De um lado o ouro e do outro um livro; aqui as seducções da opulencia, alli as amarguras de um sacerdocio; e o menino-homem abraçava em delirio as paginas do livro calcando aos pés o symbolo da riqueza e dos prazeres. Dir-se-hia Hyppocrates despedindo os thesouros de Artaxerxes em um assomo de nobre orgulho que a Grecia inteira admirou!

Decorridos alguns annos, Candido Borges apresentou-se prompto para cursar a academia medica-cirurgica e revelou aos seus progenitores o proposito firme em que estava de não arredar uma linha do plano que havia concebido. Nobre pertinacia que só o genio allimentára!

Matriculado em 1827 no 1.º anno da referida escola, caminhar foi vencer e cobrir-se de glorias.

Formado em 1832, viu-se logo no anno seguinte contemplado na lista dos substitutos da sessão cirurgica da escola ao lado do Dr. José Mauricio Nunes Garcia, e não tardou muito em revelar os brilhantissimos dotes de cirurgião, com que a Providencia o mimoseára.

Em 1838 sustentou sua these sobre torção das arterias, e no meio dos applausos alcança a honrosa cadeira de medicina operatoria.

Ainda estão vivos e por ahi os laurêa a fama os discipulos que ouviram o grande professor de operações, incisivo, eloquente, nobre no gesto e na dicção arrebatador, ainda quando explicava as ingratas minudencias da anatomia topographica e da arte dos apparelhos.

Era ardua tarefa colher flôres em uma estrada juncada de urzes; mas no meio d'essas difficuldades resplandecia o talento, como no cadinho se prova o ouro.

A audacia e valentia de suas proposições demonstrava bem o que alli a convicção plantára em solidos fundamentos

de certeza. Ainda no recinto da escóla resoam, e de bocca em bocca se perpetuam na tradição as memoraveis palavras com que o defensor da torsão rematára uma de suas lições arrebatadoras: « Se meu filho estivesse a expirar, dizia elle, victima de uma hemorrhagia assustadora, e os cirurgiões do mundo inteiro optassem pela ligadura, eu torceria a arteria, porque salvaria meu filho! »

Na pratica, senhores, a mais feliz audacia, e uma pericia consumada deram-lhe em pouco tempo na côrte a palma de um dos primeiros, senão a de primeiro cirurgião brazileiro.

D'entre suas operações mais formosas seja-nos licito mencionar aqui a que lhe valeu elogios e titulos honrosos de varias associações européas: a ligadura da aorta abdominal, que antes d'elle só duas vezes fôra praticada no velho mundo e com resultado menos lisongeiro do que os colhidos pelo distincto professor da escola do Rio de Janeiro.

O capitolio estava perto, e em meio de ovações estrondozas o batalhador tinha já vencido as mais alcantiladas agruras da jornada.

Mas ah! por que a Circe traidora da politica veio seduzir o bem aventurado romeiro, segredando-lhe ao ouvido mysteriosas esperanças de uma celebridade fallaz?

Enganadora mãi d'agua, porque attrahiste com promessas o auspicioso herdeiro das glorias de Astley Cooper, e o enredaste no torvilho fatal das paixões e das lutas ominosas de uma politica esteril?.

Fallaste-lhe de palacios encantados de crystal, de nymphas alvinitentes, de rubis e diamantes? Crystal quebradiço, que se despedaça ao bater infrene dos interesses; nymphas que se transfiguram em serpes dolosas, cuja arma é a calumnia vil; rubis que não são senão as gottas de sangue tantas vezes

derramado na luta dos partidos, que a paixão conseguiu transformar em jogos de circo.

Mas a Circe mentirosa obteve o fructo de seus encantos, e Borges Monteiro, que marchava caminho da gloria, á frente da pleiade cirurgica do paiz, foi sentar praça de soldado na legião dos politicos. Em 1848 é eleito vereador da camara municipal, e consegue subir á presidencia por morte de Gabriel Getulio; logo depois deputado á assembléa provincial do Rio de Janeiro em duas legislaturas consecutivas; em 1853 deputado geral pela mesma provincia, e em 17 de Abril de 1857 escolhido senador do Imperio.

O que se póde dizer do homem politico? Todas as vezes, senhores, que houve occasião de ostentar o seu brilhantissimo talento, Candido Borges, á força de nobre capricho, soube manter a nomeada que a precedêra no recinto da assembléa.

O sempre lembrado Manoel Felizardo deveu-lhe uma defesa ciceronica, quando na camara dos deputados houve quem accusasse este insigne cidadão de prevaricações indignas de seu merito superior. E quando, logo ao começar a legislatura de 1853, alli se discutiu a validade dos titulos da eleição do Pará, foi ainda Candido Borges quem se atreveu, unico, leal, e sobranceiro diante de uma maioria compacta, a pugnar pelos direitos de um distincto liberal, seu adversario politico. Este acto de verdadeiro cavalheirismo illustrará sempre o nome de nosso finado consocio.

No senado, seus primeiros discursos foram eloquentissimos, e todos mereceram sempre os gabos e louvores de gregos e troyanos. « Fiel ás suas opiniões, disse-o ainda ha pouco a penna elegante de um de seus illustres companheiros de juventude, fiel ás suas opiniões, zeloso da liberdade e independencia de seu juizo, conselheiro altivo até a aspera ostentação de firmeza, Candido Borges Monteiro punha o

cumprimento de seus deveres de representante da nação e de homem politico acima de quaesquer outras considerações.»

Dedicado ás instituições do paiz e com especialidade á pessoa de S. M. o Imperador, mereceu desde 1846 a honra de ser nomeado medico da imperial camara, e n'este caracter assistiu ao nascimento das serenissimas princezas as Sras. D. Izabel e D. Leopoldina, e do principe D. Pedro.

Foi designado mais tarde, com o Sr. barão de Petropolis, para medico privativo das duas serenissimas princezas, e nomeado official-mór da casa imperial.

Os annos correram, senhores, e quando em 1866 a graciosa e chorada princeza a Sra. D. Leopoldina fez em companhia de seu augusto esposo a sua primeira viagem á Europa não hesitou em reclamar os serviços do illustre Dr. Candido Borges que havia assistido ao nascimento de seu primeiro filho, e que ao cabo d'essa digressão recebeu em premio de tão distinctos serviços o titulo de barão de Itaúna; ainda teve depois a honra de acompanhal-a em seus tres partos subsequentes, e assim na segunda como na terceira viagem que os augustos principes fizeram ás côrtes do mundo civilisado.

Ai! emmudecem aqui os labios do orador ao rememorar uma pagina de luto, que angustiou o Brasil inteiro desde o coração extremoso de um pae até o do ultimo cidadão dedicado á pessoa de seus queridos monarchas. Ha feridas, Senhor, que se não tocam impunemente; eu respeito a dôr solemne e eloquentissima em sua nudez; mas permitti-me dizer: O barão de Itaúna não estava ao lado do anjo brasileiro no momento angustioso de seus soffrimentos, talvez porque a mesma mão da morte o afastára receiosa e traiçoeira. Se alli estivéra, quem sabe? prodigio de dedicação obrára prodigios; lutára, gigante que elle era, lutára com

Asrael maldito ; no derradeiro transe offerecêra-se em holocausto, e talvez a vossa estremecida filha vivesse, porque o anjo de graça e de bondade merecia viver !

. . . .

Em 1861 o Dr. Candido Borges Monteiro, já conselheiro, recebeu a sua jubilação de lente da escóla de medicina, e de uma vez por todas julgou romper com as glorias que o elevaram na primeira phase de sua vida publica. Mero engano, porque o grande talento do cirurgião ainda deveria acordar em meio do vastissimo theatro das celebridades européas. Em suas viagens a Allemanha mais de uma vez tentou aperfeiçoar os estudos de medicina operatoria, que havia algum tempo abandonára; praticou operações nos hospitaes, recebeu numerosas saudações de homens muito notaveis da sciencia, percorreu clinicas com amor, e chegou a a estudar especialmente ophtalmologia no intuito de vir prestar serviços ao seu paiz quando aqui voltasse.

Não teve opportunidade de prestal-os, por motivos muito diversos. A politica o enredára demais nos anneis enganadores de sua coma, e quando em 1868 subiu ao poder o partido conservador representado na pessoa de seu chefe visconde de Itaborahy, o barão de Itauna foi chamado para presidir a provincia de S. Paulo. Era exigir muito do cidadão que já se sentia alquebrado de forças ; mas o barão de Itaúna seguiu para o desempenho de sua commissão, prevendo embora todos os espinhos e todas as dôres que o esperavam, porque os homens foram sempre os mesmos.

Em 1871 sabio designio labora na mente de S. M. o Imperador, e assim que lh'o permitte a nação, resolve sua partida para Europa, onde o augusto imperante tinha desejo muito justo de restabelecer a saude de S. M. a Imperatriz e o de admirar os fructos ingentes da civilisação e do progresso, que o continuo e indefesso governo desde o albor da

juventude lhe não consentira ver e estudar de perto, como se faz necessario a quem quer que dirige ou impera. O barão de Itaúna é ainda o medico escolhido para esta honrosa missão, e lá se foi no magestoso *Douro* sulcando o tumido oceano em procura das hospitaleiras plagas do velho mundo.

Saudações e vivas, homenagens á realeza e ao saber, tudo isso que fizeram aos imperiaes viajantes n'esses dez mezes de afanosa digressão ficará ternamente gravado na memoria dos brasileiros, porque se a saudade os pungiu pela ausencia, o justo amor proprio nacional se desvaneceu com os fructos d'ella. Pois bem, senhores! Itaúna, ao lado de seu Imperador, foi alvo de attenções suscitadas pelo proprio merito, e pôde dizer que ainda engolphado nos raios do sol, seu brilho não empallidecêra de todo.

Raia nos confins dourados do horizonte, bordada de rosicles e purpura, a aurora de 31 de Março de 1872. O povo se amontôa nas ruas e praças, um grito de ingente alegria ecôa do castello á Tijuca: é o Imperador que chega. Elle volta aos lares da patria, contente de a haver ennobrecido entre as nações cultas, contente de ver novamente estes céos e estes montes, esta bahia formosa e os filhos que seu augusto pae redimira. Itaúna alli vem amparando os tenros orphãos da sempre chorada princeza, talvez sonhando com os louros que o futuro reserva para estas vergonteas vicejantes do throno bem amado brasileiro.

Em premio de seus ultimos serviços, senhores, o nosso illustrado consocio foi agraciado por S. M. o Imperador com o titulo de visconde de Itaúna.

Havia chegado o menino-homem de 1827 á méta dos sonhos ardentes de sua mocidade, faltava-lhe alguma cousa para completal-os?

Não, as honras do mundo, porque em seu peito brilhavam a dignitaria da ordem da Rosa, a commenda da de

Christo, as grã-cruzes de Christo e Conceição de Portugal, a da ordem Ernestina da casa Ducal de Saxonia e a da Corôa de ferro da Austria.

Não, o favor e a admiração de seus conterraneos, porque o honraram com prova de estima, confiando-lhe commissões importantes; e laureando-o com o diploma de mestre dos cirurgiões do Brasil, são as provas de gratidão do monarcha, que solicito o elevou sempre na ordem de seus merecimentos e dos serviços prestados á sua imperial casa.

Que lhe faltava, senhores? Os bens da fortuna? Mas o menino-homem no dilemma fatal dos 15 annos trocára o ouro pelo livro, e era uma alma grande, que ainda nas lutas da pobreza honrosa sabia conservar toda a sua magestade e independencia!

Oh! faltava-lhe um sacrificio, para que o seduzido da politica enganadora não deixasse tragar a ultima gotta do calix fatidico.

Em 20 de Abril os seus correligionarios exigem do visconde de Itaúna, que aceite a pasta de ministro de agricultura e obras publicas; e em verdade ninguem mais do que elle estava no caso de beneficiar o paiz com melhoramentos de toda a ordem, porque acabava de ver e examinar os progressos da civilisação moderna nos paizes que por tantas vezes visitára com olhos perscrutadores de philosopho.

Mas era um sacrificio, consocios, porque o finado Itaúna não aceitava o fleumatico conselho de Cyneas, e as suas forças physicas de todo lhe fugiam. Uma voz secreta lhe bradava aos ouvidos aquellas nobres palavras de Arnaud: « *vous reposer! vous reposer! n'avons nous pas pour le repos l'éternité toute entière?!* » e o visconde de Itaúna já alquebrado pela enfermidade e pelos annos, trabalhava com afinco e inexcedivel actividade na gerencia dos negocios que corriam pela sua pasta.

Estava escripto que á imitação de Vespasiano cahiria como rei : « *decet imperatorem stantem mori.* » Atassalhado pela calumnia e pelo ridiculo, atado ao poste da flagellação, amargurado e desgostoso, mas trabalhando sempre, referendou o decreto relativo ao cabo telegraphico transatlantico, e havendo assignado a sua immortalidade morreu, porque devia cahir como rei.

MANUSCRIPTOS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1872.

PELO SR. DR. JUVENAL DE MELLO CARRAMANHOS

Noticia das solemnidades com que foi tomada a posse do senhorio da villa da Campanha da Princeza em o real nome de S. A. Real a Princeza do Brasil N. Senhora.

Carta topographica desde a ponte municipal em S. João d'El-rei até a ponte do Rio Elvas.

PELO SR. DR. RICARDO GUMBLETON DAUNT

Dois livrinhos (manuscriptos), dialecto arabico que pertenceram a um escravo africano, e que n'elles escrevia.

POR S. M. O IMPERADOR

Vocabulos indigenas e outros introduzidos no uso vulgar, colligidos pelo finado socio do Instituto Braz da Costa Rubim.

PELO SR. DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES.

Traslado authentico do assentamento da pedra angular do edificio da aula publica, que pretende levantar na villa de S. Bento dos Perises, na provincia do Maranhão, o professor João Miguel da Cruz, por meio de donativos particulares.

PELO SR. VISCONDE DE FERREIRA

Auto original e authentico da autopsia praticada no cadaver de S. M. I. o Sr. duque de Bragança, 1º imperador do Brasil.

PELO SR. MIGUEL RIBEIRO LISBOA

Descripção das serras do Parú e Almeirim, de Maracá e de alguns de seus valles.

PELO SR. TENENTE-CORONEL PEDRO TORQUATO XAVIER DE BRITO

Indice analytico das materias contidas no 1º vol. da Revista do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Apontamentos para a biographia do major do imperial corpo de engenheiros Luiz d'Alincourt.

PELA COMMISSÃO ENCARREGADA DO MONUMENTO DA ESTATUA DE GONÇALVES DIAS

Cópia do auto que se lavrou por occasião do assentamento da 1ª pedra do referido monumento.

PELO SR. JOAQUIM ALVES DA COSTA, RESIDENTE EM POUSO-ALTO PROXIMO A' PARAHYBA

Cópia de uma inscripção em graphico, encontrada em uma pedra em seu sitio.

PELO SR. LUIZ ALEIXO BOULANGER

Lista alphabetica dos membros honorarios effectivos e correspondentes do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, desde a sua fundação (1838) até 1866 inclusive.

MAPPAS OFFERECIDOS AO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1872.

PELO SR. CONSELHEIRO DUARTE DA PONTE RIBEIRO

Carta da fronteira do imperio do Brasil com a republica do Paraguay: e—exposição dos trabalhos scientificos para a organisação do dito mappa.

PELO SR. MARECHAL DE CAMPO ANTONIO NUNES DE AGUIAR, DIRECTOR DO ARCHIVO MILITAR

Carta do theatro da guerra do Paraguay, organisada na officina d'aquelle archivo.

OBRAS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELAS SECRETARIAS DE ESTADO DURANTE O ANNO DE 1872

SECRETARIA DO IMPERIO

Ensaio critico sobre a viagem ao Brasil em 1852 de Carlos B. Mansfield, por A. D. de Pascual. 2 exemplares.

Glossarios das diversas linguas e e dialectos que fallam os indios do Brasil. 1 vol.

Reconhecimento topographico da fronteira da provincia de S. Pedro na parte confinante com o Estado do Uruguay. 5 exemplares.

Grammatica da lingua geral dos indios do Brasil. 2 exemplares.

Ensaios sobre alguns melhoramentos tendentes á prosperidade da provincia do Ceará. 1 exemplar.

Corographia historica, chronographica, genealogica, etc., pelo Dr. Mello Moraes. 20 exemplares.

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo Sr. ministro e secretario d'Estado dos negocios do Imperio.—Rio de Janeiro,1872.

SECRETARIA DA JUSTIÇA

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da justiça Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo.—Rio de Janeiro, 1872.

SECRETARIA DE ESTRANGEIROS

Relatorio da repartição dos negocios estrangeiros apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo ministro e secretario d'Estado conselheiro Manoel Francisco Corrêa. Rio de Janeiro, 1872.

Correspondencia trocada entre o governo imperial e o da Republica Argentina relativa aos tratados celebrados entre o Brasil e a republica do Paraguay, e a desoccupação da ilha do Atajo. Rio de Janeiro, 1872.

SECRETARIA DA FAZENDA

Proposta e relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo ministro e secretario d'Estado visconde do Rio Branco. Rio de Janeiro, 1872.

SECRETARIA DA GUERRA

Manual do soldado de infantaria, extensiva ao soldado

de artilharia e de cavallaria. Compilação feita por Antonio Francisco Duarte. Rio de Janeiro, 1872.

Summario dos factos mais importantes de clinica cirurgica observados no hospital militar da guarniçao da côrte durante os annos de 1865 á 1870, por Augusto Candido Fortes de Bustamante e Sá. Rio de Janeiro, 1872.

Guerra do Paraguay e Atlas, pelo 1° tenente E. C. Jourdan. Rio de Janeiro, 1872.

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da guerra. Rio de Janeiro, 1872.

SECRETARIA DA MARINHA

Relatorio que o Sr. ministro e secretario d'Estado dos negocios da marinha apresentou á Assembléa Geral Legislativa na sessão do corrente anno.

SECRETARIA DA AGRICULTURA

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislstiva ne 4ª sessão da 14ª legislatura, pelo ministro e secretario d'Estado dos negocios da Agricultura, commercio e obras publicas, barão de Itaúna. Rio de Janeiro, 1872.

RELATORIOS E DOCUMENTOS REMETTIDOS PELOS PRESIDENTES DE PROVINCIA EM 1872

ALAGOAS

Relatorio apresentado á assembléa provincial em 12 de Outubro de 1871.

Collecção das leis de 1871. Maceió, 1871.

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha entregou a administração da provincia das Alagoas ao Sr. 1º vice-presidente commendador Silverio Fernandes de Araujo Jorge. Maceió, 1871.

Relatorio apresentado á assembléa legislativa provincial na sua sessão do corrente anno pelo Sr. presidente da provincia Dr. Silvino Elvidio Carneiro da Cunha. Maceió, 1872.

PROVINCIA DO CEARÁ

Leis, resoluções e regulamentos promulgados pela assembléa legislativa provincial do Ceará. Ceará, 1872.

PROVINCIA DA BAHIA

Relatorio com que o Exm. Sr. Dr. Joaquim Pires Machado Portella, presidente da provincia da Bahia, passou a administração da mesma ao 1º vice-presidente desembargador João José de Almeida Couto em 1º de Julho de 1872. Bahia, 1872.

Exposição com que S. Ex. o Sr. desembargador João Antonio de Araujo Freitas Henriques passou a administração da provincia da Bahia ao desembargador João José de Almeida Couto, 1º vice-presidente, no dia 6 de Junho de 1872. Bahia, 1872.

PROVINCIA DO MARANHÃO

Collecção das leis provinciaes de 1871. Maranhão, 1872.

Relatorios com que o Exm. Sr. Dr. Augusto Gomes de Castro passou a administração da provincia ao Exm. Sr. Dr. José da Silva Maia a 19 de Maio, e este ao Exm. Sr. 2º vice-

presidente desembargador José Pereira da Graça a 29 de Agosto, e este a elle Dr Augusto Gomes de Castro a 14 de Outubro de 1871. Maranhão, 1871.

Falla que o Sr. vice-presidente da provincia desembargador José Pereira da Graça dirigiu no dia 3 de Maio de 1872 á assembléa legislativa provincial. Maranhão, 1872.

PROVINCIA DO ESPIRITO-SANTO

Collecção das leis de 1870. Victoria, 1870.

Relatorio lido no paço da assembléa legislativa da provincia do Espirito-Santo pelo presidente o Exm. Sr. Dr. Francisco Ferreira Corrêa na sessão ordinaria de 1871. Victoria, 1872.

PROVINCIA DE GOYAZ

Collecção de leis de 1871. Goyaz, 1872.

PROVINCIA DE SERGIPE

Collecção de leis e resoluções promulgadas pela assembléa legislativa provincial de Sergipe no anno de 1872. Aracajú.

Relatorio com que o Exm. presidente Luiz Alvares de Azevedo Macedo passou a administração da provincia ao Exm. Sr. Dr. Joaquim Bento de Oliveira Junior. Sergipe, 1872.

PROVINCIA DE MATO-GROSSO

Collecção das leis provinciaes de Mato Grosso promulgadas no anno de 1871. Cuyabá, 1872.

PROVINCIA DA PARAHYBA DO NORTE

Collecção das leis da provincia da Parahyba do Norte de 1872.

PROVINCIA DO RIO-GRANDE DO SUL

Colleção das leis e resoluções da provincia de S. Pedro do Rio-Grande do Sul. Tomo 25. Porto-Alegre, 1872.

Relatorio com que o Exm. Sr. conselheiro Jeronymo Martiniano Figueira de Mello, presidente d'esta provincia, passou a administração da mesma ao Exm. Sr. Dr. José Fernandes da Costa Pereira Junior no dia 11 de Julho de 1872. Porto-Alegre.

PROVINCIA DO RIO DE JANEIRO

Relatorio apresentado ao Exm. Sr. conselheiro Josino do Nascimento Silva, presidente da provincia do Rio de Janeiro, pelo director de fazenda da mesma provincia José Joaquim Vieira Souto. Rio de Janeiro, 1872.

OBRAS RECEBIDAS PELO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1872

PELO SR. BACHAREL LUIZ FRANCISCO DA VEIGA

O Brasil tal qual é. Projecto de um livro (no interesse da immigração), apresentado ao Sr. ministro dos negocios da agricultura. Rio de Janeiro, 1872.

Projecto de nota que acompanha a circular, que convem dirigir aos presidentes de provincias, camaras municipaes, etc. Rio de Janeiro, 1872.

PELA SOCIEDADE DE GEOGRAPHIA DE PARIS

Boletins dos mezes de Setembro, Outubro, Novembro e Dezembro de 1871, e Janeiro a Maio de 1872.

PELA SOCIEDADE AUXILIADORA DA INDUSTRIA NACIONAL

Os seus jornaes dos mezes de Junho a Dezembro de 1871 e Janeiro a Setembro de 1872.

PELA SOCIEDADE REAL DE GEOGRAPHIA DE LONDRES

Os seus jornaes de 1870 e revistas do corrente anno.

PELO SR. CARLOS KOSCRITZ

Resumo e economia nacional, especialmente applicada ás circumstancias actuaes do paiz. Porto-Alegre, 1870.

PELA TYPOGRAPHIA NACIONAL DA CÔRTE

Collecção das leis do Imperio do Brasil de 1871.

Ditas das decisões do governo, do mesmo anno. Impressas em 1872.

Relatorio apresentado á Assembléa Geral Legislativa na 4ª sessão da 14ª legislatura pelo ministro e secretario de Estado dos negocios da justiça Dr. Manoel Antonio Duarte de Azevedo. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. BACHAREL JOSÉ AUGUSTO NASCENTES PINTO

Demonstração da taboa das joias e das remissões de annuidades do monte-pio geral da economia dos servidores do Estado. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. CARLOS ARTHUR MONCORVO DE FIGUEIREDO

These apresentada á faculdade de medicina do Rio de Janeiro em 29 de Fevereiro de 1871, e por ella approvada com distincção. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. M. MOUCHEZ

Longitudes chronométriques des principaux ponts de la côte du Brésil.

Positions géographiques des principaux ponts de la côte orientale de l'Amérique du sud.

Recherches sur la longitude de la côte orientale, de l'Amérique du sud.

Les Côtes du Brésil, description et instructions nautiqués.

PELO SR. DR. JOSÉ MARIA DA SILVA PARANHOS

Discussão da reforma do estadoser vil na camara dos Deputados e no Senado em 1870.

Discursos do Sr. conselheiro de Estado e senador do Imperio José Maria da Silva Paranhos, visconde do Rio Branco na sessão legislativa de 1870-1871. Rio de Janeiro, 1871.

PELA REDACÇÃO DO DIARIO DE NOTICIAS

Serie de artigos e fragmentos de uma excursão archeologica pela Bretanha, em 1869, pelo Dr. Miguel Antonio da Silva.

PELO SR. SECRETARIO DA SECRETARIA DO SENADO

Annaes do Senado do Imperio do Brasil na sessão de 1869, 5 vol. in-4.

Annaes do Senado, 4ª sessão de 1872.

Synopse dos objectos pendentes de deliberação do Senado em 22 de Maio de 1872.

Collecção de pareceres da mesa do Senado na sessão legislativa de 1872.

PELA REDACÇÃO DO JORNAL O NOVO MUNDO

O n.° 19 do mesmo jornal.

PELO SR. DR. CEZAR AUGUSTO MARQUES

O Rio Purús. Noticia, por A. R. P. Labre, Maranhão 1872.

Relatorio ácerca da 1.ª festa popular do trabalho, ou exposição maranhense de 1871, Maranhão, 1872, 8°.

Contos uteis organisados e compostos pelo Dr. Cezar Augusto Marques, e dedicados aos meninos, Maranhão, 1872.

Varios ns. do periodico *Paiz* onde se acham publicados artigos historicos relativos á provincia do Maranhão,

Dois relatorios dos presidentes da provincia, Dr. Augusto Olympio Gomes de Castro e desembargador José Pereira da Graça.

Relação dos medicos e cirurgiões que existiram no Maranhão durante os tempos coloniaes.

PELO SR. DR. GOMES DE SOUSA

Desengano, romance. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. FRANCISCO DE SALLES PEREIRA PACHECO

Vantagens da vaccinação como meio preventivo da variola ou bexiga, Londres, 1871.

PELO SR. DR. JOSÉ DE SALDANHA DA GAMA

Configuração e estudo botanico dos vegetaes seculares da provincia do Rio de Janeiro e de outros pontos do Brasil. Rio de Janeiro, 1872.

Cinco lições de geologia, sendo duas sobre paleontologia vegetal, pronunciadas no anno de 1868 na cadeira do 5° anno da escola central. Rio de Janeiro, 1872.

Apostillas para o estudo dos systemas crystalinos de Naumann.

PELO SR. DR. FELIZARDO PINHEIRO DE CAMPOS

Considerações geraes sobre a lei de 20 de Setembro de 1871 que alterou algumas disposições da legislação judiciaria, pelo desembargador José Antonio de Magalhães Castro. Rio de Janeiro, 1872.

Continuação da memoria—exploração e estudo do Valle do Amazonas pelo botanico João Baptista Rodrigues, sobre orchideas do Brasil.

Camões e os Lusiadas, por Joaquim Nabuco. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JOSE' TITO NABUCO DE ARAUJO

Novo Assessor Forense. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DUPONT

Homenagem a Adelaide Ristori. Rio de Janeiro, 1869.

Curso de litteratura brasileira, ou escolha de varios trechos em prosa e em verso de autores nacionaes antigos e modernos por Mello Moraes Filho. Rio de Janeiro, 1870.

Juizo de Deus. Visão de Job, Rio de Janeiro, 1867.

Roleta italiana (governo e povo) Rio de Janeiro, 1870.

Vingança por vingança, drama original em 4 actos, pelo Dr. Candido Gomes de Sousa. Rio de Janeiro, 1869.

Verdadeira cartomancia ou arte de advinhar por meio das cartas do Tarote. Rio de Janeiro, 1869.

Lamartinianas, poesias de Affonso de Lamartine. traduzidas por poetas brasileiros. Rio de Janeiro, 1869.

Grammatica franceza elementar e classica composta por Adolpho Tiberghien. Rio de Janeiro, 1872, 2 vol.

Idéas, lembranças e indicações para extinguir a escravidão no Brasil. Santos, 1865.

Impressões do professor Agassiz sobre o Brasil, traduzidas do inglez por um brasileiro. Londres, 1871.

A Dissolução da camara e resposta ao discurso do Sr. Alencar. 1872.

Lopez. Viagem ao Paraguay. Episodios da vida intima do ex-dictador e de sua favorita Elisa Linch, por Van-Halle. Rio de Janeiro, 1872.

Biographia de Adelaide Ristori. 1869.

Breves considerações historico-politicas sobre a discussão do elemento servil, por Ypiranga. Rio de Janeiro, 1872.

Uma hora com Deus, pelo Dr. Mello Moraes.

Typos politicos. O conselheiro Paranaguá. Rio de Janeiro, 1872.

Os Heroes da arte. Pedro Americo. Lisboa, 1872.

A Lanterna de Diogenes. De tudo para todos. Rio de Janeiro.

A Situação e os dissidentes, dirigido ao Sr. visconde do Rio Branco, por José Tito Nabuco de Araujo,—Rio de Janeiro, 1872.

Farpas brasileiras, protesto de um patriota,

PELO SR. CONEGO DR. MANOEL DA COSTA HONORATO

Almanak administrativo da provincia do Maranhão, organisado por João Candido de Moraes Rego, 4° anno, 1872.

A Repartição ecclesiastica do exercito. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JUVENAL DE MELLO CARRAMANHOS

Jornal scientifico, economico e litterario ou collecção de varias peças, memorias, relações, viagens, poesias, etc.

PELO SR. DR. ANTONIO PEREIRA PINTO

Relatorio e synopse dos trabalhos da camara dos Srs. Deputados na sessão de 1871. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. CARLOS HONORIO DE FIGUEIREDO

Officios do conselheiro Manoel da Cunha Galvão sobre a bitola estreita das estradas de ferro. Rio de Janeiro, 1871.

Manuscripto de 1869, ou resumo historico das operações militares dirigidas pelo marechal do exercito marquez de Caxias. Rio de Janeiro, 1872.

Poesias de Joaquim Ignacio Alvares de Azevedo. Rio de Janeiro, 1872.

Discursos diversos, escriptos pelo Dr. Aprigio Justiniano da Silva Guimarães. Recife, 1872.

Acta da sessão da inauguração da exposição provincial de Pernambuco de 1872.

Catalogo dos productos expostos. Pernambuco, 1872.

Revista mensal da instrucção publica de Pernambuco.

Revista do Instituto Archeologico e Geographico Pernambucano, 6 ns.

Oração funebre que nas solemnes exequias mandadas celebrar pelo Exm. e Revm. Sr. vigario capitular da diocese de Pernambuco, por alma da Sra. princeza D. Leopoldina, recitou o padre Lino do Monte Carmelo Luna.

PELO SR. PADRE LINO DO MONTE CARMELO LUNA

Oração funebre que nas solemnes exequias celebradas na cathedral de Olinda, pela alma do Exm. e Revm. bispo D. Manoel do Rego Medeiros, recitou o offertante padre Luna. Recife, 1866.

PELO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA

Relatorio da directoria do Gabinete Portuguez de leitura. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. DR. JOÃO RIBEIRO DE ALMEIDA

Organizacion politica y económica de la confederacion Argentina por D. Juan Bautista Alberdi. 1856.

Anales de la Sociedad Rural Argentina. Buenos Ayres, 1872.

Relação abreviada da republica dos jesuitas no Paraguay.

PELO SR. THOMAZ BOMFIM ESPINOLA

Geographia Alagoana, ou descripção physica, politica e historica da provincia das Alagoas. Maceió, 1871.

PELO SR. DR. AMERICO MONTEIRO DE BARROS

Compendio do systema metrico decimal, Rio de Janeiro 1872.

Nota sobre o emprego do infinito no ensino das mathematicas. Rio de Janeiro, 1863.

PELA SOCIEDADE GEOGRAPHICA ITALIANA

Boletim da mesma, vol. 7°. Firenze, 1871-1872, 2 vol.

PELO SR. BIBLIOTHECARIO DA BIBLIOTHECA PUBLICA DE BUENOS AYRES

Boletim de la Exposicion Nacional ou Cordova (publica-

cion oficial). Director Bartolomé Victory y Suarez. Buenos Ayres, 1872.

Revista medico-quirurgica, publicacion quincenal de la Asociacion medico boarense. Buenos Ayres, 1872.

Anales de la Sociedad Rural Argentina, Buenos Ayres, 1872.

Revista de la legislacion y jurisprudencia, tom. 7°. Buenos Ayres, 1872.

Premier censo de la República Argentina, verificado en los dias 15, 16 y 17 de setembro de 1869.

Escena de la peste de 1871 en Buenos Ayres. Cuadro original del artista oriental por Andrés Lamas. Buenos Ayres, 1871.

Revista del Rio de la Plata. Periodico mensual de historia y literatura de America, publicado por Andres Lamas. Vicente Fidel Lopes y Juan Maria Gutierrez, Buenos Ayres 1871.

PELO SR. JOSE' LUIZ ALVES

Biographia do conde de Itaguahy, Antonio Dias Pavão. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. LUIZ DA FRANÇA ALMEIDA E SA'

Compendio de geographia da provincia do Paraná. Rio de Janeiro, 1871.

PELO SR. CONSELHEIRO J. M. PEREIRA DA SILVA

Discursos pronunciados nas sessões do parlamento brasileiro de 1870 e 71. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. CONRADO JACOB DE NIEMEYER

Impugnação a obra do Exm. Sr. conselheiro João Manoel Pereira da Silva. Segundo periodo do reinado de D. Pedro I no Brasil. Narrativa historica 1871 na parte relativa ao commandante das armas e presidente da commissão militar da provincia do Ceará de 1824 a 1828. Rio de Janeiro, 1872.

PLEO SR. DIRECTOR DOS CORREIOS DE BUENOS AYRES

Anuario dos correos de la República Argentina 14ª publicacion. Buenos Ayres, 1872.

PELA SOCIEDADE REAL DOS ANTIQUARIOS DO NORTE

Relatorio da sessão annual de 14 de maio de 1859,

PELO SR. DR. MANOEL DUARTE MOREIRA DE AZEVEDO

Criminosos celebres, Episodios historicos, Pedro hespanhol, Vasco de Moraes, Os salteadores da ilha da Caqueirada. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JOAQUIM JOSÉ DE CAMPOS DA COSTA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE

Relatorio e trabalhos estatisticos apresentados ao Exm. Sr. ministro do Imperio. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. A. D. DE PASCUAL.

Esposa e mulher. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JOÃO MARTINS DA SILVA COUTINHO

Relatorio da commissão encarregada do reconhecimento da região do Oeste da provincia de S. Paulo e escolha da direcção mais conveniente para os transportes entre a comarca de Botucatú e o littoral. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. JOÃO JOSÉ CARNEIRO DA SILVA

Estudos agricolas. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. FRANKLIN TAVORA

Cartas a Cincinnato, Estudos criticos de Simpronio sobre o Gaucho e a Iracema. 2ª edição. Pernambuco, 1872.

PELO SR. JOÃO GREGORIO DOS SANTOS

Compendio elementar do systema metrico decimal. Recife, 1870.

PELO SR. DR. MANOEL MARIA DE MORAES VALLE

Noções elemantares de chimica medica. Rio de Janeiro, 1872, o 1º vol.

PELO DR. D. ANGEL VASQUEZ

Estudios sobre la conservacion de las carnes alimenticias, ventajas de su esplotacion para los paizes productores y consumidores. Buenos Ayres, 1872.

PELA REDACÇÃO DA REVISTA SCIENTIFICA DA FRANÇA E DO ESTRANGEIRO

A sua Revista.

PELO SR. DR. LUIZ PINTZENAUER

A sua these para o comcurso á cadeira de partos da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro.

PELO SR. DR. EDUARDO JOSÉ DE MORAES

Esboço geographico de uma parte do Imperio do Brasil. Rio de Janeiro, 1872.

PELO SR. DR. ANTONIO REBOUÇAS

Caminho de ferro de D. Izabel da provincia do Paraná á de Matto Grosso pelos valles dos rios Ivahy, Ivinheima, Brilhante e Mondego. Estudo comparativo. Rio de Janeiro 1872.

PELO SR. CONSELHEIRO RICARDO JOSÉ GOMES JARDIM

Dissertação sobre o actual governo da republica do Paraguay pelo Dr. Antonio Corrêa do Couto. Rio de Janeiro, 1865.

PELO SR. M. A. DE MACEDO

Observações sobre as seccas do Ceará e meios de augmentar o volume das aguas nas correntes do Cariry. Stuttgart, 1871.

PELO SR. SECRETARIO DO MONTE PIO GERAL DE ECONOMIA DOS SERVIDORES DO ESTADO

Discurso pronunciado em sessão d'assembléa geral pelo orador Dr. Domingos Jacy Monteiro no dia 24 de Novembro de 1872.

PELO SR. DR. J. E. WAPPAUS DE HANOVER

Geographia e estatistica sobre o Imperio do Brasil » que faz parte de uma geographia e estatistica universal, pelo offertante publicada ha 20 annos

---

SOCIOS ADMITTIDOS AO GREMIO DO INSTITUTO DURANTE O ANNO DE 1872.

SOCIO HONORARIO

Dr. D. Frederico Errazuris.

CORRESPONDENTES

Bacharel Eduardo José de Moraes.
Dr. Benjamin Franklin Ramiz Galvão.

FIM DO TOMO XXXV, PARTE SEGUNDA.

INDICE

DAS MATERIAS CONTIDAS NO TOMO XXXV

PARTE SEGUNDA

TERCEIRO TRIMESTRE

QUARTO TRIMESTRE